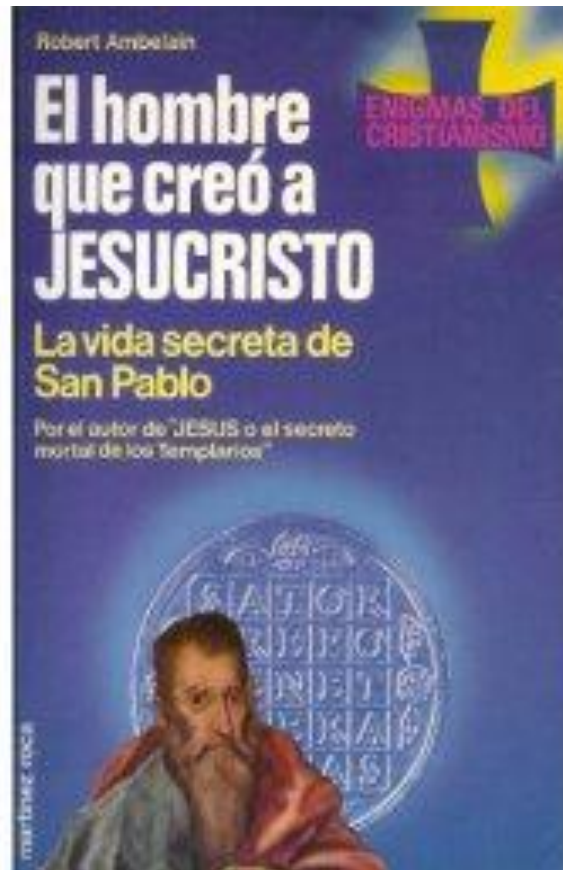


Robert Ambelain
O Homem que criou Jesus Cristo



Colección Enigmas del Cristianismo
Ediciones Martínez Roca, S. A.

Título original: La vie secreta de saint Paúl, publicado por Éditions Robert Laffont, París

© 1972, Éditions Robert Laffont, S. A.

© 1985, Ediciones Martínez Roca, S. A.

Gran Vía, 774, 7.º, 08013 Barcelona

ISBN 84-270-0941-0

Depósito legal B. 10.752-1985

Impreso por Diagràfic, S. A., Constitución, 19, 08014 Barcelona

Impreso en España — Printed in Spain

Índice

Advertencia

Introdução: FILHO DO DESEJO OU FILHO DO TUMULTO?

Primeira parte: O GRANDE SONHO DE SÃO PAULO

1. Paulo, o apóstolo tricéfalo

2. Os estranhos protetores de Paulo

3. A viagem à Roma

4. Um príncipe herodiano chamado Shaul

5. Um estranho cidadão romano

6. A dinastia idumea

7. De Saulo, príncipe herodiano, à Simão o Mago

8. O verdadeiro caminho de Damasco

9. A família de Saulo-Paulo

10. Paulo e as mulheres

11. O «Quadrado de Amor» de São Irineu

12. A verdadeira morte de Estêvão

Segunda parte: PAULO, QUEM CRIOU CRISTO

13. A religião paulina

14. As visões de Paulo e suas contradições

15. Um apóstolo ignorado: Salomé, egeria de Jesus

16. O império paulino

17. As provas de Saulo-Paulo

Tercera parte: AS CHAMAS DE ROMA

18. A prostituta do Apocalipse

19. O incêndio de Roma no ano de 64

20. Psicologia dos incendiários

21. Nero

22. O fim do sonho

Anexo à primeira edição

O costume romano consiste em tolerar certas coisas e em silenciar outras...

Gregorio VII, carta de 9 de março de 1078 ao Hugues do Die, legado pontifício

Desde tempos imemoriais é sabido quão proveitosa nos resultou essa fábula de Jesus Cristo!

Leão X, carta ao cardeal Bembo

Nota: A carta de Gregorio VII cita Fierre de Luz em *Histoire des Papes* (Imprimatur, Albín Michel, Paris, 1960, tomo I, P. 148). A carta de Juan de Medieis, aliás Leão X, citada por Pico de la Mirandola, diz o

seguinte em latim: «*Quantum nobis notrisque que ea de Christo fábula profuerit, satis est omnibus seculis notum...*». Seu terceiro sucessor, Alejandro Farnesio, aliás Paulo III, confiaria ao duque de Mendoza, embaixador da Espanha em Roma, que ao não descobrir nenhuma prova da realidade histórica de Jesus Cristo da lenda cristã, via-se obrigado a tirar a conclusão de que se achavam ante mais um deus solar mítico.

Advertência

A História é uma ciência que, para merecer esse qualificativo, tem a obrigação de ser exata, de repousar sobre documentos e sobre sua confrontação, sobre severos controles cronológicos e sobre dados que possam provar-se.

Frequentemente a lenda não é outra coisa que sua deformação, ampliada por amor ao maravilhoso, e alimentada às vezes expressamente, em proveito de interesses do mais materiais.

Assim, a História é para os adultos, e a Lenda para aqueles que ainda não o são, ou o são de forma incompleta. Foi por isso que o acadêmico Marcel Pagnol pôde dizer em seu estudo definitivo sobre *Le Masque de Fer*: «O primeiro dever do historiador consiste em restabelecer a verdade destruindo a Lenda. Sem ele, a história dos povos não seria mais que um extenso poema, onde os fatos, engrandecidos e dramatizados pela imaginação das multidões, enormemente embelezados ou inventados pelos adutores dos reis, brilharão, em cor de ouro e de sangue, em meio de uma luminosa bruma».

Nestas páginas às vezes se encontrarão entrevistas de documentos repetidas. Estas nos pareceram indispensáveis, já que cada um dos capítulos desta obra constitui um todo, e o mesmo argumento pode ver-se requerido como testemunho em diferentes circunstâncias e com diferentes fins. E esse argumento pode havê-lo esquecido o leitor...

Como dizíamos em nossa obra *Jesus ou o segredo mortal dos templários*, [Martínez Roca, S. A., Barcelona, 1982] uma verdadeira

lavagem de cérebro dogmático impregnou, pelas boas ou pelas más, durante mais de quinze séculos, a psique hereditária do homem ocidental, e frequentemente, sem que ele se desse conta, tem-no feito mais ou menos refratário à crítica, ou inclusive à lógica mais evidente.

Contra essa verdadeira tortura intelectual, que ainda segue vigente em nossa época, o historiador desejoso de servir à verdade se vê obrigado a utilizar os mesmos argumentos. E se desculpa de antemão por isso, embora, como dizia também Marcel Pagnol: «Essas repetições não são elegantes, mas este livro não é uma obra literária; não é mais que a instrução de um caso criminal na qual a precisão e a oportunidade de uma observação têm freqüentemente muito mais importância que a pureza do estilo». O que acrescentar à estas palavras?

Robert

Ambelain Junho de 1970

Introdução

Filho do desejo ou filho do tumulto?

Costobaro e Saulo tinham também consigo grande número de guerreiros, e o fato de que fossem de sangue real e parentes do rei os fazia gozar de uma grande consideração. Mas eram violentos e sempre estavam dispostos a oprimir aos mais débeis...

Flavio Josefo *Antiguidades Judaicas*, XX, 8.

Guinneth-Saar, o «Jardim dos príncipes»...

Os rabinos denominam a este vale *Kinnereth*, segundo o antigo nome que figura em suas escrituras, mas os kanaim, ou zelotes, por ódio aos incircuncisos privilegiados que têm ali suas ricas mansões, chamam-no *Gehenne-Aretz* (pelo que os gentis fizeram *Genesa-ret*, devido a uma má pronúncia), quer dizer o «vale da aridez», do mesmo modo que denominam «negrume» a Mentis, a capital religiosa do odiado Egito, quando o mesmo nome em egípcio hierático significa «brancura». Trocadilho, inversão, que de uma vez quer ser maldição, mas que não pode fazer esquecer o velho *dict* rabínico:

«Dos sete mares que criou o Eterno, o *do Kinnereth* constitui seu maior gozo...».

Neste vale afortunado, situado na borda ocidental do mar da Galiléia, crescem livremente as palmeiras, os limoeiros, as laranjeiras, que mesclam seus aromas ao dos altos eucaliptos prateados. Todas as árvores frutíferas (ameixeiras, damasqueiros, pessegueiros e figueiras) associam-se às oliveiras para oferecer ao homem o benefício de seus saborosos frutos, como se temessem ser desbancados por seus irmãos aristocráticos (adelfas rosas e brancas, com perfume de mel, aloés,

agaves) e todas as variedades de flores silvestres (Narcisos, anêmonas, etc.). E quando chega a primavera, logo anunciada pela presunçosa amendoeira, prepondera por cima de todos esses aromas o aroma voluptuoso da acácia silvestre, a árvore que, segundo Salomão, vela sobre as cinzas de Adonirão, prodigioso demolidor das colunas do Templo e marido secreto do Baikis a misteriosa.

Em meio de toda esta flora embriagadora se cruzam, a beira da borda, os rosados flamencos, os cormoranes, as frangas de água, os patos selvagens e os pelicanos; às vezes inclusive alguns íbis avermelhados, aventurados longe do piedoso Egito. Durante o dia, muito acima no céu, o vôo da águia real se cruza com o do lento abutre, e quando chega a noite com sua luz rosada, nos aromáticos arbustos, compostos de zimbros, frutos e arbustos, desliza-se silencioso e indolente, mas com a vista e o ouvido à espreita, o ágil e majestoso leopardo.

Mar adentro, para o norte, umas velas brancas imóveis esperam que o vento da tarde, procedente do mar de Fenícia, muito próximo, ao oeste, permita aos pescadores desdobrar sua destreza de marinhos e conduzir ao Cafarnaúm e Betsaida quão pescados suas redes capturaram.

Este é o quadro que nos oferece de dia, no ano 8 do reinado de Tibério César, o mar da Galiléia e suas encantadoras praias ao redor da desembocadura do Zaimon, que constitui o eixo do vale do Guinneth-Saar. Mas uma vez de noite, o ambiente é completamente distinto.

À hora em que começa este relato de restituição, um pouco de luz se reflete sobre as águas turvas do lago, pois a lua, em seu quarto minguante, ilumina vagamente a cadeia montanhosa que borda a orla oriental. Inumeráveis estrelas salpicam com seu brilho o escuro veludo azul do céu da Galiléia, e os pastores, se conhecerem as constelações, podem ver subir por oriente ao Ibt-al Jauza, o Ombro do Gigante, estrela que os gentis chamam Betelgeuse, enquanto que *Yed-Alphéraz*, o Ombro do Corredor celeste, a quem os mesmos denominam por então Merkab, culmina no zênite. A noite é fresca e suave, e a umidade se condensa pouco a pouco.

Em uma pequena península que entra nas águas se ergue uma massa escura. Elevados muros, de mais de quarenta e dois metros de altura, em ligeiro pendente que termina em um caminho de ronda, sustentam e isolam um promontório coberto por um amplo terraço lajeado. O único acesso possível constitui uma estreita porta de bronze, que se abre para uma escada interior esculpida na rocha. Sobre esse terraço se eleva uma grande mansão de tipo grego, com três pisos de pérgolas sobrepostas. Ao redor das colunatas de sustento destas últimas se enroscam e sobem plantas aromáticas: jasmim e madressilva. Está aberto um único batente para a brisa noturna que chega das montanhas

da borda oriental, e dessa abertura sai um tímido feixe de luz avermelhada, que se estende sobre o terraço como uma toalha de sangue seca. A silhueta escura de um arqueiro da Nubia em cócoras e imóvel frente ao parapeito, como uma estátua, é o único que rompe a monotonia do lugar.

E a intervalos quase regulares, com a monótona cadência de um eco, eleva-se um clamor no silêncio da noite, um grito que parece caminhar com o passar do caminho de ronda, que decresce e que logo volta a começar *crescendo* para terminar muito perto: «*Schemero... Schemero... “Schemero...”*». São as sentinelas, que intercambiam o grito de alerta regulamentar, um detrás de outro, a fim de manter-se em contato e acordados.

É que esta mansão é a de Cypros, princesa herodiana, a segunda que leva este nome, esposa do Antípater II, sobrinho de Herodes, o Grande, e seu isolamento a quase uma milha romana de distância de Tiberíades, a nova cidade que erige em honra do imperador Tibério seu meio-irmão Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, exige uma severa vigilância diurna e noturna.

Porque não é estranho ver descender dos vales perdidos da alta Galiléia os clãs de montanhesees peludos e barbudos, armados com lanças, com os curtas *sicca* e o pequeno escudo redondo. Estes, drogados pelo *Boanerges**, o «filho do trovão», os terríveis cogumelos alucinógenos caem sobre as ricas residências da dinastia *Iduméia* e de seus mais importantes oficiais, tanto por amor à pilhagem e à guerra como por ódio aos «incircuncisos». Porque entre os galileus é onde se encerravam principalmente aqueles a quem os ocupantes romanos chamam *sicarii*, os gregos de Decápolis, *zelotes*, e os judeus das diversas seitas, *kanaim*.

*[*Boanerges*: antigo termo acádio que significa «filho do trovão» que designa um certo alucinógeno, a *Amonita muscaria*, que por aparecer imediatamente depois da tormenta, foi denominada assim pelos povos primitivos da Suméria e Acádia. Utilizavam-na para obter visões. Jesus, Santiago e João fizeram uso dela, como provam os evangelhos: Marcos, 3, 17 e 21. (Cf. JOHN MARCO ALLEGRO, *Le Champignon sacre et la Croix*, Albin Michel, Paris, 1971.)*

Por isso os arqueiros núbios e os guardiões sírios que formam a pequena guarnição da mansão de Cypros e do Antípater (uns cinquenta homens, no máximo) têm sempre prontos a fogueira para dar o sinal de alerta, que lhes bastará acendendo de noite ou fazer fumegar durante o dia, a fim de avisar à guarnição de Tiberíades, apenas se deixe ouvir ao longe o ritmo surdo e lancinante dos tambores de combate *kanaitas*.

Esta noite sua atenção está mais alerta que de costume, já que se

assinalou uma importante concentração zelote na borda sul do mar da Galiléia, lá onde o Jordão reata seu curso. Entre esses homens, os observadores reconheceram a vários filhos de Judas o Gaulanita, e entre eles o famoso *Ieschuah*. De maneira que os arqueiros negros da guarda conservam o arco pronto, com sua corda ao redor do ombro direito, e aljava de couro à costas, ao alcance da mão, bem provido de flechas de ferro denteado; de sua cintura pende, além disso, a curta e longa espada de regulamento. Os mercenários sírios, por sua parte, vão armados de uma grossa lança de ferro, uma longa espada e um escudo de madeira, recoberto de couro de rinoceronte ou de hipopótamo, peles vindas do alto Nilo pela rota das caravanas; assim está a prova de dardos e lanças. Todos levam um casco de metal redondo, sem viseira nem elmo.

Mas tudo parece em calma. Demétrios, o chefe da guarda, acaba de voltar de sua ronda com alguns homens e dois leopardos presos com correias. É que esta noite não é como as outras, e Demétrios, um grego da próxima Decápolis, sabem melhor que ninguém: Cypros, esposa de Antípater, vai dar a luz a um novo filho. O primeiro foi uma menina. E se a opinião da matrona é acertada, o acontecimento se produzirá antes da alvorada. Por isso Demétrios estendeu sua ronda até as tendas montadas perto do lago, onde acampam os arqueiros negros e os lançadores sírios que não se acham esta noite de serviço na mansão. Penetremos com ele nesta.

Em uma ampla estância, cuja porta está totalmente aberta sobre o terraço, lâmpadas de bronze providas de azeite de nafta prodigalizam uma luz dançarina. Um tripé de prata sustenta uma chaminé de bronze com brasas avermelhadas sobre as quais se jogaram aparas de madeira de sândalo, e sua azulada e aromática fumaça se eleva devagar e obliquamente para a porta aberta. Grossas tapeçarias vindas de muito longe, uns de Catay e outros da Ecbatana, Edesa ou Nyssa, atiradas ao acaso, uns sobre os outros, cobrindo as largas lajes de mármore branco. Ao longo das paredes se alinham irregularmente cofres de madeiras preciosas, com maravilhosas incrustações de madrepérola ou de marfim. Altos e pesados cortinados de linho, feitos de vários tecidos grossas juntas, e cujos bordados e matizes harmonizam com o destino e a decoração da estância a que estão encarados, separam a câmara principesca das salas fronteiriças.

Sentadas no chão, sobre seus calcanhares, algumas faxineiras judias ou beduínas esperam em silêncio. A matrona acaba de apalpar uma vez mais o abdômen da parturiente. Esta se acha estendida, com sua camisola de seda carmesim levantada até as axilas. Possivelmente seja formosa, mas seus traços, deformados pela angústia e as primeiras dores, não permitem julgá-lo neste momento. O leito de bronze é alto;

suas largas tiras de couro cheiroso, que apenas umas grossas mantas separam dos rins da paciente, não fazem a não ser acrescentar com sua dureza os sofrimentos desta.

—Uakhaiti, retornou o senhor? —pergunta em voz baixa e cansada.

—Não, Lallah. O senhor Antípater ficou em Tiberíades, ao lado do Tetrarca, e há poucas possibilidades de que esteja aqui antes que amanheça —responde a jovem.

[Uakhaiti: irmã, em árabe. Lallah: senhora, em árabe.]

A mulher suspira, logo prossegue:

—Uakhaiti, toma seu alaúde e me cante a canção da Débora, a profetisa, o *Canto da Vitória*. Minha mãe, a rainha Mariamna, fez cantar quando eu nasci, pois esperava dar a luz a um filho, e não a uma filha, como deste modo o esperava meu pai, o rei Herodes.

[Cypros II era judia por parte de sua mãe, Mariamna, e Iduméia por parte de seu pai, Herodes, o Grande.]

E Uakhaiti, irmã de leite de Cypros II, como indica seu apelido, toma seu alaúde e canta:

—«Desperta! Desperta, Débora! Desperta, desperta... E clama um canto novo... Oh, Deus! Quando Tu saíste de Seis, quando avançaste pelos campos da Iduméia, a terra tremeu, os céus se abriram, e os Montes se derrubaram ante Ti... Os reis vieram... Combateram... Então combateram os reis de Canaã... Em Taanac, nas águas do Meguiddo... Mas não levaram nenhum troféu e nenhum dinheiro... A corrente de Kison os arrastou... A corrente dos velhos dias... A corrente de Kison... Oh minha alma! Pisoteia aos heróis... Então os cascos dos cavalos ressonarão na fuga... Na fuga precipitada dos “guerreiros...”

[Juízes, 5, 1-31. Débora, profetisa, esposa de Lapidot, era então juiz em Israel. Conduziu os guerreiros de Neftali e de Zabulón a vitória sobre os cananeos. Esse canto de guerra perpetua sua glória.]

Quando expiram os últimos acordes do alaúde, a parturiente murmura, enferma:

—Oxalá pudesse dar a luz a um menino! Segue cantando, Uakhaiti... Segue cantando a glória futura de meu filho...

E Uakhaiti improvisa um novo canto, que evoca adiantado as grandes façanhas do jovem príncipe que, sem lugar a dúvidas, vai nascer. Imagina, ao longo dos anos, as expedições noturnas que levará a cabo à cabeça de seus soldados, enquanto em sua cidade as mulheres passarão a noite em febre, esperando, enciumadas das violações cometidas por seus maridos. Vê a fuga precipitada dos guerreiros nabateus, em meio aos gritos de horror dos meninos e dos gemidos das parturientes, estralando a lombos de camelos, e as exaustivas perseguições, de oásis em oásis. E para concluir, o incêndio do

acampamento inimigo.

Tudo isto cantava Uakhaiti com voz aprazível, sem nenhum gesto inútil, e um tenro sorriso dançava sobre seus lábios quando evocava as futuras matanças. E com a mesma calma que ela, as outras mulheres batiam silenciosamente palmas seguindo um ritmo regular, a fim de criar o acompanhamento evocador dos tambores de combate.

Durante esse tempo a matrona tinha estado muito atarefada em vistas ao iminente parir. Primeiro atou à coxa esquerda da filha de Herodes, o Grande, a pele abandonada por uma víbora do deserto durante sua troca.

—Quão mesmo esta pele foi expulsa sem dor, que esta mulher ponha no mundo a seu filho —tinha murmurado em fenício.

Depois, por cima da cabeça de Cypros, fixou na tapeçaria mural um pergaminho que tinha inscrito, em hebreu arcaico, transcrito com o cálamo e a tinta rural por um *cohén* do Templo, o exorcismo tradicional contra as diabólicas inimizades das parturientes: «Não nos atormente, Lilith!... te afastes, Nahema!...». Mas cederiam as duas deusas do Abismo ante a ordem de um escuro teurgo? Ou se vingariam de outra maneira sobre o próprio menino? Converteriam-no em inimigo mortal da religião que tinha ousado afrontar?

Por último, como o filho precedente tinha nascido morto, a matrona tinha colocado junto à cama uma panela de barro, nova, da que tinha feito saltar cuidadosamente o fundo. Logo que saísse a criatura do ventre materno, e franqueasse a soleira vaginal, lhe faria passar rapidamente por esta abertura. Desta maneira teria franqueado uma dupla soleira, e não teria que temer franquear já outro até o término normal de seus dias. Assim, tomaram-se todas as precauções para assegurar à filha de Herodes, o Grande um parto feliz.

Mas enquanto se efetuavam todos estes preparativos se precipitaram os acontecimentos: Cypros, com os traços deformados pela dor, estava dando a luz. De sua boca torcida escapava um gemido ininterrupto, seus braços estavam abertos em um gesto patético, e com as mãos arranhava sem cessar os cobertores já manchados pelas águas amnióticas. Seu tórax de pesados seios, sacudido por torções espasmódicas, fazia esquecer o rápido vaivém de suas coxas, tão separadas como se se tratasse de um esquartejamento, e de seus joelhos, que se levantavam e baixavam sem descanso. Seus negros cabelos, pingando de suor gorduroso, cobriam-lhe meio rosto, e sua boca, muito aberta, tentava conservar o ar como em uma agonia desesperada. Por fim, os rins se arquearam bruscamente, o ventre se curvou um pouco mais, e um clamor encheu a estância: projetado brutalmente às mãos da matrona, acabava de vir ao mundo um recém-nascido, e esta, fazendo-o passar pelo fundo da panela, tirava ele para

si.

Então aumentaram, estridentes, os gritos de alegria histórica das faxineiras. Era um menino... A partir desse momento se apressaram a liberá-lo do último laço materno, embora sem lhe lavar o sangue uterino, segundo costume, já que com estas impurezas se tinha que afugentar aos maus espíritos que podiam penetrar nele com sua primeira inspiração.

—Olhe, Lallah... —disse a matrona lhe apresentando ao menino, ao que sustentava nu frente a ela, sujeitando-o pelas axilas—. Olhe! Seu filho leva no oco entre os rins o «signal do bandido»... Pode estar segura de que será um temível guerreiro...

Então a mãe, apesar de sua debilidade, começou também a lançar exclamações de alegria:

—Saúl, meu filho! Oxalá seja maior que todos eles! Aretas pagará tributo... Os braços de suas algemas estarão carregados de braceletes, e fará a invasão de todas as tendas, desde Petra até o Tophel... Escutem, mulheres! Este menino arrebatará todos os camelos a nossos inimigos, e sobre eles se levará a suas mulheres e suas filhas, que dará como escravas a seus guerreiros... De suas lanças fará feixes, e sobre essas espigas de morte plantará suas cabeças! E com seus escudos lajeará os cemitérios de nossos pais! Depois dele, as cidades de nossos inimigos arderão, com seus palácios e seus templos...

Logo voltou a cair sobre seu manchado leito, esgotada por semelhante esforço. Então as faxineiras voltaram para Cypros sobre seu flanco direito, e se deixaram cair com todo seu peso sobre o quadril desta, uma detrás de outra. Depois a enfaixaram com uma banda larga de linho, desde debaixo dos seios até o púbis, apertando com todas suas forças.

Durante esse tempo, a matrona aplicou uma forte massagem ao crânio do bebê, a seu rosto, lhe apertando o nariz e lhe estirando os lábios, sem prestar atenção a seus gritos. Continuando, tal como se tinha feito com a mãe, imobilizou-o estreitamente, como a uma múmia egípcia, dos pés até a garganta, mantendo os braços presos com o passar do corpo com ajuda de uma atadura larga de linho. Por último, depois de ter extraído por sucção algumas gotas de leite do seio esquerdo de Cypros, colocou-o junto a ela, para sua primeira mamada, e se foi, acabada sua função. As faxineiras se sentaram de novo sobre seus calcanhares, em silêncio.

—Assim que lhe chamará, Saúl, Lallah? —perguntou timidamente Uakhaiti.

—Sim —respondeu a herodiana, fatigada—. Porque é um velho nome da Iduméia, e é desejo do senhor Antípater que se chame assim. Entre os reis que reinaram sobre o país do Edom muito antes de que os houvesse entre os filhos do Israel, dizem nossas crônicas que Saúl, de Rejobot,

junto ao rio, reinou depois da Semia, e que quando morreu, Baaljamán, filho de Acbor, reinou em seu lugar. Além disso, esse nome significa «desejado», e só o Senhor dos Céus sabe quanto desejei eu a este filho...

—Esse nome significa também «tumulto», Lallah... —prossegiu Uakhaiti—, de maneira que os desejos que formulou agora para seu filho provavelmente lhe serão concedidos pelos deuses...

Logo baixou a voz e murmurou algumas palavras ao ouvido de Cypros.

—Faz passa-la —disse esta com um suspiro. Alguns instantes mais tarde, uma mulher de idade indefinível vestida de negro, com o rosto meio velado, penetrava na habitação. Depois de inclinar-se respeitosamente ante o leito da herodiana, tirou de uma bolsa que levava uma tigela de terra cozida, cheia de uma espessa capa de breu solidificado. Logo lançou sobre as brasas da chaminé de bronze um grosso punhado de um perfume composto por *kussubra, luben, djai e helbénah* e a seguir passou e voltou a passar lentamente o prato de barro pela aromática fumaça, enquanto cantarolava a meia voz uma monótona salmodia. Depois retornou junto à cama, se acorou sobre os calcanhares, tomou a mão esquerda de Cypros, que seguia amamentando ao recém-nascido, e se concentrou na superfície negra e brilhante, sem deixar de cantarolar seu encantamento. De repente, calou-se.

Seu rosto se crispou, os olhos estavam dilatados, sua mão apertava mais convulsivamente que antes a mão da herodiana. Esta mulher era fenícia, e a tinham feito vir em segredo desde a Ptolemaida, a antiga Akka, (hoje Acre), porque as adivinhas corriam perigo de serem condenadas a morte em terras de Israel. Mas ante a soma prometida, tinha cedido, e Uakhaiti, escoltada por dois guardas sírios, tinha ido procurar vários dias antes.

Com voz rouca, trocada, uma voz que parecia pertencer a um ser interior e invisível, Orpa, a adivinha, falou:

—Este menino tomará as armas muito jovem... Vejo-o cavalgar com guerreiros sendo ainda um menino... Não conhece derrotas... Quantos cativos! Quantos cativos! Quanto sangue e lágrimas fará derramar... Mas uma mulher se cruza em seu caminho, uma jovem... Corta-lhe o caminho... O perde sua fortuna com os deuses... Sua glória se apaga por um tempo... Agora é ele o açoitado, o vencido... diria que as comportas se fecham ante ele... Não obstante, atravessa os mares... E conhece de novo o poder. Vejo-o ao lado de um grande príncipe... Em uma cidade imensa... E ali trata com poderosos senhores... Leva a cabo uma guerra secreta... E vejo arder essa grande cidade... E são os homens de seu filho quem a tem incendiado.

Calou-se repentinamente, como horrorizada.

—Fala! —ordenou Cypros—. Que mais vê?

—Nada, Lallah... —disse prudentemente a mulher—. As chamas me deslumbram, não vejo nada mais... Quanto fogo... Mais fogo ainda... Vejo arder aos homens...

—Mas e meu filho? —perguntou Cypros—. Que houve com ele?

—Foge... embarca-se a bordo de uma nave... vai ocultar-se muito longe da grande cidade... Está salvo...

Cypros tinha empalidecido, e uma contração implacável crispava seus lábios.

—Uakhaiti, chama Demétrios —ordenou. Uakhaiti tomou um maço de madeira de ébano depositado diante de um gongo de cobre ricamente trabalhado e o fez ressonar por quatro vezes consecutivas. Um breve instante mais tarde, o grego aparecia à porta do terraço, acompanhado por dois guardiões.

—Uakhaiti, diga que ordene dar-lhe cinqüenta chicotadas nesta maldita, por ter ousado dizer que meu filho acabaria como um covarde... Depois, que a conduza à Jerusalém, ao *Cohen-ha-gadol*,* quem asseguro obterá do procurador Valerius Gratus a permissão para executá-la por bruxa...

***[*Cohen-ha-gadol*, em hebreu: sumo sacerdote.]**

Todavia, quando os mercenários sírios capturavam-na, apesar de sua resistência, e tentavam arrancá-la fora da estância, a mulher, espumando de raiva, ainda achou a possibilidade de cuspir em direção à Cypros, e gritou:

—Não lhe disse tudo! A seu filho cortarão a cabeça na cidade que terá feito incendiar... E atirarão sua carniça ao ossário legal...

Cypros ia responder, sem dúvida com ordens ainda mais desumanas, quando de repente, nos grandes ciprestes que havia ali perto, uma ave noturna ululou três vezes. Pálidas de medo, as faxineiras levantaram-se, e Uakhaiti se lançou aos pés do leito da herodiana, murmurando:

—Lallah! Por todos os deuses! Tenha piedade de seu filho... Não agrave esse presságio... Não irrite aos *baalim*...

Muda, desesperada, a herodiana não a ouvia; contemplava fixamente ao menino, que, em seu seio, dormiu por fim.

Primeira parte

O grande sonho de Saulo-Paulo

Os ensinamentos engendram a vaidade... Eclesiastes,

5, 6

Paulo, o apóstolo tricéfalo

As lendas dos narradores do tempo passado são lições para o

homem de hoje.

As mil e uma noites.

Introdução

Do estudo atento dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas de Paulo, dos diversos apócrifos atribuídos a ele, assim como das *Homilias Clementinas*, as *Antigüidades judaicas* e a *Guerra dos judeus*, de Flavio Josefo, em resumo, de todos os textos antigos que nos chegaram sobre ele, desprende-se finalmente uma conclusão, muito desconsoladora para os crentes aos quais lhes apresento: é que o Paulo do Novo Testamento é um personagem simbólico, no qual os escribas anônimos dos séculos IV e V fundiram e amalgamaram literalmente palavras e acontecimentos pertencentes a, pelo menos, três personagens diferentes, dois dos quais foram imaginados a seu desejo, e só um deles foi real.

Na época em que, por ordem de Constantino, e sob a vigilância de altas autoridades da Igreja, como Eusébio da Cesaréia, unificavam-se os textos evangélicos, que quando eram «conforme» se copiavam de novo em série de cinqüenta* exemplares e a seguir eram enviados a todas as igrejas do Império (sem omitir o confisco dos antigos textos, aos que estes tinham substituído), literalmente se «criou» *Cristo*, deus encarnado para a salvação dos homens.

[*Cinqüenta* é o número do Pentecostes (*pentékostés*). Quer dizer, do Espírito Santo. Nossos falsificadores careciam de complexos...]

Entretanto, para dar um valor inatacável a esta criação e poder justificá-la, não podiam utilizar «testemunhos apostólicos» habituais. De maneira que se fabricou um personagem novo, mediante a fusão de três personagens antigos. Os textos e os documentos que estes eram, indiscutivelmente, os autores foram refundidos e recompostos. E como eram anteriores aos novos evangelhos «canônicos», contribuíam a este personagem imaginário um reflexo de autenticidade histórica. Nessa época, e ao longo de todos esses séculos, a mão de ferro dos poderes temporários sob as ordens da Igreja, *perinde ac cadáver*, achava-se sempre disposta a silenciar definitivamente a todo investigador mal pensante.

Por isso é pelo que monsenhor Ricciotti pode nos dizer, com toda lealdade, em seu *Saint Paúl, apotre*:

a) «As fontes que permitem reconstruir a vida de São Paulo se acham em sua integridade no Novo Testamento; fora deste não se encontra virtualmente *nada*. “Os elementos que podem descobrir em alguns outros documentos não só são pouco numerosos, mas também, além disso, extremamente duvidosos.» (P. 90).

b) «O ano de nascimento de Paulo não se desprende de nenhum documento...» (P. 149).

c) «Quanto ao ano do martírio de Paulo, os testemunhos antigos são vagos e discordantes [...] Não se sabe nada a respeito do dia de sua morte...» (P. 671).

Também o abade Loisy, sem negar formalmente a existência histórica do personagem, concluiu que não pode saber-se nada válido sobre ele. Bruno Bauer e uma boa parte da escola exegética holandesa vão mais longe, e concluem que se tratava de um personagem imaginário ou simbólico.

Nós, por nossa parte, contentaremos-nos ficando com o homem que nos apresenta o texto dos Atos dos Apóstolos, e passá-lo pela peneira das verificações racionais, deixando às diversas igrejas a responsabilidade da impostura histórica, bem seja total ou parcial, se é que há.

Para começar, pois, permitiremo-nos expor um certo número de questões.

Se Saulo-Paulo é judeu, e segundo os historiadores católicos, nascido «nos primeiros anos da era cristã, *se não um pouco antes inclusive...*» (cf. monsenhor Ricciotti, *Saint Paúl, apotre*, P. 149), conta aproximadamente uns trinta e cinco anos de idade quando se produz a morte do diácono Estêvão, no ano 36 de nossa era. Então se concebe perfeitamente que pudesse:

a) encontrar-se ao mando de um corpo de polícia (Atos dos Apóstolos, 8, 3, e 9, 1);

b) obter do pontífice de Israel, neste caso Gamaliel, uma ordem que lhe permitisse operar longe de Jerusalém em missão de busca de cristãos (o problema sobre se esta ação era ou não lícita será discutido em outro lugar);

c) ter aprovado a condenação e execução de Estêvão, em virtude de sua idade e sua função (Atos dos Apóstolos, 8, 1, e 22, 20).

Mas então, no curso desta execução, não pode logicamente ver reduzido seu papel ao de um simples jovem judeu a quem tão somente lhe confia a guarda das vestimentas dos encarregados da lapidação. Porque *se é judeu*, de uns trinta e cinco anos de idade, há muito que tem a maioria religiosa e civil em Israel, e, portanto *deve* participar, *legalmente*, na lapidação, já que *se encontra no local* (Deuteronômio, 17, 7). Para ele é obrigatório.

Em caso negativo, *é que não é judeu*, a não ser idumeu, como demonstraremos mais adiante.

Por outra parte, se no ano 36 está ao mando de um corpo especial de polícia às ordens do Sanedrim e do pontífice, e se já conta uns trinta e cinco anos de idade, provavelmente exerceu já tal profissão nos anos 34 e 35, quando teve lugar a detenção de Jesus no Monte das Oliveiras. E neste caso, deve ser indevidamente ele quem se achava ao mando do

destacamento de soldados que acompanhou à coorte dos veteranos e à tribuna que a dirigia durante o combate final, depois da ocupação do domínio de Ierahmeel, onde entrincheiraram Jesus*. *Portanto, conhecia este último, participou de sua captura e lhe corresponde parte da responsabilidade de sua morte.* E ele, ou Lucas, seu «secretário», ou o escriba anônimo autor dos Atos dos Apóstolos, mentiu ao fazer acreditar que não o tinha visto antes... É mais, neste caso incluso deve proporcionar o corpo de guarda que teria reclamado Sanedrim para a vigilância da tumba de Jesus, e que foi incapaz de assegurá-la. Assim, Saulo-Paulo não ignorava que o cadáver tinha sido roubado, fato cuja prova contribuimos já na obra citada.

*[Cf. R. AMBELAIN, *Jesús o el secreto mortal de los templarios*, já citada, p. 239.]

Além disso, o nascimento de Paulo «nos primeiros anos da era cristã, *se não um pouco antes inclusive...*», implicaria uma mentira mais por parte do autor dos Atos, ou seja, que não é possível que Saulo-Paulo tivesse sido *criado com o Menahem e Herodes, o Tetrarca*, como declara o texto dos Atos (13, 1)*, já que Herodes Agripa II nasceu no ano 27 de nossa era, e morreu em Roma no ano 100. E no ano 27 *Saulo-Paulo teria já vinte e sete anos...*

*[*Op. cit.*, pág. 302, para a justificação e a exégesis de tal passagem. Este versículo é muito importante.]

Se agora analisarmos cuidadosamente as Epístolas chamadas «paulinas», delas se desprendem duas facetas diferentes a respeito de seu autor:

— uma delas nos situa em presença de um *helenista*, de um *partidário* da Diáspora, que é cidadão romano, fala e escreve em grego, e se mostra como um implacável adversário dos tabus legais do judaísmo, em especial da circuncisão; chama-se Paulo, *em grego Paulos*;

— a outra face é a de um judeu piedoso e de boa raça, procedente da tribo de Benjamim (antigamente uma das duas tribos militares de Israel), e que se chama Saulo, *em grego Saulos*.

*[Temos que assinalar que, quando Paulo fala de sua raça, de sua nação, não diz «nossos» nem «os nossos», senão «os judeus». E esta expressão respectiva é a prova de que não era israelita de origem.]

Cada um destes dois homens tem sua doutrina. O primeiro, formado pela cultura grega, vê Cristo como um ser divino, descendido através dos «céus» intermediários adotando forma humana, morto na cruz, ressuscitado *em espírito* para assegurar a vitória do Espírito (*pneuma*) sobre a Matéria (*hyiee*), e assim contribuir aos homens sua liberação espiritual, longe da servidão de «poderes» intermediários e inferiores.

No segundo traduzem-se as tradições nazarenas e ebionitas; vê Jesus

um homem de carne e osso, nascido de uma mulher da estirpe de David, submetido à Lei, morto na cruz, ressuscitado *em carne*, e logo deificado.

O «terceiro homem» será um mago, e nos apresentam como Simão, o Mago.

Temos aqui três personagens e três doutrinas absolutamente contraditórias. Vamos, pois, abrir o expediente desta investigação sobre «São Paulo, apóstolo dos gentis». E prevenimos de antemão o leitor de que vai de surpresa em surpresa, tal e como já aconteceu também no anterior volume, já citado, referente a Jesus. Porque formularão numerosas interrogações.

Foi, efetivamente, formulando-se perguntas sobre a identidade de Epafras, companheiro de cativo de Paulo (Epístola a Filêmon, 23), como São Jerônimo nos contribuiu o que ele chama a «fábula» (*sic*) do nascimento de Paulo, então Saulo, na Giscala, na alta Galiléia, e não na Judéia: «Quem é Epafras, o companheiro de cativo do Paulo? [...] Nós recolhemos a seguinte fábula [*fábula*]: Diz-se que os pais do apóstolo Paulo eram da Giscala, na Judéia, e quando a província foi devastada inteiramente pelo exército romano, e os judeus se dispersaram por todo o universo, foram transferidos ao Tarso, em Cilícia. “Paulo, então ainda um jovem [adolescente], seguiu a sorte de seus pais». (Cf. Jerônimo, *Comentários sobre a Epístola aos Filipenses*, XXIII - M. L. XXVI, 617-643.)

Primeira questão: A deportação dos habitantes da Giscala teve lugar durante a repressão levada a cabo pelo Varus (quem crucificou a dois mil prisioneiros judeus nas colinas dos arredores de Jerusalém), quer dizer nos anos 6 aos 4 *antes de* nossa era. Agora bem, nos diz que naquela época Paulo era ainda um jovem (*adolescente*). Assim, teria nascido por volta do ano 21 antes de nossa era, e contaria ao redor de quinze anos quando se produziram esses acontecimentos. Isto parece dificilmente compatível com a cronologia clássica, já que neste caso teria contado 57 anos quando se produziu a lapidação de Estevão, no ano 36 de nossa era. E então, como podem dizer os Atos dos Apóstolos: «E as testemunhas depositaram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo» (Atos, 7, 58), se esse «jovem» tinha 57 anos? Além disso, neste caso teria morrido aos 88 anos (ano 67 de nossa era), coisa dificilmente compatível com sua atividade e suas numerosas viagens. Continuemos.

Mais adiante, nesse mesmo capítulo, São Jerônimo volta para as palavras de Paulo, e as comenta *in extenso*: «Sou hebreu, da descendência de Abraham, circunciso do oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus e fariseu...». (Cf. II. Coríntios, 11, 22, e Filipenses, 3, 5). E Jerônimo observa finalmente:

«*Magis judeum quam Tarsensem...*», quer dizer: «Tudo isto demonstra

que era mais judeu que tarsiota».

Segunda questão: por que Paulo experimenta a necessidade de precisar que, «*da descendência de Abraham*», ele é «*da linhagem de Israel*»? Porque se, já naquela época (séculos IV e V), em certas esferas eruditas se sabia que ele tinha origens *iduméias*, e que foi príncipe, da casa dos Herodes, os escribas anônimos que puseram as palavras em sua boca quiseram a todo custo jogar terra sobre o assunto.

Com efeito, neste caso teria sido também «*da descendência de Abraham*», mas pela linha de Ismael, o primeiro filho de Abraham, tido por sua escrava Agar, faxineira de sua estéril esposa, Sara, e que foi o tronco da nação árabe. E então não seria judeu, e não podiam atrever-se a insinuar que Jesus tivesse tomado como décimo terceiro apóstolo a um não judeu. Assim que o escriba anônimo que «*acerta*» o texto primitivo dos Atos no século IV ou V também se empenha a todo custo em fazer desaparecer essa molesta verdade. Desde aí a anormal insistência sobre o caráter hebreu de Paulo, precisão repetida em três ocasiões, e sublinhada além pela indicação da tribo e a seita. Continuemos, e observemos que, em seguida, São Jerônimo se mostrará muito mais categórico referente ao nascimento na Giscala:

«O apóstolo Paulo*, chamado antes Saulo, deve contar-se além dos doze apóstolos. Era da tribo de Benjamim e *da cidade da Císcala*, na Judéia. “Quando esta foi tomada pelos romanos, emigrou com seus pais ao Tarso, em Cilícia, e logo foi enviado por eles à Jerusalém, para que estudasse ali a Lei, e foi instruído por Gamaliel, homem muito sábio, ao que Lucas recorda». (Cf. Jerônimo, *De viris illustribus*, M. L. XXIII, 615-646.)

*[«Temos que entender o termo *apóstolo* no sentido que tinha no judaísmo, antes de adotar um sentido cristão. Para os judeus, um apóstolo era um enviado de Sanedrim de Jerusalém, encarregado de perceber o imposto do Templo nas sinagogas da Dispersão, e de exercer um controle sobre sua ortodoxia.» (Cf. ROBERT SAHL, *Les Mandéens et les origines chrétiennes*, p. 135.)]

Terceira questão: Jerônimo nos precisou mais acima que a população da Giscala foi deportada à Cilícia, e os pais de Paulo, com seu filho ainda adolescente, ao Tarso, mais concretamente. Agora bem, a *deportação coletiva* da população de uma cidade ou de um povo, a conseqüência de uma repressão romana e (geralmente) por prestar ajuda ou abastecer guerrilheiros zelotes, convertia-os em *escravos*. Todavia estes não eram necessariamente vendidos em separado a particulares, mas sim, no caso de uma deportação coletiva a um lugar concreto, convertiam-se em «*escravos de César*», quer dizer do Império. Os servos da Idade Média, os da Rússia czarista até finais do século XIX, ligados a uma terra,

sujeitos à serviços e imposto «a vontade», casados segundo desejo da autoridade tutelar, como os deportados à Sibéria, reproduzem bastante bem esse caráter de «*escravos de César*».

Entretanto, *todo filho de escravos era por sua vez escravo*, de maneira que como pôde Paulo, então Saulo, abandonar *livremente* sua cidade de *residência obrigatória*, para instalar-se em Jerusalém, «aos pés de Gamaliel» (Atos, 22, 3), em qualidade de estudante? É difícil imaginar aos romanos, por si receosos e inclinados ao castigo fácil, tolerando semelhantes fantasias por parte dos deportados.

Quando Pompeyo venceu o último rei da dinastia asmonea, Aristóbulo, e o degolou segundo costume ao final de seu «desfile da vitória» em Roma, grande número de prisioneiros judeus dos que figuravam no cortejo foram convertidos em escravos: «Os filhos e as filhas de Israel vivem ali em um cativeiro horrível. “Seu pescoço mostra a incisão, marca distintiva no seio das nações». (Cf. *Salmos de Salomão*, II, 6)*. Esta «incisão», que substituíra ao colarinho de ferro de antigamente, o qual obstaculizava o trabalho do escravo, efetuavam-na com um ferro candente; ia do lado esquerdo do pescoço ao direito, e era mais acentuada na nuca, de onde segundo nome pelo que era conhecida: «jugo». Constituíra o «sinal do escravo». Os rituais católicos falam ainda *do jugo de Cristo*, que seria «suave e ligeiro», já que nos primeiros séculos se falava dos «escravos de Cristo». (Cf. *Confissão de São Cipriano*, 16.)

*[Os *Salmos de Salomão* são de finais do século 1 antes de nossa era de autores desconhecidos]

Por outra parte, quando o escriba anônimo faz dizer a Saulo-Paulo que tem a *civitas* romana por seu nascimento (Atos dos Apóstolos, 22, 28), comete um novo engano. Porque ignora que o imperador Augusto precedentemente tinha proibido conferir este privilégio a um liberto (e portanto menos ainda a um escravo) *que tivesse levado cadeias*. «No que concerne aos escravos, não contente tendo multiplicado os obstáculos para tê-los separados da *liberdade simples*, e muito mais ainda da *liberdade completa*, ao determinar com minuciosidade o número, a situação e as diferentes categorias daqueles que podiam ser mantidos, acrescentou ainda que *jamais nenhum gênero de liberdade poderia conferir a qualidade de cidadão a um escravo que tivesse estado encadeado ou submetido à tortura*». (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Augusto*, XL.)

Agora bem, todo deportado levava cadeias durante seu traslado (Flavio Josefo, em sua *Guerra dos judeus*, III, V, precisa que, efetivamente, na equipe regulamentar de todo soldado romano figurava um jogo de cadeias). Por conseguinte, se os pais de Saulo-Paulo, e

inclusive ele mesmo, foram deportados da Giscala, na Galiléia, ao Tarso, em Cilícia, levaram os vínculos romanos durante uma viagem de mais de quatrocentos quilômetros, efetuado evidentemente a pé. E portanto é mais duvidoso que os convertessem em civis romanos a sua chegada!

Quarta questão: Admitindo que Paulo tivesse obtido, com o tempo, os recursos financeiros e a assistência privada (o indispensável amparo administrativo) que lhe permitissem converter-se em liberto, como pôde acabar decapitado, como um cidadão romano, depois de condenado a morte no ano 67 em Roma? Porque os libertos*, pelo mesmo fato de sua condenação a morte, perdiam esta qualidade, e ao voltar convertidos em escravos, eram crucificados. Assim, se Paulo pôde converter-se em liberto, não morreu pela espada a não ser, segundo os termos da lei romana, crucificado. Mas se realmente foi decapitado, isso significa que jamais foi deportado ao Tarso, e que não descendia de deportados. E então se expõe o problema de suas verdadeiras origens, e também o porquê desse mascaramento por parte dos escribas anônimos do século IV.

***[Trata-se aqui de libertos ordinários, *que não são cidadãos romanos.*]**

Os libertos ordinários culpados de um crime voltavam a cair na escravidão, e então eram submetidos aos castigos reservados aos escravos. Existiam duas categorias de libertos:

a) aqueles aos que seu amo libertou pela vingança, quer dizer diante de um pretor ou um pró-cônsul, quem tocava então ao escravo ao que terá que alforriar com uma varinha denominada vingança. Estes ficavam realmente liberados;

b) os que não tinham sido liberados mas sim pela simples decisão de seu dono, que ficavam então sujeitos por um último elo jurídico à escravidão.

Trata-se de sutilezas da lei romana que nos contribui com Tácito em seus Anais, XIII, XXVII e XXXII.

E, com efeito, contrariamente ao que se afirma freqüentemente, o liberto não gozava *ipso facto* da cidadania romana! Como vamos acreditar que um escravo obscuro e iletrado, liberado por um ato de reconhecimento ou por pura benevolência por parte de seu amo, convertia-se em cidadão romano, enquanto que príncipes estrangeiros, vassallos de Roma, não o eram?

Além disso, os civis romanos não podiam ser nem espancado, nem açoitado, nem crucificado, nem submetido a escravidão. A *lex Valeria* do ano 509 antes de nossa era proibia já golpear a um cidadão romano sem uma decisão popular prévia e decisiva, e a *lex Porcia*, do ano 248 também antes de Cristo, não permitia usar os açoites em nenhum caso.

Agora bem, os *libertos* comuns condenados a morte eram *crucificados*, porque recaíam na escravidão pelo mesmo fato de ter sido condenados. Tácito nos conta isso em seus *Anais* (XIII, XXVI): sua alforria era sempre condicional, e o amo ofendido por um deles tinha sempre o direito legal de relegá-lo «além da centésima milha, nas bordas da Campanha». Por outra parte, *relata-nos casos de crucificação de libertos*. Nada disso poderia aplicar-se caso a alforria inicial comprometesse a cidadania romana; é perfeitamente evidente. Mas se um deles, além de sua liberação da escravidão, beneficiava-se ulteriormente de tal privilégio, como os libertos célebres, os Narcisos e os Palantes, então gozava deste com todas as vantagens secundárias enumeradas acima.

*[Cf. TÁCITO, *Anales*, XIII, XXXII. Em caso de assassinato do amo por parte de seus escravos, *todos os escravos e todos os libertos eram crucificados*.]

Por conseguinte, admitindo que o pai de Saulo-Paulo, ou que ele mesmo, tivesse a sorte de passar de «*escravo de César*» deportado ao Tarso a homem livre, isso não significa que fora cidadão romano.

De modo que se Paulo foi realmente de Tarso, em Cilícia, e neste caso, antigo deportado e escravo, filho de deportados e escravos, não pôde ser decapitado, a não ser simplesmente crucificado.

Segundo a lei romana, o filho seguia a sorte do «ventre que lhe levará». Assim, o filho de uma mulher livre e de um escravo *nascia livre*. O filho de um homem livre e de uma escrava *nascia escravo*.

*[No obstante, a *lex Minucia* estipulava que o filho de uma romana e de um estrangeiro (*peregrinos*) seguia a condição de seu pai. Sem dúvida quando a concepção e o nascimento ocorria em lugar estrangeiro.]

Este princípio imprescritível do direito romano condicionou, como se vê, a sorte de Paulo.

Quinta questão: Admitindo que Paulo se converteu no máximo em um liberto, quando e como pôde chegar a ser *cidadão romano*, título que o Paulo dos Atos está não pouco orgulhoso, se dermos crédito a seus anônimos redatores? Voltaire, quem possuía uma grande erudição, diz-nos o seguinte a este respeito: «Era Paulo cidadão romano, como ele presume? Se procedia de Tarso, em Cilícia, Tarso não foi *colônia romana* até cem anos mais tarde! Todos os peritos em história antiga estão de acordo neste ponto. Se era da pequena cidade ou aldeia da Giscala, como acreditou São Jerônimo, esta cidade se achava na Galiléia, é seguro que os galileus não eram cidadãos romanos!...» (Cf. Voltaire, *Dicionário Filosófico*, voz «Paulo».)

Porque esta deportação, verdadeiro *cativo localizado*, testemunha-a ainda Focio, sábio exegeta do século IX, que foi patriarca de Constantinopla: «Paulo [...] por seus antepassados carnis, tinha como

pátria Giscala (atualmente é uma aldeia da Judéia, mas antigamente foi uma pequena cidade) [...] Quando teve lugar a conquista romana, seus pais, igual a maioria dos demais habitantes, *foram conduzidos em cautividade ao Tarso*». (Cf. Focio, *Ad amphilocium*, CXVI.)

Observemos, de passagem, que os autores antigos situavam Giscala na Judéia, já que confundiam esta com a Palestina em geral. Em realidade, Giscala se encontrava na alta Galiléia.

Por último, Epífano, refutando a tese dos *ebionitas* (uma das primeiras seitas cristãs, junto com os *nazarenos*), quem afirmava que «o homem de Tarso (*sic*) não era judeu de origem, a não ser filho de partidários», diz-nos que: «O apóstolo Paulo, embora nascido em Tarso, não era em modo algum alheio à raça judia». (Cf. Epífano, *Contra Haereses, Panarion*, XXX.)

Aqui Epífano chega muito longe, como veremos a seguir. Já o simples fato de reconhecer que tinha nascido em Tarso era fazer dele um judeu da *Díáspora*.

Sexta questão: Os Atos dos Apóstolos nos dizem que a conversão de Saulo-Paulo teve lugar *no caminho que levava de Jerusalém a Damasco*: «Saulo, respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, chegou-se ao *supremo sacerdote* pedindo-lhe carta de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se ali achava quem seguisse este caminho, homens ou mulheres, tivesse-os atados a Jerusalém.»

Quando estava a caminho, aconteceu que, ao aproximar-se de Damasco, viu-se de repente rodeado de uma luz fulgurante, do céu; e ao cair em terra ouviu uma voz que dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegue?”. Ele respondeu: “Quem é, Senhor?”.» (Atos, 9, 1-5.)

Tomemos agora a *Confissão de São Cipriano*. Cipriano, bispo de Cartago, morto no ano 240 durante a perseguição do Decio (foi decapitado), foi objeto em finais do século IV de um panegírico, redigido em forma de trilogia: *Conversão, Confissão, Martírio*. Vejamos o que lemos na *Confissão*: «Então Eusébio disse: “O apóstolo de Cristo chamado Paulo *sem dúvida não foi um mago*”, mas encontrava-se também entre os mais ardentes perseguidores dos escravos de Cristo. *Consentiu* a morte de Estêvão. Além disso, com ordens escritas do *governador*, expulsou de seu país e de todo o território da cidade àqueles que, em Damasco, adoravam a Cristo. *Mas se converteu* e passou a ser seu instrumento de eleição, como ele mesmo confessou: “obtive a misericórdia de Cristo porque eu tinha obrado por ignorância”. E nos Atos dos Apóstolos está escrito que muitos daqueles que tinham praticado as más artes, depois de queimar seus livros de magia, entregaram-se a Cristo». (Cf. Cipriano, *Confissão*, 16.)

Esta nova alusão às *artes mágicas* é muito importante: voltaremos para ela quando tratarmos o problema de Simão de Samaria e Saulo-Paulo, ambos adversários de Simão-Pedro. Porque não deixa de ser estranho que Cipriano e depois Eusébio tivessem relacionado discretamente Saulo com a magia...

Por outra parte, nos Atos dos Apóstolos lemos que era o supremo sacerdote quem tinha entregue ao Paulo as cartas para sua missão. Na *Confissão* quem o faz é o governador, e este termo, nos textos do Novo Testamento, é sinônimo de procurador. A diferença é importante, pois permite precisar a autoridade judicial da que dependia realmente Paulo. Nos Atos é o judaísmo. Na *Confissão* é a dos ocupantes romanos. Como explicar esta diferença? É Paulo o chefe de um policial «paralelo» ao serviço de Roma, ou está ao mando, como *estrategista* do Templo, dos elementos da tropa levítica?

Sétima questão: Além disso, nos Atos a conversão se produz «no caminho de Damasco». (A expressão permaneceu como sinônimo de conversão em geral.) E na *Confissão* tem lugar muito depois da operação da polícia montada, dirigida e executada por Paulo.

Agora bem, o texto da citada *Confissão* foi redigido por volta de 360-370, embora os manuscritos que chegaram até nós são muito posteriores. E esse texto cita os Atos dos Apóstolos, já o vimos; portanto, estes existiam já naquela época. Mas como explicar esta diferença considerável no relato da conversão do Paulo? Foi Paulo objeto dessa extraordinária «audição» antes de penetrar na cidade de Damasco para efetuar ali uma rede de cristãos, ou sua conversão foi posterior a tal operação?

A resposta é fácil. Nos anos 360-370, época da redação da *Confissão*, existe já uma versão dos Atos dos Apóstolos em mãos das comunidades cristãs. Todavia, é muito diferente da nossa de hoje, já que os escribas anônimos dos séculos IV e V ainda não tinham praticado seus inumeráveis concertos. Quanto à passagem da *Confissão de São Cipriano* chamado antes, é de supor que devia ser de acordo com o correspondente dos Atos dos Apóstolos da época, já que, ao estar muito difundida e ser muito apreciada nas igrejas orientais, se contradissesse aos Atos, a *Confissão* não teria sido tolerada pelos bispos destas igrejas.

Oitava questão: Agora chegamos em torno do problema referente à natureza das relações de Paulo com os grandes de seu mundo, e sobretudo ao de sua cidadania romana.

Se era um obscuro judeu, filho de deportados que passaram a ser escravos do Império, e escravo também ele mesmo, ao menos durante um tempo (caso sua ulterior alforria), como lhe reconhecer a qualidade de *cidadão romano*, qualidade que deixa estupefato ao tribuno das

coortes Claudio Lisias, governador da cidadela *Antonia*, em Jerusalém?: «O tribuno aproximou e disse: “me diga, você é romano?”. Ele respondeu: “Sim”. Acrescentou o tribuno: “Mas se me custou uma forte soma adquirir esta cidadania!”. Paulo replicou: “Eu a possuo de nascimento”». (Atos, 22, 27-28.)

Tendo em conta o que vimos precedentemente (e no momento), aqui alguém mente. Ou é Paulo, ou o escriba anônimo que redigiu essa passagem dos Atos. Porque se Paulo for realmente cidadão romano, compreenderemos com facilidade o que logo seguirá, e esse privilégio se explicará como corolário da verdadeira origem de Paulo. *Mas se for simplesmente um obscuro judeu, tudo o que seguirá será falso*, já que, nesta hipótese, não há nenhuma plausibilidade nesses episódios da vida de nosso personagem.

Em matéria de herança, a lei romana exigia a *busca* da condição do defunto: se era homem livre, liberto ou escravo; e nisso demorava-se um período de tempo bastante longo. Calistrato parece dizer que se tratava de um prazo de uns cinco anos. *Porque o escravo não herdava de seus progenitores*. Paulo, deportado e portanto escravo, filho de deportados escravos, não podia em modo algum herdar de seus pais a qualidade de cidadão romano que eles mesmos não podiam possuir! Este prazo de investigação sobre as origens de um defunto foi reduzido por Tito depois do ano 80 de nossa era. (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Tito*, VIII.) Na época de Paulo era ainda muito longo, o que sublinha a importância da conclusão legal em matéria de herança.

*[NOTA: Giscala chama-se atualmente Gush Halav (em árabe: El-Ysch). Está situada uns quatro quilómetros, aproximadamente, da fronteira do Líbano, ao noroeste do lago Tiberíades, *em Galiléia*.]

2- Os estranhos protetores de Paulo

Na adversidade de nossos melhores amigos encontramos algo que não nos desagrada.

La ROCHEFOUCAULD, *Máximes*

Nos Atos dos Apóstolos lemos o seguinte: «Havia na igreja de Antióquia profetas e doutores. Entre eles estavam Bernabé e Simão, chamado Niger, Lucio de Cirene, Menahem, irmão de leite do tetrarca Herodes, e Saulo». (Atos, 13, 1.)*

*[Convém fazer uma pergunta: Quem é este Simão, apodado *Niger*? É o mesmo personagem que o chefe zelote de mesmo nome, citado em *Guerra dos judeus* de Flavio Josefo e que se viu mesclado nos acontecimentos de Jerusalém no ano 64? É muito provável, pois o cardeal Jean Daniélou, em sua *Théologie du Judéo-Christianisme*, observa que: «... parece que aqui a palavra *galileus* é outro termo para

designar os zelotes...» (*op. cit.*, p. 84), e «... parece que a Galiléia foi um dos focos principais do zelotismo...» (*op. cit.*, p. 84). Agora bem, todavia no século IV, abaixo de Juliano o Apóstata, o termo *galiléia* servia em linguagem corrente para designar aos *crístãos* (JULIO CÉSAR, *Cartas*). O historiador protestante Osear Cullmann observa em sua obra *Dieu et César que* «Os galileus mencionados em Lucas, 13, 1, associamos com os zelotes». Não pode estar mais claro!]

Este Menahem é de linha davídica e real. É neto de Judas de Gamala, bisneto de Ezequias, sobrinho de Jesus, neto de Maria, primo do defunto Judas Iscariote, de triste memória. É ele quem levantará o estandarte de uma nova rebelião judia no ano 64, sob o procurador Gessio Floro. Agora bem, nos manuscritos antigos não há nem maiúsculas nem minúsculas, não há pontos e à parte, não há nenhuma pontuação. Nossas divisões em capítulos e em versículos são desconhecidas. Quer dizer, que o redator antigo está obrigado a compor sua frase de tal forma que não subsista nela nenhum equívoco. E a do texto que segue não permite nenhuma dúvida, em seu grego clássico: «*Manahn te Hródon tou Tetraárkon súntrophos kaí Saúlos*».

Assim, esse Menahem foi «criado com o Herodes, o Tetrarca, e Saulo», o que demonstra, silogismo inatacável tendo em conta a construção mesma do texto grego, que Saulo foi também «criado com Herodes, o Tetrarca, e Menahem».

A primeira vista este fato parece inverossímil. O neto do rebelde que revoltou a Galiléia contra Arquelao, filho e sucessor de Herodes, o Grande, no ano 6 antes de nossa era, criado com o neto e o sobrinho neto deste último...

Entretanto, parecerá menos surpreendente se recordarmos uma tradição, recolhida por Daniel Massé ao longo de suas investigações, que afirma que certas alianças matrimoniais tinham aproximado das famílias davídica e herodiana (*infra*, P. 68). Além disso, Menahem pôde ter sido criado com Herodes Agripa II e Saulo-bar-Antípater como um refém discreto. Quando o imperador Claudio fez de Herodes Agripa I, no ano 41 de nossa era, o rei da Judéia e de Samaria, «chamou» a seu filho, futuro Herodes Agripa II, a Roma, a seu lado. Discreta maneira de fazer que seu pai permanecesse como dócil vassalo de Roma... E provavelmente isso aconteceu com Menahem. Além disso, economizava uma estrita vigilância por parte das autoridades romanas, sempre dispostas a fazer executar aos «filhos de David» ao mínimo alarme, como conta Eusébio de Cesaréia. (Cf. Eusébio de Cesaréia, *História eclesiástica*, III, XII, XIX, XXV, XXXII.)

Um último detalhe reforça esta hipótese. Quando Pilatoss se inteirou de que Jesus era galileu de nascimento, mandou-o comparecer ante

Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e Perea (Lucas, 23, 6-12). O procurador esperava que Herodes assumiria a responsabilidade de fazer desaparecer Jesus, posto que este se proclamava «rei dos judeus», e por conseguinte era rival de Herodes Antipas. Recordava, sem dúvida, o rumor público, também referente à Jesus: «Sai e vai-se embora daqui, porque Herodes Antipas quer te matar» (Lucas, 13, 31). Assassinato que seria discreto, evidentemente, e que nada *oficial* poderia relacionar com a mão deste último.

Mas não aconteceu nada disso. Herodes Antipas contentou-se burlando Jesus, trocou suas roupas, provavelmente já em farrapos depois do combate das Oliveiras e de sua captura, por «uma roupagem reluzente e o remeteu ao Pilatos» (Lucas, 23, 11). E estas roupas, que os historiadores da Igreja estimam que eram brancas, eram as que naquela época revestiam os tribunos militares antes do combate, ou as que levavam em Roma os candidatos que pretendiam subir a uma elevada função pública. Portanto não havia nada de infamante no pensamento de Herodes Antipas; devolvia ao Pilatos um candidato à realeza judia, restituindo-lhe as vestimentas que autenticavam sua pretensão; reconhecia, portanto, o valor desta. Mas ao mesmo tempo recusava condená-lo a morte ou encarcerá-lo; pelo contrário, dava ao Pilatos um testemunho que permitia a este último mandar executar Jesus, em função desta mesma pretensão. Com esta atitude, Herodes Antipas, idumeu de nascimento, quer dizer árabe, aplicava o velho provérbio dessas regiões: «A mão que não pode cortar hoje, beija-a». Hábil astúcia por parte desse beduíno supersticioso, que não queria confrontar a vingança póstuma daquele mago que era a seus olhos Jesus, nem a outra, mais tangível ainda, da população judia fiel aos «filhos de David».

Assim, não há nada extraordinário no fato de que Menahem, neto de Judas da Galiléia e de Maria, sua esposa, e sobrinho de Jesus, fora criado com Herodes Agripa II e Saulo-bar-Antípater. Mas isto descarta definitivamente a lenda de um Saulo judeu de origem e nascido em Tarso.

Porque não deixaria de ser bem estranho que um obscuro judeu passasse sua infância em companhia de pequenos príncipes, e é mais evidente que isto não aconteceu em Tarso, já que é impensável imaginar que os príncipes herodianos dessem a criar seus filhos na Ásia Menor e em Cilícia, *que era província de deportação*. De fato, os três meninos foram criados no Tiberíades e na Cesaréia Marítima. Entretanto, a presença de Menahem, da linha davídica, entre dois membros da linha herodiana, reforça a tese de Daniel Massé, segundo a qual a quinta esposa de Herodes o Grande, Cleópatra de Jerusalém, era viúva de um «filho de David», e parente de Maria, a mãe de Jesus.

Na Antióquia —nos encontramos agora nos anos 45-46 de nossa era, e Jesus faz uns dez anos que morreu—, Menahem e Saulo, que foram criados juntos, continuam com relação, e tendo em conta o que prepara Menahem, quer dizer a enésima revolução judia, achamo-nos em pleno coração *zelote* nessa bendita «igreja» da Antióquia, e nossos «profetas» e nossos «doutores» são em realidade agitadores e doutrinários, herdeiros espirituais de Judas de Gamala e de seu associado, o *cohén* Saddoc.

Recordemos que, nessa quarta seita descrita por Flavio Josefo em suas *Antigüidades judaicas* (XVIII, 1), a política nacionalista, herdada da tradição macabéia, está estreitamente associada à mística religiosa, herdada da tradição essênia. Os *zelotes*, não o esqueçamos, estavam constituídos pela fração extremista dos *essênios*, que depois da ruptura definitiva se agravou ainda mais ao rechaçar grande parte de suas regras mais rígidas: não beber vinho, não admitir os sacrifícios de animais, observar uma limpeza corporal absoluta e, sobretudo, *não cometer atos de «banditismo»*, termo de grande importância em seu juramento de entrada. Coisa da que os *zelotes* não se privavam absolutamente.

Porém, entendamo-nos bem. Quando citamos ao essenismo como crisol inicial onde se elaborou a doutrina zelote difundida por Judas de Gamala e o *cohén* Saddoc, não se trata de afirmar que um belo dia centenas de sicários saíram das comunidades essênias, mas somente os doutrinários primitivos. Ignoramos seus nomes. Com toda segurança foram anteriores a nossa era. Entretanto, existe um *romantismo* sem nenhum fundamento histórico em torno dos essênios, e o público em geral relaciona facilmente com eles algo, geralmente apoiando-se em fontes da mais extremada fantasia.

Millar Burrows, chefe do departamento de Línguas e Literaturas do Oriente Próximo da universidade de Yale, e duas vezes diretor da Escola Norte-americana de Investigações Orientais, em Jerusalém, e A. Dupont-Sommer, catedrático da Sorbone e chefe de estudos na Escola de Estudos Superiores, ambos os especialistas em manuscritos do mar Morto, atêm-se a esta opinião. Flavio Josefo, em sua *Guerra dos judeus*, fala-nos de sua admiração pelo heroísmo desdobrado pelos essênios na guerra nacional contra os romanos, e os manuscritos do mar Morto atribuídos a tais essênios descrevem rituais de uma estratégia militar onde as *técnicas de combate* derivam de uma doutrina mística. Vejamos algo que confirma o que Flavio Josefo nos diz no segundo livro de sua *Guerra dos judeus*, no capítulo XII: «A guerra que sustentamos contra os romanos vê-se de mil maneiras distintas que seu valor é *invencível*». E o manuscrito eslavo da mesma obra precisa que esses mesmos essênios

«quando viajam nunca esquecem de levar consigo suas armas, por causa dos bandidos». Como vemos, não são mansos cordeiros, como certos mistificadores queriam nos fazer acreditar. É mais, em finais do século II (por volta do 190), Hipólito de Roma, no livro IX de seus *Philosophumena*, diz-nos o seguinte em relação aos essênios: «Os essênios dividem-se em quatro classes, segundo sua antigüidade na seita e seu zelo para a observação da Lei. Alguns se negam a levar consigo dinheiro ou a franquear uma porta de cidade, com o pretexto de que as moedas ou as portas estão adornadas com imagens. Outros, chamados zelotes ou sicários, chegam inclusive a degolar em lugares apartados a todos aqueles que blasfemam da Lei, a menos que estes consentam em fazer-se circuncidar. A maioria dos essênios são muito idosos, muitos alcançam inclusive os cem anos de idade. Esta longevidade atribuem a sua piedade, sua sobriedade e sua continência. Contudo, desafiam valorosamente à morte quando se trata de defender a Lei».

Esta longa passagem demonstra com clareza que uma fração essênica tinha constituído a seita dos *zeladores* (ou *zelotes* em grego, e *k-Naim* em hebreu), mais conhecido pelo nome de *sicários* ou *zelotes*, que esta seita levava a cabo *um combate armado contra os incircuncisos* (romanos e idumeus) e que não vacilava em suprimir a seus adversários degolando-os com a *sicca*, método do que nos informa Flavio Josefo (cf. *Guerra dos judeus*, II, V, manuscrito eslavo).

Voltando para Paulo, temos que recordar —pois é muito importante— que foi criado em sua infância com Menahem, neto de Judas da Gamala, sobrinho de Jesus, e que no ano 44, na Antióquia, formava parte do mesmo cenáculo zelote que este. E ambos foram os «irmãos de leite» de Herodes o Tetrarca. Tudo isto é muito estranho para um obscuro judeu, reconheçamo-lo, mas sobretudo descarta a lenda da infância em Tarso, em Cilícia.

Por outra parte, em 52-53 Paulo está em Corinto. Conta uns trinta anos de idade. Os judeus de estrita observância, fartos da propaganda herética e cismática que não cessa de fazer em suas sinagogas, querem encarcerá-lo. Mas, *sem esperar que Paulo abrisse a boca para justificar-se*, Galión, *irmão de Seneca* (preceptor e logo conselheiro do Nero César, e deste modo um dos homens mais poderosos do Império), pró-cônsul da província da Acaia e residente nessa mesma cidade de Corinto, rechaça a queixa dos judeus e os faz expulsar do pretório *manu militari*, embora logo lhes permite linchar à Sostenes, chefe da sinagoga local, convertido por Paulo à nova forma de messianismo místico (Atos, 18, 12-17).

Afortunado Paulo, pois basta-lhe ser *reconhecido* pelo pró-cônsul da

Acaia, «amigo de César», para ver varrer a seus adversários pelo guarda pró-consular, e isso sem abrir a boca sequer. Afortunado judeu obscuro...

Porque esse Galião, «*amicus Caesaris*», não é um simples funcionário. Uma inscrição ligeiramente mutilada, descoberta em Delfos em 1905, reproduz uma carta do imperador Claudio dirigida aos habitantes dessa cidade, e datada antes de julho do ano 805 em Roma, quer dizer no ano 52 de nossa era. Ali fala de Junius Gallio, *meu amigo*, pró-cônsul da Acaia».

Assim, o inesperado protetor de Paulo em Corinto goza, além disso, do título invejado em todo o Império romano: *amigo de César*. Não é nada mais que a proteção de um «*amicus Caesaris*»...

Entretanto, embora beneficiário de estranhas e misteriosas proteções, Paulo não terminou com os judeus de estrita observância. No ano 58, em Jerusalém, os levitas de guarda no Templo se apoderam dele, acusando-o de ter profanado o santuário ao ter introduzido nele a um «não judeu», Trófimo de Éfeso (Atos, caps. 21, 22 e 23). A menos que se tratasse dele mesmo, «*não judeu*» que tinha penetrado imprudentemente em lugares proibidos aos *gentis*.

Quando se dispunham a lapidá-lo, Claudio Lisias, tribuno das coortes e governador da *Antonia*, a cidadela vizinha ao Templo, ao inteirar-se do que acontecia foi *em pessoa*, com «*vários centuriões e seus soldados*» (portanto *várias centúrias de legionários*) para deter Paulo e encarcerá-lo. E o tal Paulo se dá a conhecer. Troca à vista. O tribuno Lisias o mandou desatar (mas estava preso?; podemos pô-lo em dúvida), e *lhe autorizou a admoestar longamente à enfurecida multidão judia, sob o amparo dos legionários*. Logo conduziram-lhe ao interior da *Antonia*, livre de ataduras e fora de qualquer tipo de calabouço.

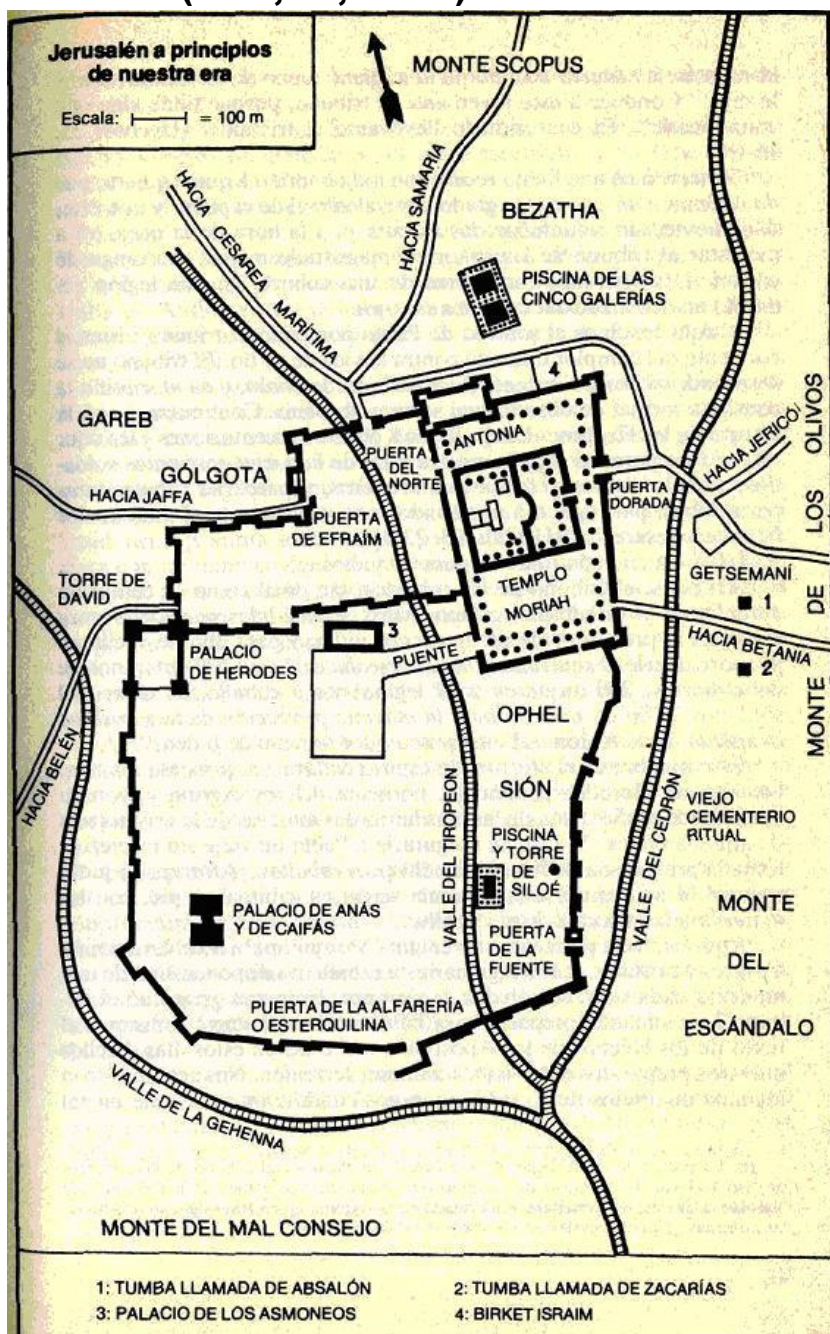
Foi então quando seu sobrinho, ao ser informado na cidade de que entre os *zelotes* se tramava um complô para assassiná-lo, acudiu livremente a advertir a seu tio. «Paulo chamou um dos centuriões e lhe disse: “Conduz este jovem ante o tribuno, porque tem algo a comunicar”. O centurião o levou ante o tribuno.» (Atos, 23, 16 18.)

Observemos que Paulo recebe com toda liberdade a quem quer, *que dá ordens a um centurião*, grau equivalente ao de capitão, e que este, docilmente, sem resmungar, executa-as e, na hora do jantar, vai incomodar ao tribuno das coortes, magistrado militar com classe de cônsul. Os *veteranos* (membros de uma coorte em uma legião romana) não deviam dar crédito a seus olhos.

E aqui temos ao sobrinho de Paulo pondo ao tribuno Lisias à corrente do complô tramado contra a vida de seu tio. O tribuno não se surpreende nem por um instante da audácia de Paulo, e dá ao sobrinho a ordem formal de observar um segredo absoluto. Continuemos com a leitura dos

Atos: «Logo chamou dois de seus centuriões e lhes disse:

“Tenham preparados para a terceira hora da noite duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos arqueiros, e preparem *cavalgaduras* para Paulo, para que seja conduzido são e salvo ante o governador Félix, na Cesaréia”.» (Atos, 23, 23-24).



Jerusalém em princípios de nossa era

Cesaréia, cidade proibida para os judeus...

Assim, o tribuno das coortes, tão dócil como seu centurião ante Paulo e seu sobrinho, adota todas as medidas necessárias para proteger a preciosa vida de um obscuro judeu, e para isso não vacila em lhe proporcionar *o equivalente de uma escolta quase real*: 200 veteranos das coortes, 200 arqueiros e 70 legionários a cavalo, quer dizer 470 soldados, a fim de *pô-lo sob a máxima proteção da autoridade ocupante,*

a de Antonius Félix, procurador romano da Judéia.

Este homem é o afortunado marido da Drusila, princesa Iduméia, bisneta de Herodes, o Grande, irmã do rei Agripa e, com sua irmã Berenice, uma das mais formosas mulheres da aristocracia daquela época. E a fim de assegurar à Paulo uma viagem sem tropeços, toma a precaução de levar para ele *vários cavalos*. Afortunado judeu obscuro! E não seguirá à coluna conforme é habitual: a pé, com as mãos atadas à cauda de um cavalo...

Aqui volta a expor um enigma. Porque, para ir de Jerusalém a Cesaréia Marítima, os 70 legionários a cavalo não dispõem de um arreio cada um, seu cavalo de sempre. Então por que o tribuno Lisias manda preparar para Paulo *vários cavalos*? Voltemos para texto dos Atos dos Apóstolos: «Ao cabo destes dias, feitos nossos preparativos de viagem, subimos a Jerusalém. Acompanharam-nos alguns discípulos da Cesaréia, que conduziram a casa de um tal Mnason, certo cipriota antigo discípulo, aonde nos alojamos» (Atos, 21, 15-16).

Primeira constatação, Saulo-Paulo, que se diz que passou sua juventude «aos pés de Gamaliel», o supremo sacerdote, e em Jerusalém não conhece ninguém ali. E têm que ser um dos discípulos da Cesaréia quem se ocupe de hospedá-lo, a ele e a *seu séquito*.

Segunda constatação, os manuscritos gregos originais nos dizem literalmente: «um *antigo* discípulo». Antigo? Mas de que escola e de que corrente? Provavelmente um helenista que antigamente se encontrava na Antioquia e que tinha abandonado Jerusalém por causa das perseguições produzidas depois da morte de Estêvão (cf. Atos, 11, 19-20).

Terceira constatação, os cavalos previstos exclusivamente para Paulo destinam-se a *levar seus equipamentos*. Colocar-lhes-ão selas, com um cesto em cada flanco; e os famosos livros e pergaminhos, sem omitir o misterioso manto sobre o qual voltaremos a falar, citados na Segunda Epístola ao Timóteo (4, 13), com tudo o que está acostumado a levar consigo um viajante, tudo isso seguirá Paulo até sua nova residência. Quanta solicitude por parte de um tribuno das coortes para com um judeu qualquer, terá que ver! Nem que fosse cidadão romano, pois destes já havia naquela época *milhões*, dispersos por todo o Império. Resulta difícil imaginar ao tribuno das coortes, magistrado com categoria de cônsul, prodigalizando-se desta guisa com cada um deles... Afinal de contas a *Antonia* não era uma agência de viagens, aberta a todo indivíduo do Império que argüira sua qualidade de *civis romanus*.

A menos que, tendo em conta o que o leitor sem dúvida começa a suspeitar, Claudio Lisias aplicasse ali já, *antecipadamente*, o famoso refrão da Restauração: «Onde pode um encontrar-se melhor que no seio

de sua própria família?». (Cf. Marmontel, *Lucilo*.)

O pequeno exército que escolta Paulo sairá, pois, de noite, à terceira hora (ou seja, às nove da noite), da Cidade Santa, e empreenderá ordenadamente o caminho até o Antipatrix, cidade fundada antigamente por Herodes, o Grande, situada a uns sessenta quilômetros de Jerusalém, e a uns quarenta e seis da Cesaréia. Ali fará alto, e à manhã seguinte a tropa do pé retornará a Jerusalém, deixando que os setenta legionários à cavalo escoltem Paulo até Cesaréia Marítima.

Aqui temos, pois, nosso Paulo em lugar seguro, junto ao procurador Antonio Félix. Este era um *liberto*, irmão de outro *liberto* célebre, Palante, favorito de Agripina e ministro de Nero César. Este Félix, ambicioso, brutal e dissoluto, gozava, conforme nos diz Tácito, «de um poder quase principesco com uma alma de escravo». Era de fato, com todo seu horror, o protótipo do arrivista.

Na Cesaréia não encerram Paulo em um calabouço, claro está, mas sim alojam-no «em pretorio de Herodes», *sob o amparo de um guarda*. (O palácio construído antigamente pelo Herodes o Grande se converteu, conforme era costume entre os romanos, na residência oficial do procurador; por isso recebia o nome de *pretorio*, lugar onde se repartia a justiça.)

Cinco dias mais tarde, o supremo sacerdote Ananias foi com alguns sanedritas e um advogado romano, um tal Tértulo, a Cesaréia, e compareceu ante Félix. Este mandou chamar com toda cortesia Paulo, e lhe cedeu a palavra, depois das acusações que formulasse contra ele Tértulo. Este último tampouco andava pelos ramos, pois segundo ele:

«Achamos que este homem é uma peste, que excita a rebelião a todos os judeus do mundo inteiro, que é além disso *chefe principal da seita dos nazarenos!*» (Atos, 24, 5).

Como vemos, no ano 58 não se falava já de Simão-Pedro ou de Jacobo-Santiago como de chefes do messianismo. E com razão, já que Tibério Alexandre, procurador de Roma, tinha-os feito crucificar no ano 47 em Jerusalém, «como filhos de Judas da Gamala».

*[Cf. FLAVIO JOSEFO, *Antigüidades judaicas*, XX, v, 2.]

Paulo respondeu durante longo tempo à acusação de Tértulo, e Félix, habilmente, postergou sua decisão a uma data posterior, sem determiná-la concretamente. Logo: «Mandou ao centurião que lhe custodiasse, embora lhe deixando certa liberdade e *permitindo que os seus lhe assistissem*». (Atos, 24, 22-23.)

Entretanto, quem eram os seus?

Alguns dias mais tarde, Félix vai visitar Paulo, acompanhado de sua esposa Drusila, e ali Paulo terá toda a margem que goste de discutir, de maneira muito mundana, tanto com ela como com seu marido, sobre os

temas que lhe interessavam. E esse procurador, escandalosamente enriquecido, tanto pelas exações cometidas no uso de suas funções como por seu rico e adulator matrimônio, esse procurador ambicioso adulará Paulo durante dois anos, conservando-o sob sua proteção, já que: *«Esperava que Paulo lhe desse dinheiro. Por isso lhe mandava chamar muitas vezes para conversar com ele»* (Atos, 24, 26.) De maneira que esse «obscuro judeu» é bastante rico por si mesmo, por seus segredos ou por sua família para fazer conceber esperanças em um tímido procurador! Coisa que resulta simplesmente incrível quando a gente pensa nos costumes da época e nos métodos dos procuradores romanos. Caso se tratasse de um resgate, a permanência no fundo de um tenebroso calabouço, encadeado aos muros, com pão e água reduzidos ao mais estrito mínimo, teria sido uma medida mais que suficiente para abrandar ao detido mais avaro. Mas não se produz nada disso. Antonio Félix, que tem o direito de vida ou morte mais total por mérito de suas funções, está transbordante de considerações para com esse misterioso agitador*.

*[É bem possível que Félix, conhecia Saulo-Paulo como mago (como logo veremos), supôs que era também alquimista. Era o normal! E a capital da alquimia antiga, Alexandria do Egito, estava acerca de Judéia]

Passaram dois anos, que cobriram o fim da procura de Félix, e este é substituído por Pórcio Festo, no ano 60. Esperando então que desaparecesse a proteção de que gozava Paulo, e confiando em enganar facilmente ao novo procurador, os judeus de Jerusalém pedem a este que faça chegar Paulo à essa cidade para que seja por fim julgado. Como se vê, os meses passaram, mas o Sanedrim não esqueceu a importância do assunto. E conforme nos dizem os Atos (25, 3), *«preparavam uma emboscada para lhe matar no caminho»*.

Pelo visto Pórcio Festo foi posto à corrente por seu predecessor, antes da partida deste, já que suspeita o que preparam os judeus, e lhes declara que Paulo permanecerá na Cesaréia, e que só escutará alguns dos principais dentre eles se tiverem algo que dizer sobre o particular. E assim se faz. É então quando Paulo, que evidentemente não ignora que vão soltá-lo sem dificuldades, mas que desse modo submeter-se-á à ameaça de uma emboscada imprevisível, tem idéia de conseguir que lhe *autorizem ir à Roma, às custas de Roma e sob a proteção de Roma*.

Para isso basta-lhe com o *«Cesare apello»*, quer dizer solicitando que lhe enviem *«ante o César»*. Aqui a vitória é dupla.

Com efeito, ao declinar Pórcio Festo sua competência, Paulo já não podia escapar ao processo ante o Sanedrim se não era reclamando o *privilégio, reservado exclusivamente aos cidadãos romanos*, de poder fazer-se julgar, *em causa criminal*, pelo tribunal imperial com sede em

Roma.

E isto nos demonstra dois fatos notáveis:

a) nosso «obscuro judeu» é realmente *cidadão romano*, o qual sublinha tudo o que estabelecemos anteriormente contra a deportação ao Tarso e seu nascimento de pais judeus, originários da Giscala, já que declarar tudo isto em falso implicava a morte por decapitação;

b) trata-se, efetivamente, de um caso de agitação política, oculta sob um aspecto *externamente religioso*, como sublinhavam os membros do Sanedrim, já que a *lei Julia* qualificava de «*crime majestatis*» tudo o que constituía, de perto ou de longe, «um atentado contra o povo romano ou a ordem pública», e declarava culpado deste crime a «quem quer que, com a ajuda de homens armados, conspire contra a república, ou pelo qual nasçam rebeliões».

Por outra parte, se Paulo era de fato um «não judeu» de origem (e o demonstraremos logo), se foi circunciso de adulto, podia ser açoitado segundo os termos das leis romanas em caso de que esta circuncisão tivesse sido efetuada a *pedido dela*, depois de ter sido admitido à *cidadania romana*.

As leis do Império não proibiam um cidadão romano sua conversão ao judaísmo, mas não aceitavam todas suas conseqüências. Se um partidário se achava frente a uma das obrigações das que os judeus de raça estavam dispensados (como o serviço militar, por exemplo), não estava coberto pelo privilégio judaico. Tampouco podia recusar participar do culto aos deuses do Império sem correr o risco de ser acusado de ateísmo. E por este motivo uma mulher podia sempre sofrer a acusação de impiedade para as divindades de sua casa original. Sob o Tibério César, uma tal Fulvia foi julgada deste delito por seu marido Taciturno (cf. Jean Juster, *Les Juifs dans l'Empire romain, leur condition juridique, économique et sociale*). Sob o Nero, Pomponia Graecina foi também submetida a um tribunal doméstico, acusada de *superstitio externa*, superstição estrangeira (cf. Tácito, *Anais*, XIII, 32). Por último, uma severa lei, a *Lex Cornelia de sicariis et veneficis*, castigava a castração, e sempre se podia identificar a circuncisão com uma variedade de castração, tendo em conta suas repercussões fisiológicas no campo sexual. E assim se fez sob o reinado do Adriano (cf. Espartiano, *História do imperador Adriano*, XIV, 2).

Sem lugar a dúvidas. Paulo não ignorava nada de tudo isto, e em caso necessário sempre podia haver alguém que lhe delatasse ante a autoridade ocupante. Agora bem, em Roma, ante o tribunal imperial, Paulo sabe que gozará do influente amparo da Séneca, irmão do pró-cônsul Galión, quem tão misteriosamente o protegeu em Corinto. E põe todo seu interesse em ser conduzido à capital do Império. Quem,

naquela época, não acariciaria semelhante sonho?

Sem dúvida Paulo dispõe dos meios materiais. Se o procurador Antonio Félix esperou longo tempo a que tal Paulo lhe recompensasse economicamente por seus favores, é que sabia que nosso homem estava em condições de poder fazê-lo.

Mas oficialmente, desde sua circuncisão (e logo veremos em que ocasião teve lugar). Paulo é judeu. E isso não pode negá-lo, já que desde aquele momento leva impressa a marca em sua carne.

Agora bem, no ano 19 de nossa era Tibério expulsou os judeus da Itália, excetuando tão somente àqueles que abjurassem em um prazo de tempo determinado. (Cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XVIII, III, 5. Tácito, *Anais*, II, 85. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Tibério*, 36.)

Depois o imperador Claudio tinha reiterado, por sua vez, a mesma ordem de expulsão no ano 50. Paulo Orosio, historiador eclesiástico do século IV, diz-nos o seguinte: «Nesse mesmo ano, nono de Claudio, Flavio Josefo conta que os judeus foram expulsos de Roma, por inspiração do ministro Sejuán». (Paulo Orosio, *História adversus pagãos*, Claudius Cesar.) Não obstante, aconselhamos ao leitor que não procure este episódio do nono ano de reinado do Claudio no Flavio Josefo, já que toda uma parte de suas *Antigüidades judaicas* referente ao reinado de tal imperador foi censurada pelos monges copistas. Este fato o encontrará unicamente no Suetonio, *Vida dos doze Césares: Claudio*, XXV, embora sem assinalar a época exata: «Como os judeus se revoltavam continuamente, instigados por um tal *Chrestos*, expulsou-os de Roma».

Trata-se, com toda evidência, de judeus messianistas que passaram ao cristianismo, e esse *Chrestos* é, de fato, o *Christos*, a quem Suetonio crê ainda vivo, confundindo ressurreição e vida normal. E é que, efetivamente, os escritores profanos dos dois primeiros séculos de nossa era escreviam com regularidade *Chrestus* e *Chrestiani*, como observa acertadamente Henri Ailloud em sua tradução de Suetonio, em lugar de *Christus* e *Christiani*.

Por conseguinte, na Itália, e mais concretamente em Roma, os únicos judeus que podem residir são os que se acham em estado de escravidão. A eleição do «*Cesare apello*» é, por conseguinte, um golpe de mão magistral por parte de Saulo-Paulo.

Por último, e como coroação a essas relações e esses adutores amparos, resulta que depois de Félix e Drusila, acodem a Cesaréia Marítima o rei Herodes Agripa II e a princesa Berenice, sua irmã, quem, depois de ter enviuvado de Herodes de Calés, vive incestuosamente com ele. Ambos são irmãos de Drusila e, portanto, cunhados do procurador Félix. As duas mulheres são célebres por sua beleza. A

família está, pois, completa, e podemos supor que foi Paulo o motivo desta reunião. Curiosidade? Indubitavelmente, mas também há outro motivo, que logo conheceremos. O tom das conversações é bastante amistoso, e a chegada do casal real causou sensação: «Assim no dia seguinte chegaram Agripa e Berenice com grande pompa, e entraram na sala da audiência, rodeados dos tribunos e dos personagens de mais relevo da cidade». (Atos, 25, 23.)

Esses tribunos eram cinco, e cada um deles estava ao mando de uma das cinco coortes de veteranos estabelecidos em Cesaréia. Quanto interesse e quanta preocupação por esse suposto «tarsiota», antigo deportado, antigo escravo do Império!

Nota: Sobre a importância do número de *cidadãos romanos* no Império, assinalemos que os *veteranos* legionários, que tinham abandonado sua *coorte* para retirar-se, recebiam um título com o reconhecimento do povo romano, título que recebia o nome de *honesta missio*. Implicava um certo número de privilégios diversos, *entre os quais se achava o da cidadania romana*, se o veterano não a possuía já com antecedência, adquirida por algum ato de guerra. Quer dizer, que a qualidade de *civis romanus*, com a que se arma tanto exagero em torno de Saulo-Paulo, não era em si nada extraordinário.

3 - A viagem à Roma

Roma [...] Lugar onde conflui e encontra numerosa clientela tudo que de espantoso e vergonhoso há no mundo.

TÁCITO,

Anais, XV, XLIV

A viagem de Paulo à Roma se efetuou sob os melhores auspícios, como todo o anterior. Foi crédulo ao centurião Julio, da coorte da 7.^a *Augusta*, legião composta por mercenários sírios e a que, por esse motivo, denominava-se *Legião síria*. Com eles se embarcou Aristarco, um macedônio nascido na Tessalônica que devia ser já um colaborador de Paulo, dado que mais tarde será seu companheiro de cativeiro. E também havia outros prisioneiros, estes autênticos, que eram ou guerrilheiros zelotes, ou criminosos de direito comum, destinados aos cruéis jogos circenses ou a suas feras.

Assim, a *Navem Adramyttium* levantou âncoras e abandonou Cesaréia em princípios do outono do ano 60, para fazer escala à manhã seguinte em Sidon, Fenícia. O centurião Julio, evidentemente cumprindo ordens recebidas antes, deixou Paulo em liberdade para que fosse visitar «seus

amigos e receber seus bons ofícios». Como vemos, os favores continuam.

Economizaremos ao leitor as peripécias que acompanharam à viagem de Paulo, tendo em conta de que a navegação marítima não era coisa fácil naquela época. Poderá encontrá-las nos Atos dos Apóstolos, de 27, 1, a 28, 16.

Por fim temos Paulo desembarcado em Puzolo, no golfo de Nápoles. E os gracejos dos escribas anônimos dos séculos IV e V vão continuar. Julgue-se: «Onde encontramos irmãos, que nos rogaram que permanecêssemos com eles sete dias. E assim foi como chegamos a Roma. Os irmãos desta cidade, *informados de nossa chegada*, vieram a nós até o Foro de Apio e às Três Tavernas. Paulo, ao vê-los, deu graças a Deus e recobrou ânimo. Quando entramos em Roma, permitiram ao Paulo morar em casa própria, com o soldado que lhe custodiava». (Atos, 28, 13-16.)

Estamos, pois, obrigados a admitir que em Puzolo o centurião Julio foi convidado pelos irmãos, e que ele, *oficial romano encarregado de uma missão*, aceitou permanecer uma semana inteira em um lugar infestado de judeus messianistas, e por conseguinte suspeitos. E por que prodígio se encontravam na Itália? Os decretos de Tibério e de Claudio não foram derogados em nenhum momento. De maneira que se tratava de judeus *escravos*. E estão eles em condições de oferecer convites para uma semana? E pode um legionário romano arriscar-se em semelhante ambiente? Incrível!

A seguir outros judeus, desta vez romanos, vêm ao encontro de Paulo, e nada menos que até o Foro de Apio, na via Apia, quer dizer a 64 quilômetros de Roma. Outros vão só até Três Tavernas, que está a 49 quilômetros da capital. Ida e volta representam perto de 134 quilômetros para os primeiros, e perto de 100 quilômetros para os segundos. Uma grande honra para um obscuro judeu. Além disso, esses judeus escravos dispõem de muita liberdade. Continuemos formulando uma pergunta: como podem existir já «irmãos», quer dizer *cristãos*, em Roma, se alguns versículos mais tarde nos Atos dos Apóstolos nos dizem o contrário?: «Ao cabo de três dias convocou aos judeus principais. Quando reunidos disse-lhes: Irmãos, sem ter feito nada contra nosso povo nem contra os costumes de nossos pais, fui detento em Jerusalém e entregue aos romanos. Depois de me interrogarem, estes quiseram me pôr em liberdade porque não havia nada contra mim que merecesse a morte. Mas como os judeus se opunham, vi-me obrigado a apelar ao César, embora sem querer acusar de nada a minha nação. Por isso quis lhes ver e lhes falar, pois só pela esperança de Israel levo estas cadeias. Eles lhe responderam: Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta a seu

respeito, nem nenhum dos *irmãos* que tenham chegado aqui nos comunicou ou falou nada de mau. Mas queríamos ouvir de sua boca o que você pensa, *pois a respeito dessa seita nos é conhecido que em todas partes a contradiz*». (Atos, 28, 17-22.)

Expomos já um certo número de observações, muito embaraçosas para nossos anônimos redatores dos Atos:

a) Paulo, prisioneiro, tem a possibilidade e a autoridade suficiente para permitir-se convocar aos judeus mais notáveis. É surpreendente;

b) chama-os *irmãos*, igual àqueles que foram ao seu encontro em Três Tavernas e no Foro de Apio; portanto não estabelece diferenças entre eles, o que prova que são os mesmos;

c) não fala de uma religião nova a esses notáveis, mas sim de uma *esperança, própria de Israel*. E que esperança, a não ser a do fim do jugo romano? Esta esperança é o imóvel *messianismo*;

d) Paulo não leva nenhum tipo de cadeias, está simplesmente obrigado, *quando se desagradar à cidade*, a levar uma cadeia curta, que une seu pulso direito ao pulso esquerdo do legionário que o custodia, *enquanto dura tal deslocamento*. Em sua casa, em sua residência romana, está livre de ataduras. Esse é o costume na *«custódia militaris»*, espécie de cativo sob palavra e honorífico;

e) os *irmãos* «chegados» a Roma e dos que falam os judeus notáveis não são os cristãos, já que imediatamente depois os citados notáveis declaram não saber nada do novo partido ao qual pertence Paulo, e só sabem que *em todas partes* encontra oposição. E esses *irmãos* são forçosamente judeus, já que estão em contato imediato com os outros. Portanto não há *cristãos* em Roma nesse momento, ao menos no sentido que damos agora a tal termo, à parte os que encontraremos no palácio de Salomé II, rainha da Armênia;

f) por último, não se trata de uma religião nova, mas sim de um partido. São Jerônimo, em seu *Vulgata* latina, utiliza o termo *seita*, que significa tanto uma facção política como um partido ou uma seita religiosa. Os manuscritos gregos mais antigos utilizam a palavra *airesis*, que significa deste modo seita, partido, facção, com o sentido de *heresia* (que se desprende dela), e isso em todos os campos, tanto político como religioso. Por conseguinte não é muito fácil precisar o que nesse debate se subentende por tal termo.

Ao chegar em Puzolo, por Três Tavernas, Paulo passou por Velletri e atravessar os Montes Albanos, do alto dos quais contemplou pela primeira vez Roma, capital do Império romano.

Ao descender dos Montes Albanos pela via Apia, penetrou na cidade pela Porta Capena, situada então aproximadamente na convocação da atual Porta de São Sebastião. Segundo um pequeno número de

manuscritos, o centurião Julio entregou Paulo e aos outros prisioneiros ao oficial que devia recebê-los. Este homem devia ser o *praefectus castrorum*, que provavelmente estava ao mando do acampamento dos *militēs peregrini* ou *castra peregrinorum*, o que nós chamaríamos «acampamento das tropas de passagem» em linguagem militar moderna.

Imediatamente depois foi transferido ao *Castro pretorio*, acampamento principal dos pretorianos, não longe da Via Nomentana, e por último foi entregue ao oficial que representava ao prefeito do pretorio. E ali encontramos ainda uma nova surpresa.

Este cargo ocupava então Afranio Burro, e, Oh azar! Casualmente era grande amigo de Lucio Anneo Séneca e, com este, conselheiro de Nero César, depois de ter sido ambos seus preceptores. O leitor convirá conosco que o «azar» faz bem as coisas. Afranio Burro era estóico, e portanto admirador do sistema filosófico baseado em Zenón de Citium, a finais do século IV antes de nossa era. E Séneca era também estóico.

Pois bem, o *elogium*, quer dizer o relatório de Pórcio Festo sobre esse *civis romanus* que era Paulo, não podia ser mais favorável; o comportamento do procurador, do rei Agripa e da princesa Berenice para com nosso homem faziam-no prever. As conclusões verbais destes personagens também. Festo, interrompendo Paulo, diz-lhe amigavelmente: «Você delira, Paulo! As muitas letras lhe tornaram louco», e o rei Agripa brinca com ele, e declara: «Pouco mais, e me persuade de que me faça cristão» (Atos, 26, 24-28).

Ambos lamentam sinceramente que Paulo faça o «*Cesare apello*», já que, conforme declara o rei Agripa ao Festo: «Poderia colocá-lo em liberdade, se não tivesse apelado ao César». (Atos, 26, 32.) Não suspeitam que Paulo tem seu plano, bem estabelecido, longo tempo maturado, e que aponta em realidade a conseguir chegar à capital do Império, *se considerarmos o que sabe dos projetos de Menahem, desde que tiveram lugar seus conciliábulos na Antioquia, e que não ignora que se fixou já uma data para sua realização. Coisa que logo constataremos, ao resplendor das chamas de Roma...*

Voltando para *elogium* de Pórcio Festo, tal relatório se perdeu no naufrágio que sofreram durante a travessia, mar adentro, frente às costas de Malte. Mas é um detalhe que carece de importância, já que o centurião Julio, ao ver-se privado de tão capital documento, o substituiria facilmente pela exposição detalhada das instruções recebidas da boca do procurador Festo antes de sua partida; e a benevolência que estava encarregado de manifestar para com seu prisioneiro em todas as circunstâncias advogava inequivocamente em favor deste último. Tanto mais que Paulo, em sua Epístola aos Romanos, já tinha tomado por sua conta a dianteira. Julgue-se!

Quando estava em Corinto, onde como se viu recebeu amparo —e com quanta prontidão— do pró-cônsul Galión durante o inverno de 51-53, vários anos antes desta data já tinha redigido e expedido a famosa carta aos «irmãos» de Roma (o que prova que já tinha disposto seu plano, bem maturado). Agora já sabe a que porta chamar, sabe de antemão que proteções eventuais lhe esperam ali. Basta lendo atentamente as saudações finais: «Saúdem os da casa de Aristóbulo, saúdem o Herodião, meu parente. Saúdem os da casa de Narciso, que estão no Senhor.» (Cf. Paulo, Epístola aos Romanos, 16, 10-12.)

Quais são os da «casa do Aristóbulo»? Quem é «Herodião, meu parente»? Quais são os «da casa de Narciso»? Em definitivo, protetores tão poderosos como os que já tinha encontrado em Jerusalém e na Cesaréia. E é evidente que em Corinto, Galión, *irmão da Séneca*, tinha-lhe orientado sobre o interesse que tinha para ele que fora a Roma; e ao chegar ali, Paulo é recebido, sempre por mediação de Galión, pelo Afranio Burro, prefeito do pretorio, amigo da Séneca e, como dissemos, conselheiro e ex-preceptor de Nero César, como aquele. É óbvio que os crentes verão nisso um milagre a mais, a mão da Providência, mas o historiador lúcido o que vê é simplesmente um plano bem organizado.

Com efeito, «os da casa de Aristóbulo» são os servidores de Aristóbulo III, favorito de Nero, que no ano 54 recebeu deste o reino da Pequena Armênia; logo, no ano 60, uma parte da Grande Armênia, e por último, no 70, receberá o reino de Caléis. É o segundo marido de Salomé II, neta de Herodes, o Grande, e amiga de Jesus, a quem ajudou com seus denários na campanha anti-romana, e de quem o *Evangelho conforme Tomás* relata estas assombrosas palavras: «Salomé disse: “E você quem é, homem? De quem saiu para *meter-se em minha cama e comer em minha mesa?*” E Jesus disse-lhe: “Eu sou aquele que se produziu daquele que é seu igual. Deram-me o que é de meu Pai”. E Salomé respondeu: “Sou sua discípula!”». (*Evangelho de Tomás*, LXV, manuscrito copto do século IV, descoberto em Khenoboskion, no Alto Egito, em 1947, tradução de Jean Doure, Pión, Paris, 1959.) [Cf. *Jesús o el secreto mortal de los templarios*, p. 295.]

Desse novo matrimônio, Salomé II e Aristóbulo III tiveram três filhos, três varões: Herodes, Agripa e Aristóbulo. Herodião (o «pequeno Herodes») é seu filho maior. E se Paulo (ainda Saulo) declara-se parente dele, é que o é deste modo de Aristóbulo III e de Salomé II. E efetivamente, como logo veremos, eram primos! De maneira que estamos muito longe do «obscuro judeu», o leitor terá que reconhecê-lo.

Os da «casa de Narciso» são aqueles que, ingressaram à nova ideologia, são libertos ou escravos na mansão principal de um dos favoritos de Claudio César. Esse Narciso, *Claudii Narcissus libertas* em

seu nome latino, quer dizer «Claudio Narciso, o liberto» (tomava o nome do antigo amo que os escravisara), à morte de Claudio César e ao advento de Nero, no ano 54, caiu em total desgraça, coisa que foi fatal: «Sem mais demora. Narciso, liberto de Claudio, cujas questões com Agripina já relatei, é empurrado à morte em um encarceramento rigoroso e sujeito a violência, com grande pesar de Nero, cujos vícios, ainda secretos, acomodavam-se maravilhosamente a sua avareza e sua prodigalidade». (Tácito, *Anais*, XIII, 1.)

Com grande rapidez Paulo contará com filiados no próprio palácio de Nero, e estes se acharão no ano 64, durante o incêndio de Roma, em situação de sustentar a fábula de que Nero compunha um poema sobre o incêndio de Tróia enquanto contemplava as chamas que devoravam seu capital. Porque esta fábula será a única explicação dada pelos verdadeiros incendiários, como logo veremos. Em realidade Nero encontrava-se em Antium, sua cidade natal, quando se produziu o incêndio, e a notícia não lhe chegou até o quarto dia; então cobriu em poucas horas os 50 Km que separam essa cidade de Roma, queimando etapas. Imediatamente adotou todas as medidas para ajudar aos sinistrados, fazendo distribuir mantimentos e lhes abrindo as portas de todas suas mansões e jardins.

Voltando para os afiliados (íamos dizer aos cúmplices) que rapidamente terá Paulo no palácio de Nero César, citaremos simplesmente a Epístola aos Filipenses, redigida no ano 63, que precedeu ao incêndio de Roma: «Eles saúdam os irmãos que estão comigo. Eles saúdam todos os Santos, e *principalmente os da casa de César*». (Paulo, Filipenses, 4, 22.)

Mas não pense que nosso homem só tinha contatos com escravos ou libertos de classe inferior. Já vimos que em Corinto se beneficiou instantaneamente, sem ter aberto a boca sequer, do amparo dos pretorianos do governador da Acaia, Galión. Vimos como o acolhiam em Roma Afranio Burro, prefeito do pretório, amigo de Séneca, de quem era irmão Galión. Não duvidaremos em afirmar que, em Roma, estaria efetivamente em contato com o próprio Séneca. Continua sendo uma prova bastante válida destas relações a correspondência apócrifa que lhes atribui. Conservam-se quatorze cartas, oito delas de Séneca ao Paulo, e seis de Paulo a Séneca. São apócrifas, onde se constata por sua composição, sua trivialidade, e também pelo fato de que o falsificador imaginou que as cartas dos dois correspondentes se achavam milagrosamente, reunidas. Pois bem, na realidade cotidiana as duas partes de uma correspondência, *envios* e *respostas*, estão sempre separadas, ou inclusive dispersas, a causa do próprio afastamento de seus recíprocos destinatários.

De todo modo, a existência de uma correspondência apócrifa dá para aceitar que existia uma correspondência autêntica. Que esta última se perdesse ou fosse destruída, que as cartas de Paulo à Sêneca fossem confiscadas durante o processo deste último, envolto na conspiração do Pisón no ano 66 (Caio Calpurnio Pisón, quem conspirou contra Nero e morreu no ano 65), é um fato plausível, ou inclusive provável. Do mesmo modo, que as de Sêneca ao Paulo foram confiscadas quando este foi detido em Troas, à entrada dos Dardanelos, no ano 66, ou que resultassem destruídas durante o incêndio de Roma, no 64, é também outro fato plausível.

De qualquer maneira, não pode esquecer-se que São Jerônimo faz alusão a uma correspondência entre esses dois homens, e que a considera autêntica. Se se tratava ou não do mesmo lote de cartas é um mistério que não podemos esclarecer no estado atual de nossa documentação.

Vejamos o que diz São Jerônimo no ano 362: «Lucius Annaeus Sêneca [...] Eu não o situaria na lista dos autores cristãos se não incitassem a isso essas cartas, *lidas por tão grande número de gente*, de Paulo à Sêneca, e reciprocamente. Nessas cartas, tal mestre de Nero, o homem mais poderoso de seu tempo, declara que desejaria ocupar entre a sua a classe que ocupa Paulo entre os cristãos. Foi condenado a morte por Nero dois anos antes de que Pedro e Paulo recebessem a coroa do martírio». (Cf. Jerônimo, *De viris illustribus XII...*)

O mesmo temos em São Agustín. Em uma carta escrita no ano 414, quer dizer vinte anos depois de São Jerônimo, ao Macedônios, declara: «Com razão Sêneca, que viveu em tempos dos apóstolos, e *de quem inclusive se lêem as cartas que dirigiu a São Paulo*, exclama: Esse, que odeia a todo mundo, que odeia aos malvados...».

Lipsius, quando cita ao *pseudo-Linus*, confirma a sua vez a existência de uma correspondência entre Paulo e Sêneca: «O próprio preceptor do imperador, ao ver em Paulo uma ciência divina, trava com ele uma amizade tão forte que não podia passar sem sua conversação. De maneira que, quando não tinha a possibilidade de *conversar com ele cara a cara*, enviava-lhe e recebia freqüentes cartas». (Cf. Lipsius, *Acta apostolorum apocrypha*, tomo I.)

Concluamos, pois, que existiu uma correspondência entre Paulo e Sêneca, mas que não chegou até nós. E se Paulo contava com filiados dentro da «casa de César», devia ir ali com freqüência, a fim de conversar com eles, e o amparo de Galión, assim como de Afranio Burro, implicam a de Sêneca, é evidente. Lipsius não inventa nada.

E agora podemos abordar a última questão: *Quem era Paulo em realidade?* A resposta não é singela, embora da mais surpreendente.

Ao começo deste estudo sobre «o homem de Tarso», aplicamo-lhe o qualificativo de «tricéfalo». E com efeito, os escribas dos séculos IV e V amalgamaram palavras, fatos e acontecimentos correspondentes à três existências distintas, à três personagens completamente estranhos uns aos outros.

Se o «príncipe dos Apóstolos», Simão-Pedro, não pôs jamais os pés em Roma, se não morreu ali com Paulo durante a primeira perseguição contra o cristianismo, não obstante é inegável que existiu. E sua crucificação em Jerusalém no ano 47, junto com seu irmão Jacobo-Santiago, em sua qualidade de «filhos de Judas da Gamala», por ordem de Tibério Alexandre, procurador da Judéia, prova-o sobradamente. [Cf. *Jesús o el secreto mortal de los templarios*, pp. 88-89.]

Não podemos dizer o mesmo de Paulo, salvo se se busca, no referente a seu fim terrestre, o dos três personagens que o compõem. E não é fácil, reconhecê-lo. É bastante singelo demonstrar esta «composição» última, ao menos no que diz respeito à dois de seus «componentes». *E para o terceiro, aí está a História.*

4- Um príncipe herodiano chamado Shaul

Afortunado aquele que não lhes conhece apenas, e mais afortunado aquele que não tem nada que ver!

VOITURE, Poésies, os

príncipes

Já o vimos, estamos forçados a rechaçar a cidade de Tarso, por não ter desempenhado nenhum papel na vida de nosso *personagem*. Sabemos que fugiu de Damasco de noite, em um cesto grande (Atos, 9, 25). Mas Paulo não responsabiliza por isso os judeus, ele mesmo os descarta: «Em Damasco, o governador do rei Aretas pôs guardas na cidade dos damascenos para me prender. Mas desceram-me por uma janela, *em uma cesta, muralha abaixo*, e assim escapei de suas mãos». (Paulo, II Coríntios, 11, 32.)

Nessa época Damasco pertencia, em efeito, ao Aretas IV, rei da Arábia nabatea. No ano 36 de nossa era Tibério César tinha empreendido inutilmente uma campanha contra esse soberano. Ao ano seguinte, por conseguinte em 37, Calígula sucedeu à Tibério, e segundo bom número de historiadores sérios, cedeu Damasco ao rei Aretas, em testemunho de uma paz livremente consentida. Esta hipótese vem confirmada pelo fato de que, apesar de que existem moedas damascenas com a efígie gravada de Tibério, não há nenhuma com a imagem de Calígula ou de seu sucessor Claudio.

Sobre o motivo de tal tentativa de captura de Paulo pelos guardas do *etnarca* do Aretas IV teremos ocasião de voltar.

Seja como for, o apelido de *tarsiota* dado ao Paulo tem sua origem simplesmente no meio que utilizou para sua fuga. Porque em grego *tarsos* significa «Nasa, cesto, cesta». Saulo de Tarso significa, em realidade, «Saulo do cesto», apelido humorístico. Coisa que já faziam pressagiar as afirmações contraditórias sobre seu nascimento em Giscala, na alta Galiléia.

Mas então *quem é Paulo?* Voltemos para os Atos dos Apóstolos:

«Eles, gritando em vozes altas, tamparam os ouvidos e todos eles se jogaram sobre Estêvão, arrastaram-no fora da cidade e apedrejaram-no. As testemunhas depositaram seus mantos *aos pés de um jovem chamado Saulo*. E enquanto lhe apedrejavam, Estêvão orava, e dizia: Senhor Jesus, recebe meu espírito...» (Atos, 7, 57-59.)

«Saulo tinha aprovado a morte de Estêvão...» (Atos, 7, 60.)

«Ao Estêvão alguns homens piedosos levaram-no para enterrar e fizeram sobre ele grande luto. Pelo contrário, *Saulo devastava a Igreja*, e entrando nas casas, arrastava homens e mulheres e os fazia encarcerar...» (Atos, 8, 2-3.)

«Saulo, respirando *ainda* ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, chegou-se ao supremo sacerdote lhe pedindo cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de que, ali achava quem seguisse esse caminho, homens ou mulheres, tivesse-os atados a Jerusalém...» (Atos, 9, 1-2.)

Esses quatro extratos dos Atos dos Apóstolos não constituem, como se vê, e em boa lógica, a não ser um amálgama de contradições.

Vejam alguns detalhes sobre a *lapidação judicial* em Israel: À quatro cotos (42 cm) do lugar do suplício retiravam do condenado suas vestimentas, à exceção de uma só, que o tampasse a frente, se era um homem, e a frente e por detrás se era uma mulher. Esta é a opinião do rabino Judá, mas os rabinos declaram que tanto ao homem como à mulher lhes devia lapidar nus. A altura da convocação era a de duas alturas de homem. Uma das testemunhas (acusador) derrubava o condenado, de maneira que ficasse sobre os calcanhares; se dava a volta, a testemunha o devolvia à posição desejada. Se por causa desta queda morria, a Lei se considerava satisfeita. Senão, a segunda testemunha (acusador), agarrava a pedra e lançava apontando ao coração. Esta «*primeira pedra*» (veja-se João, 8, 7) devia ser suficientemente pesada como para que fossem necessários dois homens (as *duas testemunhas* requeridas pela acusação) para levantá-la: «Dois deles levantam-na no ar, mas um só a lança, de maneira que golpeie mais forte». (*Sanedrim, -45, B.*) Se o golpe resultava mortal, fazia-se justiça. Senão, a *lapidação incumbia coletivamente a todos os israelitas*. Porque está escrito: «A primeira mão que se levantará contra ele para

matá-lo será a mão das *testemunhas*; a seguir será a mão *de todo o povo*». (Deuteronômio, 17, 7.)

O que damos aqui é um resumo das regras judiciais da lapidação tal como estão prescritas pelo *Talmud*, e muito antes pelo Pentateuco em seu Deuteronômio.

Pois bem, se um «jovem chamado Saulo» se limita a montar guarda diante das vestimentas das *testemunhas*, é que não participa da lapidação. Para esta anomalia só há duas possíveis explicações.

A primeira é que o jovem é um menino de menos de doze anos, e por conseguinte ainda carece da maioridade legal para estar sujeito a todas as obrigações da Lei judia. Sobre este particular remetemos o leitor ao capítulo 12 de nosso anterior volume, capítulo intitulado «Jesus entre os doutores». Mas nesse caso, como podia ter voz no capítulo, e aprovar a condenação de Estêvão? E como pode, pouco depois, «devastar a Igreja, e entrando nas casas», com uma inevitável escolta de gente armada (necessariamente *levita* do Templo, postos ao seu dispor pelo *estrategista* deste), arrastar às pessoas e fazer encarcerá-las? E como se atreve este menino a apresentar-se frente ao pontífice de Israel e lhe pedir cartas de recomendação para operar em Damasco, cidade que pertence a outro reino?

Para todas estas inverossimilhanças (e esta palavra é ainda muito fraca para qualificar semelhantes estupidez), fica outra explicação. Encontraremos-la em Flavio Josefo. Mas antes recordemos que a *Confissão de São Cipriano* dava por certo que as cartas de recomendação de que dispunha Saulo-Paulo para atuar em Damasco foram entregues pelo *governador*, termo sinônimo ao de *procurador* nos textos neo-testamentários, e não pelo *supremo sacerdote*. De modo que Saulo estava às ordens das autoridades romanas de ocupação, e não das autoridades religiosas judias. E agora vejamos o que diz Flavio Josefo, ou ao menos o que os monges copistas tiveram por bem nos deixar: «Uma vez morto Festo, Nero deu o governo da Judéia a Albino e ao rei Agripa [...] Costobaro e Saulo tinham também consigo *grande número de guerreiros, e o fato de que fossem de sangue real e parentes do rei* os fazia gozar de uma grande consideração. Mas eram violentos e sempre estavam dispostos a oprimir aos mais débeis. Foi principalmente então quando começou a ruína de nossa nação, pois as coisas foram de mal a pior». (Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XX, 8.)

Não recorda isto nada ao leitor? Teremos que voltar a consultar as passagens, antes citadas, dos Atos (8, 3, e 9, 8), onde vemos Saulo e seus homens armados penetrando nas casas, tanto em Jerusalém como em Damasco, e arrancando delas às pessoas para colocar na prisão? Esse Saulo dos Atos não será o mesmo que o das *Antigüidades judaicas*?

Pois bem, agora nos encontramos no ano 63 de nossa era, nono ano do reinado de Nero, dado preciso, indiscutivelmente, pela morte do procurador Pórcio Festo e a chegada de seu substituto: Albino Lucayo, mais tarde posto por Nero à frente da Marítima Cesaréia, e, ao suspeitar que pretendia proclamar-se rei sob o nome de Juba, foi degolado quando desembarcou, por ordem de Vitelo. (Cf. Tácito, *Histórias*, II, 78-79.)

Assim, no ano 63 Saulo ainda não se teria convertido, enquanto que os exegetas da Igreja asseguram que sua conversão dataria de aproximadamente o momento da lapidação de Estêvão, ou seja no ano 36! Mas continuemos escrutinando ao Flavio Josefo: «Os grandes, vendo que a rebelião chegara a tais extremos; que sua autoridade já não era capaz de reprimi-la, e que quão males cabia temer da parte dos romanos recairiam principalmente sobre eles, decidiram, a fim de não esquecer nada para tentar dissuadi-los, enviar deputados a Floro, dos quais Simão, filho de Ananias, era o chefe, e outros ao rei Agripa, os principais dos quais eram *Saulo, Antipas e Costobaro*, parentes deste príncipe, para rogar a um e ao outro que fossem com tropas a Jerusalém, a fim de apagar as rebeliões antes de que cobrassem ainda mais força». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, II, 31.)

Segundo essa passagem nos encontramos no ano 66, «antes de 15 de agosto», e Gessio Floro é procurador desde o ano 63. Menahem, neto de Judas da Gamala, que foi criado «com o Herodes o Tetrarca e Saulo» (Atos, 13, 1), aparecerá na cena política e unificará aos sediciosos ao apoderar-se da praça forte da Massada, e os judeus a conservarão até o ano 73, data da tomada desta praça e do célebre suicídio coletivo de seus defensores.

Mas prossigamos: «Depois de um fato tão desafortunado acontecido ao Cestio, *vários dos principais judeus* saíram de Jerusalém, *como teriam saído de uma nave a ponto de naufragar** *Costobaro e Saulo, que eram irmãos*, e Felipe, filho de Joaquim, que tinha sido general do exército do rei Agripa, retiraram-se com o Cestio. E em outro lugar direi como Antipas, que tinha sido assediado com eles no palácio real, ao não querer fugir, morreu em mãos desses sediciosos. *Cestio enviou então Saulo e aos outros* [Costobaro e Felipe, filho do Joaquim] *junto ao Nero*, que então se achava em Acaia, para lhe informar de sua derrota e fazer recair as culpas sobre Floro, a fim de acalmar sua cólera contra ele, fazendo-a recair sobre outro». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, II, 41.)

*[Segundo Eusebio de Cesárea, os membros da Igreja de Jerusalém abandonaram a cidade antes da guerra que estouraria, e retiraram-se à uma cidade de Perea chamada Pella. (Cf. Eusebio de Cesárea, *História eclesiástica*, III, v, 3.) Trata-se, evidentemente, do mesmo episódio,

porém abaixo de Eusebio os «*principais judeus*» convertem-se em «cristãos». De fato, confessa que a notícia transmitida «*por profecia, aos notáveis do lugar*», portanto, aos judeus, e não aos cristãos.]

Esse Cestio Galo é então governador de Síria, enquanto que Gessio Floro é tão somente procurador da Judéia, submetido à autoridade do primeiro, desde o ano 63. Achamo-nos «depois do 8.º dia de novembro, ano 12 do reinado de Nero César», quer dizer no ano 66, já que Josefo é ainda governador da Galiléia, e João, da Giscala, logo entrará em cena.

Agora nos encontramos frente ao duplo beco sem saída no que se extraviaram imprudentemente os escribas anônimos dos séculos IV e V, ao censurar, interpolar e extrapolar a mão direita e sinistra, com o único fim de assentar uma impostura que naquela época podia esperar durar (dado o analfabetismo das massas), mas que não resiste à crítica racional de nossa época. Recapitulemos, pois:

1) É indiscutível que o Saulo dos Atos e das Epístolas, que foi criado com Menahem e Herodes o Tetrarca, que oprime e captura aos cristãos, que é parente de Herodião, filho primogênito de Aristóbulo III, rei da Armênia, e de Salomé II, sua esposa, e que portanto é primo destes últimos, que tem relações entre «os da casa de César» e «os da casa de Narciso», que é protegido pelo Gallón, «amigo de César» e pró-cônsul da Acaia, irmão da Séneca, o Saulo a quem o tribuno Lisias dá uma escolta de 470 soldados, e que a seguir é protegido pelo procurador Félix, que discute amigavelmente com o rei Agripa e as princesas Drusila e Berenice, que é acolhido pelo prefeito do pretório. Burro, em pessoa, conselheiro de Nero junto à Séneca, que conversa e mantém correspondência com este último, é indiscutível, dizíamos, que esse Saulo é o mesmo que o Saulo irmão de Costobaro, ambos os «príncipes de sangue real», porque são netos de Salomé I, irmã de Herodes, o Grande (cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas, passim*), e que oprimem a determinados elementos da população.

E obtive facilmente a qualidade de cidadão romano, se relermos com atenção à Flavio Josefo: «Salomé, irmã de Herodes, o Grande, legou por testamento à imperatriz Livia, esposa de César Augusto, seu toparquia, com a Jamnia e os palmeiras que fizera plantar em Faraélida». (Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, II, XIII.)

Salomé I, avó de Saulo e de Costobaro, morreu no ano 14 de nossa era. Seus laços de amizade com a *domina augusta* eram normais, e eram fruto que os imperadores romanos manifestaram sempre para com seu irmão Herodes, o Grande. Assim pôde obter provavelmente a cidadania romana para seu marido Costobaro I.

O Saulo dos Atos e o Saulo de Flavio Josefo não são pois, inicialmente, uma mesma e única pessoa. E se as datas não coincidem *com exatidão*,

é porque se censurou, interpolado e extrapolado à torto e a direito, como veremos logo ao analisar os Atos dos Apóstolos.

2) O Saulo do Novo Testamento, efetivamente, não é um judeu de raça, pelas razões seguintes:

a) ignoramos totalmente seu nome de circuncisão, «Saulo-bar-X...», igual ao de seu pai. Agora bem, as famílias judias conservavam cuidadosamente sua genealogia. É óbvio que nos oculta alguma coisa;

b) todo judeu tinha que possuir um ofício manual, e os rabinos igual a outros. Este costume era lei, e um velho provérbio judeu dizia que um homem sem ofício era considerado como um bandido em potência. Pois bem, nos diz que Saulo, para viver, *tecia lonas para tendas*: «...e como era do mesmo ofício que eles, ficou em sua casa e trabalharam juntos, pois eram ambos fabricantes de lonas». (Atos, 18, 3.) O homem que tem o mesmo ofício que Paulo é Aquilas, originário do Ponto, reino da Ásia Menor do Nordeste. De modo que não é mais que um judeu da Diáspora, procedente de uma região onde se vive em tendas. Seu próprio nome não é hebreu. Agora bem. Paulo, segundo nos diz, vem de Jerusalém, onde realizou todos seus estudos rabínicos aos pés do grande doutor Gamaliel (Atos, 22, 3), o que representa toda sua adolescência e sua idade madura até sua conversão. *E faz mais de um milênio que os judeus se tornaram sedentários na Palestina. Ao ter deixado de ser um povo nômade, já não vivem sob tendas, a não ser em aldeias e cidades.* Numerosos rabinos são carpinteiros e trabalhadores de pedreira. Mas tecer tendas com pelo de cabra, destinadas à nômades pagãos, seria indigno de um judeu legalista. Trata-se de um ofício e uma necessidade próprios daqueles que saíram de povos em grande parte dedicados ao pastoreio, quer dizer de árabes, idumeus e nabateus.

Pois bem, o Saulo irmão do Costobaro é idumeu por parte de pai e pela filiação Iduméia paterna deste, mas por parte de sua mãe e sua bisavó Cypros, é de filiação nabatea. Esta última, conforme nos diz Flavio Josefo, pertencia a uma das mais ilustres famílias da Arábia (cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*. I, VI), famílias às quais ainda hoje se conhece como as dos «senhores das grandes tendas».

De todo modo, é difícil admitir que Saulo, príncipe herodiano *de sangue real*, achou-se jamais na necessidade de aprender outro ofício que não fora o das armas, e não são os aristocratas nem os homens em geral quem tecem as tendas de pelo de cabra entre os árabes, pois esta tarefa está reservada às mulheres do povo ou aos escravos.

Por outra parte, quando Saulo-Paulo conhece Aquilas e Priscila, estes acabam de chegar a Corinto, expulsos de Roma pelo decreto do Claudio César (cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Claudio*, XXV). Nosso homem se associa a eles na fabricação e comercialização de tendas, segundo

nos diz (Atos, 18, 3).

Vejamos agora duas perguntas embaraçosas:

I. Que plausibilidade tem o fato de que Aquilas e Priscila vivessem jamais em Roma, fabricando e vendendo tendas, quando a Itália não tinha já nenhuma população nômade? Os camponeses viviam em palhoças ou em granjas importantes, e os cidadãos habitavam em casas de vários andares, feitas de madeira ou de pedra. O povo vivia nas catacumbas.

II. Que plausibilidade há no fato de que Aquilas, Priscila e Paulo vivessem em Corinto, cidade grega, capital da província romana da Acaia, célebre por seu urbanismo, e que se mantivessem a base de uma fabricação e um comércio semelhantes? Na Grécia antiga acontece quão mesmo na Roma imperial: não existe o nomadismo. E imaginar que essas tendas eram exportadas supõe ignorar que os povos itinerantes da Ásia Menor, de um tipo particular, vivem sempre em uma autarquia latente. Além disso, os importantes rebanhos de cabras que acompanham a suas regulares migrações cíclicas auxiliam às necessidades de seus artesãos. Cada clã familiar no seio de cada tribo possui seu «ofício» rudimentar, efetuado pelas mulheres. E por outro lado, com que moeda, com que dinheiro saldassem semelhantes aquisições essas arcaicas etnias? É indubitável que os embutidos se vendiam em Roma, e que os vinhos da Grécia se exportavam, mas os únicos capazes de aproveitá-lo eram a rica aristocracia romana e alguns plebeus enriquecidos.

Vemo-nos, pois, forçados a deduzir que, uma vez mais, o escriba anônimo que redigiu esta passagem dos Atos dos Apóstolos deu rédea solta a sua imaginação também aqui, e que Saulo-Paulo jamais fabricou tendas. *Disponha de outros recursos, e aqui temos a prova: «Não cobicei prata, ouro ou vestidos de ninguém. Sabem que minhas necessidades e às dos que me acompanham têm provido estas mãos».* (Atos dos Apóstolos, 20, 33-34.)

Resulta difícil imaginar Saulo-Paulo trabalhando intermináveis horas em um ofício como o de tecer para assegurar a cama e a mesa à uns colaboradores que se refestelam olhando. Além disso, não era *cohén* (sacerdote) nem doutor da Lei, a não ser judeu. Portanto não podia subsistir do dízimo sacerdotal nas comunidades que visitava. Concluamos porque era rico, ou que possuía uns recursos misteriosos. Coisa que vem justificada pelo fato de que vivesse em Roma durante dois anos sem fazer nenhuma outra coisa que o que dizem os Atos: «Paulo permaneceu dois anos inteiros na casa que tinha alugado, onde recebia a todos os que iam a ele, pregando o reino de Deus e ensinando com toda liberdade e *sem obstáculos* o referente ao Senhor Jesus

Cristo». (Atos dos Apóstolos, 28, 30.)

3) Ao proceder de uma família de incircuncisos (é a recriminação essencial que os judeus fazem à dinastia Iduméia dos Herodes), o Saulo-Paulo do Novo Testamento é de entrada adversário da circuncisão e dos tabus judaicos, coisa que um *judeu de raça*, presa tanto de um subconsciente hereditário como da educação recebida em sua primeira infância, jamais se atreveria a infringir, e menos ainda a combater.

Voltemos a ler as Escrituras:

Atos (15, 1-35) – (21, 21);

Romanos (4, 9) – Gálatas (5, 2; 6, 12);

Filêmon (3, 3) – Colossenses (3, 11);

Gálatas (6, 15) – I Coríntios (7, 19)

Poderá constatar-se que esses textos são categóricos: Paulo é inimigo dos ritos judaicos essenciais. E em seu livro *Saint Paúl, apotre (imprimatur* de 12 de maio de 1952), Giuseppe Ricciotti tira a conclusão: «O *evangelho particular* de Paulo não impunha esses ritos; e mais, inclusive os excluía». Por conseguinte, se «seu evangelho» tinha sido aprovado, os ritos em questão se achavam excluídos, ao menos para aqueles que provinham do paganismo ao que Paulo dirigia sua mensagem.

E agora abordaremos um novo problema: Que homem era esse Saulo idumeu, irmão do Costobaro, neto da irmã de Herodes, o Grande (amiga da imperatriz Livia), «*príncipe de sangue real*», chefe da polícia política judeu-Iduméia, e como e por que acabou fundando esse *messianismo místico*, depois de ser o artífice da morte do *messianismo político* dos zelotes? Também aqui, segundo o velho provérbio judicial, bastar-nos-á “buscar à mulher”. Logo o veremos. De todos os modos, voltando para a qualidade de *civis romanos* que os falsificadores anônimos dos Atos dos Apóstolos lhe atribuem com vaidosa ostentação, em uma época em que o cristianismo se converteu na *religião do Estado*, veremos possivelmente aparecer ainda algumas fibras de verdade. E com isso, algumas novas surpresas para o leitor...

5 - Um estranho cidadão romano

... E me faço judeu com os judeus para ganhar aos judeus [...] Com os que estão fora da Lei me faço como se estivesse fora da Lei...

Paulo, I Epístola aos Coríntios,

9, 20-21

Anteriormente admitimos a afirmação dos Atos segundo a qual Saulo-Paulo tem a qualidade de *civis romanos*, cidadão romano. Vamos examinar agora o valor de tal afirmação.

Em primeiro lugar, é evidente que se nosso homem era judeu de raça, não podia ter esta cidadania naqueles tempos. Nenhum judeu do Oriente era cidadão romano, pela excelente razão de que, ao aceitar essa dignidade, era expulso *ipso facto* da nação judia, e submetia a terrível cerimônia do *herem*, ou expulsão definitiva, que afetava tanto à vida presente como à futura.

Todo cidadão romano devia participar do culto aos deuses do Império, em especial ao das divindades tutelar da cidade de Roma, e lhe estava proibido participar do dedicado à divindades estranhas não reconhecidas pelo Senado romano, e menos ainda no de uma divindade ilícita. Quer dizer, que se o culto ao Yavé, deus único, assimilado por Roma ao Zeus, permitia aos mais altos dignatários do Império fazer oferendas no Templo de Jerusalém, a um judeu de raça não lhe era possível fazer o mesmo com respeito aos *Dea Roma*, como Vesta, Apolo, Vênus, antepassados da *gens Julia*, os *Dea Genitri* e, especialmente, os *Dea Victoria*.

Mas o que dizer de um judeu de raça que durante anos se dedicou a fazer triunfar o culto a um certo rebelde chamado Jesus, crucificado por um procurador romano por ter pretendido ser «rei dos judeus»? E esse mesmo judeu de raça acrescentaria, além disso, injúrias blasfêmias para com os deuses do Império: «Servem à deuses que não o são!» (Gálatas, 4, 8), ou «O que sacrificam os gentis, aos demônios e não a Deus o sacrificam» (I Coríntios, 10, 20).

É simplesmente incrível!

Em conclusão, voltamos para nossas afirmações precedentes, ou seja, que Saulo-Paulo não era judeu de raça. Disso resulta que nada se opõe a que fora cidadão romano. Mas então, como?

Sugerimos a hipótese de que Salomé I, sua avó, amiga da imperatriz Livia, esposa do imperador Augusto, tivesse obtido a cidadania romana para sua família. Não é impossível. O imperador podia impor facilmente sua vontade no Senado romano. Vespasiano fez de Flavio Josefo um *civis romanus*, o que explica ainda melhor o ódio de seus compatriotas, já que isso implicava um verdadeiro adultério espiritual com respeito à religião judia.

Mas há também outros argumentos em favor da romanização de Saulo-Paulo. Renán, quem obviamente não ignorava a tese que proclamava ao Jesus filho de Judas da Gamala, mas que se guardou bem de emití-la tendo em conta o clericalismo da época, confessa-nos isso explicitamente: «Pode supor-se que seu avô a tinha obtido *por ter ajudado ao Pompeyo durante a conquista romana...*». (Cf. Ernest Renán, *Les Apotres*, P. 164.)

Exclui-se a possibilidade de que o avô de Saulo-Paulo, era judeu, fora

o suficientemente influente para ajudar ao *Cneius Pompeius Magnus* em sua conquista de todo o Oriente Médio: Fenícia, Líbano, Palestina, que acabou com a tomada de Jerusalém no ano 63 de nossa era. Além disso, naquela época não poderia tratar do avô de Saulo-Paulo, mas sim como mínimo de um bisavô: Antípater.

Antípater, idumeu, marido de Cypros I, princesa nabatea, e primeiro-ministro do Hircano II (rei sacerdote por quem Pompeyo substituiu ao Aristóbulo), empurrou este pelo caminho da colaboração com Roma. Manobrou habilmente entre os dois partidos durante a guerra civil romana que enfrentou ao César e Pompeyo, e ao final se aliou ao primeiro e enviou ao Egito um exército judeu de reforço no ano 48 antes de nossa era, liberando assim ao César de uma situação dramática num local de Alexandria, e lhe salvando inclusive a vida. Foi, além disso, o primeiro a penetrar em Pelusa. Como recompensa foi renomado administrador do Templo e procurador (no ano 47 antes de nossa era). César nomeou ao primogênito de Antípater, Fasael, governador de Jerusalém, e Herodes, o benjamim, converteu-se em governador da Galiléia. Vejamos o que nos conta Flavio Josefo: «O grande número de feridas que recebeu foram gloriosas marcas de seu valor. Depois que César terminara os assuntos do Egito e retornara à Síria, *honrou ao Antípater com a cidadania romana, com todos os privilégios que dela derivavam, ao que acrescentou tantas outras provas de sua estima e de seu afeto que o fez digno de inveja*». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*. I, VII.)

Aqui temos, pois, esse antepassado de Saulo-Paulo que Renán assegura que foi *civis romanus*! O que implica que nosso autor sabia perfeitamente a que se ater sobre as origens familiares do tal Saulo, e que se viu obrigado a calar parte de suas descobertas.

De todo modo, os espíritos mais desconfiados não deixarão de dizer que os filhos de Antípater, Fasael e Herodes, já tinham nascido quando se fez entrega de tal dignidade à seu pai. Se fazia extensiva também a eles? Porque neste particular o filho seguia a condição de seu pai no momento da concepção, no caso de matrimônios legítimos, e Antípater não era *cidadão romano* quando eles nasceram.

A isto responderemos que é impensável que César não fizesse implicitamente extensiva esta qualidade aos dois filhos. Em primeiro lugar, sempre foi muito liberal neste aspecto. Por exemplo, a *legio Alauda*, a famosa legião de L'Alouette, toda ela recrutada entre franceses, recebeu dele a categoria de *cidadã romana*, extensiva a todos seus membros, independentemente de sua graduação. (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: César*, XXIV.)

Por outra parte, a França anterior à Revolução de 1789 estava regida

por leis e costumes que procediam diretamente do direito romano. Pois bem, o enobrecimento de um plebeu implicava o de toda sua descendência, até no caso de que o nascimento de seus filhos fosse anterior a tal enobrecimento. *Estes eram enobrecidos implicitamente de uma vez com ele.* Este costume não tinha nenhuma exceção.

Mas, seguirá objetando-se, Saulo-Paulo era neto de Herodes, o Grande, por linha feminina; neste caso, era transmissível por via materna tal qualidade, verdadeira nobreza secundária no seio do Império romano? A isto seguiremos dizendo que sim. Em todas as «*terras e províncias do Sacro Império Romano Germânico*» (na França: Flandes, Champanha, Lorena, Borgonha, Delfinado, Provença) existia a nobreza *uterina*, transmissível através das filhas, em virtude do direito romano que decretava que «o filho segue a sorte do ventre que lhe levou».

Sem dúvida se voltará a argüir que Herodes levava simplesmente os títulos de *amigo e aliado do povo romano*, e que isso não implica a cidadania romana. Não devemos esquecer que, nesta época, Herodes, o Grande, é rei da Judéia, de Samaria e da Galiléia. É um soberano vassalo de Roma, mas um soberano independente, dono de seu reino. Esta função a exerce, pois, livremente, nos termos citados: *amigo e aliado do povo romano* não implicam portanto (por pura cortesia) a sujeição que implicaria necessariamente a corriqueira definição de *cidadão romano*. Estes termos o elevam a um nível muito superior, substituindo-o.

Por outra parte, manifestou-se sempre *como cidadão romano*. Reconstruiu o Templo de Jerusalém, se fez reconhecer aos judeus seus direitos mais sagrados contra os gregos, já anti-semitas, em matéria religiosa, comportou-se deste modo como fiel observador dos deveres de um *civis romanus*, restaurando ou construindo numerosos santuários pagãos, correndo com todos os gastos, especialmente o santuário de Apolo Pítio em Rodas (cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XVI, V). Pois bem, a isto não estava obrigado em caso de não ter sido cidadão romano, já que tais manifestações propagadas não faziam mais que aumentar o ódio dos judeus integristas para ele.

Acreditam, pois, que é a esta filiação herodiana a que Paulo poderá referir-se quando afirma ante o tribuno Lisias: «Pois eu a tenho por nascimento». (Atos dos Apóstolos, 22, 28.)

6 - A dinastia Iduméia

**A verdade dos deuses está em proporção com a sólida
beleza dos templos que lhes levantou.**

Ernest Renán, *Origine du*

Christianisme

Não nos parece inútil dar uma breve visão histórica das origens de

toda a grande família herodiana, já que, para compreender o comportamento de Saulo-Paulo, é importante conhecer bem sua herança, seu psiquismo racial e suas crenças iniciais.

Julio, o Africano, escritor cristão do século III, em sua *Carta ao Aristides*, reproduzida parcialmente nas *Quaestiones ad Stephanum* de Eusébio da Cesaréia, recolheu diversas tradições a este respeito em obras anteriores, em especial as de Nicolau o Damasceno, Ptolomeo de Ascalón e as *Memórias* de Hegesipo.

Julio, o Africano, precisa que foram «parentes *caruais* do Salvador», quer dizer familiares muito próximos, irmãos, sobrinhos, ou inclusive a própria Maria, sua mãe, quem contribuiu com certas tradições sobre a origem da família dos Herodes. E este fato não faz mais que reforçar a hipótese avançada por Daniel Massé, como conclusão a suas próprias investigações (e ele fora juiz de instrução), de que existiram laços «por aliança» entre a família herodiana e a dos «filhos de David». *A última esposa de Herodes, o Grande, Cleópatra de Jerusalém, viúva de um «filho de David», teria se casado em segundas núpcias com o chamado Herodes, segundo Massé. (Supra: P. 37.)*

Por muito surpreendente que resulte esta hipótese, acha-se seriamente sustentada por um fato que a tradição cristã reservada ao povo simples oculta cuidadosamente, e esse fato é a *riqueza indiscutível da família davídica*, quer dizer a importância dos bens possuídos por Maria, mãe de Jesus, e as diversas rendas recebidas por este último.

Sobre estas, remetemos ao leitor a nossa obra precedente, ao capítulo intitulado «O dízimo messianista». Entre os bens imóveis da família podemos mencionar já com certeza a casa familiar de Gamala, esse ninho de águias, berço da família; a casa de Cafarnaúm, citada em Mateus (4, 13), e no Marcos (1, 29), que pertencia ao Simão e André, *irmãos de Jesus* a de Séforis, destruída nos anos 6 aos 4 antes de nossa era pelas legiões de Varo, legado de Síria, quando teve lugar a primeira revolução de Judas da Gamala, marido de Maria e pai de Jesus; podemos acrescentar a de Betsaida, «a cidade de André e de Pedro» (João, 1, 44), já que, repitamo-lo, são irmãos de Jesus.

Também o abade Emile Amann, ao traduzir e comentar o *Protoevangelio de Santiago*, consagrado à Maria, suas origens e sua infância, observa que, segundo o texto: «Joaquim [o pai de Maria] é *enormemente rico*, e isto constitui uma resposta direta às acusações judias sobre a pobreza da Maria». (Cf. E. Amann, *O Protévangile de Jacques, imprimatur* do 1-2-1910, Letouzey éditeur. Paris, 1910, p.181.)

Coloca-nos, pois, muito longe da família mísera que nos apresentam perpetuamente para nos enternecer.

Vejamos o que diz sobre isso o Africano, reproduzido por Eusébio da

Cesaréia: «Isto não se disse nem sem provas nem ligeiramente. Porque os familiares carnis do Salvador, *bem seja para vangloriar-se ou simplesmente por contá-lo —mas, em todo caso, dizendo a verdade—*, transmitiram também o seguinte:

»Uns bandidos idumeus assaltaram a cidade de Ascalón, na Palestina, e da capela de Apolo, que estava levantada perto das muralhas, levaram-se junto com o resto do roubo ao pequeno Antípater, filho de um servidor do templo, Herodes, e o fizeram prisioneiro. Ao não poder pagar o sacerdote o resgate por seu filho, Antípater foi educado segundo os costumes dos idumeus, e mais tarde gozou do afeto de Hircano, supremo sacerdote da Judéia. Logo foi enviado por Hircano em embaixada junto ao Pompeyo, e obteve em favor daquele a liberdade do reino que tinha sido arrebatado ao Aristóbulo, seu irmão. Ele mesmo teve a boa fortuna de ser renomado *epimeleta* da Palestina.

»Logo, depois de ser assassinado Antípater a traição, por causa do ciúmes provocados por sua sorte, seu filho Herodes o sucedeu, e mais tarde este foi chamado por Antonio e Augusto, em virtude de um decreto do Senado romano, para que reinasse sobre os judeus. Seus filhos foram Herodes e os outros tetrarcas idumeus. E assim se encontra também na história dos gregos.

»Até então, nos arquivos se encontravam copiadas as genealogias dos verdadeiros hebreus, e as dos partidários de origem, como Aquior o Amanita, Rut a Moabita, e as das pessoas saídas do Egito e que se mesclaram com os hebreus. Herodes, a quem a raça dos israelitas não interessava em nada, fez queimar os registros dessas genealogias, imaginando-se que assim poderia parecer nobre, pelo fato de que ninguém poderia remontar-se nos registros públicos até suas origens, até os patriarcas ou partidários ou estrangeiros mesclados, chamados *geores*.» (Eusébio da Cesaréia: *História eclesiástica*. I, VII, 11-44.)

O que Flavio Josefo nos transmite em suas obras não por não ser rigorosamente idêntico deixa de ser menos sensivelmente análogo. Vejamos o que diz este autor: «Um idumeu chamado Antípater, muito rico, muito empreendedor e muito hábil, era grande amigo do Hircano e inimigo do Aristóbulo. Nicolau o Damasceno o faz descender de uma das principais casas de quão judeus retornaram a Judéia desde Babilônia, mas o diz pelo Herodes, seu filho, a quem a fortuna logo elevou ao trono de nossos reis, como veremos em seu lugar.

»Antes o chamavam, não Antípater, mas Antipas, como seu pai, quem ao ser renomado pelo rei Alexandre e a rainha sua esposa, governador de toda a Iduméia, cercou amizade com os árabes, os gazaenos e *os ascalonitas*, e ganhou seu afeto mediante grandes presentes». (Cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XIV, il.)

«A esposa desse Antípater, chamada Cypros, pertencia a uma das mais ilustres casas da Arábia. Teve dela quatro filhos varões: Fasael, Herodes, que depois foi rei, José e Perora, e uma filha chamada Salomé. Sua sábia conduta e sua liberalidade lhe granjearam a amizade de vários príncipes, e especialmente do rei dos árabes, a quem confiou seus filhos quando esteve em guerra com o Aristóbulo.» (Cf. Flavio Josefo, *Guerras dos judeus*. I, vi.)

Não obstante, existe uma divergência genealógica entre as tradições recolhidas por Julio o Africano e as recebidas por Flavio Josefo. Vejamos:

Julio, o Africano:

- 1. Herodes, sacerdote do Apolo no Ascalón, de onde:**
- 2. Antípater, amigo do Hircano, de onde o futuro rei:**
- 3. Herodes o Grande.**

Flavio Josefo:

- 1. N..., governador da Iduméia, de onde:**
- 2. Antípater, aliás Antipas, marido de Cypros, de onde:**
- 3. Herodes o Grande.**

De qualquer maneira, e como pode constatar-se, Saulo e Costobaro, príncipes herodianos, netos de Salomé I, irmã de Herodes, o Grande, são árabes idumeus por seu bisavô, e árabes nabateus por sua bisavó.

O berço da família foi, sem lugar a dúvidas, Ascalón. Esta cidade, recuperada por Israel, formava parte da herança da tribo de Judá. Os árabes chamavam-na Khirbet Askalon, quer dizer «as ruínas do Ascalón». Benjamim da Tudela fala dela como de uma cidade construída à beira do mediterrâneo por Ezra «o Sacerdote», e que então denominavam Benibra. Esta cidade cananea foi conquistada pelos faraós do Egito no ano 1500 antes de nossa era. Rebelou-se contra seus ocupantes em 1280 A. C., mas esta rebelião foi sufocada por Ramsés II. Logo se converteu em uma das cinco cidades ocupadas pelos filisteus, um dos centros de sua cultura, e por último em uma praça forte de Israel.

O comércio foi ali particularmente próspero nos tempos dos grandes períodos bíblicos, na época dos Juízes e das dinastias reais. Segundo a tradição. Sansão, traído por Dalila, foi capturado ali pelos filisteus e sucumbiu durante o célebre episódio. Quando o rei Saúl morreu ali à mãos dos guerreiros filisteus, David se lamentou poeticamente no célebre «Cântico do Arco», que ordenou fora ensinado aos meninos de Judá, e que foi transcrito a seguir no Livro do Justo, o qual se perdeu: «O esplendor de Israel sucumbiu em suas colinas! Como é que caíram os valentes? Não o façam saber no Gat, e não o anunciem nos caminhos do Ascalón, a fim de que não se gozem por isso as filhas dos filisteus, a fim

de que não triunfem os filhos dos incircuncisos! OH Montes do Gélboe! Que nem o rocio nem a chuva descendam sobre vós, nem haja campos que dêem as primícias para as oferendas! Porque é ali onde se manchou o escudo dos heróis». (II Samuel, 1, 19-21.)

Os profetas Jeremias, Amos e Sofonio amaldiçoaram a seguir à cidade, e chamaram sobre ela à desolação. Foi submetida e presa por Sargón e Senaquerib. A partir da conquista de Alexandre converteu-se em uma opulenta cidade helenística, entregue especialmente ao culto Derceto ou Atergatis, deusa com rosto de mulher e corpo de peixe.

Foi nesta cidade totalmente pagã por suas origens, seu passado e sua etnia onde nasceu o futuro Herodes, o Grande. Sua orientação religiosa forçosamente ressentiu-se por isso, e ao não ser judeu, não deve surpreendermos que construía em diversos lugares templos pagãos, embora tivesse restaurado magnificamente o de Jerusalém, por pura concessão política.

Iduméia e Nabatea eram, com efeito, profundamente pagãs, sobretudo a segunda. Rene Dussaud, membro do Instituto, diz-nos o seguinte em seu estudo sobre os povos dessas regiões: «Ao lado do culto organizado e dos oráculos pronunciados nos santuários, *os árabes do Yemen praticavam a magia e a bruxaria*. Como acontece entre todos os semitas, a distinção entre o profano e o sagrado, *o puro e o impuro é muito nítida e categórica [...]* Os antigos cultos da Arábia meridional se integram no conjunto dos cultos semíticos. Os cultos árabes do sul (mineanos, sabeus, himyaries) são-nos conhecidos mediante textos que vão do século VIII A. C. até o VII de nossa era. Manifestam, em primeiro lugar, uma organização teocrática sob a autoridade do *moukarrib, ou príncipe-sacerdote*. A seguir aparecem reinos laicos dominados por alguma família importante [...]. *Os sacrifícios cruentos, assim como queima de incenso, estavam ali muito estendidos*». (Cf. Rene Dussaud, *Les religions des Hittites et des Hourrites, des Phéniciens et des Syriens*, cap. III: «Nabathéens et Safantes», Paris, 1945.)

Por certo que esses príncipes sacerdotes os encontramos também em Israel nessa época (século I A. C.), dentro da dinastia asmonea (como é o caso de Alexandre Janeo, o primeiro deles). De maneira que não nos surpreendamos muito se logo nos encontrarmos com um Saulo, príncipe idumeu, iniciado nos ocultos da magia e sabendo dirigir tanto as forças de cima como as mais sinistras de baixo. Para nos persuadir nos bastará relendo I Coríntios, 5, 5, e I Timóteo, 1, 20. A atração para o ocultismo se encontra em todas as classes sociais, em todas as épocas, desde Salomão até Nicolau II, do imperador Rodolfo até Catarina de Medicis, sem esquecer Gilies de Rais e Erzsebet Bathory...

O culto ao Derceto, ou Atergatis, próprio de Ascalón (junto com o de

Apolo, já que o avô de Herodes, o Grande, era sacerdote deste), não deve nos fazer esquecer aqueles outros, mais sutis, que gozavam do favor de toda a Arábia nabatea.

Temos, por exemplo, Bel-Samin, o deus supremo, o «Senhor dos Céus», que estava flanqueado pelo Dusares, o Dionisos arabizado, e Allat, uma espécie de Ateneu, embora mais venusiaca. Naquela época existia na Nabatea ainda o que Roma fazia desaparecer de todas aquelas partes aonde ocupava a classe de potência ocupante, quer dizer os sacrifícios humanos associados às oferendas de incenso. Pelos textos de Ras Shamra sabemos que nesse país de Edom desempenhava um papel ritual o *vinho*. Ao suco da uva associava-lhe, desgraçadamente, o *sangue* humano, cuja púrpura criminalmente oferecida fazia-se correr sobre as *pedras cúbicas* que serviam de altar, em determinadas festas. Havia também *ágapes rituais*, no curso dos quais uma parte das oferendas era consumida pelo fogo, e assim oferecida à deidade, e o resto era consumido pelos sacerdotes ou os fiéis? É provável. Uma passagem de Aelio Aristido, escritor do século II, diz-nos que as comidas rituais celebradas no templo de Serapis tinham por objetivo estabelecer uma estreita comunicação psicopneumática entre o deus e os participantes. E Flavio Josefo nos diz o mesmo do culto ao Anubis: «Quando acertaram tal acordo, disse que vinha da parte de Anubis, porque o deus, vencido pelo amor que sentia por ela, convidava-a a ir a ele. Ela acolheu essas palavras com gozo, presumiu ante seus amigos da eleição de Anubis e disse a seu marido que lhe tinham anunciado o *ágape* e o *leito* de Anubis. Seu marido consentiu isso, porque provara a virtude de sua esposa. Ela foi, pois, para o templo, e *depois de ter comido*, quando chegou o momento de dormir, uma vez estiveram as portas fechadas pelo sacerdote do interior do templo, e as luzes apagadas, o cavaleiro Mundus Decius, que se tinha oculto ali antes, não deixou de unir-se a ela, e ela se entregou a ele durante toda a noite, imaginando-se que era o deus». (Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XVIII, III, 4.)

tratar-se de um cabrito, um cordeiro...; a vítima simbólica variava segundo o deus.

Todavia, esta noção particular, mesmo que as formas antigas desse tipo de ritual caíssem em desuso em princípios de nossa era, e embora se oferecessem espécies de substituição em lugar das antigas vítimas viventes (antigamente humanas, logo animais), esta noção, dizemos, tinha impregnado todo o paganismo árabe, e Saulo não podia escapar a isso.

O mesmo desenvolveria mais adiante, e é uma prova mais de que não era um judeu de raça, já que tal noção era totalmente estranha ao sacerdócio de Israel. Os sacerdotes tomavam para si e para sua família certas partes das vítimas oferecidas, porque deviam *viver do altar*, simplesmente, tanto dos donativos diretos como dessas partes extraídos. Mas jamais se subentendeu que, ao consumir o cordeiro sacrificado durante a grande Páscoa anual, as famílias judias devorassem ao Yavé, o Deus de Israel, o Eterno! Enunciar semelhante hipótese seria castigado como o pior dos sacrilégios.

Pois bem, Saulo sustenta tal idéia. E não só a sustenta, mas também ensina-a, afirma-a, justifica-a e põe em prática: «Falo-lhes como a homens inteligentes. Julguem vocês mesmos o que lhes digo. O cálice de bênção que benzemos não é acaso *a comunhão com o sangue* de Cristo? O pão que fracionamos não é acaso *a comunhão com o corpo* de Cristo? [...] Olhem aos *israelitas segundo a carne*: por ventura os que comem das vítimas não entram em comunhão com o altar?». (Paulo, I Coríntios, 10, 15-19.)

Nesta passagem Saulo nos demonstra que:

a) acredita em um uso de *origem absolutamente pagã*: a comunhão com os deuses mediante a ingestão parcial das oferendas;

b) não se considera como um *israelita segundo a carne*, situa-se à parte, com os *gentis* aos que se dirige;

c) o que enuncia é uma enormidade: a comunhão com o altar, quer dizer com o Deus de Israel, compartilhando as vítimas entre Deus e os sacerdotes. E semelhante ignorância, semelhante heresia são impensáveis por parte de um homem que se vangloria de ter passado o tempo de seus estudos aos pés de Gamaliel, neto do grande Hillel, e célebre doutor (Atos dos Apóstolos, 22, 9).

Mais ainda, desenvolve sua teoria eucarística justificando-a mediante esses mesmos costumes pagãos que recordávamos antes: «O que digo, pois? Que a carne sacrificada aos ídolos é algo, ou que um *ídolo* é algo? Em modo algum. Eu digo que o que sacrificam os gentis, aos *demônios* e não a Deus o sacrificam. Pois bem, eu não quero que vós entrem em comunhão com os *demônios*. Não podem beber o cálice do Senhor e o

cálice dos demônios. Não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. Ou queremos provocar o ciúmes do Senhor? Somos acaso mais fortes que ele?». (Paulo, I Coríntios, 10, 19-22.)

Agora, em apoio de nossas conclusões, citaremos duas autoridades da exegese liberal: «Pretendida as palavras da instituição eucarística só têm sentido na teologia de Paulo, que Jesus não tinha ensinado, e na economia do “mistério” cristão, que Jesus não tinha instituído». (Cf. Abade Alfred Loisy, *L'initiation chrétienne*, P. 208.)

***[O abade Alfred Loisy (1857-1940) foi catedrático de Hebreu no *Institut Catholique de Paris*, e logo catedrático das Sagradas Escrituras, até 1889. Viu-se obrigado a abandonar sua cátedra em 1893, e foi nomeado professor na *École Pratique des Hautes Etudes* em 1900, e logo professor de História das Religiões no *Collège de France* de 1909 a 1930. Foi excomungado no ano de 1908, porém, isso não alterou nada seus trabalhos.]**

«Mas então, de onde procede esse rito? De onde procedem essas palavras? Não de Israel. Os judeus não ignoravam a comunhão da mesa, e muitos esperavam com firme esperança o “festim messiânico”; fala-se disso nos Sinóticos*. Suas seitas, por exemplo os essênios e os terapeutas, praticavam *ágapes sagrados* que se pareciam muito aos *ágapes de sacrifício*. Mas em qualquer parte tratava-se tão somente de um *signal de fraternidade*; em nenhuma parte se percebe rastro algum de *teofagia*.» (Cf. Charles Guignebert, *O Cristo*, III.)**

***[Sobre esse festim veja-se, em especial: Mateus, 22, 1-14; Marcos, 14, 25; Lucas, 22, 30. Trata-se de um banquete de festa, entre irmãos, somente. Ali não se devora a carne nem o sangue de nenhum deus.]**

****[Teofagia: manutenção do simulacro de um deus ou de uma vítima substituta.]**

Todas estas anomalias, todas estas heresias, tão dogmáticas como rituais, são impensáveis em um pretendido judeu de raça, «hebreu e filho de hebreu, educado aos pés de Gamaliel».

Entretanto, compreendem-se perfeitamente em um príncipe herodiano, de origem iduméia por via masculina e nabateo por via feminina, e que não é, *psíquica e hereditariamente falando*, a não ser um beduíno ainda imbuído de paganismo, inconscientemente ou não.

Esse «Cristo» que nos apresenta *pela primeira vez*, de quem ninguém ouviu falar antes nas diversas correntes do messianismo político (falava-se do *messiah*, do «messias», o qual é muito diferente), é desconhecido por aqueles que conheceram Jesus, que viveram com ele o desmoronamento das esperanças na vinda do «Reino». E em pleno século V, as *Homilias Clementinas* reconheceram a doutrina «adopcionista» sustentada pelo grande Orígenes no começo do século

nem, que Jesus foi alguém mais que um *subordinado* ao Pai, em virtude de sua *adoção*: «Nosso Senhor, respondeu Pedro, não disse jamais que existissem deuses além do Criador de todas as coisas, *nem se proclamou, jamais a si mesmo, como Deus*, mas sim, com razão, declarou bem-aventurado aquele que Ihe chamou *filho* do Deus Ordenador do Universo». (Cf. *Homilias Clementinas*, XVI, XV.)

Agora bem, esse título de «filhos de Deus» é próprio a todas as *criaturas*, tão angélicos como humanas. Citaremos simplesmente as passagens nas quais não há equívoco, a fim de não alongar inutilmente este capítulo:

«Os filhos de Deus [os anjos] viram que as filhas dos homens eram formosas...» (Gênesis, 6, 2.)

«Os filhos de Deus [os anjos] foram um dia apresentar-se ante o Eterno...» (Jó, 1, 6.)

«Os filhos de Deus lançavam gritos de alegria...» (Jó, 38, 7.)

«Aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus...» (Paulo, Romanos, 8, 14.)

«São todos filhos de Deus pela fé...» (Paulo, Gálatas, 3, 26.) É mais, a *Doutrina dos doze apóstolos* —denominada também *Didakhé*—, citada por Eusébio de Cesaréia como um texto a classificar entre os apócrifos (cf. *História eclesiástica*, III, XXV, 4-5), o que demonstra que já era conhecida no século IV, faz de Jesus um simples «servidor» de Deus, *ebed laweh*.

«Quanto à eucaristia, dêem graças assim: Primeiro referente ao cálice: Damo-Ihe obrigado, Oh nosso Pai, pelo santo vinho de David, seu servidor, que você nos tem feito conhecer *pelo Jesus seu servidor*; glorifica a Ti nos séculos!

»Logo, referente ao pão partido: Damo-Ihe graças, Oh nosso Pai, pela vida e a ciência que Você nos tem feito conhecer pelo Jesus seu servidor. Glorifica a Ti nos séculos!». (Cf. *Doutrina dos doze apóstolos 1-3*.)

Assim, neste texto à Jesus qualifica-Ihe de *servidor de Deus*, o mesmo título que ao David; não é outra coisa que o *ebed laweh*.

Por outra parte, Saulo-Paulo (ou o escriba que efetua as composições sob seu nome) não ignora que a Lei recebida por Moisés foi comunicada no Sinai, não pelo próprio Deus, mas sim por um *mediador*, o *Mátatrón-saar-ha-panim*, ou «príncipe das Faces», a quem também se denomina *Saar-ha-Gadol*, o «grande príncipe», ou *Saar-ha-Olam*, o «príncipe do Mundo»: «A Lei foi promulgada pelos anjos, por mão de um Mediador». (Paulo, Gálatas, 3, 19.)

E então coloca, em sua teologia pessoal, um novo mediador entre Deus e os homens, esse «Cristo» que ele inseria pela primeira vez na

nova teodiceia: «Há um só mediador entre Deus e os homens». (Paulo, I Timóteo, 2, 5.)

«Jesus é o mediador de uma aliança mais excelente». (Paulo, Hebreus, 8, 6.)

E o que é mais grave ainda, Saulo ignora que o Mediador é *todo o Israel*, o povo inteiro, não como modelo, mas sim como «depositário da palavra e dos oráculos de Deus» (Paulo, Romanos, 3, 2), o que induz a acreditar que está em contradição consigo mesmo. Porque esqueceu a mensagem de Isaías, coisa bem estranha para um «judeu de raça» que fez seus estudos aos pés de Gamaliel: «Assim diz o Senhor: No tempo favorável lhes escutei, no dia da salvação lhes ajudei, conservei-lhes e estabeleceu *para ser os mediadores do povo*, renovar a terra e recuperar as verdades devastadas». (Isaías, 49, 8.)

E o que dizer do fato de que o Pai, tanto se se trata do texto de Mateus (6, 9) como de Lucas (11, 1-4), não mencione ao *Filho*, menos ainda ao *Espírito Santo*, e não diga nenhuma palavra da *Virgem*! O que sim é certo é que Saulo-Paulo, como bom árabe nabateo, não concederá jamais às mulheres o mínimo direito na religião que está fundando; voltaremos para isso mais adiante.

7 - De Saulo, príncipe herodiano, ao Simão, o Mago

Mas já à chamada de Astarté desperta, orvalhado pelo cinamomo, o misterioso Marido. ressuscitou o antigo adolescente! E o céu em flor parece uma imensa rosa, que tingiu com seu sangue um Adonis gigante...

J.-M. DE HÉRÉDIA «*Les Trophées*», *le réveil d'un dieu*

Simão o mago ocupa na história das origens do cristianismo um lugar importante, com ou sem razão. Dos Atos dos Apóstolos até as obras especializadas, redigidas pela grande corrente patrística contra as heresias em geral, a literatura cristã menciona a existência desse misterioso personagem.

Fez-se dele o pai de todas as heresias, e se tentou justificar esta paternidade nas doutrinas que acertada ou equivocadamente surgiram da sua própria. Quer dizer, que não é necessário defender o interesse que reveste o estudo da personalidade, real ou imaginária, de Simão o Mago.

Agora bem, ao redor de 1850, vários exegetas austríacos e alemães suspeitaram que detrás de Simão, o Mago, se ocultava em realidade o

apóstolo Paulo. Citemos simplesmente: Baur (*Tüb. Zeitschr. F. Theol.*, IV, 136, e *K.-Gesch. dersserst. Jahrh.*, P. 186, sq.), Zeller (*Apg.*, 158, sq.), Volkmar (*Theol. Jahrh.*, 1856), Hilgenfeld (*Die Clem., Recogn. U Homil.*, P. 319), Lipsius (*Die Quellen der römischen Petrusage*), Schenkel (*Bibel-Lexikon*, art. «*Simão der Magier*»).

Esta escola, como se vê, estava dotada de didatas de valor, e a nova opinião, defendida a seguir por grande número de críticos, negou imediatamente a existência histórica de Simão, o Mago. De fato se apoiava sobre uma constatação de importância, ou seja, que em bom número de documentos da tradição, o nome de Mago não era outra coisa que um pseudônimo do apóstolo dos gentis, e que os ataques dirigidos contra Simão nos Atos e nas obras patrísticas o eram em realidade contra Saulo-Paulo.

Se toda a lenda não tiver outra base que esta confusão dos dois personagens, confusão que inicialmente foi intencionada, e que logo foi mantendo-se por causa da ignorância geral, resultará impossível admitir a existência histórica de Simão, o Mago, e então terá que qualificar de puramente mítico tudo que se disse dele, e por conseguinte terá que descartá-lo. A maior parte dos escritores eclesiásticos antigos contam que Simão foi em princípio discípulo de João, o Batista, e de *Dositeo*. (Outros, pelo contrário, fazem de *Dositeo* um discípulo de Simão.) Tenhamos em conta este parentesco ideológico, porque logo voltaremos para ele.

Observaremos, em primeiro lugar, que tinha «*seu evangelho*». No manuscrito antigo de um tratado siríaco sobre *O Santo Concílio da Nicéia*, redigido pelo bispo Maruta de Maiferkat, amigo de João Crisóstomo e embaixador do imperador Arcadio —filho de Teodosio—, ante o rei da Pérsia Jezdegerd, em finais do ano 399, destaca-se a existência de um *Evangelho de Simão, o Mago*, utilizado pela seita que leva seu nome (os *simonianos*). Está dividido em quatro partes, daí seu nome: *Livro dos Quatro rincões do Mundo*. Por conseguinte se dirige ao mundo inteiro, *incluídos os gentis*, o que, tendo em conta a época, resulta *muito paulino*.

São Ireneu, por sua parte, justifica a existência dos quatro evangelhos canônicos com o mesmo argumento: «Como há quatro regiões no mundo onde estamos, e quatro ventos principais, assim...», etc. (Cf. Ireneu, *Contra as heresias*, III, XI, 8.) Conviremos em que a analogia é mais que singular, já que Paulo também tem «*seu evangelho*» (utilizando a mesma expressão).

Citaremos simplesmente:

«Deus julgará [aos homens] segundo *meu* evangelho...» (Paulo, Romanos, 2, 16.)

«Ao que pode lhes confirmar segundo *meu evangelho...*» (Paulo, Romanos, 16, 25.)

«Se *nosso evangelho* ficar ainda velado, é para os que vão à perdição...» (Paulo, II Coríntios, 4, 3.)

«Porque se viesse algum [...] pregando *outro evangelho* que o que abraçastes, suportariam-no de bom grado. Entretanto, eu acredito que em nada sou inferior a esses preclaros apóstolos.» (Paulo, II Coríntios, 11, 4.)

«Maravilho-me de que tão logo lhes passem do que lhes chamou pela graça de Cristo a *outro evangelho diferente....*» (Paulo, Gálatas, 1, 6.)

«Mas embora nós ou um anjo do céu lhes anunciasse *outro evangelho distinto* do que lhes anunciamos, seja anátema...» (Paulo, Gálatas, 1, 8.)

«Para a qual lhes chamou Deus por meio de *nosso evangelho...*» (Paulo, II Tessalonicenses, 2.14.)

«Lembre-se de que Jesus Cristo, da linhagem de David, ressuscitou dentre os mortos, segundo *meu evangelho...*» (Paulo, II Timóteo, 2, 8.)

Como se vê, o Paulo do Novo Testamento não cita nenhum outro evangelho canônico mais que o seu, só apresenta este, e anatematiza a quem quer que pregue outro. Conviremos em que um recém-chegado à coorte apostólica isso supõe uma grande audácia! A menos que o seu fora, realmente, o primeiro evangelho conhecido por este nome...

Voltando para Simão, o Mago, observaremos que segundo Justino, toda a cidade da Naplusa, a antiga Siquem, era *simoneana* (cf. Justino, *Apologia*, I, XXVI, 3). Os seguidores de Simão, portanto, não constituíram uma pequena capela fechada ou secreta, mas sim, sem lugar a dúvidas, Simão foi o chefe de uma grande Igreja. Igual a Paulo.

Simão, o Mago ia acompanhado de uma mulher de grande beleza. Segundo a mordaz afirmação dos heresiólogos. Simão a comprara no lupanar onde se encontrava, em Tiro.

Do mesmo modo, parece que Paulo brigou com a grande Igreja por causa de uma companheira: «Acaso não temos direito a levar conosco uma irmã *que seja nossa mulher?*». (Cf. Paulo, I Coríntios, 9, 5.)

Por outra parte, logo veremos que, segundo as *Homilias Clementinas* (atribuídas à Clemente de Roma), Simão, o Mago, fora criado em Tiro, *com outros dois meninos*, por uma mulher de raça cananéia, Justa, quão mesma foi ao encontro de Jesus quando este se retirou à Fenícia. (Cf. Mateus, 15, 21-24, e Marcos, 7, 24-25.)

E como já vimos, Saulo fora criado com Herodes, o Tetrarca e Menahem (Atos, 13, 1). Igual a Simão, o Mago, criara-se *com outros dois meninos*.

Segundo as mesmas *Homilias Clementinas* (II Homilia, XXI-XXII). Simão, o Mago, tem um discípulo chamado Aquilas. Segundo os Atos dos

Apóstolos, Paulo tinha um discípulo chamado Aquilas (Atos, 18, 2; Romanos, 16, 3; II Timóteo, 4, 19; I Coríntios, 16, 19).

Não nos propomos realizar um estudo completo da vida de Simão, o Mago, outros se encarregaram disso antes de nós; não obstante, seus estudos não estavam motivados pelo mesmo. Nos propomos unicamente investigar nos documentos procedentes da tradição judeu-cristã, para ver se é possível estabelecer a existência *histórica* de nosso personagem. Em outros termos, a questão que se expôs nesta obra, antes das conclusões afirmativas que se desprendem, era a seguinte: Existiu na história um mago chamado Simão, ou o nome do Simão o Mago não era a não ser um pseudônimo que seus adversários aplicavam ao apóstolo Paulo?

Os documentos aos quais fazemos alusão antes são de natureza e valor diversos. Pertencem, ao menos em sua forma atual, à diferentes períodos da Gênese do cristianismo. Alguns deles sofreram transformações e perderam sua fisionomia primitiva. Esse é o caso das *Homilias Clementinas*, os *Atos de Pedro e de Paulo* e os próprios *Atos dos Apóstolos* como vimos na *Confissão de São Cipriano*.

Os atos de Pedro e de Paulo

Achamo-nos aqui em presença de um documento histórico mais importante do que pudesse parecer a primeira vista. Porque se em sua forma atual os *Atos de Pedro e de Paulo* não se remontam mais à frente do século V, não obstante é seguro que os elementos de que se compõem, e que se foram confundindo paulatinamente, remontam-se à épocas muito diversas, e o exame do conteúdo demonstra que, em algumas de suas partes, a obra não é afinal de contas, mais do que produtos literários do grande partido judeu-cristão dos dois primeiros séculos. No referente à crítica, remetemos ao Lipsius (*Die Quellen der römischen Petrussage*, P. 47, sq.), e ao Hilgenfeld (*Novum Testamentum extra canonem receptum*).

Os *Atos de Pedro e de Paulo*, tal como nos chegaram, estão destinados a nos contar a luta, cheia de prodígios e de acontecimentos sobrenaturais, como sempre, que em Roma enfrentam os dois apóstolos contra Simão, o Mago, assim como a morte ignominiosa deste e o martírio glorioso dos dois primeiros.

A primeira vista a leitura deste escrito pode parecer inútil do ponto de vista histórico, e parece como se tão somente a fantasia tomasse parte na redação desses relatos, onde se dá rédea solta ao amor pelo maravilhoso. Nenhum exegeta católico ou protestante moderno lhe concedeu jamais o mínimo crédito por essa mesma razão.

Vemo-nos transportados imediatamente em que Paulo chega a Roma, depois de seu naufrágio nas águas de Malte. Pedro lhe tinha precedido a

«grande Babilônia» para combater ali Simão, o Mago, que é ali muito honrado e parece ter obtido um grande êxito. Não demora para cercar a luta entre Simão e Pedro, que rivalizam em prodígios e cujos inesgotáveis milagres lhes concedem o favor das multidões, naturalmente. Produzem-se conversões inclusive na própria família do imperador Nero, e a discussão termina por ter lugar em presença deste.

Nero sente uma grande admiração ao ver os prodígios realizados por Simão; é certo que o mago não regula nada para aumentar o ascendente que exerce sobre o imperador. Durante a luta mágica entre Simão e Pedro, Paulo não intervém em nada; esforça-se por desaparecer quase sempre atrás deles, o qual resulta muito curioso. *Em realidade, tem-se a impressão de que não está ali.* Ao menos sob o nome de Paulo...

Apressado por Nero a que demonstrasse ser «filho de Deus» mediante algum prodígio, Simão prometeu voar do alto de uma torre, coisa que, efetivamente, teve lugar no Campo de Marte. Mas no momento em que Nero, cheio de admiração ante o prodígio levado a cabo pelo mago, reprovava aos apóstolos seu ódio contra ele, ante as orações de Pedro, os demônios que sustentavam Simão, o Mago no ar lhe deixaram cair e fugiram, e Simão, ao precipitar-se contra o chão, pereceu estatelado. Recolheram-no, enterraram-no, e em vão esperou Nero a prometida ressurreição.

A morte do mago, que era o favorito do Nero, teve como consequência o martírio dos dois apóstolos. Paulo foi decapitado no caminho de Ostia, e Pedro foi crucificado, a pedido próprio, cabeça abaixo. No momento do suplício, as multidões amotinadas queriam matar ao imperador, mas Pedro o impediu, narrando com este fim a aparição com que Jesus o tinha honrado. Quando Pedro fugia dos legionários que se lançaram em sua busca. Jesus lhe apareceu no caminho. Pedro lhe perguntou: «Aonde vai, Senhor?». «À Roma, para ser crucificado de novo», respondeu Jesus. Pedro compreendeu então seu dever, e se apressou a voltar sobre seus passos para entregar-se àqueles que lhe buscavam.

Observe-se que se diversos exegetas puderam reprovar, com razão, aos Atos dos Apóstolos que tivessem falseado a verdade histórica ao dar um marco imaginário às relações de tais apóstolos entre si, destinado a velar as diferenças com vistas a uma conciliação, essa recriminação está justificada *a fortiori* quando se trata dos *Atos de Pedro e de Paulo*, cuja tendência, por certo nada dissimulada, consiste em representar Pedro e Paulo trabalhando de comum acordo em perfeita união, e tentando imitar-se mutuamente em palavras e atos.

Pedro é aqui um perfeito paulino, e Paulo um perfeito judeu-cristão: «acreditamos e acreditam, dizem os cristãos de Roma, que o mesmo que Deus está longe de separar os dois grandes astros que criou [o Sol e a

Lua], igualmente impossível é nos separar um do outro, quer dizer, ao Paulo de Pedro, e ao Pedro de Paulo». (Cf. *Atos de Pedro e de Paulo*, V.)

E em presença de Nero, Pedro diz: «Tudo o que Paulo disse é verdade» (*op. cit.*, LX), e Paulo replicará a seguir: «O que ouviu de Pedro acreditado como se tivesse saído de minha boca, já que temos uma mesma opinião, temos um só Senhor: Jesus Cristo» (*op. cit.*, LXII).

A verdade é menos idílica, e mais validaria não falar de seu cordial entendimento! Porque, torpemente, as passagens aonde está mais acentuada a união dos dois apóstolos são precisamente aqueles onde foi menos em realidade. Em concreto, nas prerrogativas que Paulo reivindica continuamente em suas Epístolas para sua missão pessoal, direito que lhe discutiam, aberta ou silenciosamente, seus adversários, os cristãos judaizantes.

É muito fácil distinguir, através do véu jogado sobre a tradição primitiva pelo autor anônimo dos *Atos de Pedro e de Paulo*, os principais elementos da luta que dividia a Igreja primitiva em geral.

Em primeiro lugar, o autor anônimo não parece ter em conta os *Atos dos Apóstolos*. Põe de relevo o ódio dos judeus contra Paulo. Estes, ao inteirar-se de sua chegada à capital do Império romano, obtêm de Nero, de cujo favor parecem gozar, a decapitação de Paulo. Em troca, como vimos nos textos (*Atos*, 28, 11-22), não acontece nada disso à chegada de Paulo à Roma.

Mas há uma passagem dos *Atos de Pedro e de Paulo* que não deixa nenhuma dúvida sobre o que no fundo pensava o autor anônimo, quem, sem querer, traiu-se a si mesmo.

Em um momento dado, às diatribes contra os circuncisos responde Pedro: «Se a circuncisão for falsa, por que Simão está circunciso?»

Esta simples pergunta demonstra que não se trata de que Simão estivesse circunciso *por decisão de seus pais na hora de seu nascimento*, já que então ele não seria responsável por tal circuncisão. A frase atribuída ao Pedro demonstra que *Simão, pelo contrário, é responsável por sua própria circuncisão*. Portanto se fez circuncidar livremente, em uma época de sua vida. E logo veremos, ao estudar o verdadeiro motivo da conversão de Saulo-Paulo, que não estava circunciso de nascimento, por decisão de seus progenitores, mas sim se fez circuncidar por vontade própria, quando era adulto; que esta circuncisão não lhe serve para o que ele esperava, e que daí provinha seu rancor contra o rito que havia transtornado sua vida.

Entretanto, a insidiosa pergunta de Pedro incomodou enormemente Simão, o Mago, quem terminou por replicar que, nos tempos em que circuncidaram ele, a circuncisão era uma ordem de Deus. E Pedro lhe replicou imediatamente: «assim, se a circuncisão for boa, por que

Simão, entregou você a circuncisos, e os tem feito condenar e matar?».

Mas nos textos canônicos ou nos apócrifos jamais se falou de um Simão, o Mago, que fora à caça dos cristãos procedentes do judaísmo, e que os detivera, mandasse-os a prisão e os fizesse julgar e condenar. Essa recriminação só podia aplicar-se a um apóstolo dos gentis, Saulo-Paulo, antes de sua conversão. E com isto temos uma prova mais de que o Simão, o Mago, do autor anônimo dos *Atos de Pedro e de Paulo* não é outro, em seu espírito, que o Paulo dos Atos dos Apóstolos, declarado adversário de Pedro e de seu judeu-cristianismo. Recordem as discussões entre eles, tanto em Jerusalém como na Antioquia.

Por outra parte, o favor de que goza Simão, o Mago, ante o imperador não é outra coisa que uma malevolente alusão ao tratamento de favor de que foi objeto Paulo em Roma durante sua primeira permanência ali, depois de sua *apelação ao César*.

E o relato, tão curioso, sobre a pretendida morte de Simão, o Mago, voando pelos ares e logo estatelando-se contra o chão não é mais que outra ficção destinada a ridicularizar ao odiado apóstolo. Lipsius (cf. *Die Quellen der römischen Petrussage*) e Schenkel (cf. *Bibel-Lexicon*, art. «*Simão der Magier*») relacionam muito inteligentemente a pretensão de Simão de elevar-se pelos ares com as revelações de Paulo ao glorificar-se, em seu II Coríntios (12, 1-6), de ter sido elevado até o terceiro céu e ter sido introduzido no Paraíso (*sic*), e de ter ouvido «palavras inefáveis que não lhe está permitido a um homem expressar». Esta relação pôde estabelecer-se com grande facilidade dado que, nos tempos de Nero, um homem chamado Ícaro se fez célebre por tentar voar: «Ícaro, já em seu primeiro intento, caiu perto do assento do imperador, a quem salpicou de sangue». (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero*, VI, XII.)

Tratava-se, como é óbvio, de um prestidigitador, um ilusionista que tentou renovar, evidentemente com outras técnicas, a tentativa do personagem mitológico de dito nome, filho de Dédalo, ao evadir do labirinto de Creta. Nos jogos circenses os atores levavam os nomes de personagens mitológicos aos que momentaneamente encarnavam. Dion Crisóstomo (*Orat.*, XXI, 9) e Juvenal (*Sat.*, III, 79) relatam-nos o mesmo fato que Suetonio.

As homilias clementinas

As *Homilias Clementinas*, atribuídas a Clemente de Roma, estão constituídas unicamente pela modificação de um escrito mais antigo, que os exegetas convieram em denominar o *Escrito Primitivo*. Esta obra, que data dos anos 220-230, segundo uns foi redigida no Oriente (Síria ou Transjordânia), e segundo outros em Roma. O autor desconhecido do *Escrito Primitivo* já tinha recolhido outros manuscritos anteriores, como os *Cerigmas*, predicções atribuídas ao Simão-Pedro, uns *Atos de Pedro*

diferentes e mais antigos que os que se conhecem como de Verceil, uma obra judia apologética e, por último, uma espécie de novela de aventuras em que entra em jogo uma família pagã da época dos Antoninos.

O mais importante deles era os *Cerigmas*, texto judeu-cristão extremamente hostil a Saulo-Paulo, a seus princípios doutrinários, a sua cristologia revolucionária, verdadeira heresia para o messianismo inicial. Os *Cerigmas* desapareceram, só ficam as *Homilias Clementinas*, e o interesse desta obra radica precisamente em colocarmo-nos em presença das confrontações, freqüentemente com extrema violência, que opuseram ao Simão-Pedro e Saulo-Paulo.

Para fazer desaparecer essa hostilidade e unificar as duas correntes que pouco a pouco foram convertendo-se no cristianismo, os escribas anônimos que expurgaram, censuraram e interpolaram os escritos antigos a partir do reinado de Constantino *imaginaram Simão, o Mago, e substituíram-no por Paulo*.

Observar-se-á, em primeiro lugar, que não deixa de ser assombroso que uma obra como as *Homilias Clementinas* ignore totalmente o apóstolo Paulo na época em que foi composta e além disso em troca, cite em abundância, ao Simão, o Mago.

Por outra parte, nas recriminações que faz Pedro àquele ao que chama «o homem inimigo»*, é impossível não reconhecer ao Paulo. Julgue-se, se não, pelos seguintes fragmentos:

*[O cardeal Jean Daniélou recorda em sua obra *Théologie du Judéo-Christianisme* que nos *Kerygmas de Pedro*, «o homem inimigo» designa à Paulo, «considerado como responsável do rechaço das observações. Recordamo-lhes que Ireneu e Epífano consideravam esse rechaço de Paulo como uma das características do ebionismo». (Cf. R. P. Jean Daniélou, *op. cit.*, p. 72.) Estamos, pois, autorizados a concluir que durante um tempo estreitos contatos uniram Paulo e a seita dos ebionitas. Seus membros estavam, portanto, em condições de saber perfeitamente as origens deste. E Epífano, recordemo-lo, conta que eles afirmavam que Paulo tinha como progenitores uns *gentis, quer dizer pagãos*, e não judeus. Está perfeitamente claro (*supra*, p. 33).]

Carta de Pedro ao Santiago: Conheço, meu amigo, seu ardente zelo pelos *interesses* que nos são comuns a todos. Acredito, pois, que devo rogar-lhe que não comunique os livros de meus ensinamentos que lhe envio a nenhum homem originário da *Gentilidade*, nem a nenhum homem de nossa raça antes de havê-lo provado [...] Porque *alguns dos que vêm da Gentilidade* rechaçaram meus ensinamentos, conforme à Lei, para adotar o ensino, contrário à Lei, *do homem inimigo* e seus frívolos bate-papos. E inclusive em minha vida alguns tentaram, mediante interpretações artificiosas, desnaturalizar o sentido de minhas palavras a fim de

conseguir a abolição da Lei. De lhes emprestar ouvidos, acreditaria-se que se trata de uma *doutrina pessoal* minha que eu não ousou pregar abertamente! Longe de mim semelhante conduta! Porque seria atuar contra a Lei de Deus, promulgada pelo ministério de Moisés, e cuja duração eterna pregou Nosso Senhor quando disse:

«O céu e a terra passarão, mas nenhum *jota* nenhuma *til* da Lei passarão». (Marcos, 13, 31, e Mateus, 5, 18.)

Segundo as *Homilias Clementinas* (II, XVI-XVII), há sempre dois mensageiros; quem chega primeiro é o homem das trevas, o segundo é o homem da luz, já que as trevas precederam à luz, segundo a Gênese (1, 1-3), e para respeitar esse simbolismo, na antiga Israel começava o dia quando se punha o sol, ao iniciar a noite. E para as *Homilias* esta regra aparece autenticada pelo fato de que Caim chegou antes que Abel, Ismael antes que Isaac, Esaú antes que Jacob. Desde aí procede o primitivo *sacrifício dos primogênitos*. E então se compreenderá melhor o que segue. Fala Pedro: «Guiando-se por esta ordem de sucessão, poderia compreender-se de quem procede Simão, o Mago, que chegou antes que eu às nações, e a quem eu relevo, que cheguei depois que ele e que lhe aconteceu como a luz às trevas, a ciência à ignorância, a cura à enfermidade. Assim, tal como disse o profeta verídico, tem que aparecer sempre primeiro um falso evangelho, pregado por um impostor...». (*Homilias Clementinas*, II, xvii.)

Pois bem, como vimos, Saulo-Paulo insinua que seu evangelho é o primeiro e condena os outros. Isso está muito claro.

Há ainda uma espécie de controvérsia em que o leitor reconhecerá facilmente Paulo e suas teorias gnósticas, de cara ao Pedro, estrito reflexo da ortodoxia testamentária. Vejamos: “por exemplo, Simão, o Mago, deve manter amanhã conosco uma discussão pública em que ousará atacar a soberania do Deus Único. Tem a ousadia de contribuir um grande número de entrevistas extraídas das próprias Escrituras e afirmar que há *vários deuses*, um dos quais é diferente do Criador do Universo e superior a ele». (*Homilias Clementinas*, III, X.)

Paulo, por sua parte, sustenta os mesmos princípios: «Posto que, embora há quem são chamados deuses, seja no céu, seja na terra, *do mesmo modo que existem muitos deuses e muitos senhores...*» (Paulo, I Coríntios, 8, 5.)

Em outro momento Pedro e Paulo polemizaram violentamente sobre o valor revelador de uma visão. É evidente que se tratava da maneira em que Paulo pretendia ter recebido *seu evangelho* —quer dizer, do próprio Jesus—, durante sua ascensão ao terceiro céu, e de sua recepção no paraíso: «*Se for mister glorificar-se*, embora não é bom, virei às visões e revelações [que eu obtive] do Senhor. Sei de um homem em Cristo que,

faz quatorze anos —se no corpo, não sei; se fosse do corpo, tampouco sei, só Deus sabe— foi arrebatado até o terceiro céu, E sei que este homem foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis que um homem não deve repetir». (Paulo, II Coríntios, 12, 1-6.)

*[As pretensões de Paulo de escalar o mundo invisível até o terceiro «céu» (muito mais tarde Mahomé sustentará a mesma afirmação) caem violentamente contradições pelo evangelho de João: «*E nada subiu jamais ao céu*», senão é o que há sob o céu, o Filho do homem, que está no céu» (João, 3, 13). E mais, o próprio Paulo se contradiz a si mesmo em sua Epístola aos Romanos, ao declarar: «Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para rebaixar a Cristo», (cf. Epístola aos Romanos, 10, 6). Dito de outro modo, segundo esse texto Paulo reconhece que unicamente seu «Cristo» metafísico é capaz de subir ao céu, porque já desceu dele.]

Vejamos agora o texto das *Homilias Clementinas* a este respeito:

«Para ouvir estas palavras, Simão, interrompendo Pedro, disse-lhe: “Sei a quem vai dirigido isso que você diz. Mas não quero repetir as mesmas coisas para o refutar e perder o tempo em discursos que não estão em minhas intenções. Vangloria-se que ter compreendido muito bem os ensinamentos de seu Mestre, por havê-lo visto claramente com seus próprios olhos e ouvido com seus próprios ouvidos, e declara que lhe era impossível a nenhum outro chegar a um resultado semelhante *mediante visões ou aparições*». (Op. cit., XVII, XIII.)

Segue uma longa discussão sobre o valor das visões e dos sonhos, e sobre a qualidade do que os recebe, a qual economizaremos ao leitor. Mas logo vêm umas passagens que devemos citar, porque não permitem já duvidar de que se trata da *presença de Paulo, sob o nome de Simão, o Mago*. Julgue-se. Segue falando Pedro: «assim, se *nosso* Jesus se deu a conhecer também a si, e *se tiver conversado consigo em uma visão*, é por cólera contra si, que é seu adversário! Por isso é pelo que falou mediante visões, sonhos ou inclusive revelações exteriores. Por outra parte, *pode um voltar-se capaz de ensinar, só por uma aparição?* Você dirá, possivelmente:

“É possível”. Mas então, por que o Mestre permaneceu um ano inteiro conversando com pessoas despertas? E como daremos crédito ao que você diz, isso de que *apareceu?* E *como é que lhe apareceu*, se seus sentimentos estiverem contra seus ensinamentos? E *se por ter gozado durante uma hora de sua presença e de suas lições se tornasse apóstolo*, então publica bem alto *suas palavras*, explica sua doutrina, ama a seus apóstolos, e *deixa de combater a mim, que vivi com ele!* Porque é contra mim, a rocha firme, o fundamento da Igreja, contra quem você erige como adversário. Se não fosse meu inimigo, não procuraria com suas

calúnias desprezar meus ensinamentos para impedir que se acredite em minha palavra, quando eu o que faço é repetir o que ouvi da própria boca do Senhor, e não me representaria como um homem condenado e desconsiderado». (*Homilias Clementinas*, XVII, XIX.)

Esta última frase faz alusão, evidentemente, a seu passado de bandoleiro, fora da lei, que constituiu durante muito tempo a existência cotidiana do Simão-Pedro. Que o leitor se tome a moléstia de ler ou reler, em nosso anterior volume, o capítulo intitulado «O dizimo messianista», e então compreenderá que Paulo não ignora tal passado, e que dele tira argumentos contra Pedro entre os gentis.

Mas como aplicar esta controvérsia ao Simão o Mago? *Porque em nenhuma parte nos diz que Jesus lhe tivesse aparecido!* E desta discussão se desprende, inconfundivelmente, que é ao Paulo a quem vão dirigidas as diatribes do Pedro.

Entre as *Homilias Clementinas* e os Atos dos Apóstolos há, além disso, uma séria contradição na hostilidade que nos pinta, ao opor Simão, o Mago, e Pedro, e a resignação que o primeiro nos mostra nos citados Atos: «Quando Simão viu que pela imposição das mãos dos apóstolos se comunicava o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro dizendo: dêem-me também esse poder de impor as mãos, de modo que receba o Espírito Santo. Mas Pedro lhe disse:

Que seu dinheiro *pereça consigo*, pois acredita que com dinheiro poderia comprar o dom de Deus. Não tem nisto parte nem verdade, porque seu coração não é reto diante de Deus. Arrependa-se, pois, desta sua maldade e roga ao Senhor que o perdoe se for possível este mau pensamento de seu coração, porque vejo que incorre em fel de amargura e em laço de iniquidade. Simão respondeu: *Roguem vós por mim ao Senhor, para que não me sobrevenha nada do que disseram*». (Atos, 8, 18-24.)

Este fragmento dos Atos é, sem sombra de dúvidas, um dos mais importantes dentre todos os que se relacionam, de perto ou de longe, com nosso estudo, já que incorpora uma explicação a esse antagonismo de Paulo e de Pedro, que nenhum exegeta de boa fé saberia negar. Porque só aos ingênuos e aos ignorantes terá que lhes deixar a lenda dos «bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo», unidos em Roma por um martírio, senão semelhante, ao menos cronologicamente associado. Terá que ignorar a frase dúbia de Eugênio de Cesaréia sobre a suposta morte de Simão-Pedro em Roma: «*conta-se* que sob seu reinado [Nero César], ao Paulo cortaram a cabeça em Roma mesmo, e que parece que ao Pedro crucificaram ali. E isto o confirma o fato de que até agora [ano 340] levam o nome de Pedro e de Paulo os dois cemitérios desta cidade». (Cf. Eusébio de Cesaréia, *História eclesiástica*, II, XXV, 5.)

As provas da morte *em Jerusalém, no ano 47*, do Simão-Pedro e de seu irmão Jacobo (aliás Santiago) demo-las no primeiro volume, de maneira que não voltaremos para isso.

Entretanto, continuam umas analogias muito curiosas entre as atividades de Paulo e o oferecimento «simoniaco» de Simão, o Mago. Esse produto das coletas efetuadas pelo Paulo em Síria, na Macedônia, na Acaia, em proveito unicamente da comunidade de Jerusalém, *que está dirigida pelo Pedro* (cf. Atos, 4, 32-35; 6, 1; 5, 1-11), coletas inegáveis, porque aparecem enumeradas nas Epístolas de Paulo (I Coríntios, 16, 1-2; II Coríntios, 8, 20; Romanos, 15, 26), todos esses movimentos e oferecimentos de dinheiro não evocam curiosamente a oferta de compra *do poder iniciático* por parte de Simão, o Mago?

Há, com efeito, uma passagem das Epístolas de Paulo onde este parece defender-se de uma acusação de simonia discreta e larvada. Julgue-se: «Atuamos assim *a fim de que ninguém nos vitupere* com motivo desta importante soma que passa por nossas mãos». (Cf. Paulo, II. Coríntios, 8, 20.)

E nosso homem precisava no versículo precedente que fizera chegar esse dinheiro à comunidade de Jerusalém por meio de um irmão que «além disso foi *eleito pelas igrejas* para nosso companheiro de viagem nesta obra de beneficência, que nós levamos a cabo para glória do Senhor e em prova de *nossa boa vontade*». (Cf. Paulo, II, Coríntios, 8, 18-19.)

Assim, as igrejas desconfiam, escolheram elas mesmas quem levava o dinheiro à cidade de David, *e não é Paulo*. Além disso, o tal Paulo tem que dar ainda a prova de boa vontade. Tudo isto é menos sinônimo de gracioso entendimento do que palavrório adocicado e lenitivo dos Atos quer fazer acreditar.

Há ainda outro ponto em comum entre Simão, o Mago, e Paulo.

Simão denomina a si mesmo «veículo» psíquico do «*poder de Deus*», qualificado também de «Grande». Pois bem, em Samaria, no setor do estádio, exumou-se uma estátua à Koré, aliás Perséfone, deusa-virgem, *guardiã dos mortos e protetora das sementes*, já que o grão se identificava com o morto, ao qual se introduz na terra a fim de que reviva. Por isso mesmo, *Koré*, era também a deusa-virgem *restituidora dos vivos*. Em Samaria encontraram-se numerosas dedicatórias a esta divindade, e sobre uma delas pode-se ler: «Uma só deidade, a poderosa, *Koré a Grande*, a Indômita». (Cf. A. Parrot. *Samaria, capital do reino de Israel*.)

E em Samaria os Atos nos dizem que: «Todos, do menor até o maior, escutavam atentamente ao Simão, e diziam: Este é o *poder de Deus*, chamado *Grande*». (Atos, 8, 10.)

Voltemos a ler as Epístolas de Paulo; a expressão *poder de Deus* é, na linguagem paulina, sinônimo de Deus mesmo (cf. Romanos, 1, 16; I Coríntios, 1, 18-24, e 2, 5; II Coríntios, 6, 7, e 13, 4; Colossenses, 2, 12; II Timóteo, 1, 8).

E mais, utiliza o esoterismo iniciático do *grão de trigo, depositado na terra para morrer, a fim de renascer*, que, como acabamos de ver, é um dos elementos da iniciação aos «mistérios» de Koré a Grande: «Mas dirá algum: Como ressuscitam os mortos? Com que corpo vêm? Insensato! O que você semeia não recobra vida se primeiro não morrer. E o que semeia não é o corpo que tem que nascer, a não ser um simples grão, pondo no caso, trigo ou de alguma outra semente. *E logo Deus lhe dá o corpo conforme quis, e a cada uma das sementes seu próprio corpo*». (Cf. Paulo, I Coríntios, 16, 35-38.)

Agora bem, nestes versículos não parece que se trate da famosa ressurreição do Julgamento Final, mas sim de um *renascimento que acontece à morte*, de um princípio de vida que, neste renascimento, *não segue necessariamente a mesma ordem ontológica que antes*, já que sua nova orientação depende de Deus. Aqui não se trata já de *metem-somatosis*, mas sim de *metempsychosis*. Além disso, voltamos a estar em presença dos «mistérios» de Koré a Grande, deusa *guardiã dos mortos, restituidora dos vivos, e por isso mesmo protetora das sementes*. E aqui, como vemos, Paulo se expressa rigorosamente igual faria Simão, o Mago, que provavelmente devia ser «sacerdote de Koré e dos Dioscuros» (cf. A. Parrot, *op. cit.*).

Nas Epístolas de Paulo subsistem diversos fragmentos que revelam esta identidade entre Saulo-Paulo, príncipe herodiano, enfronhado de magia nabatea, e Simão da Samaria, chamado Simão, o Mago, personagem imaginário, inventado para as necessidades da causa dos séculos IV e V, quando «arrumaram» o texto primitivo dos Atos dos Apóstolos. Como prova nos basta o que segue: «Dou graças a Deus *de não ter batizado a nenhum de vós, a não ser Crispo e Gayo*, para que ninguém possa dizer que fostes batizados em meu nome. Batizei também à família de Estéfanos, mas fora destes não sei de nenhum outro. Que não me enviou Cristo *a batizar, a não ser a evangelizar*». (Cf. Paulo, I Coríntios, 1, 14.)

«Ou é que ignoram que quantos fomos batizados em Jesus Cristo, em sua morte fomos batizados? Com Ele fomos sepultados pelo batismo para participar *de sua morte* [...] Pois, se tivermos morrido em Cristo, acreditam que também viveremos nele, pois sabemos que Cristo, ressuscitado dentre os mortos, já não morre.» (Cf. Paulo, Romanos, 6, 3 e 8.)

Estes dois fragmentos das Epístolas de Paulo demonstram:

a) que seu autor não recebeu jamais os *poderes apostólicos*, o mais essencial dos quais residia na função batismal;

b) que esses *poderes apostólicos* lhe foram denegados por seus primitivos possuidores, os «apóstolos», já que é seguro que não esqueceria lhes solicitar a transmissão, e sua ausência implica, por conseguinte, uma negativa;

c) que essa negativa a lhe transmitir os citados *poderes apostólicos* o identifica *ipso facto*, e de maneira irrefutável, com Simão, o Mago, que sofreu a mesma negativa por parte de Simão-Pedro (Atos, 8, 18-24);

d) que antes Paulo só possuía «*seu evangelho*», igual a Simão, o Mago, como já relatamos.

Nos objetará que Paulo possuía os poderes do exorcismo, posto que são evocados nos Atos dos Apóstolos (19, 11-17).

Não é nada surpreendente em um homem iniciado na magia. Recordemos sua herança, o parentesco com os *príncipes-sacerdotes* analisados antes na religião da Iduméia e Nabatea. Vejamos esse texto: «E Deus fazia milagres extraordinários pelas mãos de Paulo, até o ponto de que se aplicavam sobre os doentes tecidos ou lenços que tinham corpos doloridos, e as enfermidades lhes abandonavam, e os maus espíritos saíam. Alguns exorcistas judeus ambulantes tentaram invocar sobre aqueles que tinham espíritos malignos o nome do Senhor, dizendo: Vos conjuro por Jesus, que prega Paulo! Os que faziam isto eram sete filhos da Sceva, um dos supremos sacerdotes judeus. O espírito maligno lhes respondeu: Conheço Jesus e sei quem é Paulo, mas vós quem sois? E o homem em cujo interior estava o espírito maligno se equilibrou sobre eles, enfureceu-se em dois e os maltratou de tal maneira que fugiram desta casa nus e feridos». (Atos, 19, 11-17.)

Mas a resposta a esta objeção é óbvia, posto que nos precisa que se tratava de *exorcistas judeus*, filhos de um exorcista judeu *célebre por suas curas*. Com efeito, quão únicos possuíam esses poderes e os utilizavam eram os discípulos de Jesus. A Palestina daquela época estava infestada, como quase todo o Oriente Médio, de magos itinerantes que pretendiam encontrar em todo doente uma vítima de um ou de vários espíritos malignos. E a cura dependia então, não da medicina daqueles tempos, mas sim da magia. Esta magia, principalmente constituída por conhecimentos *botânicos ou psicomagnéticos* (hipnotismo, magnetismo curativo), servia às vezes para *adoecer previamente* a um futuro cliente, a fim de podê-lo curar triunfalmente a seguir, suprimindo os «ataques secretos» contra sua saúde. Rasputin fez o mesmo na Rússia com o Zarevich, para captar a admiração e a confiança do czar e da czarina, seus pais.

Observemos, de passagem, que ainda em nossos dias o exorcismo é a

única medicina admitida pela Igreja. Não admitiu o bem baseado da amputação cirúrgica até que se sentou no trono papal Pio XII, e em 1829 o Papa Leão XII condenou solenemente a vacinação:

«Quem quer que proceda à vacinação deixa de ser filho de Deus. A varíola é um julgamento de Deus, a vacinação é um desafio ao Céu».

Equivale a dizer que a medicina foi tão somente tolerada!

Para concluir este capítulo sobre a provável identidade entre o personagem imaginário de Simão, o Mago, e Saulo-Paulo, o melhor que podemos fazer é recordar que são Cipriano (decapitado em Cartago no ano 240), que também tinha sido mago, e Eusébio da Cesaréia (morto no ano 40) *acreditaram útil comparar Saulo-Paulo com São Cipriano, um mago convertido (supra, pp. 33-34).*

Possivelmente seus manuscritos originais diziam mais sobre o tema, mas os monges copistas da Alta Idade Média passaram indubitavelmente por ali. Seja como for, essa dupla alusão terá que acrescentar à tese que identifica Simão, o Mago, e Saulo-Paulo, e no momento se basta a si mesmo...

8 - O verdadeiro caminho de Damasco

Todos os caminhos do sonho não levam ao Katmandú..

Michel Delpech , *Je*

suís pour...

Os exegetas da crítica liberal têm descoberto numerosas interpolações no canon neotestamentário. Existem diversas fórmulas destas. Pode introduzir um texto, longo ou curto, em uma obra antiga, no curso de uma nova cópia manuscrita, arrumando-lhe para que o leitor inexperiente não possa dar-se conta.

O exegeta treinado discernirá facilmente esta interpolação ao constatar que, a maior parte do tempo, o fio do discurso inicial se rompe, e que aparece perturbada a harmonia do estilo. Citaremos como exemplo a célebre passagem de Suetonio sobre o incêndio de Roma: «impuseram-se limites ao luxo, reduziram-se os festins públicos a distribuições de mantimentos; proibiu-se vender nas Tavernas nenhum manjar cozido, à exceção das verduras e dos legumes, quando antes se servia todo tipo de comida; *entregou-se ao suplício os cristãos, gente dada a uma superstição nova e perigosa*; proibiram-se os jogos dos condutores de quadrigas, aos que um antigo costume autorizava a vagar por toda a cidade para divertir-se, e se relegaram de uma vez as pantomimas e suas facções». (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero*, VI.)

É evidente que o estilo de Suetonio merecia mais que essa interpolação, tão áspera como torpe. Como observa Marcel Jouhandeau,

«esse autor não perde de vista seu objetivo nem um segundo».

E com efeito, o que faz essa condenação dos cristãos em meio da venda da alface cozida e das verduras, e das farras noturnas dos condutores de carros? Por isso acreditam a maioria dos exegetas imparciais que toda a parte que temos escrito em itálico em nossa entrevista é uma interpolação estranha ao texto inicial de Suetonio.

Nos evangelhos canônicos, uma das interpolações mais audazes que existem é indubitavelmente a que se refere às célebres «chaves», e que afirma assim a primazia do bispo de Roma sobre todos outros. Vejamos esse célebre texto. Jesus acaba de perguntar a seus discípulos (seus irmãos, de fato) o que pensam dele. Todos respondem que lhe acreditam *cristo*, filho do Deus vivo (Mateus, 16, 13-20; Marcos, 8, 27-30; Lucas, 9, 18-21; por isso com respeito à João, ignora a totalidade deste episódio).

Mas no capítulo de Mateus citado, depois do versículo 16 se interpolou um novo texto, que se converteu nos versículos 17 e 18, e que diz assim: «E Jesus, respondendo, disse: Bem-aventurado você, Simão *Bar Jona, porque não é a carne nem o sangue quem revelou isto, a não ser meu Pai, que está nos céus. E eu digo-lhe que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei eu minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela». (Mateus, 16, 17-18.)**

***[*Barjonna*: veja a palavra acácia, que significa «fora da lei, anarquista». Veja-se *Jesús o el secreto mortal de los templarios*, p. 72.]**

Esta audaz interpolação é, necessariamente, posterior ao século IV, dado que naquela época, como já dissemos, por ordem de Constantino e sob a vigilância de doutores como Eusébio da Cesaréia, unificavam-se os evangelhos oficiais, enviavam-se série de cinquenta exemplares aos diversos bispados do Império Romano e recolhiam-se os antigos, que não estavam de acordo.

É perfeitamente evidente que se esta passagem o tivessem conhecido os anônimos redatores e copistas, os manuscritos mais antigos de Marcos, Lucas e João também o levariam. *E não há nada disso*. Por outra parte, em nossa época ninguém teria a audácia de introduzi-lo nas versões desses mesmos evangelhos, aos que entretanto se chamam *sinóticos*.

De todas as sucessivas interpolações de que foram vítimas os textos canônicos, esta foi sem lugar à dúvidas a mais gratificante, e justifica a constatação de Leão X citada em página anterior desta obra.

Vem a seguir o que se conveio em chamar a interpolação repetida. Os manuscritos antigos eram cilindros compostos por tiras de papel ou por páginas quadradas de papiro, grudadas umas depois de outras, a fim de formar uma longa banda. Para introduzir um texto novo no manuscrito inicial bastava separar duas páginas ou duas bandas, e intercalar entre

elas, grudando-a por sua vez, a fração de pele ou a página de papiro que contivesse os novos textos.

De qualquer maneira, ao proceder assim, às vezes podia acontecer ao interpolador a fatalidade de ver que uma frase cortada em duas. E então era obrigado a terminar, *em cima da fração introduzida*, a frase desventuradamente partida. Logo, na parte debaixo da última página introduzida, tinha que colocar, como fora, um texto que enlaçasse com *o cabeçalho da antiga página imediatamente posterior*. Cada um desses dois fragmentos dava então origem a uma nova frase, mas a segunda constituía um áspero «dublê» da primeira. *Repetia* os termos e as letras. Daí o nome de «interpolação repetida» que se aplica a esse artifício fraudulento dos escribas anônimos dos primeiros séculos.

O teólogo alemão protestante Wendt foi o primeiro que descobriu nos Atos dos Apóstolos dois casos patentes de interpolação repetida. O primeiro exemplo está relacionado com a lapidação de Estêvão: «Eles, gritando em vozes altas, tamparam-se os ouvidos e jogaram-se sobre Estêvão, arrastaram-no fora da cidade e o apedrejaram.» (Atos, 7, 57-58.)

«As testemunhas depositaram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo.» (Idem, 58.)

«E enquanto o lapidavam, Estêvão orava, e dizia: Senhor Jesus, recebe meu espírito.» (Idem, 59.)

A fim de introduzir um Saulo ainda menino na narração dos Atos, o interpolador efetuou um corte entre os versículos 57 e 59. Sem dúvida trata-se tão somente de uma pequena banda *horizontal*. Mas esta interpolação resulta torpe, porque, como observa divertido o abade Loisy: «Ao pobre Estêvão parece que o tenham lapidado duas vezes».

Vejam agora a segunda interpolação descoberta por Wendt. Aqui o falsificador não se ateve com pequenas, porque compreende nada menos que vários capítulos. Tomemos os Atos, capítulo 8, versículo 4: «Os que se dispersaram foram por toda parte pregando a Palavra».

Saltemos agora todo o resto, quer dizer o assunto de Simão, o Mago, enfrentando-se com o Simão-Pedro, logo a história do diácono Felipe e do eunuco etíope da rainha Candaces de Etiópia. Detenhamos para rirmos um pouco pelo caminho, porque o diácono Felipe batiza ao chamado eunuco pelo caminho de Jerusalém a Gaza. Quando aparece, o Espírito Santo o eleva pelos ares, e nosso diácono se encontra, assombrado, na cidade de Açoito, a uns quarenta quilômetros dali, a vôo de pássaro, claro! (Açoito não é outra coisa que o Ashdod bíblico —que em hebreu significa «pilhagem»—, antiga cidade filistéia situada na mesma latitude de Jerusalém, ao norte de Gaza.) Logo segue o relato da conversão de Saulo, a cura de Ananías, a ressurreição (sim!)

da Tabita graças aos cuidados de Pedro, a conversão de Cornelio, o aviso que o Céu deu ao Pedro de que abandonasse todos os tabus da Lei judia, etcétera.

E nosso ardiloso interpolador conclui (no século IV pelo menos): «Para ouvir estas coisas, calaram e glorificaram a Deus, dizendo:

De maneira que também aos gentis outorga Deus a penitência para alcançar a vida!». (Atos, 11, 18.)

Amém, diremos nós. *E aqui voltamos a nos encontrar com a frase do princípio: «Os que se dispersaram com motivo da perseguição suscitada por Estêvão chegaram até Fenícia, a ilha do Chipre e Antioquia, pregando a palavra somente aos judeus».* (Atos, 11, 19.)

É evidente que tudo o que se interpolou, desde 8, 4, até 11, 19, foi com a intenção de justificar ao Paulo, seu apostolado entre os gentis, o acesso destes à nova comunidade, e o abandono dos tabus alimentares judaicos, que, igual à circuncisão, desagradavam aos pagãos e freavam sua conversão. E os relatos nos quais abunda o sobrenatural estão destinados a fazer admitir a autoridade daqueles que supostamente os viveram.

A data desta interpolação, uma das mais importantes do Novo Testamento, pode situar-se nos arredores do ano 360, se recordarmos o que assinalamos ao estudar a *Confissão de São Cipriano*.

E provavelmente é concomitante a essas «cópias conforme» enviadas por séries de cinquenta exemplares às igrejas do Império Romano por ordem de Constantino, cópias efetuadas sob a vigilância de seu panegirista Eusébio da Cesaréia e logo repartidas, ao que seguiu, *evidentemente, a recuperação dos textos antigos*. Não obstante, o que é seguro é que esse mendaz acerto não esteve coordenado; o «nível intelectual» dos destinatários não impunha aos escribas anônimos do século IV muitas precauções ou controles. Como prova temos as contradições observadas nos Atos dos Apóstolos, obra que entretanto está atribuída, oficialmente, ao Lucas, confidente e secretário de Saulo-Paulo, como autor único. Julgue-se:

Em Atos, 9, 7, nos diz que a escolta de Saulo tinha permanecido *de pé e estupefata* durante a aparição de Jesus. Em Atos, 26, 14, lemos que os homens de Saulo *caíram todos ao chão*. .

Em Atos, 9, 7, esses mesmos homens armados *ouviram a voz de Jesus* dirigindo-se ao Saulo, mas *não viram ninguém*. Em Atos, 22, 9, precisamos que *viram a misteriosa luz, mas que não ouviram a voz de Jesus*.

Se, como afirmou recentemente a comissão vaticana autorizada, todo católico tem a obrigação de admitir que Lucas é o *autor único* dos Atos dos Apóstolos, o exegeta independente e objetivo tem que tirar a conclusão de que o tal Lucas não tinha as idéias muito claras...

Agora sabemos, pela *Confissão de São Cipriano*, relato composto por volta dos anos 360-370, que naquela época os Atos dos Apóstolos não mostravam o milagre acontecido à Saulo-Paulo no caminho de Damasco pouco antes de entrar na cidade. Segundo esses mesmos Atos, a conversão do chefe da polícia paralela judeu-romana se produziu muito mais tarde (veja-se pág. 22).

Agora bem, Epífano (falecido em 403), em sua obra principal *Adversus Haereses*, contribui-nos a tradição dos *ebionitas*. Esta seita, uma das mais antigas citadas, junto com os nazarenos, reconhecia que o mundo era obra de um Deus Supremo, mas no que se refere a Cristo, adotava a mesma postura que Cerinto e Carpocras para esse *eón* gnóstico. Viviam à maneira judaica ordinária, e pretendiam justificar-se pela Lei. Segundo eles, foi praticando-a como Jesus se converteu em um *justo*, no *Ungido* de Deus, pois ninguém entre os judeus tinha completa a Lei. Mas seguisse o mesmo caminho, alguém se faz idêntico a ele, e qualquer um pode converter-se por sua vez em um *Cristo*. «Porque, diziam. Jesus era inicialmente um homem igual aos outros.» (Cf. Hipólito de Roma, *Philosophumena*.)

O interesse da tradição ebionita, neste caso, consiste em que nos conta o verdadeiro motivo da conversão de Saulo-Paulo. São Epífano nos diz que Saulo tinha *nascido de pais pagãos*. Aqui encontramos a justificação de todos os argumentos que tiramos de Flavio Josefo. Prendado da filha do supremo sacerdote Gamaliel, teria se feito circuncidar para conseguir casar-se com ela, mas ao ver frustradas suas esperanças, por despeito teria começado a pregar contra a Lei e os tabus judaicos, e claro está, principalmente contra essa mesma circuncisão. (Cf. Epífano, *Adversus Haereses*, XXX, 16.) assim, o maravilhoso «*caminho*» de Damasco se teria limitado aos harmoniosos «*quadris*» de uma formosa judia.

Por que não? «O amor é forte como a morte, seus ardores são ardores de fogo, uma chama do Eterno, e as imensas águas não podem apagá-lo...» (Cantar dos Cantares, 8, 6-7.)

Assim, consciente de seu caráter de estrangeiro à nação judia, Saulo, não emprestando ouvidos a não ser a seu amor pela filha de Gamaliel, fez-se circuncidar; sem isto, ele sabia que para ela teria significado o rechaço da coletividade mística, já que: «A filha de um supremo sacerdote casada com um estrangeiro não comerá já das coisas santas oferecidas por elevação». (Levítico, 21, 12.)

Esta conversão de tipo cirúrgico foi, desgraçadamente, inútil. Ou o Sanedrim vetou semelhante união entre a filha de um supremo sacerdote (não de um simples sacerdote) e um recém convertido (objetando o caráter desprovido de todo misticismo de semelhante conversão), ou a

filha se negou a casar-se com ele. E os matrimônios de conveniência estavam *religiosamente proibidos* em Israel. De maneira que não a podia obrigar em modo algum a casar-se com Saulo. Quanto mais que a Lei judia rechaçava àquele que se fazia partidário por amor a uma mulher.

Agora bem, Saulo-Paulo não era um *playboy*, nem muito menos, se tivermos que dar crédito à tradição herdada dos Padres da Igreja.

Em primeiro lugar, estava afetado de uma grave enfermidade, que ele menciona, sem dizer qual, em seu II Coríntios (12, 2-9). Monsenhor Ricciotti, em seu *Saint Paúl, apotre* nos diz sobre ela: «Da passagem de Paulo que citamos se infere de forma evidente que *estabeleceu uma relação estreita entre a enfermidade desconhecida e seu rapto ao terceiro céu e ao paraíso*, já que considerava seu mal como um remédio que Deus lhe administrava para lhe impedir de orgulhar-se». (*Op. cit.*, P. 168.)

Recordemos esta relação, porque é muito importante.

A tese de que se tratava de epilepsia clássica, proposta já pelo K. L. Ziegler, foi sustentada pelo Krenkel em 1890 com argumentos muito convincentes. Esta tese mantiveram-na muitos exegetas e médicos. Recordou-se casos análogos, nos quais ao mal clássico se acrescentavam manifestações histeriformes, de caráter místico-alucinatorio. Cita-se a Julio César, Mahomé, Cola de Rienzo, Fernando o Católico, Cromwell, Pedro o Grande, Napoleão; todos eles tiveram visões ou audições de caráter neuropático.

Dirigiremo-nos agora para outra explicação. Vimos já que os príncipes nabateus e idumeus estavam ligados deste modo a uma espécie de sacralização religiosa. O uso de drogas alucinógenas achava-se muito difundido, precisamente devido a sua relação com os «planos» ocultos. Todo o Oriente Médio conhecia desde fazia séculos o haxixe; o Egito usava já o ópio em tempos de Ramsés II, e gregos e romanos não ignoravam os efeitos da adormidera, chamada em grego *mekon*. Israel, em suas *escolas de profetismo* (I Samuel, 10 e 19), utilizava *vinhos de ervas*, e Síria, Fenícia, Iduméia, Nabatea e Egito conheciam também os efeitos do *banj ou Bang*, extraído de uma espécie de beleno chamado pelos árabes *sekaron*, quer dizer «a embriagadora» (cresce em todo o Egito e na península do Sinai; é o *Hyosciamus muticus*, um alucinógeno ou um narcótico, segundo a dose). Saulo pôde muito bem ser um drogado de maneira intermitente, já que, como veremos, teve numerosas visões em seus périplos, visões provavelmente provocadas, e *delas tirava suas próprias instruções apostólicas*. Mas há algo ainda mais grave!

Deixemos agora seu estado patológico. Como era fisicamente?

Os *Atos de Paulo* nos dizem dele: «...homem de pequena estatura,

calvo, de pernas arqueadas, de bom estado de saúde, sombrancelhas unidas, de nariz bem grande, cheio de graça...».

Os *Principes Apostolorum*, atribuídos ao João Crisóstomo, põem-lhe um metro e trinta de altura. Sem dúvida para sublinhar sua pequena estatura, porque isso daria um homem de apenas um metro cinquenta no máximo, o que é manifestamente exagerado.

No século VI, Juan Malala nos diz: «Em vida. Paulo foi de pequena estatura, calvo, com a cabeça e a barba grisalhas, um formoso nariz, olhos azul grisáceos, sobrancelhas juntas, pele branca, barba espessa, sorridente...». (Cf. Juan Malala, *Chronographia*, X, no Migne, *Patrologie Grecque*, 97.)

As pernas arqueadas podiam justificar-se por causa dos largos exercícios a cavalo, coisa nada surpreendente em um príncipe herodiano. Mas isso também pode significar uma degeneração, sublinhada pela pequena estatura.

Dessas breves descrições surge um retrato robô de Paulo, ao que se rodearam todos os pintores e escultores a partir do século IV.

Consideremos agora outra questão. Admitindo que a circuncisão livremente aceita por ele tivesse derivado do consentimento, por parte da filha de Gamaliel para um eventual matrimônio, terei que suspeitar que Saulo, *utilizando seus conhecimentos ocultos*, teria obtido o consentimento da jovem por efeito de um sortilégio. Coisa que não seria tão surpreendente, tendo em conta a época e o meio. Assim se compreende a reação violenta do Sanedrim, e provavelmente do próprio Gamaliel, já que a magia era rigorosamente perseguida e condenada, tanto pela Lei judia como pela Lei das Doze Tábuas, aplicada em Roma.

O que nos incita a ter em conta esta hipótese é a seguinte passagem de Flavio Josefo: «Pouco depois do matrimônio da Drusila com Aziz, esta união se rompeu pela razão seguinte: Félix, procurador da Judéia, depois de ter visto a Drusila, a quem nenhuma mulher igualava em beleza, foi inflamado pelo desejo de possuí-la, e enviando a ela *um judeu seu amigo chamado Simão*, cipriota de nascimento, *que se fazia passar por mago*, esforçou-se por persuadi-la de que abandonasse seu marido e se casasse com ele, prometendo-lhe que a faria feliz se ela não o desdenhasse. Drusila, atuando mal, e querendo fugir do ciúmes de sua irmã Berenice, que não a tratava bem por causa de sua beleza, deixou-se persuadir para atuar contra as instituições de seu povo e casar-se com Félix». (Cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, VII, 2.)

Como vemos, a magia intervinha às vezes nos matrimônios.

O leitor já teria adivinhado que a expressão «cipriota de nascimento» foi interpolada astutamente, a fim de separar do Simão, o Mago, aliás Saulo-Paulo, a responsabilidade desse feitiço de amor que permitiu ao

Félix casar-se com Drusila. Não esqueçamos que Flavio Josefo chegou até nós em manuscritos dos séculos IX e XII, quer dizer, que foram obra de *copistas da Idade Média*. E da cruzada contra os albigenses e da destruição da Ordem dos Templários, a Igreja não ignora que entre os hereges sabem muito bem a que se ater sobre as verdadeiras origens do cristianismo. Remetemos ao leitor ao que dizemos sobre o «*segredo da Igreja*» em nossa obra precedente.

Em caso afirmativo, e se Saulo-Paulo, aliás Simão o Mago, foi o artífice do matrimônio da bela Drusila com o Antonio Félix (antigo liberto da Antonia, mãe de Claudio César), e isso por meio da velha bruxaria dos árabes nabateus, podemos supor que a data seria posterior ao ano 52, já que até 52 não nomeou o imperador Claudio procurador da Judéia ao Félix.

Agora bem, Aziz, rei de Emeso, primeiro marido de Drusila, morreu no ano 54, e sucedeu a seu irmão Soemas. Então, como pôde Saulo-Paulo reprovar ao Félix e a Drusila sua união, se esta era viúva desde ano 54? Porque nos Atos dos Apóstolos é o que se insinua: «Passados alguns dias, veio Félix com sua mulher Drusila, que era judia, e mandou que viesse Paulo, e lhe escutou a respeito da fé em Cristo. E ao falar ele sobre a *justiça, a continência e o julgamento vindouro*, Félix se encheu de terror, e lhe disse: É bastante por hora. Retire-se Paulo, quando tiver tempo voltarei a chama-lo». (Atos dos Apóstolos, 24, 24-25.)

Acima de tudo, observamos uma primeira inexatidão. Drusila não é judia, e sim da Iduméia, da família de Herodes. Interessa-se, como muitas mulheres cultas de seu tempo, tanto romanas como gregas, sírias ou iduméias, pelos problemas filosóficos e religiosos. Mas disso a fazer dela uma judia há uma grande distância.

Vejamos agora a segunda inexatidão. Adivinha-se que o escriba anônimo que redigiu esta passagem dos Atos quis insinuar que Paulo queria moralizar ao casal Félix-Drusila. Novo João Batista, considera a Drusila como uma nova Herodías, e por isso os fala de *justiça* (não se toma a mulher de outro) e de *castidade* (não se vive em estado de adultério), porque se corre o risco de ser castigado em *julgamento vindouro*. Não obstante, esta entrevista se situa no ano 58, na Cesaréia. Portanto faz quatro anos que Drusila é viúva. De maneira que já não pode viver em estado de adultério. Mas essas passagens, visivelmente interpolados em versões mais antigas dos Atos, reforçam a alusão ao «*judeu, cipriota de nascimento*», porque é um mago judeu no Chipre; é comensal e conselheiro do governador da ilha de Pafos, capital do Chipre (Atos, 13, 6-12). Mas se chama Elimas Bar-Jesus, e não Simão.

De fato, a amizade testemunhada pelo procurador Félix para o Paulo é o agradecimento do Antonio Félix ao Simão o Mago» por lhe haver feito

obter o amor da bela Drusila. Uma vez mais o amor rege aos homens e às vezes suas ações mais importantes!

Assim, se o sortilégio de amor que uniu Drusila e Félix teve a Saulo-Paulo como autor, não é desatinado supor que este último fizesse uso de algum para obter a filha de Gamaliel. Exponhamos os elementos do problema:

a) Saulo-Paulo não é fisicamente um Apolo;

b) não é judeu.

De maneira que se a filha de Gamaliel mostrou alguma inclinação para ele e lhe disse que «sim», não foi o físico de Saulo-Paulo que a seduziu.

E necessariamente disse que «sim», porque se houvesse dito que «não», Saulo não se teria feito circuncidar, coisa que, em idade adulta, não tem nada de agradável, tendo em conta a cirurgia da época.

O «sim» da jovem teve que obtê-lo, pois, por outros meios. E voltamos a encontrar aqui nossa hipótese: cedeu como consequência de um feitiço de amor. Embora não consideramos os efeitos da magia a não ser na perspectiva de *uma física transcendental*. Com mil experiências de hipnotismo, há quase um século, estão aí para sublinhar a eficácia de todos esses procedimentos. Também por isso, tendo em conta as confidências de diversos «magnetizadores-hipnotizadores», desaconselhamos absolutamente que uma mulher vá confiar-se a algum deles sem ir acompanhada de algum familiar.

Por outro lado, não se pode negar a magia na vida de Paulo. Citaremos simplesmente estas duas passagens das Epístolas: «Pois eu, ausente em corpo, mas presente em espírito, condenei já, como se estivesse presente, ao que isso tem feito: Em nome de nosso Senhor Jesus, *entrego esse homem a Satanás, para a destruição de sua carne*». (Cf. Coríntios, 5, 3-5.)

«Entre eles Himeneu e Alexandre, a quem entreguei a Satanás para que aprendam a não blasfemar...» (Cf. I Timóteo, 1, 20.)

No primeiro caso se tratava de um homem jovem que se casou com a viúva de seu pai, e por conseguinte sua madrasta. Ela devia ser muito jovem, segundo o costume da época.

No segundo caso se tratava de cristãos ordinários, que passaram à Gnosis, e portanto, abandonaram os grupos submetidos ao Paulo. Como Satanás era, sob o nome de Samael, o anjo das provas e da tentação, constatar-se-á que Paulo gosta de praticar a magia negra, já que não se trata de outra coisa. De todo modo, terá que suportar seus inconvenientes, pois o chamado Alexandre se converterá em testemunha de cargo durante seu último processo, em Roma: «Alexandre, o ferreiro, tem-me feito muito mal. O Senhor Ihe dará pagamento segundo suas obras. Guarde você também dele, porque

mostrou forte oposição à minhas palavras». (Cf. Paulo, II Timóteo, 4, 14.)

Além disso, o testemunho deste Alexandre, confirmado pelo original — ou uma cópia— da *«primeira carta ao Timóteo»*, implicará para o Paulo, acusado já de um pouco mais terrível, que analisaremos chegado o momento, a acusação também de magia negra. E esta se achava já sancionada de antemão com a pena capital pela implacável «Lei das Doze Tábuas» para quem quer que praticasse «sortilégios, feitiços ou palavras de encantamento, malefícios contra pessoas, animais ou colheitas».

Já sob Augusto procuraram cuidadosamente todos os livros de bruxaria que pudesse haver no Império. Logo foram imediatamente queimados, por ordem expressa do imperador. Tibério e Nero confirmaram com numerosos decretos a vigência das antigas leis. Estas tinham levado a execução, sob o consulado de Claudio Marcelo e de Valerio Flaco, a 170 bruxas, que tinham arrojado malefícios sobre numerosas pessoas melando as portas de suas casas (provavelmente os trincos) com *ungüentos especiais*. (Cf. *Leg. duodecim Tabular: art. 55, 68, 69, etc.*)

O mesmo acontecia na Grécia, onde uma lei castigava a «todos aqueles que, por encantamentos, palavras, ligadura, imagem de cera ou outro malefício encantem ou enfeitem a alguém, ou se dele sirvam para fazer morrer a homens ou animais de curral, todos esses serão castigados com a morte». (Cf. De Lamarre, *Traite de la Pólice*, tomo I, título VII.)

Platão nos fala desta lei em seu *De Legibus*, livro II. E Pausanias, em seu *In Elia*, livro V, relata uma aplicação: Lemnia, uma bruxa, foi condenada a morte pela denúncia de uma faxineira. Se relacionarmos este nome com o da *lamia* das lendas, que atraía aos jovens e lhes tirava a vida pouco a pouco com voluptuosos enlaçamentos, devia-se tratar de uma mulher que enfeitiçava aos homens que desejava.

Seja como for, agora vamos encontrar logo ao Paulo em sua obra de mago, mas para ele do que se tratará é de constituir extensas redes de cumplicidades femininas na grande empresa que tentará levar a bom termo.

Fica por elucidar um ponto histórico.

Constatamos na *Confissão de São Cipriano* e na versão dos Atos dos Apóstolos dessa época que Saulo-Paulo tinha efetuado sua conversão muito depois do episódio de sua visita à Damasco, no curso do qual o etnarca do rei nabateu Aretas IV quis lhe fazer capturar. Ele mesmo nos conta como uns amigos que tinha na cidade lhe ajudaram a baixar de noite, ao longo das muralhas, metido em um cesto de vime (*tarsos*). Portanto tal conversão temos que procurá-la depois deste desatino de

Damasco.

Por outra parte, sabemos pelos manuscritos do mar Morto que a seita dos *sadocitas*, os «filhos de Sadoc», um dia teve que fugir do lugar e do monastério de Qumrán para refugiar-se em Damasco. Quando teve lugar a volta deste exílio, uma fração da seita ficou ali, embora sem deixar de estar em relação com os repatriados, conforme nos diz o cardeal Jean Daniélou em seu livro *Les Symboles chrétiens primitifs*. E aqui intervém um curioso dado que devemos ao Lurie. Recorda que a seita sadocita não estava fixada em Damasco mesmo (cf. *Document de Damas*, VIII, 21; XX, 12), mas quinze quilômetros ao sudoeste, no caminho que levava à Galiléia, e em uma aldeia chamada Kokba (cf. R. North, relatório sobre «*Eretz Israel*», IV, no *Verbum Domini*, núm. 35, 1957).

Epífano, em sua obra *Adversus Haereses* (XXIX, VII, 7), menciona deste modo aos nazarenos entre os refugiados na Kokba, quer dizer judeus-cristãos ortodoxos que pertenciam ao ramo fundado por Santiago, o Maior, e aos *arcónticos*, judeu-cristãos de caráter gnóstico (*Pp. cit.*, XL, I, 5.) E Julio, o Africano, chamado pelo Eusébio da Cesaréia em sua *História eclesiástica* (I, VII, 14), diz-nos que provavelmente entre eles havia «*parentes carnis do Senhor*». Sobre esta questão, veja-se H. J. Schoeps, *El judeocristianismo*.

Todo o qual conduz ao Dositeo. Este foi o Mestre de Simão, o Mago. Tinha estado em relação com João Batista, e Epífano o apresenta como saduceu (coisa que era, evidentemente, um engano); em realidade era *sadocita*, levava uma vida muito ascética e praticava o sabbat de forma muito estrita. Segundo os antigos heresiólogos, foi um *gnóstico* no sentido absoluto do termo. Pois bem, segundo o *Talmud* (cf. R. North, *loe. cit.*, P. 49), *vivia na Kokba*.

E Jean Daniélou nos proporciona além disso, em seu livro *Les Symboles chrétiens primitifs*, o seguinte dado, particularmente significativo:

«Outro detalhe curioso é a existência de uma tradição segundo a qual a conversão de São Paulo teria tido lugar na Kokba. Saulo teria tido ali um primeiro contato com helenistas, que a seguir se encarregariam de sua instrução em Damasco». (Cf. J. Daniélou, *op. cit.*, VII, l'étoile de Jacob.)

Segundo monsenhor Ricciotti esta tradição seria muito antiga (cf. *Saint Paul, apotre*, P. 213). O historiador protestante Harnack o confirma no *Die Mission und Ausbreitung des Christentums*, II, 636, assim como S. Lósch em *Deitas Jesu und Antike Apotheose*.

«A gente pode perguntar-se deste modo —prosegue Jean Daniélou— se a permanência na Arábia (cf. Epístola aos Gálatas, 1, 17) não designava simplesmente a Kokba. Naquela época a região de Damasco

se considerava como parte da Arábia.» Com efeito, formava parte do domínio do rei Aretas IV (e havia um etnarca), toda essa parte da Síria era então do reino nabateu.

Recapitulemos, pois, nossas sucessivas conclusões:

- 1) Saulo-Paulo não é outro que Simão, o Mago, já o vimos;
- 2) Simão, o Mago, foi antes discípulo de Dositeo;
- 3) Dositeo vivia em Kokba, a quinze quilômetros de Damasco;
- 4) Saulo-Paulo teria sido antes instruído pelos helenistas em Kokba, onde vivia Dositeo.

O *silogismo* é fácil de estabelecer, tendo em conta o que precede, já que a *primeira e a segunda premissas* são unânimes em sua demonstração de que Saulo-Paulo e Simão o Mago não são a não ser uma mesma pessoa.

Quanto à improbabilidade de uma viagem de Saulo-Paulo a pleno território nabateo, quer dizer a seu capital Petra, confirmam-no dois detalhes:

a) A permanência na região de Damasco, território nabateo, pode explicar a passagem da Epístola aos Gálatas, 1, 17, que diz:

«Não subi a Jerusalém para ver os que me precederam no apostolado, mas sim parti para a Arábia, de onde voltei outra vez a Damasco».

b) Observar-se-á que Saulo-Paulo *não retornou jamais à Arábia nabatea* no curso de suas numerosas viagens missionárias. Porque, como príncipe das dinastias Iduméia (por via masculina) e nabatea (por via feminina: sua bisavó Cypros I), e por haver-se feito circuncidar para fazer-se judeu e casar-se com a filha do Gamaliel, *corria o risco de ser lapidado*.

Em efeito, quando sua avó Salomé I decidiu casar-se pela terceira vez, tinha tido um enredo no palácio de seu irmão Herodes o Grande com um árabe nabateo chamado Silaios. Ante a indignação das esposas de Herodes, o árabe, ao ver que suspeitavam dele, partiu, mas retornou três meses mais tarde, para pedir em matrimônio à Salomé. Era o administrador do rei da Arábia Obodas, e era jovem e de aparência agradável. Salomé consentiu, e Herodes também, mas apesar de tudo impôs uma condição: para poder levar-se bem com a população judia, Silaios se converteria ao judaísmo, ao menos aparentemente; sem isso, o matrimônio seria impossível, declarou Herodes. Silaios recusou «dizendo que, se o fazia, seria lapidado pelos árabes» (cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XVI, VII).

E esta é a razão, bastante válida, pela qual Saulo-Paulo não retornou jamais, no transcurso de suas viagens missionárias, à Arábia nabatea. O que contribui uma prova a mais à suas origens principescos e árabes. Sua circuncisão «por amor» teria validade também à ele, em território

nabateo, a lapidação que temia Silaios.

Porque, para o Saulo, toda esta aventura expunha problemas insolúveis.

Aos olhos da casa do Herodes, tinha abandonado os cultos ancestrais, tradicionais, e isso não era o mais grave, a não ser o fato de que pertencia à *religião* judia implicava uma naturalização judaica. Já que em Israel religião e raça eram uma só coisa; pertencer à comunidade mística era pertencer ao povo eleito, a sua comunidade física.

Agora bem, uma e outra impunham deveres imperiosos, e esses deveres com muita freqüência eram opostos ao que a dinastia herodiana considerava como *direitos*. Converter-se em judeu não significava só desertar, a não ser alinhar-se entre os adversários.

Sem dúvida, entre as mulheres cultas da aristocracia Iduméia e romana, produziram-se com freqüência, se não conversões oficiais, ao menos adesões interiores. Mas se limitavam a isso.

Entre os homens tornar-se judeu expunha outros problemas, imensamente mais graves, já que o Império Romano via com muito maus olhos essas conversões masculinas. Aconselhamos ao leitor que releia tudo o que dizemos sobre o particular mais acima.

No que diz respeito a suas relações com as três potências presentes, nosso Saulo se encontra, pois, na situação seguinte, depois de sua conversão por interesse e da circuncisão que o deixou marcado para sempre:

— *Judaísmo*: considera-lhe um convertido não sincero, já que movido inicialmente pelo corriqueiro desejo de uma mulher, jamais lhe viu antes manifestar o mínimo interesse pela religião judia e sua doutrina. Daí lhe rechacem.

— *Herodismo*: considera-lhe como um desertor, já que fazer-se judeu, para um príncipe herodiano, supõe aderir-se a uma nação que, *unanimemente*, é hostil aos incircuncisos em geral, e em numerosas ocasiões tentou varrer (se era necessário efetuando grandes matanças) aos membros da descendência do Herodes o Grande.

— *Romanismo*: passar de maneira total de uma família aliada de Roma e amiga dos imperadores (veja-se o referente às relações de Salomé I e da imperatriz Livia) a uma nação que, em setenta e quatro anos, do 68 antes de nossa era até o 6 d. C., levantou trinta e seis vezes o estandarte da revolução (e com que violência!), implica converter-se a sua vez em inimigo de Roma.

Como se vê, a situação do Saulo era crítica. Aparecia como suspeito para uns e para outros, era rechaçado por todos, e ainda teria que enfrentar-se com um quarto adversário.

Voltemos para assunto de Damasco.

Saulo está circunciso, não obteve a mão da filha de Gamaliel, mas continua sendo o chefe da tropa paralela. Essas funções lhe impõem, se não deveres, ao menos sim atividades.

Estas últimas as exerce em especial em torno dos *zelotes*, esses integristas judeus a quem a comunidade oficial qualificou de *apóstatas*. E a esses *integristas* Saulo os odeia, porque um estado de ânimo semelhante foi o que, ao suscitar o *vetó* dos sanedritas, quebrou para sempre suas esperanças sentimentais.

De maneira que redobra as perseguições e pesquisas contra eles. Montará uma operação contra os de Damasco, porque esta cidade é um centro zelote importante.

Só que, como já precisamos, Damasco é então um enclave nabateo em Síria, e está governado por um etnarca, que representa ali ao rei Aretas IV. Vejamos os dois textos, contraditórios, da Epístola aos Gálatas e os Atos dos Apóstolos.

Como lemos na *Confissão de São Cipriano*, Paulo e seu grupo de homens armados vão a Damasco a fim de efetuar ali uma batida geral entre os hereges. Entretanto: «Em Damasco, o etnarca do rei Aretas pôs guardas na cidade dos damascenos para me prender. Mas fui desprendido por uma janela, em uma cesta, com o passar do muro, e assim escapei de suas mãos». (Cf. II Coríntios, 11, 32-33.)

Por que quereria prender ao Saulo o etnarca do soberano nabateo? O assunto se remonta a muito longe.

No ano 6 antes de nossa era, Herodes-Antipas, de volta de Roma, levou a seu palácio do Tiberíades ao Herodías, esposa de Herodes Filipo, seu irmão, e filha de ambos, Salomé II. Sua primeira esposa, filha do Aretas III, apressou-se então a empreender a fuga e refugiar-se em casa de seu pai. Este último, para vingar do insulto infligido a sua casa, declarou a guerra a Herodes Antipas. Por último, depois de numerosos momentos de calma aparente, de renovação das hostilidades, etc., as tropas de Herodes Antipas resultaram vencidas. Certas hostilidades duraram perto de quarenta anos. A intervenção romana em favor do Herodes Antipas, por ordem do Tibério César, no ano 36, não mudou nada. E aconteceu uma paz precária, que Calígula, desejoso de consolidá-la por parte de Roma, acreditou selar entregando livremente Damasco aos nabateus.

Mas ao pretender efetuar detenções ali, Saulo cometeu uma imprudência. Este fato ultrajou a soberania do Aretas IV, filho do precedente. E o etnarca deste último tentou então capturar ao Saulo, tanto para castigá-lo para entregar a seu soberano um *refém de categoria*, o sobrinho neto do Herodes o Grande em pessoa.

De modo que Saulo tentará ficar um tempo junto aos zelotes.

Como as arrumou? Quando nos diz que, depois de uma conversação com o Ananias, «as escamas lhe caíram dos olhos e viu claro» (cf. Atos, 9, 17-18), não vemos a utilidade de imaginar a um Saulo fisicamente cego, com as pupilas cobertas de escamas, que cairão *ao chão* quando ele receba o batismo. A frase deve entender-se em sentido figurado, é óbvio.

Mas *Saulo não é judeu nem está louco*. Ele, como chefe de guerra e príncipe herodiano, não ignora a enorme potência militar de Roma. E os sonhos ideológicos dos zelotes, assim como todas as esperanças messianistas judias, deixam-lhe frio, não despertam nele, e com razão, nenhum eco.

Seu plano está, pois, montado. Orientará o messianismo político, quer dizer o zelote, para uma postura especulativo, *puramente mística*. Fazendo isto, não terá nada que temer de Roma, mas bem ao contrário. Possivelmente esta inclusive lhe dará suporte, já que assim lhes fará o jogo, ao romper a resistência judia em suas raízes espirituais.

De todo modo, como o movimento zelote constituía um bloco muito unido, dificilmente penetrável para um homem só e tão suspeito por seu passado como Saulo, este se dedicaria primeiro a interessar aos gentis na nova ideologia.

Quando tiver em suas mãos uma massa suficientemente numerosa de fiéis, tentará fundir os dois messianismos. Fazendo isto, os que resultarão anexados serão os zelotes, e não os gentis. E por isso não retrocederá em seu empenho de que os primeiros renunciem pouco a pouco aos costumes tradicionais judaicos mais importantes: circuncisão, tabus alimentares, etcétera.

Então se alargará mais o fosso que os separa do judaísmo oficial. E pouco a pouco a corrente zelote acabará por morrer na massa da Gentilidade...

NOTAS COMPLEMENTARES

Para monsenhor Giuseppe Ricciotti, que evoca em seu livro *Saint Paúl, Apotre* (trad. do italiano pelo F. Hayward, *imprimatur* 15 de maio de 1952, Robert Laffont édit., Paris), a tradição ebionita contribuída no século IV por São Epífano, «Paulo apaixonou-se pela filha do supremo sacerdote, e para casar-se com ela, teria aceito a circuncisão e o judaísmo. *Mas ao não alcançar seu objetivo*, para vingar-se, teria passado à oposição, e teria começado a lutar e a escrever contra a circuncisão, o sabbat e a Lei». (*Op. cit.*, P. 82.)

Para o abade Migne e seus colaboradores, na tradução latina do grego antigo do Epífano, Paulo «... quando veio a Jerusalém e fixou aqui sua residência, *casou-se com a filha do pontífice*. Nesta ocasião se fez partidário e aceitou a circuncisão. Mas como logo se *divorciou*, escreveu

encolerizado contra a circuncisão, o sabbat e a Lei». (Cf. Migne, *Patrologie grecque, Epiphane: Adversus Haereses*, libero I, tomo II, III, 16, pp. 431-434, Paris, 1858.)

Quem tem razão? Monsenhor Ricciotti ou o abade Migne? Nós acreditamos que o primeiro, que ao ser prelado romano, teve indubitavelmente acesso à célebre Biblioteca do Vaticano e aos manuscritos mais antigos de Epífano, enquanto que o segundo e seus colaboradores se contentaram traduzindo a um excelente latim um manuscrito grego do século XVI, gravado sobre madeira e impresso, das obras completas do mesmo Epífano. E é muito provável, em efeito, que como sempre, as obras deste último sofressem sérios retoques e variações, ao desejo de cada monge copista dos séculos passados; daí as diferenças entre os manuscritos.

Assim, parece mais plausível convir com monsenhor Ricciotti em que Saulo-Paulo se encontrou com que lhe negavam a mão da jovem —daí sua mudança de atitude—, em lugar de atribuir tal mudança ao fato de que *Saulo-Paulo tivesse repudiado à moça*, porque esta separação depois do matrimônio, segundo os termos da lei judia, não podia correr a não ser a cargo do *marido*, já que a esposa não possuía este direito.

O único modo de conciliar estes dois variantes seria admitir que Saulo-Paulo e a jovem estiveram *oficialmente prometidos*, já que este fato, em Israel antigo, equivalia a uma espécie de *matrimônio privado*, do que o matrimônio oficial não constituía mais que a conclusão legal. Assim, uma vez prometidos, as severas leis sobre o adultério eram já aplicáveis aos noivos, posto que o noivo podia viver já em casa de seu futuro sogro, *e usar dos direitos legítimos do matrimônio*, e daí a frase de Mateus, que não se entende a não ser nesse contexto: «O homem abandonará a seu pai e a sua mãe e se unirá à mulher» (Mateus, 19, 5). De modo que os recém casados não foram viver à parte ou à casa dos pais do marido até depois do matrimônio oficial e legal.

Pode supor-se, pois, que se rompeu o noivado de Saulo-Paulo por causa da oposição do Sanedrim, e daí sua irritação. Na hipótese inversa, se foi ele quem rompeu o acordo, depois de ter feito uso dos direitos legítimos e ter abusado deste modo da confiança da família e da jovem, é facilmente concebível o furor dos judeus contra esse pagão de má fé.

E fica um último ponto, ou seja: quem era o pai da jovem? Era o pontífice de Israel, quer dizer o supremo sacerdote, o *cohen-ha-gadol*, ou era Gamaliel, o *rabban*, quer dizer o «professor dos professores», o «doutor dos doutores», ou seja o próprio presidente do Sanedrim, o *Hahan-ha-hahanim* (sábio dos sábios), possivelmente inclusive *Rosch-Galouta* (príncipe do Exílio) ou *Daion-di-baba* (Juiz supremo)?

Pessoalmente, nos inclinamos pelo Gamaliel, já que os Atos dos

Apóstolos contribuem, apesar de tudo, uma lembrança, possivelmente deformada, mas nada desdenhável, das relações entre Saulo-Paulo e Gamaliel (Atos, 22, 3), assim como nos mostram o mesmo Saulo-Paulo na incapacidade de reconhecer e de identificar ao pontífice. (Atos, 23, 1-5.)

9 - A família de Saulo-Paulo

A herança é como uma diligência em que viajassem todos nossos antepassados. De vez em quando um deles tira a cabeça pela portinhola e vem a nos causar todo tipo de complicações. O. W. Holmes, seleção

Começamos já a focar suficientemente o personagem múltiplo que se oculta sob os nomes sucessivos de Shaul, Saulo, Paulo para estar agora em condições de abordar numerosos detalhes sobre sua existência. E em primeiro lugar, quando e onde nasceu.

Tomamos cuidadosamente nota de que tinha sido educado com:

a) Menahem, neto de Judas da Gamala, de filiação davídica e real, e que levantará o estandarte de uma nova revolução judia no ano 64 de nossa era. Será o bisavô do Jonathan-Ben-Menahem, intendente geral do Simão-Ben-Koseba, príncipe de Israel, chefe da última revolução no ano 132;

b) Herodes, o Tetrarca, e é este último que nos permitirá marcar datas importantes da vida de Saulo.

Trata-se, com efeito, de Herodes Agripa II, filho de Herodes Agripa I, rei da Judéia e da Samaria, nascido no ano 10 antes de nossa era e morto em 44 desta. Herodes Agripa II foi o irmão de Berenice, esposa de Herodes do Calcis, e que, uma vez viúva, foi ao lado de seu irmão, com quem sustentou, segundo os rumores públicos, umas relações incestuosas. Sua segunda irmã era Drusila, que se casou com Aziz, rei de Emeso (morto no ano 54), e o abandonara no 52 para viver com Antonio Félix, procurador de Roma na Judéia, no ano 53.

Herodes Agripa II foi com toda certeza educado em princípio na Cesaréia e em Tiberíades, na corte de seu pai. Nasceu no ano 27 de nossa era, já que contava 17 anos de idade à morte deste, em Cesaréia, em 44. Chamado à Roma por Claudio César, ao advento deste imperador, quer dizer em princípio do ano 41. Não retornou à Judéia até muito mais tarde, porque Claudio César não quis confiar tais responsabilidades a um adolescente. Em sua ausência, Judéia teve como procuradores, sucessivamente, a: Marcelo (44), Cuspio Fado (45-46), Tibério Alexandre (46-48), Ventidio Cumano (48-51) e Antonio Félix (51-58). Enquanto isso, no ano 51, a tetrarquia da Traconítide fora concedida ao Herodes Agripa II, daí seu nome de tetrarca. Mas, como vemos, não foi realmente rei, e

não reinou como seu pai sobre a Judéia e Samaria.

Teve que haver aí uma manifestação de desconfiança por parte de Claudio César, porque sua saída de Roma coincidiu com o decreto deste imperador expulsando aos judeus livres da capital do Império. Ali não ficaram mais que os escravos e os que não tinham alforria por completo ante o pretor.

Portanto, foi com Herodes Agripa II e com Menahem com quem foi criado Saulo. Podemos admitir que este último fora algo maior. De todo modo, se Estêvão foi realmente lapidado no ano 36, Saulo não devia ter alcançado ainda a maioridade civil e religiosa do *bar-mitzva* (aproximadamente aos doze anos), posto que não participou da lapidação, e os judeus se limitaram a lhe confiar a vigilância de suas roupas (Atos, 7, 58).

Mas, já que agora sabemos que não era judeu, a não ser idumeu, o problema não se expõe sob este ângulo. De todo modo, dizem que *aprovou o assassinato legal de Estêvão* (Atos, 22, 20). Assim, estiveram obrigados a recorrer a uma aprovação, ao menos tácita, de Saulo, o que implica que tinha já certa autoridade. E com efeito, imediatamente depois do enterro de Estêvão, vemo-lo penetrar nas moradias e arrancar delas homens e mulheres para colocá-los na prisão (Atos, 8, 3); logo abandona Jerusalém para estender suas pesquisas e suas batidas até Damasco, em Síria (Atos, 8, 1-2).

Semelhantes atividades, que implicam uma autoridade policial, não são exclusivas da adolescência nos séculos passados. Não esqueçamos que seu avô Herodes, o Grande, só tinha vinte e sete anos quando capturou ao Ezequías, pai de Judas da Gamala e avô de Jesus, e o fez crucificar no curso de suas campanhas contra esse «filho de David» que fazia estragos em Síria, à cabeça de seus partidários. E o próprio Herodes, o Grande, recebera já de seu pai Antípater, amigo de César, o governo da Galiléia, «embora fosse então extremamente jovem» (cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*. I, VIII). Durante muito tempo será assim, e na França, por exemplo, chegou até Capelos. Luis XI exercerá um mando militar efetivo aos quatorze anos, e fomentará a revolta da Prageria contra seu pai Carlos VII aos dezessete anos. Então nomeia-lhe governador do Delfinado. Carlos V foi regente do reino da França aos dezoito anos. Os reis, com efeito, eram maiores de idade aos quatorze anos, e Luis XIII foi aos treze.

Por conseguinte, a juventude de Saulo quando lapidaram Estêvão, e imediatamente depois seu papel na repressão do neomessianismo, não fazem a não ser confirmar a inanidade da tese segundo a qual não se tratava senão de um judeu comum, quando tudo demonstra, pelo contrário, que era um príncipe herodiano, que gozava de todos os

Saulo-Paulo:

Genealogia do Shaul-bar-Antípater

Primeiro grau: Herodes do Ascalón, sacerdote do templo do Apolo no Ascalón. De sua união com o X... nasceu Antípater.

Segundo grau: Antípater, epimeleta da Palestina. De sua união com Cypros I, pertencente a uma das mais ilustres famílias da Arábia nabatea, nasceram quatro filhos, Fazael, Herodes o Grande, José e Perora, e uma filha, Salomé I. Morreu no ano 43 antes de nossa era, acredita-se que envenenado.

Terceiro grau: Salomé I, que esteve primeiro casada com um tal José, do que não possuímos nenhuma informação, salvo que foi assassinado por ordem de Herodes o Grande, assim como Mariana, esposa deste último, no ano 29 antes de nossa era, depois de serem acusados de adultério por Salomé I ante seu irmão. Esta se casou a seguir com Costobaro I, íntimo amigo de Herodes o Grande, quem antes de que tivesse lugar o enlace o nomeou governador da Iduméia e da Gaza, no ano 37 antes de nossa era. Costobaro I procedia de uma das maiores famílias da Iduméia, e seus antepassados nos tempos dos príncipes-sacerdotes, tinham sido sacrificadores do deus Cosas —divindade que as tribos Iduméias adoravam com grande devoção—, antes de que Hircano os obrigasse a abraçar a religião judia, se não sinceramente, ao menos na aparência. Como Costobaro I conspirasse com Cleópatra, rainha do Egito, para separar Iduméia do reino do Herodes a fim de fazer-se independente, este o mandou executar por volta do ano 28 antes de nossa era. Logo Salomé I se casou pela terceira vez com um tal Alexas.

De sua segunda união com Costobaro I, Salomé teve duas filhas. De uma delas se ignora o nome; sabe-se que se casou com Caleas, filho de Alexas, terceiro marido de Salomé I. A outra se chamava Berenice, e se casou com Aristóbulo, filho de Herodes, o Grande. Salomé I teve um filho, chamado Antípater, de que falaremos a seguir. Ela morreu no ano 14 de nossa era.

Quarto grau: Antípater II, filho de Costobaro I e de Salomé I, casou-se com Cypros II, filha de Herodes, o Grande, e de Mariana. Desta união nasceram uma filha, Cypros III, que se casou com Alexias Helsius, e dois filhos, Shaul e Costobaro II. Observar-se-á que o nome primitivo de Saulo-Paulo era Shaul, posto que é o que os Atos dão no capítulo 9, versículo 4, no episódio do caminho de Damasco. Essa é a forma aramaica do nome, e Saulós era a forma grega. Pois bem, o aramaico se falava na Palestina e na Síria, e nesta época se estendeu do Sinai ao Taurus e mais à frente do golfo Pérsico.

Aqui, o manuscrito grego das *Antigüidades judaicas* de Flavio Josefo mostra uma importante lacuna. Os famosos monges copistas deram-lhe

em mãos, já que os originais desapareceram misteriosamente, e não possuímos mais que transcrições medievais dos séculos IX e XII. A Igreja velou zelosamente pela ortodoxia das cópias das obras de tal autor. Hoje em dia, na Biblioteca de Friburgo, encontra-se um manuscrito de Flavio Josefo que, no século XV, era ainda propriedade privada do arcebispo de Toulouse, Monsenhor Rieux, e que procedia possivelmente das expropriações inquisitoriais entre os albigenses e os cátaros, ou do processo contra a Ordem do Templo. A Igreja citou ao arcebispo e seu manuscrito ante o Parlamento de Paris, a fim de que o manuscrito fora examinado, e requisitado se era necessário, e o arcebispo interrogado sobre sua ortodoxia. Esta lacuna na filiação da dinastia Iduméia não deve, pois, nos surpreender; tratava-se de fazer desaparecer da verdade histórica a esse príncipe herodiano de origens muito significativos. Na obra de Flavio Josefo só encontramos a seguinte referência:

Quinto grau: «Costobaro [II] e Shaul tinham também consigo grande número de guerreiros, e o fato de que fossem príncipes de sangue real e parentes do rei os fazia gozar de uma grande consideração. Mas eram violentos, sempre dispostos a oprimir aos mais débeis.» (Flavio Josefo, *op. cit.*) Costobaro II formou parte da delegação enviada ao rei Herodes Agripa II para lhe pedir que fora a Jerusalém com tropas, a fim de sufocar a rebelião. Logo, durante a estância de Nero César na Acaia, foi enviado a este por Cestio Galo, governador de Síria, para que lhe explicasse os motivos de sua derrota.

Como vemos indiscutivelmente, Saulo-Paulo foi pois *o autêntico neto de Herodes, o Grande*, graças ao matrimônio de seu pai Antípater II com a filha daquele (Cypros II), e é também seu *sobrinho-neto*, por ser neto da irmã de Herodes, Salomé I, mãe de Antípater II.

De maneira que nos achamos muito longe desse casal de judeus desconhecidos, deportados ao Tarso, dos quais inclusive se ignora o nome. Coisa que não impedirá à certos críticos bem pensantes negar-se a discutir nossos argumentos, embora sem contribuir eles com os seus.

Não obstante, observaremos que Saulo-Paulo não é cem por cento idumeu, já que sua avó materna, Mariana (mãe de Cypros II), era filha de Alexandre e de Alexandra, e portanto neta de Hircano II, rei e supremo sacerdote, descendente direto de uma linhagem de supremos sacerdotes de Israel que se remontava até o Matatias, pai de Judas Macabeo, o herói da luta judia contra Antíoco IV Epífanês (veja a árvore genealógica acima). Assim, por esta avó judia, Saulo-Paulo tem 25% de sangue judeu (sua mãe, Cypros II, tem 50%), e o resto, 75 %, de sangue Iduméia e nabatea.

Por outra parte, se isto lhe facilitar a circuncisão ulterior, o fato de

contar em sua ascendência materna com quatro supremos sacerdotes de Israel (Hircano II, Alexandre Janeo, Juan Hircano I e Simão-bar-Matias) seria incitado a considerar como possível uma união com a filha de Gamaliel.

Mas, além de que o valor moral desta circuncisão tardia foi discutido pelo Sanedrim, a dinastia asmonea, procedente de Matatias e seus filhos, deixara lembranças muito penosas e sangrentas nas memórias judias para que o povo aceitasse tal união; de fato, ante a alternativa, preferiam a filiação davídica.

E isso não podia a não ser agravar as más relações posteriores entre Saulo-Paulo, *asmoneo* por parte de mãe e *idumeu* por parte de pai, e Simão-Pedro, «*filho de David*», como seu irmão maior Jesus, como seu pai Judas da Gamala e como seu avô Ezequias, crucificado por Herodes, avô de Saulo-Paulo. Esses ódios familiares explicarão muitos dramas, especialmente a crucificação de Simão-Pedro e de Santiago, seu irmão, no ano 47 em Jerusalém, por ordem de Tibério Alexandre, procurador de Roma.

Porque esta dupla execução tem lugar em plena nova revolução judia, durante a enorme fome que assolou o Império romano naquela época, anunciada pelo vidente Agabus (Atos, 11, 28), e que se produziu *ao término do primeiro «concílio» de Jerusalém*, verdadeiro conselho de guerra, onde se enfrentaram os adversários dos tabus legais, e sobretudo da circuncisão, agrupados ao redor de Saulo-Paulo e vindos da Gentilidade, e os judeus-cristãos tradicionalistas, agrupados ao redor de Simão-Pedro, e procedentes, ou da corrente zelote, ou da seita fariseu.

É provável que as origens principescas de Saulo-Paulo e suas antigas funções o colocassem em situação de poder alertar eficazmente às autoridades romanas contra o que ele considerava como irreduzíveis obstáculos a suas ambições e a seus planos. Porque fica uma alusão muito clara a este drama: «Pedro, *quem, vítima de um injusto ciúmes*, passou não por uma, mas sim por numerosas provas, e quem, depois de ter sofrido *assim* seu martírio, foi à glória que lhe estava devida...». (Cf. Clemente de Roma, *Epístola aos Coríntios*, V, 4.)

E isso é o que vamos estudar agora.

Este estudo genealógico poderia parecermos fastidioso e inútil se não nos pusesse em presença de uma verdade pasmosa, verdade que, como efeito de uma bomba cega, permitir-nos-á compreender muitas coisas. Que o leitor tenha a bondade de remeter-se aos quadros genealógicos das páginas anteriores, que podem resumir-se como se indica no esquema desta página.

Não faz falta ser um grande letrado para constatar que Saulo-Paulo é o segundo primo do rei Herodes Agripa I, quem a sua vez é *primo em terceiro* grau de seu filho Herodes Agripa II e de suas filhas, as princesas Berenice (viúva de seu tio Herodes, rei do Calcis) e Drusila (viúva do Aziz, rei do Emeso), e que por conseguinte, quando esta última se casou com o Antonio Félix, procurador de Roma, irmão do Palante (favorito do imperador Claudio), *este matrimônio converteu Félix e Paulo em primos por aliança.*

Genitores Primos irmãos Primos segundos Primos em terceiro grau

Herodes, o Grande, casado com a Mariana;

Sua irmã é: Salomé I, casada com Costobaro I; *de onde:*

Antípater II, casado com Cypros II;

de onde:

Saulo-Paulo e Costobaro II

de onde:

Alexandre Aristóbulo, casado com Glafira;

de onde:

Herodes Agripa I, casado com X...;

de onde:

Herodes Agripa II, cujas irmãs são: Berenice e Drusila, casada com Félix, o procurador romano

Assim se compreende facilmente por que Claudio Lisias, tribuno das coortes e governador da *Antonia*, em Jerusalém, fez conduzir Saulo-Paulo à Cesaréia Marítima, sob a proteção de quatrocentos e setenta soldados, com várias montarias para o «prisioneiro Paulo» (*sic*). Era para pô-lo sob o amparo de seu primo Félix.

Porque detrás deste último estava seu irmão Palante, secretário de Claudio César, e o tribuno Lisias era tão bom diplomático como perito soldado...

Referências Bibliográficas Flavio Josefo: *Antigüidades judaicas* (manuscrito grego): XIV, XII; XV, XI; XVI, VII; XVII, I; XVII, I; XVIII, V; XVIII, V; XX, VIII. *Guerra dos judeus* (manuscrito eslavo): I, IX; I, XI; I, XVII; II, XXXI; II, XII.

As cifras romanas maiúsculas indicam o livro da obra, e as cifras romanas minúsculas precisam os capítulos de tais livros.

Nota: Segundo costume em genealogia, e a fim de diferenciar aos personagens do mesmo nome mas com graus diferentes de filiação, demos um indicativo de ordem a cada um dos membros desta família: Salomé I, Costobaro II, Cypros III, etc. Se se examina a árvore genealógica da Casa dos Herodes se observará, em efeito, que há um uso constante dos mesmos nomes. Trata-se de uma espécie de costume

tribal.

Por outra parte, Shaul ou Saulo é um nome raramente utilizado no Antigo Testamento. Primeiro está o de um dos filhos de Esaú, *um dos reis do Edom*, adversários dos filhos de Israel (Gênesis, 36, 37). Há logo um Saúl, filho de Simão e de uma cananéia, e neto de Jacob. Sua descendência constituiu um ramo à parte, pelo mesmo fato desta aliança com uma mulher de raça estrangeira. (Gênesis, 46, 10, e Números, 26, 13.) Está, por último, o Saúl que precedeu ao David (I Samuel, II Samuel, I Crônicas). Como vemos, isto confirma que Saúl não era um nome verdadeiramente judeu, mas, ao contrário muito utilizado entre os árabes.

Os sacrilégios de Saulo-Paulo

Resulta que a desonra e a própria santidade, devidamente identificadas, aconselham deste modo uma certa prudência, e representam, de cara ao mundo, os dois pólos de um campo atemorizador.

R. Caillois, *L'Homme elle Sacre*

Nos Atos dos Apóstolos lêem o que segue: «E seguiu até chegar ao Derbe e a Listra. E se encontrou ali com um discípulo chamado Timóteo, filho de uma mulher judia *crente* e de pai grego, que tinha a seu favor o testemunho dos irmãos que havia em Listra e em Iconio. Quis Paulo que se fora com ele, e tomando, *circundou-lhe por causa de quão judeus* havia naqueles lugares, pois todos sabiam que seu pai era grego». (Atos dos Apóstolos, 16, 1-5.)

O que quer dizer com isto? Porque o mesmo texto nos contribui a seguir sua própria contradição: «Ao passar pelas cidades, comunicava-lhes *os decretos dados pelos apóstolos e anciões de Jerusalém*, lhes encarregando que os guardassem». (Atos dos Apóstolos, 16, 4.)

Que decretos são esses? Aqui os temos: «Porque pareceu bom ao Espírito Santo e a nós não lhes impor nenhuma outra carga mais que estas necessárias: que lhes abstenham das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, dos animais estrangulados e da fornicação, do qual farão bem em lhes guardar». (Atos dos Apóstolos, 15, 28-29.)

Aqui não se fala em nada de circuncisão... Porque do que aqui se trata é da *Lei de Noé*, menos severo que a *Lei de Moisés*. Logo voltaremos sobre este tema.

Por conseguinte, a operação efetuada sobre Timóteo pelo próprio Paulo foi uma circuncisão clandestina, não ritual, com o fim de enganar, e portanto *mendaz e sacrílega*.

Agora bem, ele não tinha nenhuma autoridade para efetuá-la, por não ser judeu, e menos ainda sacrificador. E se fosse judeu. Paulo, a quem nos apresenta como chefe de uma tropa ao serviço do Sanedrim,

demonstrava com esta função *puramente laica* que não era sacerdote. Porque é mais que incerto que Gamaliel, doutor supremo de Israel, recebesse entre seus discípulos a um jovem judeu destinado simplesmente a desempenhar o papel de jenízaro. Assim, Paulo mentiu ao pretender ter sido educado «aos pés do Gamaliel» (Atos dos Apóstolos, 22, 3).

Vejamos como se desenvolvia essa circuncisão ritual.

Exigia a presença de três *mohelim* (sacrificadores), e de sete testemunhas varões adultos. A circuncisão, que começava com a faca ritual o primeiro *mohel*, terminava-se *dentibus*. A primeira aspiração de sangue a tragava esse primeiro *mohel*, que representava a «Deus, o primeiro servido». As duas aspirações seguintes as cuspiam a seguir os outros dois *mohelim* em uma taça de *vinho de bênção*. Com esse vinho consagrado se esfregava os lábios do jovem circunciso. A taça circulava logo do pai aos convidados varões, e todos bebiam dela. Tinha lugar assim a comunhão com *Israel humano*, e logo vinha a comunhão com Deus. O resto do vinho passava à mãe, que o mesclava com bolos e com geléias que eram distribuídas em seguida entre os amigos da família. (Cf. León de Módena, grande rabino de Veneza, *Cérémonies & Coutumes juives*, p.131.)

Por último, durante esta tripla comunhão com Deus, os sacerdotes e os laicos, cantava-se o salmo 16 de Ezequiel: «*Revive em seu sangue!*». E esta era a única circunstância em que os judeus podiam ingerir sangue, e mesmo assim se tratava de sangue humano, rigorosamente judeu, o que elimina a abominável lenda dos crimes rituais imputados aos judeus, e dos meninos cristãos sacrificados durante a Páscoa.

Como se vê por este relato; Paulo não tinha complexos, e para tratar com semelhante desenvoltura o rito mais sagrado da Antiga Aliança, tinha que ser totalmente alheio à raça judia, porque naquela época um filho de Israel «educado os pés de Gamaliel» jamais se atreveria a cometer tal impiedade.

Este constitui, pois, o primeiro sacrilégio de Saulo-Paulo, e é fácil de conceber que suscitasse entre os judeus um forte ódio quando fora conhecido por eles.

Vejamos agora o segundo: «Quando chegamos à Jerusalém, fomos recebidos pelos irmãos com alegria. Ao dia seguinte, Paulo, acompanhado de nós, visitou Santiago, e ali se reuniram todos os anciões. Depois de havê-los saudado, contou uma por uma as coisas que Deus tinha obrado entre os gentis por seu ministério. Logo eles lhe disseram: Já vê, irmão, quantos milhares de crentes há entre os judeus, e todos são zeladores da lei. Mas ouviram que ensina aos judeus da dispersão que terá que renunciar ao Moisés, e lhes diz que não

circuncidem a seus filhos e não sigam os costumes mosaicos. O que fazer, pois? Indubitavelmente a gente se reunirá, porque saberão que veio! Por isso faz o que vamos dizer: Há entre nós quatro homens que têm feito voto. *Toma-os contigo, purifica-se com eles e lhes pague os gastos para que se raspem a cabeça.* E assim todos conhecerão que não há nada de quanto ouviram sobre si, mas sim você também *segue na observância da Lei.* [...] Então Paulo, tomando consigo aos varões, purificou-se, e entrou na manhã seguinte no Templo com eles para anunciar que dia se cumpriria a purificação, e a oferenda apresentada por cada um deles». (Atos dos Apóstolos, 21, 17-26.)

Os quatro homens que deviam cumprir essas cerimônias de purificação eram judeus que tinham feito o voto do *nazireato* para um tempo dado. Essas cerimônias implicavam gastos consideráveis; compreende-se, pois, que ao tomar Paulo a seu cargo a estes, infiltrando-se entre eles sem ter feito antes o voto prévio (e com razão!), cai no caso de corrupção de quatro *nazirim*, crime muito grave, tanto para ele como para eles, e no de *falsa declaração de nazireato*, verdadeiro sacrilégio, já que profanava as cerimônias de liberação desse estado.

E chegamos agora ao terceiro: Em Jerusalém, o tribuno Lisias convoca ao Sanedrim e chama a sua presença Paulo, que vai sob o amparo dos legionários. É então quando nosso Paulo tem a audácia mendaz de declarar: «Varões irmãos, eu com toda boa consciência procedi ante Deus até este dia» (Atos dos Apóstolos, 23, 1); o supremo sacerdote Ananias ordena a um dos que estão a seu lado que lhe golpeiem na boca. Então Paulo declara, furioso: «Deus golpeará a ti, parede branqueada!» (*op. cit.*, 23, 3).

Com cal vivo branqueavam-se as soleiras, os pingentes as portas dos sepulcros utilizados para alertar aos judeus e lhes evitar o contato com um lugar impuro, no que se decompunha lentamente um cadáver. Os epítetos de «sepulcro» e de «parede branqueada» equivaliam portanto a tratar a alguém de *podridão* ou de *carniça*. (Jesus, por certo, tampouco se privou de utilizá-los; veja-se Mateus, 22, 27, e Lucas, 11, 44.)

Paulo, dando-se conta então da magnitude da estupidez que tinha cometido, replicou sem alterar-se aos judeus que lhe acusavam de ter insultado ao «soberano pontífice de Deus» (Atos dos Apóstolos, 23, 4): «Não sabia, irmãos, que fora o pontífice. Porque escrito está: Não injuriará ao príncipe de seu povo». (Atos dos Apóstolos, 23, 5, citando o Êxodo, 22, 27.)

Isto constitui uma prova mais de que não era judeu, e que não cresceu espiritualmente «aos pés de Gamaliel», como afirma. Porque nesse caso conheceria o rosto daquele que lhe sucedeu, seu sucessor direto; teria

que lhe encontrar forçosamente, como simples *cohen*, na casa de Gamaliel. Mas, sobretudo, *conheceria suas roupas e ornamentos rituais, e saberia, assim identificá-lo entre os sanedritas.*

O que caberia pensar, por exemplo, de um sacerdote católico romano que, em presença de um concílio, não soubesse distinguir ao Papa por seus ornamentos particulares, seu posto, sua importância e sua autoridade?

O judaísmo compreendia duas categorias de fiéis, e um só se convertia verdadeiramente em *filho de Israel* ao final de duas etapas, ou seja:

1) partidários de primeiro grau, chamados *«temerosos deste Deus* observavam a *Lei de Noé* —daí seu nome de *noacitas*—, quer dizer que não consumiam sangue, e por este motivo, nenhuma carne procedente de animal morto (cf. Gênesis, 9, 1-7);

2) partidários de segundo grau, chamados *«de justiça»*. Observavam a *Lei de Moisés* com todo seu rigor: proibição de sangue, de carnes consagradas e oferecidas em altares dedicados a outros deuses, de carnes procedentes de animais mortos ou impuros, etc. (cf. Deuteronômio, caps. 12-26).

É fácil tirar a conclusão de que Saulo-Paulo nem sequer foi partidário de primeiro grau, um *«temeroso de Deus»*, porque ao ter que respeitar a *Lei de Noé*, que impunha a fecundidade sexual (Gênesis, 9, 7), não poderia aconselhar seus seguidores: *«Quem casa a sua filha donzela faz bem. Mas quem não a casa faz melhor»*. (Cf. I Epístola aos Coríntios, 7, 38.)

Quanto à circuncisão por complacência, aceita para poder casar-se com uma das filhas do Gamaliel, é provável que fora igual de irregular que a de seu discípulo Timóteo, e não nos está proibido supor que nem sequer foi um *cohen* regular o que a praticou.

Nota: Observar-se-á que no texto grego dos Atos, 13, 1: *«... e Menahem, que fora criado com Herodes, o Tetrarca, e Saulo...»*, o escriba do século IV pôs este último nome em nominativo (*Saúlos*), o que implica, em seu espírito, que Saulo não foi criado com Menahem e Herodes, o Tetrarca, futuro Herodes Agripa I. Trata-se de uma artimanha indiscutível, já que é evidente que, muito mais que Menahem, membro de uma família rival da de Herodes, o Saulo *«príncipe de sangue real»*, como o qualifica Flavio Josefo, esteve em situação de poder ser criado com seu primo Herodes, o Tetrarca. Quanto mais que as obras deste autor nos mostram sem cessar aos membros desta dinastia mesclados em uma espécie de vida em comum, verdadeira corte reunida nos diversos palácios em torno de um dos príncipes descendentes de Herodes, o Grande. De onde essas múltiplas intrigas que marcam tragicamente a história de tal família.

10 - Paulo e as mulheres

Se me amarem tanto como eu vos amo, nenhum mortal é, então, tão amado como eu.

Gregorio VII *Carta a Mathilda*, duquesa da Toscana, sua concubina.

«Há uma raça nova de homens, nascidos ontem, sem pátria nem tradições, unidos contra todas as instituições civis e religiosas, perseguidos pela justiça, pontuados universalmente de infâmia, mas que se vangloriam da abominação comum: são os cristãos... Os perigos que os cristãos confrontam por suas crenças, Sócrates soube encará-los por si com um valor inquebrável e uma serenidade maravilhosa. Os preceitos de sua moral, no que tem de melhor, ensinaram-nos os filósofos antes deles. Suas críticas à idolatria, que consistem em dizer que as estátuas realizadas por homens freqüentemente desprezíveis não são deuses, foram repetidas inumeráveis vezes. Heráclito, por exemplo, disse: “Dirigir orações à imagens, sem saber o que são os deuses e os heróis que representam, é o mesmo que falar com pedras”.

»O poder que parecem possuir lhes vem de nomes misteriosos e da invocação de certos demônios. Através da magia foi como seu Mestre realizou tudo que de assombroso houve em suas ações. Logo pôs grande cuidado em advertir à seus discípulos que se protegessem daqueles que, ao conhecer os mesmos segredos, poderiam fazer quão mesmo ele e fingir, igual a ele, que participassem do Poder Divino. Divertida e escandalosa contradição! Porque se condena com razão a quem imita, como não se voltar contra ele sua própria condenação? E se ele não é nem impostor nem perverso por ter realizado ditos prodígios, por que seus imitadores, pelo fato de levar a cabo as mesmas coisas mediante os mesmos meios teriam que sê-lo mais que ele?...» (Cf. Celso: *Discurso da Verdade*, 1-3.)

Antes nosso terrível autor assinala os círculos familiares nos quais os cristãos tentam, preferencialmente, obter partidários: «vêm-se cardadores de lã, sapateiros, tecelões, gente da maior ignorância e desprovidos de toda educação, que, em presença de seus professores, homens de experiência e de julgamento, guardam-se bem de abrir a boca. Mas quando surpreendem aos meninos da casa, *ou inclusive às mulheres*, que não têm mais razão que eles mesmos, começam a lhes contar maravilhas! É a eles sozinhos a quem terá que acreditar; o pai de família, os preceptores, são loucos que ignoram o verdadeiro bem e são incapazes de ensiná-lo. Só eles sabem como terá que viver; os meninos farão bem de segui-los, e através deles a felicidade visitará toda a família! Não obstante, se enquanto eles pregavam aparece um dos preceptores, ou o próprio pai de família, ou alguma pessoa séria, os mais

tímidos não se calam; os descarados não deixam de incitar aos meninos a que sacudam o jugo, insinuando em surdina que não querem lhes ensinar nada em presença de seu pai ou seu preceptor, para não expor-se à brutalidade dessas gente corrompidas, e que lhes castigariam. Mas que aqueles que desejem saber a verdade, suplantem ao pai e preceptor, e vão *com as mulheres* e os meninos ao gineceu, ou à tenda do sapateiro ou a do tecelão, para aprender a vida perfeita». (*Op. cit.*, tradução de Louis Rougier, Jean-Jacques Pauvert, éditeur. Paris 1965.)

Vimos, indiscutivelmente, um quadro tomado ao vivo. Uma coisa assim não se inventa. E Celso, amigo do imperador Juliano, seu companheiro de estudos nas escolas de Atenas, a quem Juliano fez governador das províncias da Capadocia, Cilícia, pretor da Bitínia, com toda segurança teve que se ver com propagandistas cristãos.

Agora bem, vamos encontrar nos próprios textos cristãos esta ação insidiosa entre as mulheres, e sobretudo as jovens. Frequentemente estas últimas eram «*dadas em matrimônio*» pelo *pater familias*, sem preocupar-se o mínimo por suas inclinações do momento (coisa que em Israel a Lei religiosa proibia fazer). Disso resultavam feridas morais incuráveis, e se compreende facilmente que os pregadores da nova religião encontrassem terreno abonado para lhes pregar a castidade.

Pois bem, nos *Atos de Paulo*, chamados também *Atos de Paulo e de Tecla*, cujas versões siríaca, eslava e árabe são do século VI (existem fragmentos da versão grega em um pergaminho do século VI), vamos encontrar provas formais desta ação insidiosa de Paulo entre as mulheres. E esta ação, tendo em conta as crenças daqueles tempos, revestirá um aspecto mágico não menos seguro.

Por uma parte, Paulo aconselhará a quão jovens não se casem. Por outra, aconselhará às jovens e às mulheres o mesmo. Mas enquanto o efeito sobre os primeiros é menos tangível, a ação, ou, como poderíamos dizer, a influência, por volta das segundas, é total. Julgue-se:

«Afortunados aqueles que têm mulheres como se não tivessem, porque terão a Deus como herança...» (*Op. cit.*, V.)

«Enquanto Paulo assim falava em meio da assembléia, na mansão de Onesiforo, uma virgem, cuja mãe se chamava Teoclia, e que estava prometida a um jovem chamado Tamiris, sentada na janela mais próxima a sua casa, escutava dia e noite a palavra de Deus anunciada por Paulo... E não se movia da janela... Além disso, como via mulheres e virgens ao lado de Paulo... Porque ela não tinha visto ainda nunca as facções de Paulo, só tinha ouvido sua palavra.» (*Op. cit.*, VII.)

«E Teoclia disse: Tenho detalhes novos para dar, Tamiris. Faz três dias e três noites que sua prometida não se separa da janela, nem para comer nem para beber, mas sim, como extraviada de gozo, aterra-se de

tal maneira a um homem estrangeiro que ensina palavras enganosas e artificiosas, que estou surpreendida de que o tão grande pudor da jovem esteja turbado de forma tão penosa.» (*Op. cit.*, VIII.)

«Tamiris, este homem transtorna a cidade dos iconianos, como a sua própria pregação, já que todas as mulheres e os jovens vão a ele... E minha filha também, encadeada como uma aranha a sua janela pelo que ele diz, está dominada por um desejo novo e por uma temível paixão... E a jovem está gostando muito...» (*Op. cit.*, IX.)

«E todos choravam amargamente, Tamiris porque perdia a sua futura esposa, Teoclia a sua filha, os jovens escravos a sua ama. Reinava, pois, na casa uma grande e geral confusão de pesar. E enquanto isso, Tecla não mudava, e permanecia sempre atenta ao verbo de Paulo.» (*Op. cit.*, X.)

«Tamiris, quando ouviu isto, ficou com ciúmes e cólera. Logo que amanheceu se levantou e foi à casa de Onesiforo com magistrados, funcionários, e um grupo bastante numeroso armado de fortificações, e disse ao Paulo: “seduziste à cidade dos iconianos e a minha prometida, de modo que esta já não quer casar-se comigo; vamos ante o governador Cestilio”. E o grupo inteiro disse: “leve este bruxo, porque seduziu todas nossas esposas”; e a multidão era desta mesma opinião.» (*Op. cit.*, XV.)

«Tamiris, diante do tribunal, disse aos gritos: “pró-cônsul, não sabemos de onde vem este homem que impede de casar-se às jovens. Que diga ante ti por que ensina essas coisas”...» (*Op. cit.*, XVI.)

Ao revelar o interrogatório de Paulo que este era cristão, o governador ordenou prendê-lo e colocá-lo na prisão, esperando que, ao ter mais tempo livre, pudesse escutá-lo mais a fundo.

«Mas Tecla, durante a noite, tirou os braceletes e os deu ao porteiro, e quando teve aberta a porta, encaminhou-se para a prisão. Deu de presente ao carcereiro um espelho de prata, entrou junto ao Paulo e, depois de sentar-se a seus pés, escutou a grandeza de Deus. E Paulo não temia nada e se conduzia *com a liberdade de Deus*, e sua fé recobrou firmeza nela, enquanto lhe beijava as algemas.» (*Op. cit.*, XVIII.)

A liberdade de Deus ou a liberdade dos filhos de Deus? O que pretende isto dizer? Porque essa expressão em desuso designa o fato de efetuar não importa que ação, na ignorância do bem e do mal!

Aqui abriremos um parêntese. A tradução deste velho apócrifo (a versão copta é do século V, mas aparece citado no ano 200 por Tertuliano) é do abade Vouaux, catedrático de universidade, professor no *Collège de Malgrange*. O *imprimatur* é de Paris, de 1912, e foi editado pela *Librairie Letouzey et Ané*.

Agora bem, em relação ao último versículo citado acima, o tradutor toma a precaução de assinalar: «A observação acautela de todo

escândalo, mas este seria muito similar em tais circunstâncias, e *possivelmente mais valeria calar-se*, e não desflorar essa ingenuidade assinalando de forma muito vigorosa. Humildade no amor puro, essa é a comovedora virtude da pecadora arrependida (Lucas, 7, 38), e essa é também a de Tecla...». (*Op. cit.*, notas da página 181.)

Observar-se-á que se os *Atos de Paulo e de Tecla* estão classificados entre os apócrifos, e se o Papa Leão e Toribio da Astorga (por volta de 450) condenam a estes últimos por terem utilizados seitas heréticas, só o foram por este motivo, já que: «...sem nenhum gênero de dúvidas, essas maravilhas e esses milagres descritos nos apócrifos, ou *são dos santos apóstolos, ou puderam ser deles*». Coisa que nos dá a razão!

Quisemos oferecer estes comentários do abade Vouaux para demonstrar que se tratava de uma *atração de ordem sentimental, que foi justificada a seguir em função de uma conversão final*. Agora bem, o aspecto físico de Paulo não justifica uma influência semelhante sobre as mulheres, como já vimos *Or-fav outra coisa*, que logo abordaremos. Mas prossigamos, porque o texto vale a pena:

«Enquanto isso Tecla era procurada por seus familiares e por Tamiris. Acreditando-a perdida, foram em sua busca pelas ruas. Mas um dos escravos, companheiro do porteiro, declarou que tinha saído durante a noite. Então perguntaram ao porteiro, e este lhes disse que tinha ido encontrar-se com o estrangeiro na prisão. Seguindo esta indicação, foram ali, e *encontraram-na, por assim dizê-lo, encadeada pelo amor*. Saíram então da prisão, arrastaram às multidões atrás deles, e revelaram ao governador o que tinha acontecido.» (*Op. cit.*, XIX.)

«Este ordenou que conduzissem Paulo diante de seu tribunal. *Mas Tecla rodava pelo chão, no lugar exato em que, sentado na prisão, tinha-a instruído Paulo*. E o governador ordenou que a levassem-na também diante do tribunal. *Ela, cheia de alegria, saiu prazerosa*. Mas quando traziam já de retorno Paulo, as multidões gritavam com mais violência: *É um bruxo, matem!* Mas o governador escutava agradando ao Paulo, que falava de suas obras santas; logo, depois de reunir a seu conselho, chamou Tecla e lhe disse: “por que não se casa com Tamiris, segundo a lei dos iconianos?” *Mas ela olhava entusiasmada ao Paulo. E como não respondia*, sua mãe interrompeu neste grito: “Queima esta perversa; queima a esta inimizade no meio do teatro, *para que todas as mulheres instruídas por este homem cobrem medo*”.» (*Op. cit.*, XX.)

«O governador sofreu atrocemente, mas mandou flagelar ao Paulo e o expulsou da cidade, e condenou Tecla à fogueira. Imediatamente se levantou e foi ao teatro, e todo o povo foi contemplar este castigo, legalmente imposto. Mas Tecla, igual ao cordeiro no deserto olhou por todos lados em busca do pastor, *do mesmo modo procurava Tecla ao*

Paulo! E quando passou seu olhar pela multidão, viu um senhor sentado, *com os traços de Paulo*. Ela disse: “Como se eu pudesse fraquejar, Paulo veio a me contemplar”. *E o olhou fixamente, encantada*. Mas ele ascendeu de novo aos céus.» (Op. cit., XXI.)

Continuando, *um motim levado a cabo por mulheres* tenta opor-se ao suplício de Tecla. Conseguem-no, e Tecla irá a pé, vestida de homem, mesclada com um grupo de meninos e garotas jovens, em busca de seu querido Paulo, ao Myras, aliás Antioquia de Pisidia.

Deixemos de lado todo o sobrenatural abundantemente aumentado, como está mandado em todos estes textos apócrifos. O que fica é que a história de Tecla *«teve uma grande acolhida e alta veneração em toda a Igreja»*, como nos diz o abade Vouaux, tradutor da versão grega citada.

Assim, o «encanto» do qual fazia uso Saulo-Paulo para com as mulheres, a fim de lhe permitir fazer delas elementos propagandísticos da doutrina de que era autor, esse «encanto» é inegável, e segue sem explicação racional. Evidentemente, nos objetará que era obra do Espírito Santo. Mas que o Espírito Santo faça que uma moça se derrube pelo chão no lugar que ocupasse seu querido Paulo em um calabouço, que a deixe muda de admiração ao contemplá-lo, que distribua suas jóias para ir a seu encontro tão longe, a mais de cem quilômetros de sua residência familiar, tudo isso causará cepticismo em todo leitor com sentido comum.

E isso não faz a não ser reforçar nossa primeira hipótese, ou seja, que o judeu chamado Simão, que conseguiu mediante seus sortilégios que a princesa Drusila abandonasse a seu marido Aziz, rei do Emeso, para viver com um antigo escravo liberto, o procurador Félix, esse Simão poderia muito bem ser Simão, o Mago, aliás Paulo, aliás Saulo, antigo príncipe herodiano...

E a segunda hipótese, segundo a qual Saulo teria obtido o «sim» da filha de Gamaliel (coisa que lhe decidiu a praticar-se *previamente* a circuncisão) unicamente graças a um sortilégio, e em modo algum devido a sua superioridade física, teria também fundamento.

Por outra parte, seria um grande engano supor que a magia foi uma técnica habitual só de Paulo. Os cristãos utilizaram com profusão *a magia curativa*, e ficam testemunhos indiscutíveis nos textos antigos. É provável que a mesma magia fora utilizada em certos episódios de circo, em presença das feras. Mas o pequeno número de iniciados nesta ciência, zelosamente conservada por seus escassos possuidores, no seio da massa anônima dos crentes, forçosamente tem feito escassear as manifestações deste tipo, e os ocultos se foram perdendo pouco a pouco.

Vejamos o que diz disso Orígens no *Contra Celsum*: «Existem

determinadas doutrinas, ocultas às multidões, que não são reveladas, somente depois que forem repartidos os ensinamentos esotéricos. Isso não é exclusivo do cristianismo». (*Op. cit.*)

Vejam ainda outros textos que demonstram sem dificuldade a ação misteriosa dos propagandistas cristãos sobre as mulheres, no seio das nações pagãs. O R. P. Festugiére, O. P., em seu quarto tomo de *La Révelation d'Hermès Trismégiste, le Dieu Inconnu et la Gnose*, sublinha que em bom número de *Atos apócrifos*: «Sempre a mesma história constitui um dos *topos* desta literatura apócrifa. Um chefe, um rei, parente do rei ou do magistrado local, está casado, *vive em boa união com sua esposa*, tem filhos. Aparece o apóstolo, converte à mulher: esta, então, rechaça os ardores de seu marido e decide permanecer casta». (*Op. cit.*, P. 227.)

Pode citar-se a este respeito:

— O prefeito Agripa e suas quatro concubinas, nos *Atos de Pedro* (XXXIV):

— o pró-cônsul de Hierápolis e sua esposa Nicanora, nos *Atos de Felipe* (114);

— o magistrado Aigeates e Maximilia, nos *Atos de André* (3);

— Andránicos, estrategista de Éfeso, e Drusiana, nos *Atos de João* (63);

— Cansíós, parente do rei, e Migdonia, nos *Atos de Tomás* (ou);

— o rei Misdaios e Tertía, nos mesmos *Atos de Tomás* (134). Nos *Atos de André*, ao rechaçar Maximilia a seu marido Aigeates, *corre a reunir-se com o apóstolo André na prisão onde o encerraram*. E este sustenta com ela uma estranha linguagem, no que se vê aparecer algo distinto ao desejo de espiritualização da mulher, *mas, ao contrário um ódio ao marido legítimo e o desejo de subjugar esta mulher*:

«Suporta todas as torturas que inflige seu marido, e olhe um pouco para mim, e verá como se enche inteiro de atordoamento, e se murchará longe de si. Porque —sobretudo, me tinha passado,devo lhe dizer isso não conhecerei o descanso até que não veja cumprida a obra que vejo produzir-se em si. Sim, na verdade, vejo-a uma Eva arrependida, e em mim a um Adão voltando-se. Porque o que Eva sofreu por ignorância, agora, você, para quem eu tendo minha alma, você o endireita com sua conversão. O que o *nous** sofreu quando foi abatido com Eva e escapou a si mesmo, eu o levanto contigo, do momento em que se reconhece recuperada». (Cf. *Atos de André*, XL.)

*[*Nous*: em grego significa o *espírito*.]

Se isto não se parecer com um malefício, as palavras não têm sentido! Nos *Atos de Felipe* encontramos a mesma má fama dos apóstolos: a de sedutores de mulheres. Uma vez mais citaremos ao R. P. Festugières: «O apóstolo Felipe está entrando na cidade de Nicatera, na Grécia, quando

os cidadãos, e especialmente os judeus, revoltam-se. Felipe tem fama de separar aos maridos das mulheres; portanto, terá que jogá-lo antes de que se instale *e comece a seduzir às mulheres*». (*Op. cit.*, P. 239.)

O mesmo acontece no caso de Carisios e Migdonia, nos *Atos de Tomás*. Diz-nos este autor: «Migdonia, depois de haver-se recusado a seu marido Carisios, *tenta reunir-se com o apóstolo Felipe em sua prisão*». (*Op. cit.*, P. 240.)

É óbvio que nos textos cristãos ortodoxos esta atração das mulheres pelo apóstolo é sempre platônica. Mas não vemos por que deveria exercer-se de forma *precisa e total* em uma *única* mulher, enquanto o apóstolo não desperta entre todas as demais a não ser uma imensa comente de simpatia para a nova doutrina. Não vemos por que teria que ser indispensável separar a esta *única* mulher de seu legítimo marido, e suscitar nela o desejo absoluto e fascinante de não abandonar jamais nem por um instante ao chamado apóstolo, enquanto que todas as outras permanecem unidas a seu marido legal. Confessemos que em todas essas numerosas circunstâncias o Espírito Santo desempenha um estranho papel, habitualmente encomendado a personagens pouco recomendáveis. E no que fica aqui o famoso sacramento do matrimônio?

Se ainda duvidássemos disso, bastaria-nos tomando textos análogos de certos padres da Igreja, textos nos quais não vacilam em ser mais loquazes, simplesmente porque então se trata de notórios hereges. Citaremos ao Ireneu, em seu tratado célebre *Contra as Heresias*, no qual estigmatiza ao gnóstico Marcos: «*Sobretudo é com as mulheres com as quais tem entendimentos, e preferentemente com as grandes damas, de alto berço e as mais ricas possíveis. Frequentemente tenta seduzi-las sustentando com elas conversações de linguagem adulatora como esta: “Quero lhe dar parte de minha graça, já que o Pai de todas as coisas vê continuamente seu anjo frente a seu rosto (Mateus, 18, 10). É em nós onde tem lugar a Grandeza. Temos que nos fundir na Unidade. Recebe primeiro de mim e por minha Graça. Esteja disposta como uma recém casada a espera de seu jovem marido, para que você eu seja, e eu você seja. Instala em sua câmara nupcial o germe da Luz. Tira de minha mão ao jovem marido, lhe dê lugar em si, e encontra lugar nele. Vê? A Graça descendeu a si, abre a boca e profetiza”. Se a mulher responde: “Eu não profetizei jamais, e não sei profetizar”, ele, fazendo de novo certas invocações para deixar estupefata àquela a quem seduziu, diz: “Abre a boca e dá algo; profetizará”. Ela então, inflada de orgulho, e apanhada na armadilha destas palavras, com o ânimo ardendo já ao simples pensamento de que vai profetizar, com o coração lhe palpitando em excesso, aviva-se e pronuncia frivolidades, algo, impudicas tolices, dignas do tolo espírito que a inflamou... A partir desse instante se vê à si*

mesmo como profetisa, cheia de agradecimento ao Marcos, que lhe comunicou sua Graça. Ela tenta recompensá-lo, não só lhe dando o que possui (daí procedem as imensas riquezas que acumulou), mas também lhe entregando seu corpo, já que arde em desejos de unir-se à ele em tudo, a fim de fundir-se, com ele, na Unidade». (Cf. Ireneu, *Contra as heresias*. I, XIII, 3.)

Pois bem, este Marcos, aliás Marcus, discípulo de Valentino, foi o fundador de uma *grande igreja gnóstica* em finais do século II, e não se tratava de uma seita minúscula, nem de um chefe não cristão. E ao demonstramos que Marcos seduzia às mulheres ricas em nome da nova religião, Ireneu não faz a não ser confirmar que as outras faziam o mesmo.

Em um texto redigido, conforme parece, por volta do ano 150, e intitulado *O Pastor*, o autor, um certo Hermas, considerado como um dos quatro «pais apostólicos», descreve-nos mais à frente: «...aqueles que estão cobertos de manchas são os *diáconos prevaricadores*, que roubaram o bem das viúvas e dos órfãos, e se enriqueceram nas funções que receberam...» (*Op. cit.*, IX, 26.)

Acaso o próprio Saulo-Paulo não aconselhava: «Honra às viúvas que são *verdadeiramente* viúvas...» (I Epístola ao Timóteo, 5, 3)? Eugenio Sue, em seu *Judeu errante*, não inventou nada. Cometeria-se um grande engano caso que esta ação oculta sobre as massas femininas, polarizada mais particularmente sobre uma delas, começou posteriormente à morte de Jesus, no ano 34. Que o leitor se remeta ao capítulo 26 do volume precedente, intitulado «Jesus e as mulheres», e ficará bem informado. O exemplo vinha de acima.

Citemos simplesmente, para abreviar: «Havia também umas mulheres que olhavam de longe. Entre elas estavam Maria de Magdala, Maria, mãe de Santiago, o Menor, e de José, e Salomé, as quais, quando ele estava na Galiléia, seguiam-lhe e *serviam-lhe*, e *outras muitas*, que tinham subido com ele à Jerusalém...». (Marcos, 15, 40-41.)

Lucas (8, 3) diz-nos que essas mulheres «*lhe assistiam com seus bens...*», quer dizer, com seu dinheiro, já que abandonaram suas casas. Não se tratava já de hospitalidade.

E, se ainda duvidássemos, bastar-nos-ia relendo um evangelho apócrifo muito velho, de que possuímos um manuscrito do século IV, sobre um texto inicial de finais do século II, por volta dos anos 175-180: «Salomé disse: “E você quem é, homem? De quem saiu para *haver-se metido em minha cama e ter comido em minha mesa?* E Jesus lhe disse: “Eu sou aquele que se produziu daquele que é seu igual. Deram-me o que é de meu Pai”. E Salomé respondeu: “Sou sua discípula!”. (Cf. *Evangelho de Tomás*, capítulo 43, versículo 65, tradução do Jean Doure. Pión, Paris,

1959.)

Por outra parte, é seguro que o «ambiente» daqueles tempos alimentou o tesouro zelote em proporções consideráveis; demos entrevistas que o provam no volume precedente. Desde aí a conhecida frase de Jesus: «Na verdade lhes digo que os publicanos e as *rameiras* lhes precederão no reino dos céus...». (Mateus, 21, 31-32.)

As peças justificativas da condenação de Jesus pelo procurador Poncio Pilatos foram necessariamente enviadas à Roma, já que se tratava da execução de um «filho de David» que pretendia o trono de Israel, e a quem Tibério César, durante um tempo, tinha pensado em confiar uma tetrarquia. Estas peças, conservadas nos arquivos da Chancelaria imperial, em Roma, foram examinadas pelo imperador Juliano, sucessor de Constantino, e à elas se refere freqüentemente em suas polêmicas com os cristãos. E aqui temos uma alusão bastante clara no que diz respeito aos laços existentes entre o partido zelote e a prostituição, que tiramos de suas obras: «A *Molessa* recebeu ao Constantino meigamente, enlaçou-o entre seus braços, revestiu-o e o adornou com vestimentas, e logo lhe conduziu ao *lenocínio...* Assim o príncipe pôde encontrar-se também com Jesus, *que freqüentava esses lugares*, gritando a tudo o que chegava: “Que *todo sedutor*, que *todo homicida*, *todo homem golpeado pela maldição* e a infâmia se apresente com toda confiança! Banhando-se com esta água, voltarei imediatamente puro! E se voltar a recair nas mesmas faltas, quando lhe golpearem no peito e na cabeça, voltarei a conceder-lhes a pureza!”». (Cf. Julio César, *Obras completas*, tradução de J. Bidez, Ed. *Les Belles-Lettres*, Paris, 1932.)

Terá que dizer que Constantino, «o homem coberto de crimes» segundo os grandes bispos cristãos (fez assassinar a sua esposa, a seu filho e a numerosos parentes e amigos), foi também um dissoluto notável. Não obstante, no século IX lhe santificaram, a pedido de Carlos Magno*. Mas Juliano, que era amável, casto, aficionado às boas letras, que sabia perdoar a seus piores adversários, Juliano foi simplesmente injuriado e assassinado.

*[Carlomagno estava interessado na «santificação» de seu colega Constantino. Sua vida tinha sido muito pouco edificante. Além da matança de quatro mil e quinhentos; reféns no Werden, no ano 782, teve nove esposas ou concubinas (é bastante difícil nessa época estabelecer a diferença), mas, além disso, praticou o incesto com *maestria*. Seu cronista e biógrafo, o monge Eginhard, relata que este imperador se guardava bem de casar a suas filhas, já que «se servia carnalmente delas como de suas esposas». Isso não impediria à Igreja convertê-lo no santo padroeiro dos escolares! O Papa João XXIII o fez apagar do

santoral, com um certo número de «glórias usurpadas» mais. Quanto ao Constantino, jamais gozou da aparição no céu do famoso *labarum*: «*In signo vinces!*». Seu biógrafo e panegirista Eusebio da Cesárea ignora tal milagre, ideado mais adiante por Lactancio. Este transpôs sem dúvida o fato de que Constantino, anteriormente, tinha tido uma visão em um templo de Apolo que ele visitava. Tinha «visto» como o deus Apolo estendia-lhe uma coroa. Lactancio arrumou a história...]

Um fato que naquela época teria suscitado uma violenta hostilidade popular e reações legais contra Saulo-Paulo e seus lugares-tenentes em Roma foi fazer participar às mulheres em uma «eucaristia», no curso da qual podiam *beber vinho*, quanto mais que esta «eucaristia» estava incluída em um «ágape» prévio no que o *tonus* elítico subia rapidamente, se dermos crédito aos protestos de Paulo. (Cf. I Epístola aos Coríntios, 11, 20-21, *infra*, P. 254.)

Com efeito, a conseqüência dos inauditos escândalos suscitados pelas orgias dionisiacas femininas, em princípio do século II antes de nossa era, um *senatus-consulte* datado do ano 186 A. C. da mesma reiterara em Roma a proibição dos bacanais em toda a Itália, recordando que, desde Rômulo, *o vinho estava rigorosamente proibido às mulheres*. Estava-lhes deste modo proibido pôr a mão sobre as chaves das cavas e as adegas. A embriaguez feminina, fosse qual fosse, obtida pelo vinho, bebidas fermentadas ou as fumigações, Rômulo a identificava ao adultério, já que se dizia que a mulher era possuída pelo deus de quem dependia o ingrediente assimilado. A única embriaguez tolerada na mulher era a do gozo sexual nos braços do legítimo marido.

O texto original de tal *senatus-consulte* figura em uma placa de bronze descoberta em Tiriola, na Calabria, e conserva-se em Viena, no antigo gabinete imperial.

Como se vê, para os judeus e as mulheres das diversas «províncias» submetidas a Roma e convertidas à nova religião, isto não expôs nenhum problema; mas para os romanos era muito distinto, e a absorção do vinho «eucarístico» no curso de ágapes freqüentemente desviados para outros objetivos, implicava sanções penais inevitáveis.

11- O «Quadrado de Amor» de São Ireneu

A desgraça mais grave que possa acontecer a uma criatura humana caída para o amor é ter ligado seu destino a um ser inferior. O perigo constitui na decadência que pode resultar para ela, e esse perigo pode estender-se ao longo de prolongados períodos de tempo.

Maurice Magre, *L'Amour et*

la Haine

Sabe-se que entre as fórmulas mágicas da tradição do Ocidente figuram o que se conveio em denominar os *palíndromos*. São palavras, nomes, frases que, lidos da direita à esquerda ou da esquerda à direita, de cima para baixo ou de baixo para cima, dão invariavelmente os mesmos termos. Neste aspecto constituem, no campo *literal*, o que os *quadrados mágicos* constituem no campo *numeral*, mas estes últimos representam um grau mais elevado de conhecimento, e permitem o acesso a um esoterismo imensamente mais oculto. São, efetivamente, os *quadrados mágicos* os que constituem as «pranchas de extração» reais dos *nomes de poder* na magia prática, nomes de entidades verdadeiramente polarizadas, e ao mesmo tempo permitem estabelecer os célebres «*selos planetários*».

No campo dos *palíndromos* citarão a célebre fórmula latina: **ROMA TIBÍ SÚBITO MOTIBUS IBIT AMOR**, que se lê igual em um sentido como no outro.

Não obstante, é menos conhecida que o célebre *quadrado mágico* que suscita justas encarniçadas entre eruditos, e que se apresenta abaixo dois aspectos:

SATOR ROTAS
AREPO OPERA
TENET TENET
OPERA AREPO
ROTAS SATOR

Por isso lhe dá o nome de «quadrado do Sator», ou do “Sator». Lida horizontal ou verticalmente, tanto de esquerda a direita como de direita a esquerda, esta frase também latina (ao menos na aparência) dá invariavelmente as cinco mesmas palavras.

O uso dos *palíndromos*, considerados como palavras de poder em magia prática, foi particularmente desenvolvido em um manuscrito do século XVIII, propriedade da Biblioteca do Arsenal, em Paris, e cópia de um documento mais antigo descoberto em Veneza pelo marquês do Paulmy d'Argenson, embaixador da França. Tem como título: «*La Magie Sacrée que Dieu Donna Á Moyse, Aaron, David, Salomóm, et Á d'autres prophètes, et qui enseigne la Vraie Sapience Divine, laissée par Abraham fiís de Simón á son fiís Lamech, traduite de L'hébreu, Á Venise em 1458*». (A Magia Sagrada que Deus deu ao Moisés, Aarón, David, Salomão, e a outros profetas, e que ensina a verdadeira Sabedoria Divina, deixada por Abraham filho de Simão a seu filho Lamech, traduzida do hebreu, em Veneza em 1458.)

Nós recopiamos, publicamos, prefaciamos, comentamos e cotamos. A ela remetemos ao leitor amante do mistério! *[R. AMBELAIN, *La Magie*

***Sacrée d'Abramelin le Mage*, Niclaus éditeurs. Paris, 1959.]**

Pois bem, uma fórmula muito parecida com o «Sator» figura no capítulo XIX, sob o número 9, página 230 da obra citada na nota 76, e é a seguinte:

S	A	L	O	M
A	R	E	P	O
L	E	M	E	L
O	P	E	R	A
M	O	L	A	S

Seu efeito consiste em procurar «o amor de uma donzela em geral» (*sic*), e o manuscrito precisa os nomes *demoníacos* associados à posta em marcha deste sortilégio, assim como todo o ritual preparatório.

Este *palíndromo* é uma mescla de palavras hebraicas, associadas aos termos do «Sator» precedente. *Salom* é uma abreviatura de Salomóm, e *Lemel* o é do Lemuel (ou *Lamuel*), chamado nos Provérbios, 31, 1-4, nome de um rei que não seria outro a não ser o próprio Salomóm (cf. *Dictionnaire Rabbiniq*ue de Sander e Ternel, Paris, 1859), e que significa «eleito de Deus».

Pois bem, o significado de «Sator» tradicional é a seguinte:

- *Sator*: semeador, criador, pai, deus, os deuses (Virgílio);
- *Arepo*: arado, grade, lâmina agrária (em francês);
- *Tenet*: manter, dirigir, conduzir;
- *Opera*: trabalho, obra;
- *Rotas*: rodas, ciclos, círculos.

C. Wescher, que foi o primeiro em estudá-lo cientificamente, traduz assim: «O semeador está no arado, o trabalho ocupa as rodas...».



Anverso e reverso do pentáculo de «Sator». (Coleção Alex Bloch.)

No segundo tipo do Sator dado pelo Abramelin, a palavra *Moa* pode significar um molar de moinho em latim, ou uma deformação de Molechet, deidade feminina do céu em acadio. Pois bem, as *rodas* e as *demola* têm pontos em comum, e toda deidade celeste de tipo feminino evoca ou à Lua ou Vênus, com seus *ciclos* regulares. Como se vê, a idéia geral é a mesma.

Quanto à associação do *semeador* e da *grade agrária*, há uma imagem similar à penetração do homem na mulher. «Sua esposa é seu campo, lavra-o nos dois sentidos...», diz o velho axioma semítico (*Corán*, II, 223).

É evidente que esta frase chave, o «*Sator*», não possui *a priori* nenhum sentido místico, mas seu significado geral reveste um relevo particular se se tiver em conta sua aplicação no plano do erotismo, recordando que *Eros* representava ao deus do amor carnal, do desejo dos sentidos, enquanto que *Ágape* era a deidade do amor platônico, sentimental, espiritual.

Pois bem, o «*Sator*» possui em princípio, e em sua forma mais antiga,

o mesmo significado erótico. Foi descoberto em Pompéia, em duplamente esboçado, sob a forma de «Rotas» (cf. R. P. Guillaume de Jerphanion, em *Recherches de Sciences Religieuses*, XXV, abril de 1935, pp. 188 e ss.). Os dois *palíndromos* estavam riscados sobre uma das colunas do templo do Amor, e este fato é significativo.

Um arqueólogo lionês, M. Amable Audin, assinalou no N.º 119, de outubro de 1965, do *Bulletin du Cercle Ernest Renán*, que «Sua posição, por debaixo de camadas de cinzas absolutamente virgens, demonstra de forma imperativa que devia ser anterior ao sepultamento sob as cinzas da erupção do Vesúvio».

Como esta teve lugar no ano 79 de nossa era, o traçado do duplo «Sator» foi efetuado muito antes. E por Tertuliano sabemos que não havia nenhuma comunidade cristã naquela época, nem em Pompéia nem em seus arredores (o que nos dá uma idéia da plausibilidade da célebre novela: *Os últimos dias de Pompéia*).

Posteriormente descobriremos esta inscrição misteriosa em Doura-Eropos, no Eufrates, em uma estância que servia de despacho aos *actuarii* das coortes auxiliares romanas, grafite com tinta vermelha sobre a muralha, sob a forma de «rotas».

Logo, no Egito, com um valor mágico e profilático, nos *papyrii* coptos 193 e 194 da coleção do arquiduque Renier: SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS

A L P H A
L E O N
P H O N E
A P E R

Em um *ostrakon* do museu do Cairo pode-se ler acompanhada de palavras mágicas. Um amuleto de bronze de origem egípcia, descoberto na Ásia Menor, e conservado antes de 1945 no museu de Berlim, levava deste modo a fórmula do «Sator».

Logo se cristianizará. Os coptos darão a cada um dos cinco pregos da crucificação de Jesus cada uma das cinco palavras do «Sator». Em Bizancio convertem-nas em nomes dos pastores testemunhas do Natal! E a grande corrente esotérica medieval assimilará, acompanhada de nomes angélicos ou demoníacos, em seus livros de conjuros manuscritos.

E é aqui onde vamos encontrar tanto nas mãos dos cristãos de antigamente como nos de hoje.

Em 1954, nas escavações de Aquineum, o velho Buda, na Hungria, descobriu uma telha que levava em seu interior um hexagrama ou «selo de Salomão» com a inscrição fatídica. Esta última acompanhada do outro *palíndromo* já citado, mas desta vez se achava parcialmente

apagado. Só podia ler-se: «ROMA TIBÍ... ITA...».

Entre *tibí e ita* há rastros de letras muito difíceis de identificar. O arqueólogo húngaro que o tinha descoberto e publicado, M. Szilagyí, estimou que devia traduzir-se corretamente, e conforme era costume: «ROMA TIBÍ SÚBITO MOTIBUS IBIT AMOR».

Pelo contrário, Jerônimo Carcopino, muito católico, queria a todo custo ler nele uma fórmula cristã: «Roma tibí salus ita», quer dizer: «Roma, aqui está sua salvação!». Passava por cima do fato de que o espaço que tinha ficado apagado era muito extenso para ter contido tão somente as cinco letras da palavra *SALUS*. Além disso, se se lia ao reverso, conforme era habitual, já não ficava nada que evocasse o cristianismo: «ati sulas ibit amor». O que provaria muitas coisas...

Por último, a estrela de seis pontas, ou «Selo de Salomão», é um símbolo mágico universal; em todo mundo a encontramos associada à magia mais materialista. Traçaram na confecção de certos «*yantras*» da bruxaria tântrica, na Índia. Basta folhear o *Yantra Chintámani*, ou «*Jugo dos Yantras*», para convencer-se; vejamos aqueles nos quais figura:

— 8.º yantra: «*Criador de ilusões*» (os credores carecerão de força e não reclamarão o que lhes é devido. Poderão oferecer dinheiro aos discípulos).

— 23.º yantra: «*Flecha de Eros*» (as mulheres mais orgulhosas e mais altivas enlouquecerão de desejos ardentes e serão totalmente dominadas).

— 28.º yantra: «*Dom de Tripurá*» (submissão da pessoa desejada, homem ou mulher).

— 68.º yantra: «*Terror da Febre*» (calma a febre).

— 75.º yantra: «*Liberação*» (libera dos laços vergonhosos).

É curioso constatar que de cinco *yantras*, três tratam do meio para submeter a outro, dois dos quais a desejos carnis. Então, quem pintaria aqui uma fórmula cristã?

Os partidários da origem cristã do «sator» não se deram por vencidos. É sabido que a este *palíndromo* dão o apelido de «quadrado de São Irineu». A este último o conhecemos por Eusébio da Cesaréia, quem disse que se tratava do sucessor de Potino à cabeça da Igreja de Lyon (cf. Eusébio da Cesaréia, *História eclesiástica*, V, 5), embora seu discípulo Hipólito o qualificasse só de presbítero (cf. Hipólito, *Philosophumena*, VI, 43).

Para Jerônimo Carcopino, em seus comunicados à Academia das Inscrições e das Belas Letras, esse «quadrado mágico» foi inventado em Lyon por Irineu, bispo de tal cidade, no dia seguinte da perseguição do ano 177. Para provar bastava o fato de que o anagrama de «sator arepo tenet opera rotas» dava «pater noster» repetido duas vezes e formando

E os autores pagãos não ignoram esta expressão:

«Tu és nosso Pai, Oh, Zeus...» (Estobeo, *Antologia, Prece de Cleanto.*)

«Oh, Zeus, Nosso pai!...» (Pitágoras, *Para Doris.*)

«Tu és nosso Pai...» (Aratos.)

Concluamos, pois, que é muito imprudente, por parte de nossos autores cristãos, reivindicar a misteriosa fórmula do «sator arepo tenet opera rotas», já que, como acabamos de demonstrar, é muito anterior ao cristianismo. Por outra parte, indiscutivelmente se trata de um «encantamento», de um «sortilégio» gráfico e vocal, mediante o qual se tentava *subjugar às mulheres.*

E se Irineu e seus colaboradores, todos eles procedentes da Ásia, e provavelmente de Esmirna, conheceram e *utilizaram* o «sator», não seria como símbolo para provar que pertenciam à nova seita, o cristianismo. Mas bem veríamos nisso a confirmação do que os textos antigos citados nas páginas precedentes nos sugeriram, ou seja: a ação dos propagandistas cristãos *sobre as mulheres.*

Convém, não obstante, observar, para desengano do citado Irineu e seus ajudantes, que esta frase de caráter mágico indiscutível podia ter duplo sentido, e que o *semeador* podia significar a palavra cristã, ou o próprio Jesus.

Com efeito, nos textos neo-testamentários se compara com um semeador, e logo se guardará esta comparação referindo-se a ele:

«Um semeador saiu para semear...» (Mateus, 13, 4; Marcos, 4, 3; Lucas, 8, 5.)

«O semeador semeia a palavra...» (Marcos, 4, 14.)

«Conforme está escrito [...] que proporciona a semente ao semeador. ..» (I Epístola aos Coríntios, 9, 10.)

«Que o semeador e o colhedor se alegrem juntos...» (João, 4, 36.)

Agora bem, esses enigmáticos e simbólicos *semeador* e *colhedor* aparecem já antes no Antigo Testamento: «Exterminem em Babilônia ao semeador e ao colhedor...». (Jeremias, 50, 16.)

Isto evoca extranhamente as palavras do Deuteronômio: «Um *dependurado de uma árvore* é objeto da maldição de Deus». (Deuteronômio 21, 23.)

Poderia acreditar-se que as vozes proféticas de Israel antigo tinham percebido adiantado tudo o que o messianismo lhe contribuiria em matéria de catástrofes.

12- A verdadeira morte de Estêvão

O primeiro dever do historiador consiste em restabelecer a verdade, destruindo a lenda.

Marcel Pagnol, *Le Masque de Fer*

Para R. P. Lucien Deiss, C. S. Sp., em seu livro *Synopse des Evangiles*, baseado nos Atos dos Apóstolos encontra-se um «documento semítico». E é evidente. Mas não poderia tratar-se de um judeu convertido, já que não se encontra a aspereza, a decisão, próprias do Antigo Testamento. Imaginar que fora um grego ou um latino é ainda mais impossível, já que este conjunto não está marcado pela harmonia helênica nem pela clareza latina. Portanto, não fica a não ser um árabe, e mais provavelmente um sírio da Antioquia, que chegou tardiamente ao cristianismo. A babozeira enjoativa e devota, a adulação de todo o romano, o ódio anti-semita (porque Síria era o branco das pilhagens galileus desde Ezequias, pai de Judas da Gamala e avô de Jesus, no ano 60 antes de nossa era), tudo assinala para esse tipo de homem que encontraremos freqüentemente nos cinco ou seis primeiros séculos.

Por outra parte, quando vemos que a lei do Sinai não foi dada ao Moisés pelo Eterno, mas sim por um ou vários anjos (cf. Atos, 7, 30, 36, 38 e 53), é evidente que esta afirmação deriva de Saulo-Paulo em sua Epístola aos Gálatas (3, 19). Agora bem, essa mesma afirmação segundo a qual a lei do Sinai foi promulgada por anjos, os Atos a colocam na boca de Estêvão, o diácono, no instante *em* que vai ser lapidado pelos judeus, exasperados pelo que eles consideram blasfêmias. E Saulo-Paulo ainda não se converteu! E inclusive está ali, conforme parece, montando guarda diante das vestimentas dos executores (Atos, 7, 58). Sua Epístola aos Gálatas, portanto, ainda não está escrita. Mas nisto não pensou o escriba anônimo do século IV.

O mesmo acontece com o discurso de Estêvão. Tomemos o texto dos Atos ao princípio deste caso: «E a palavra do Senhor crescia, o número dos discípulos aumentava grandemente em Jerusalém, e uma multidão de sacerdotes obedeciam à fé. Estêvão, cheio de graça e de poder, operava grandes prodígios e sinais entre o povo. Então intervieram as pessoas da sinagoga chamando os Libertos, os Cirenenses, os Alexandrinos, e outras de Cilícia e da Ásia. Ficaram a discutir com Estêvão, mas não podiam fazer frente à sabedoria e ao espírito que lhe faziam falar. Pagaram a homens para que dissessem: “Ouvimo-lhe pronunciar blasfêmias *contra Moisés e contra Deus*”. Amotinaram ao povo, aos anciões e aos escribas, e logo, acudindo de improviso, capturaram-no e levaram-no ante o Sanedrim. Ali contribuíram com falsos testemunhos que declaravam: “Este homem não cessa de falar contra este santo Lugar e contra a Lei. Ouvimo-lhe dizer que Jesus, esse nazareno, destruirá este Lugar e trocará os costumes que Moisés nos legou”. Todos aqueles que estavam sentados no Sanedrim tinham os olhos fixos nele, e seu rosto lhes pareceu semelhante ao de um anjo... O supremo sacerdote perguntou:

“É, na verdade, assim?”. E Estêvão respondeu: “Irmãos e pais, escutem...”». (Cf. Atos dos Apóstolos, 6, 7, a 7, 2.)

Agora vem um discurso interminável do tal Estêvão, que começa à saída de Abraham da Mesopotâmia, e enumera os acontecimentos principais da história da estirpe de Abraham até a vinda de Jesus. Vai do capítulo 7, versículo 3, até o 7, versículo 53. Nos manuscritos gregos mais antigos isso representa 127 linhas, a uma média de nove palavras cada uma, *quer dizer, umas mil e duzentas palavras*. Nem que estivesse lendo ao Flavio Josefo!

A quem poderia fazer-se acreditar que houve um escriba, judeu ou cristão, que conhecesse naquela época a taquigrafia para tomar nota de tal discurso? E como conhecia o redator dos Atos a tradição gnóstica dos anjos ditando a Lei do Sinai, se a gnosis ainda não existia?

De semelhantes incoerências e inverossimilhanças estão cheios os Atos dos Apóstolos. Como conhece o redator dos Atos o texto da carta *confidencial* que redige o tribuno das coortes Claudio Lisias ao procurador Antonio Feliz, quando lhe envia a Saulo-Paulo com uma escolta quase real? (Atos, 22, 26-30.)

Como pôde o Sanedrim mandar açoitar aos apóstolos com *varas* (Atos, 5, 40), quando a lei judia não conhecia a não ser o *látigo* de couro, com o que jamais deviam propinar-se mais de 39 golpes para a sanção máxima de 40 (cf. *Talmud, 5 Maccoth e Sifré Deuteronomio, 286, 125 a*)? Pois simplesmente porque na época em que se redige os Atos a nação judia já não existe, está dispersada por todo o Império romano, com a proibição de aproximar-se do que foi Jerusalém. E os anônimos redatores dos Atos, ao ver passar aos leitores romanos com suas faces de varas, não foram procurar mais longe.

Nos Atos, capítulo 5, versículo 34, apresenta ao Gamaliel como um doutor da Lei, quando é o *Daion di Baba*, com jurisdição sobretudo Israel, incluída a Diáspora, e podendo de extradição, privilégio que lhe conservaram os romanos, igual à seus predecessores e sucessores, enquanto houve uma nação judia reconhecida por Roma.

Como Gamaliel, *rabban* do Israel, que possuía por direito todos os arquivos históricos de toda a nação judia, conservados no Templo, como pôde situar a revolução do Teudas, que teve lugar no ano 46, durante seu pontificado (morreu no ano 52 de nossa era), *antes de Judas da Gamala*, que se produziu no ano 6 de nossa era, quer dizer, quarenta anos antes, quando ele era ainda simples *rabbfl*. Entretanto, este é o engano que comete o chamado redator dos Atos, em 5, 36.

Oferecemos o cerimonial judicial da lapidação em um capítulo desta obra (*supra*). Que o leitor se remeta a ele, e verá que o condenado tinha que estar necessariamente *estendido sobre suas costas* antes de que

Ihe lançassem a primeira pedra, muito grossa, que, em princípio, tinha que ser mortal. Então, como pôde nos contar o autor dos Atos o seguinte?: «E enquanto Ihe apedrejavam, Estêvão orava, e dizia: “Senhor Jesus, recebe meu espírito...”. Logo se fincou de joelhos e gritou com forte voz: “Senhor, não lhes impute este pecado...”. E dizendo isto, dormiu». (Atos dos Apóstolos, 7, 59-60.)

Poderia acreditar-se que a lapidação o deixava indiferente.

Assim, temos a prova de que todo este esbanjamento de imaginação incontrolada e sem nenhuma plausibilidade histórica joga uma irritante luz sobre a veracidade dos relatos apostólicos. E a partir do momento em que se desperta a suspeita, o historiador tem o dever e o direito de investigar, detrás da lenda interessada, em busca da *verdade*, quer dizer, *pelo que realmente passou*. Nós não deixaremos de fazê-lo.

***Estêvão é Stephanus* em latim e *Stephanos* em grego. Este nome significa «coroadado». Segundo a *Lenda dourada*, foi condenado a morte pelo Sanedrim em 26 de dezembro do ano 35, e lapidado fora da cidade, em Jerusalém (Atos, 7, 58). Seu corpo foi milagrosamente descoberto em 415, milagrosamente conservado (como não!), e transportado à Constantinopla durante o reinado de Teodosio II.**

Quem era este homem? Um judeu? Ou um «helenista», quer dizer, um judeu de cultura grega, aqueles desarraigados para quem tinha sido necessária uma tradução a esta língua do Antigo Testamento?

É bastante difícil pronunciar-se. Os judeus, da dinastia asmonea que surgiram dos Macabeos, e sobretudo depois de Jasón (Josué), irmão de Onías, haviam-se helenizado com entusiasmo, até tal ponto que, nos estádios, os jovens se deixavam ver nus, segundo o costume grego, e com falsos prepúcios. Todo judeu de raça possuía dois nomes, um de circuncisão, tipicamente judaico, e outro grego. Este costume tinha passado aos idumeus, já que Saulo, em aramaico Shaul, chamava-se também Paulo; quem levava o nome de Josué chamava-se *Jasón*; *Eleazar* passava a ser *Alexandros*, aliás *André* (Andrés); *Jacob* se convertia em *Iacobos* (Jaime).

Para Estêvão, aliás *Stephanos*, não há nada que corresponda. Em hebreu *coroa* se diz *kether*, e *ketheriel* é o Anjo da Coroa Divina. E não há nenhum nome hebreu que se aproxime desta palavra, o mais aproximado seria *Melchiel*, chamado na Gênesis, 46, 17, em Números, 26, 45, e que significa «estabelecido por Deus», ou *Melchisua*, filho de Saúl, o rei, chamado em I Samuel, 14, 49. Todos estes nomes derivam de Malek: rei, em hebreu, e, por analogia, «o coroadado».

Este Estêvão aparece chamado como o primeiro na lista dos «diáconos» a quem os apóstolos transmitiram certos «poderes» a fim de descarregar-se de suas múltiplas atividades: «E escolheram Estêvão,

homem cheio de fé e do Espírito Santo, e a Felipe, e a Prócoro, e a Nicanor, e a Timão, e a Parmenas e a Nicolau, partidário de Antioquia». (Atos dos Apóstolos, 6, 5.)

Todos levam nomes gregos, mas isso não prova nada, pois precisamos que *só Nicolau era um partidário*. Portanto todos outros eram judeus, eleição justificada pela prudência dos apóstolos, todos eles procedentes da corrente *zelote*, e portanto acérrimos nacionalistas judeus.

E temos já uma primeira observação: ao Estêvão citam o primeiro. Por conseguinte o consideram já além de outros. É provável que fora o *vigilante* dos *sete*, igual a Simão-Pedro o é *dos doze*. Além disso, recebeu já o Espírito Santo, de modo que só se terá que conferir aos outros seis, conforme ao versículo 6 do capítulo 6 dos Atos. E *vigilante* se diz *episcopo*, que se converterá em nosso *bispo*, mais tarde.

Se for *vigilante*, e *chefe dos sete diáconos*, poderão confiar-lhe missões particulares e de confiança. E mais adiante, quando houver uma praça vacante, poderá converter-se em um dos doze, por via de sucessão. Essa é a ordem.

Particularizemos aqui previamente o que seguirá agora. Um mesmo personagem pode entrar na história sob os nomes e as atividades diferentes. Tudo isso depende do cronista, de sua orientação ideológica e da finalidade que persiga. Vejamos um exemplo:

a) «Em 26 de outubro de 1440 morreu Gilles de Rais, marechal da França, grande oficial da Coroa, antigo companheiro de guerra de Joana D'Arc, chefe da nobreza da Bretanha. Foi exumado no convento Cármenes, em Nantes.»

b) «Em 26 de outubro de 1440, às nove da manhã, no Prado de Besse, situado nos limites da cidade de Nantes, mais acima das pontes e das bordas do Loire, foram enforcados e queimados três bruxos, assassinos sádicos de várias centenas de meninos. Chamavam-se Henriot, Poitou e Barba Azul.»

Este último será, evidentemente, o mesmo personagem que Gille de Rais. Mas, enquanto seus *servidores e cúmplices* eram *queimados vivos*, porque eram plebeus, enforcaram-lhe primeiro, e logo submeteram seu corpo brevemente ao fogo que tinham aceso debaixo da forca: «antes de que o corpo se rache, abrasado pelo fogo, será retirado e levado em uma urna a uma igreja de Nantes que o condenado terá designado». Isto, *em virtude da nobre condição* do responsável por tantas atrocidades.

O cronista que ao cabo de mil anos se encontrasse em presença dos dois textos, aparentemente sem relação entre si, como o reconheceria, ante semelhantes contradições?

O mesmo acontece com Estêvão, e vamos ver. Tomemos a *Guerra dos*

judeus, de Flavio Josefo, em seu manuscrito *eslavo*: «E uma desgraça se acrescentou à outra. Uns *bandidos*, no caminho de Beth-Horon, causaram ferimentos em um tal Stephanos. Cumano mandou soldados aos povos vizinhos e fez encadear seus habitantes: “por que não perseguistes aos bandidos, por que não os capturastes?”. Ali um soldado encontrou um livro da Lei Santa, pisoteou-o e o atirou ao fogo. Os judeus, imaginando todo o país entregue às chamas, unidos por sua piedade como por cadeias, correram todos com uma mesma proclamação: “Ou morrer, ou matar ao soldado!”. Todos reunidos, suplicaram ao procurador que não o deixasse impune depois de ter cometido semelhante pecado contra Deus e a Lei. Este, vendo que não se acalmariam se não obtinham satisfação, condenou-o a morte. Os judeus, vingados, foram-se». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, manuscrito *eslavo*, II, 5, tradução de Fierre Pascal, professor na Sorbone, *Éditions du Rocher*, Mônaco, 1964.)

Tomemos agora a mesma passagem, todavia, do manuscrito *grego*:

«Logo que tinha passado esta aflição, quando foi seguida por outra. Um criado do imperador, chamado Estêvão, que conduzia alguns móveis muito valiosos, foi assaltado perto do Beth-Horon. E Cumano, *para descobrir quem tinham cometido esse roubo*, enviou a que capturassem aos habitantes dos povos próximos. Um de quão soldados formavam parte de tal expedição, ao encontrar em um desses povos um livro no que estavam escritas nossas santas leis, rompeu-o e o queimou. Todos os judeus desta região não se sentiram menos irritados que se tivessem visto incendiar todo seu país. Reuniram-se em um momento e, impulsionados pelo zelo de sua religião, correram à Cesaréia para encontrar Cumano, para lhe rogar que não deixasse impune um tão grande ultraje contra Deus. Como o governador julgou que seria impossível acalmar a esse povo se não lhe dava satisfação, mandou prender e executar tal soldado em sua presença; e assim se apaziguou o tumulto». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, manuscrito *grego*, II, XX, tradução de Amault d'Andilly, *Éditions Lidis*, Paris, 1968.)

Aqui observamos diversas contradições:

a) Cumano, o procurador, ordenou deter e encadear aos habitantes dos povos vizinhos por não ter ajudado ao tal Estêvão, a quem tinham atacado e feito mal (matado) uns bandidos? Ou os tratou assim por cumplicidade?

b) Quando se detinha, e especialmente quando se *encadeava* à população inteira de um povo, essa medida ia imediatamente seguida de sua deportação. Esse foi o caso dos habitantes da Giscala, pátria dos pseudo-familiares judeus de Saulo-Paulo. E nesse caso era devido a quem prestaram ajuda aos guerrilheiros *zelotes*. E o termo de

«bandidos» utilizado por Flavio Josefo, sempre se aplica à estes. Então, se os aldeãos se negaram a intervir, ou possivelmente inclusive ajudaram e encobriram aos citados bandidos, é que não se tratava de criminosos de direito comum. Sem lugar a dúvidas devia tratar-se de um bando zelote.

c) Não obstante, sabemos pelos Atos dos Apóstolos (7, 58, e 8, 1) que Saulo-Paulo tinha participado do assassinato de Estêvão. E as *Antigüidades judaicas* nos mostram desempenhando o papel e as atividades de um feudal que vivia do banditismo: «Costobaro e Saulo reuniam também ao redor uma multidão de gente perversa; *eles eram de raça real e muito apreciados por causa de seu parentesco com o rei Agripa*, mas eram violentos e estavam dispostos a apoderar-se dos bens dos mais débeis». (Cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, manuscrito grego, XX, 214.)

Este Saulo é, pois, o dos Atos, que «tinha sido criado pelo Herodes o Tetrarca» (13, 1), e sobre quem já demos todas as explicações neste particular. Portanto foi ele quem fez matar ao Estêvão, aliás Stephanos, por seus homens, e não os zelotes. E isto aconteceu no caminho que vai de Jerusalém à Lydda, mais exatamente para o Beth-Horon, cidade dupla, situada a 20 Km. de Jerusalém.

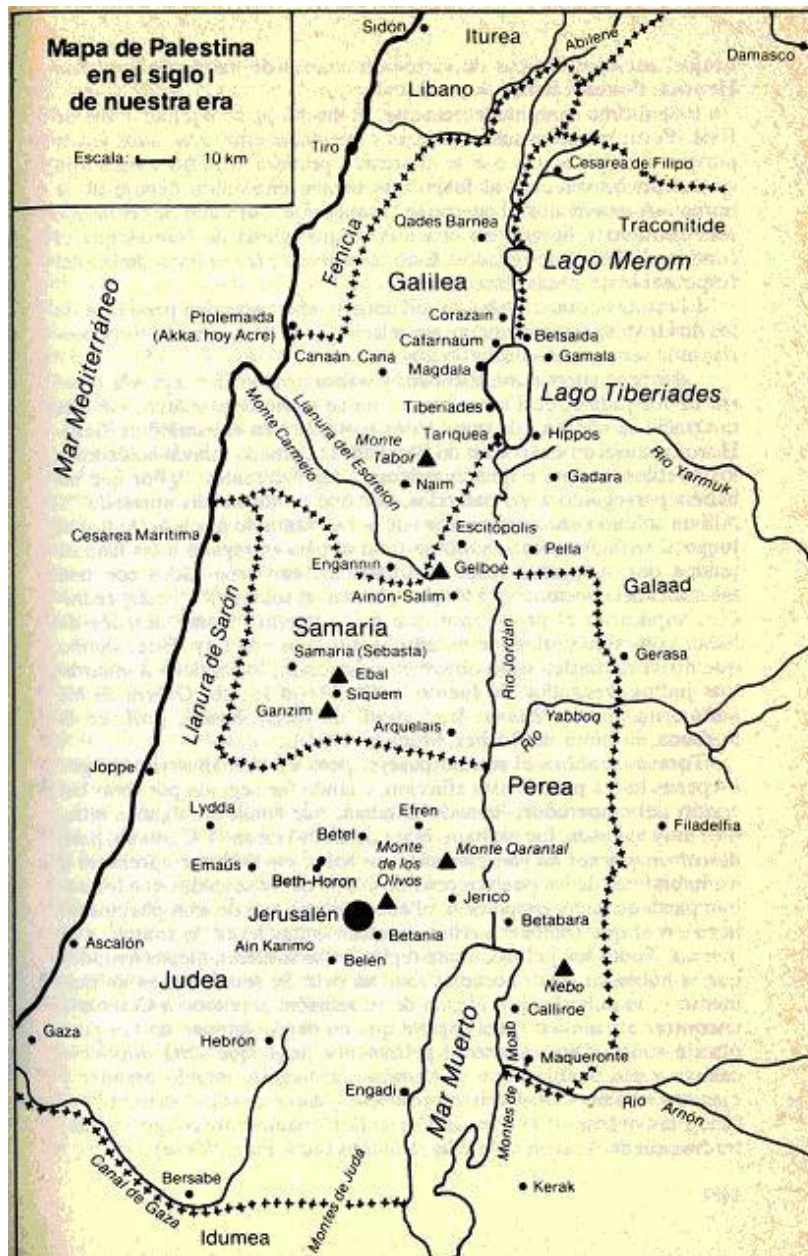
Esta cidade se dividia em dois grupos urbanos diferentes: a Alta Beth-Horon e a Baixa Beth-Horon. Ambas estavam situadas na antiga fronteira dos reinos de Judá e de Israel, e ambas foram construídas pela Sera, filha da Beria, filho de Efraim, nos tempos das doze tribos (I Crônicas, 7, 24). A Baixa Beth-Horon, que foi destruída no curso das guerras, foi reconstruída por Salomão (I Reis, 9, 17). Antes, como eram cidades filisteas, tinham sido totalmente pagãs. As ruínas se encontram na atualidade em Jordânia, *a uns poucos quilômetros do Emaús, ao nordeste*.

Foi, pois, a poucos quilômetros de Jerusalém, no caminho que vai para o Beth-Horon, onde ao Estêvão «causaram dano» uns bandidos mandados pelo Saulo, príncipe herodiano de sangue real e «salteador de caminhos», à maneira de alguns de nossos feudais medievais. Desgraçados os judeus de Jerusalém, e seu Sanedrim, não tiveram nada a ver com sua morte. Mas na época em que o escriba, provavelmente sírio, redige os Atos, e em especial este episódio, quer dizer no século IV, o Império romano é cristão, tanto se quiser como se não, e seus imperadores não brincam com a ortodoxia, e menos com a sua. Os judeus se dispersaram por todo o Império desde Adriano e a derrota de Simão-bar-Koseba no ano 135. E Ihes pode atribuir todos os crimes imagináveis. Entre Saulo-Paulo, árabe idumeu, e os judeus, nossos escribas árabes sírios não vacilam. A milenária animosidade continua.

Mas este Estêvão, aliás Stephanos, era realmente um criado do imperador, quer dizer, de Claudio César? Em caso afirmativo, devemos nos expor ainda algumas questões molestas:

1) Neste caso não pode tratar-se mas sim de um liberto. E então tem, pelo menos, dois nomes: o *praenomen*, quer dizer seu nome distintivo, e o *nomen*, o nome da família, e possivelmente o *cognomen*, que é o nome que relaciona o indivíduo com uma coletividade. Os *libertos* acrescentavam a seu *praenomen* o nome do «amo» que os tinha liberado. Se mais adiante tinham a honra de converter-se em cidadãos romanos (*civis romanus*), acrescentavam o *praenomen* do imperador que reinava. Esses eram os *tria nomen* romanos.

Por exemplo, Palante, o célebre liberto, que foi um dos amantes de Agripina, chamava-se *Claudii libertas Pallas*. Narciso, a sua vez, chamava-se *Claudii libertus Narcissus*. No caso da cidadania romana, tomava deste modo o nome do imperador que reinava. O tribuno Lísias se chamava, por exemplo, *Claudios Lysias*.



Mapa da Palestina Século I

No caso de nosso **Stephanus** (e não **Stephanos**, se era criado do César), ignoramos seus outros nomes. Neste suposto, é plausível que o imperador que reinava, Claudio César, enviasse a Judéia a um servidor de seu palácio imperial, para que lhe levasse uns móveis, quando uma simples carta ao governador da província de Síria, transmitida ao procurador da Judéia, seu subordinado direto, e uma ordem deste a um oficial ordinário, teriam permitido enviar ao imperador, sem nenhuma dificuldade, os móveis solicitados?

2) Quais eram esses estranhos e luxuosos móveis que só a Judéia podia proporcionar ao imperador? Perderíamos-nos inutilmente em conjeturas a respeito, porque em Roma havia tudo que era necessário. Quanto mais que a palavra empregada por Flavio Josefo significa, *em grego*, tanto móveis como *valiosos vasos*.

3) por que o manuscrito eslavo ignora todos estes detalhes? A resposta é fácil. Os manuscritos de Flavio Josefo de que dispomos são todos da Idade Média, não há nada antes. É evidente que os escribas que os copiaram nesta época, ao atuar muito longe uns dos outros, com suas censuras, interpolações e extrapolações, não falando a mesma língua, não conhecendo sequer, ao transcrever, corrigir, suprimir, em épocas diferentes, sem tão somente conhecer os trabalhos análogos de seus colegas longínquos, de seus predecessores, não puderam sincronizar seus «acertos». Agora é isso o que os perde e revela seus enganos. Se tivéssemos a sorte de encontrar um original de Flavio Josefo, não faltariam as surpresas.

A conclusão de tudo isto é muito singela.

Saulo-Paulo e seu irmão Costobaro, «príncipes de sangue real», são não só um pouco bandidos se se apresentar a ocasião, como vimos, mas sim, além disso, Saulo é também o chefe de uma polícia paralela, sob as ordens de Herodes Agripa I. Isto é o que se deduz da leitura atenta dos Atos dos Apóstolos, como já mostramos acima.

Inteirou-se da missão de um tal *Stephanos*, homem de confiança e subordinado oficial de Simão-Pedro e dos ajudantes de Jesus, na região de Beth-Horon, ou inclusive mais longe, para Lydda. Sabia que este Stephanos era um agitador. Foi a seu encontro, ou lhe perseguiu. Stephanos já se encontrava no lugar, ou tinha uma escolta. Teve tempo de voltar, ou ele mesmo, com a ajuda de prodígios pseudo-mágicos, ou seus próprios subordinados, à população de um ou dois povos próximos ao Beth-Horon. E Saulo-Paulo se teve que enfrentar com uma autêntica sublevação camponesa. Ao retornar a Jerusalém, poria à corrente ao procurador Cumano, quem enviaria várias centúrias de legionários a reprimir a tentativa de rebelião zelote.

Enquanto isso, ao Stephanos ou lhe decapitariam no mesmo lugar e enviariam sua cabeça ao Cumano, *conforme era costume entre os romanos, ou o capturariam, conduziriam-no à Jerusalém, e a seguir seria crucificado, como se costumava fazer com os militantes zelotes que eram feitos prisioneiros. Esta execução não se situa em modo algum nos anos 33 ou 36, como pretende falsamente o escriba anônimo dos Atos, ao situar a morte de Estêvão-Stephanos imediatamente depois da morte de Jesus.*

Porque Ventidio Cumano foi procurador em finais do ano 47; sucedeu ao Tibério Alexandre, até o ano 51, ano em que foi substituído por Antonio Félix. *A morte de Estêvão situa-se, pois, como muito em breve em finais do ano 47. E no mesmo ano 47, mas alguns meses antes, sob o Tibério Alexandre como procurador, foram crucificados em Jerusalém Simão-Pedro e Jacobo-Santiago. Sobre o período que viu o trágico fim*

dos irmãos e ajudantes de Jesus-bar-Juda, remetemos à próxima obra, cujo manuscrito está quase terminado, e que porá ordem nas lendas «interessadas»...

Tudo isto se situa no período de agitação zelote que coroa o famoso sínodo de Jerusalém, e no curso do qual os mais humildes sofreram da fome que açoitou não «toda a terra», como *se faz dizer* Flavio Josefo, a não ser somente a Palestina, a consequência das inumeráveis insurreições: «Naquele tempo açoitou a Judéia uma grande fome, durante a qual a rainha Helena comprou muito caro o trigo ao Egito e o distribuiu àqueles que o necessitavam». (Cf. Flavio Josefo. *Antigüidades judaicas*, XX, 101; XXX, XV, 3, e XX, II, 6.) A rainha da Abdiadena, Helena, converteu-se ao judaísmo.

Mas todos os historiadores reconhecem que é muito difícil situar os acontecimentos deste período. Nem sequer estão de acordo nas datas do exercício dos diferentes procuradores.

Alguns, como é lógico, nos vão perguntar onde está a prova, no texto de Flavio Josefo, da presença de Saulo, príncipe herodiano, chefe da polícia paralela, no caminho de Jerusalém ao Beth-Horon, o dia em que se causou ferimentos em Stephanos-Estêvão.

Os Atos dos Apóstolos nos dizem (8, 1) que Saulo tinha aprovado esse assassinato. Portanto, desempenhou um papel decisivo neste caso, quando teve que determinar a morte de Estêvão. Por último resolveu a questão sobre a sorte que lhe esperava.

Pois bem, as *Antigüidades judaicas de Flavio Josefo e os Atos dos Apóstolos se confirmam e se esclarecem mutuamente no referente ao papel e à importância de Saulo-Paulo: «Costobaro e Saulo tinham também consigo grande número de guerreiros, e o fato de que fossem de sangue real e parentes do rei os fazia gozar de uma grande consideração. Mas eram violentos e sempre estavam dispostos a oprimir aos mais débeis.»* (Cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XX, VIII.)

«Saulo devastava a Igreja, e entrando nas casas, arrastava homens e mulheres e os fazia encarcerar... Não obstante, Saulo, respirando ainda ameaças de *morte* contra os discípulos do Senhor, chegou-se ao supremo sacerdote pedindo-lhe cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se ali achava a quem seguisse esse caminho, homens ou mulheres, tivesse-os atados a Jerusalém.» (Cf. Atos dos Apóstolos, 8, 3, e 9, 1-2.)

Terei que ter muita má fé para não reconhecer aqui a um só e mesmo personagem. Por outra parte, ao Estêvão matam «*fora da cidade*» de Jerusalém (Atos, 7, 58), e ao Stephanos causam ferimentos «*no caminho do Beth-Horon*», segundo o manuscrito eslavo, e «*perto do Beth-Horon*», segundo o manuscrito grego de Flavio Josefo. Entre Jerusalém e Beth-

Horon há 20 quilômetros no máximo.

Ao Estêvão, nos Atos dos Apóstolos, Ihe chama Stephanos nos manuscritos gregos originais destes. E agora sabemos que Saulo-Paulo é responsável por sua morte. Como não reconhecer aí simplesmente *uma história em duas versões diferentes?*

E se o Stephanos dos Atos tem ao Saulo como responsável por sua morte, fora de Jerusalém, o Stephanos das *Antigüidades judaicas* tem ao mesmo Saulo como chefe dos assassinos, fora de Jerusalém, no caminho de Beth-Horon.

E portanto, a repressão romana que sucedeu a sua execução demonstra que o tal Estêvão era um agitador zelote. E todas essas execuções, repitamo-lo uma vez mais, inserem-se no período que vai do ano 44 aos 63 de nossa era, a maior parte das quais foram entre o 44 e o 47. Um depois de outro, os irmãos e os ajudantes de Jesus, seus filhos, seus sobrinhos, irão desaparecendo, decapitados ou crucificados. A quem poderá fazer-se acreditar que Roma, tão tolerante em matéria religiosa, tão respeitosa inclusive com o culto judaico, não levou a cabo simplesmente uma repressão desumana contra um movimento de insurreição que, evidentemente, era-o, mas que se justificava pelo próprio excesso das requisições romanas, os impostos, os tributos, quer dizer, um verdadeiro banditismo administrativo, perfeitamente organizado?

Mas a morte de Estêvão continua constituindo uma chave que nos vai permitir chegar à umas constatações ainda mais importantes que a retificação histórica objeto deste capítulo. Com efeito, indiretamente nos confirmará tudo o que já descobrimos em relação à verdadeira personalidade de Saulo-Paulo.

O descobrimento do combate em Beth-Horon nos contribui uma prova a mais das incoerências, para não dizer das mentiras, que servem de trama geral aos pseudo Atos dos Apóstolos. Raciocinemos um pouco.

Segundo esses mesmos Atos, Saulo está em Jerusalém no ano 36 de nossa era, e ali assiste à lapidação de Estêvão. Então é um jovem adolescente (*adolescente: Atos, 7, 59*) É aluno de Gamaliel (cf. Atos, 22, 3), e muito anti-cristão (*pp. cit., 8, 1-3*).

Como admitir então que não conhecesse Jesus, e especialmente, que não tivesse assistido a sua crucificação, se esta teve lugar no ano precedente nessa mesma cidade de Jerusalém?

Mas é óbvio que *Saulo jamais tinha visto Jesus*, basta lendo suas Epístolas e os Atos dos Apóstolos para convencer-se, e nenhum apócrifo do *Corpus paulinum* fala jamais de tal encontro.

Por conseguinte, vemo-nos induzidos a concluir que:

1) a morte de Estêvão não teve lugar em Jerusalém no ano 36;

2) nesse mesmo ano 36 Saulo não era aluno de Gamaliel, em Jerusalém. Então tem uns treze anos e vive em Tiberíades ou em Cesaréia Marítima, no seio de sua família herodiana, com o Herodes Agripa II e Menahem;

3) no ano 36, como já se disse, Estêvão teria morrido sob Pilatos ou Marcelo, procuradores, em troca morreu sob o Cumano, que foi procurador no ano 47, quer dizer, onze anos mais tarde;

4) se nos anos 36-37, como se diz, estivesse a mando de uma tropa supletiva sob as ordens do grande rabino Gamaliel (Atos, 8, 3, e 9, 1), Saulo necessariamente teria participado com sua tropa no Monte das Oliveiras e na captura de Jesus. Entretanto, jamais ninguém sustentou tal coisa;

5) não é possível que os judeus tivessem no ano 36 o direito de condenar a morte ao Estêvão por ter blasfemado, já que não tinham esse direito com Jesus, no ano 34, para o mesmo tipo de acusação: «Os judeus responderam ao Pilatos: “Não nos está permitido dar morte a ninguém”». (João, 18, 31.) Com efeito, *o jus gladii foi retirado no ano 30, no âmbito religioso, e logo que chegaram os primeiros procuradores, no ano 9, também foi no âmbito do direito comum.*

Não deixa de ser surpreendente o fato de que os exegetas das grandes igrejas oficiais jamais chegassem a tais constatações, ou, de fazê-las, que acreditassem que seu dever era calarem-nas. A menos que tais constatações tivessem desembocado em última instância à solução de Leão X, que citamos como epígrafe ao começo da presente obra!

Segunda parte

Paulo, que criou Cristo

Eu, eu sou o eterno, e fora de mim não existe nenhum salvador.

Isaiás, 43, 11

Se junto consigo surge um profeta, que mostre um sinal ou um prodígio e, havendo-se completo o sinal ou o prodígio, diga: «Sigamos a outros deuses» que seus pais não conheceram, não escute a esse profeta.

Deuteronômio, 13, 1-3

13 – A RELIGIÃO PAULINA *

***[Algun crítico «racionalista» e partidário da inexistência de Jesus, ao**

nos reprovar —coisa curiosa— que tivéssemos evocado alguns aspectos de um Jesus guerrilheiro, declara: «Ao senhor Ambelain lhe faltou nos explicar como lhe pôde emprestar um ensino moral, assimilá-lo ao Logos e ao “pão da vida”, etc. Esses problemas são escamoteados, e isso é burlar do leitor».

Aí vai nossa resposta...]

Para que uma religião seja apreciada pelas massas, necessariamente tem que guardar algo do gosto à superstição» G.-C. Lichtenberg, *Aforismos*

É seguro que Saulo-Paulo jamais estudou a religião judia «aos pés de Gamaliel», o doutor supremo, tal como ele pretende —ou como lhe faz dizer— nos Atos dos Apóstolos (22, 3). Ignora completamente suas sutilezas. Quando declara, depreciativo: «Acaso Deus se ocupa dos bois?» (cf. I Epístola aos Coríntios, 9, 9), raciocina como bom idumeu, como árabe, mas não como filho de Israel. Senão, recordaria as prescrições de Moisés em relação aos animais, prescrições cheias de uma piedade e uma doçura totalmente estranhas à época em que foram ditadas e aos povos que eram então vejam-nos inimigos de Israel. Citemos simplesmente, para não sobrecarregar este capítulo: Gênesis, 9, 9; Êxodo, 23, 5, 12 e 19; Deuteronômio, 22, 10, etc. E o animal ao que se sacrifica ou ao que se imola não deve sentir a morte, para isso, o fio da faca não tem que ter defeito algum, já que o animal não deve sofrer absolutamente. Do contrário, a carne é impura e não é apta para o consumo.

Convenhamos que, para a época de sua promulgação, semelhante lei implicava um avanço moral considerável em relação às leis em vigor. Esta benevolência para nossos irmãos inferiores a herda Moisés do antigo o Egito. O cristianismo, ao ser paulino de origem, ignorará tudo isso...

Do exame dos textos atribuídos a Saulo-Paulo resulta que jamais conheceu as Escrituras judias de outro modo que não fora através de sua versão grega, chamada dos *Setenta*, utilizada pelos *Gentis* que se aderiram à religião judia, quer dizer, os partidários, os «temerosos de Deus». Agora bem, se estudassem, e durante longo tempo, claro está, «aos pés de Gamaliel», rabino do Israel, os cursos de teologia teriam tido lugar *em aramaico, sobre textos hebreus*. Charles Guignebert analisou perfeitamente o significativo comportamento de Saulo-Paulo: «Quando voltar a ficar em contato com palestinos puros, embora sejam cristianizantes, reinará a incompreensão mútua e a desavença. Isto também é significativo. E *minha* impressão global sobre sua cultura judia é, em definitivo, a mesma que, parece resultar de sua cultura grega: o

rabinismo de Paulo é superficial, e nem sequer lhe inculcou esse respeito à ciência sagrada que era sua própria razão de ser. Dir-se-ia que aos verdadeiros rabinos, aos fariseus puros, só os vê através de um prisma que os deforma, e não me surpreenderia que fora, em efeito, assim». (Cf. Ch. Guignebert, *O Cristo, V.*)

Por outra parte, suas origens sociais elevadas, pertencente à aristocracia Iduméia dos Herodes, têm-lhe feito considerar o Império romano de maneira muito distinta como o fazia um judeu autêntico, quem via na ocupação romana, nas exações de seus procuradores, nesse banditismo administrativamente organizado, uma prova desejada por Deus, e portanto passageira, mas insuportável, imposta ao povo eleito por Deus para servir de modelo às nações pagãs.

Esta pesada ocupação não lhe incomoda, pois para ele o Império romano é uma potência positiva, que proporcionou a fortuna a sua família; e também, quando escravo hebreu tinham que lhe deixar obrigatoriamente em liberdade ao cabo de sete anos de serviços (Êxodo 21, 2), já que o sétimo lhe contribuía a liberdade, Saulo-Paulo não teve uma só palavra de condenação para esse açoitamento social que é a escravidão. E mais, expõe como princípio que toda autoridade, seja a que for, foi decidida por Deus (Epístola aos romanos, 13, 1-7). Tudo que constitui função das autoridades, magistrados, tudo isso é vontade de Deus, e «para isso pagam impostos!». Alguém se imagina sem dificuldade às reações dos desgraçados judeus, explorados e espremidos por Roma, ante tão cínicas afirmações.

Por outra parte, suas origens principescas, sua qualidade de cidadão romano, suas anteriores atividades de rapina feudal, bandido quando se apresentava a ocasião, suas antigas funções de chefe de polícia supletiva, fazem-lhe desprezar ao povo judeu, disposto a rebelar-se contra o ocupante romano. Como se sentia secretamente odiado e desprezado pelas massas judias, suas simpatias se inclinavam para *os gentis*.

De tudo isto se ressentirá a doutrina que pouco a pouco irá formulando, de cara à realização de um plano que acaricia profundamente e que logo abordaremos. Além disso, sua formação religiosa é inicialmente pagã em sua infância. Embora a Iduméia estivesse integrada na província da Judéia dos reis asmoneos, só é judia na imaginação daqueles. Ali abundam os templos pagãos, e é testemunho o de Ascalón, em que era sacerdote um de seus antepassados diretos. De maneira que para Saulo-Paulo essa doutrina que começa a formular em si mesmo refletirá, inconscientemente, suas passadas crenças. Não pode assimilar o estrito monoteísmo de Israel. E assim, também inconscientemente, transporá o trinitarismo pagão dos

velhos cultos de Nabatea contemporânea, ainda latente na Iduméia, em um trinitarismo bem próprio.

Embora carecia de uma cultura inicial, fez um descobrimento que revestiu importância para ele: conheceu as obras de Filón de Alexandria. Filón era tio de Tibério Alexandre, procurador romano no ano 47, na Judéia. Recordemos que foi ele quem estava em funções em Jerusalém no momento em que teve lugar o primeiro sínodo em tal cidade; foi ele quem fez crucificar Simão-Pedro e Jacobo-Santiago naquela época. Além disso, Paulo se familiarizou com os rudimentos da gnosis através de Dositeo, que então se achava em Kokba, pouco antes de Damasco.

Saulo-Paulo viu o resultado das mesclas político-religiosas com a tragédia zelote. Não ganhava nada atacando Roma no plano material. E tampouco tinha nenhum interesse, mas bem ao contrário. Em troca, com uma doutrina sedutora, que recolhesse os temas que até então tinham atraído sempre aos pagãos cultos, pregando uma doutrina que recordasse a dos «mistérios» aos que estavam acostumados os gentis, descartando tudo aquilo que pudesse fazer levantarem-se contra os poderes temporários, obrigando aos fiéis a viver como indivíduos submetidos e dóceis, tinha-se a possibilidade de reunir muita gente. Fazendo-o assim, podia criar um verdadeiro império «espiritual», com uma capital, províncias regidas por governadores também «espirituais», e que vigiassem uns *missi domini* perfeitamente sérios. Tal império existia já, e era o da *Diáspora* judia, sobre o que reinava o supremo sacerdote de Israel, quem não somente dispunha de poder de jurisdição, mas também de extradição, e que recebia desde muito longe os impostos e os dízimos. E para Saulo-Paulo esse era o único refúgio. Com efeito, ao fazer-se circuncidar e ao converter-se oficialmente ao judaísmo, cortou com suas origens árabes. O exemplo de Silaios, o intendente geral de Aretas, rei de Nabatea, ao recusar deixar-se circuncidar, como lhe pedia astutamente Herodes, para poder casar-se com Salomé I, irmã deste último, porque temia que lhe lapidassem seus compatriotas prova-o. Por outra parte, e como já vimos, Roma não admitia a circuncisão para quão gentis abraçavam o judaísmo. Continuando, e em virtude da *Lex Cornelia*, imperadores como Adriano e Antonino o Piedoso, proibiram formalmente tal rito mediante a publicação de decretos. Aos homens livres que se fizessem circuncidar lhes esperavam penas diversas, como expulsão, confisco dos bens ou pena capital. Nos tempos de Saulo-Paulo ainda não regia tanta severidade, mas os romanos já mostravam um rechaço formal para todo latino ou grego que passou ao judaísmo. De maneira que encontramos a nosso homem não só separado do mundo idumeu e nabateo, mas também do romano e do grego. O que podia fazer? Integrar-se aos

zelotes, entre os messianistas, dirigidos pelos «filhos de David»? Nem pensar. Não tinha nenhum futuro! Os primeiros postos estariam sempre reservados aos verdadeiros «filhos da Aliança», aos escolhidos de Yavé. De modo que Saulo-Paulo só fará que *lhe admitam momentaneamente*. Desta decisão nascerão contatos episódicos, que só durarão algum tempo, com Simão-Pedro e Jacobo-Santiago, tal como nos contam isso os Atos dos Apóstolos. Logo, quando os chefes messianistas forem progressivamente eliminados pelas legiões romanas da maneira que agora sabemos, nosso homem poderá ao fim voar com suas próprias asas. No período preparatório terá tempo de introduzir-se, de familiarizar-se com os princípios e as tradições da nova corrente «cristã».

Fica o problema de uma doutrina que lhe permita apresentar-se como portador de uma mensagem de salvação. Já dissemos antes que teve conhecimento da obra de Filón de Alexandria, um extenso trabalho no qual o autor apresenta uma interpretação alegórica do Pentateuco, especialmente em seu *Nomon hieron allegoriai*. Sobretudo tem a originalidade, sendo judeu de nascimento, de atrever-se a afirmar que Deus não estabelece nenhuma diferença entre os homens, que não é o nascimento o que confere a nobreza, a não ser a sabedoria e a virtude. Todos os que se separam da idolatria para ir ao verdadeiro Deus são membros do autêntico Israel, que não é o *da carne e o nascimento*. E para Filón, que expressava pela primeira vez este ensino secreto dos doutores da Lei, esta espécie de cosmopolitismo do judaísmo é a garantia de que constitui a verdadeira e a melhor das religiões.

E isto encherá de gozo a nosso Saulo-Paulo. Sua concepção de Jesus-Messias, que estranha em especial aos zelotes, como ao Simão-Pedro, quem nas *Homilias Clementinas* lhe replica que Jesus jamais se pretendeu Deus, poderá elevar-se, graças à Filón, ao nível do *Logos* platônico, do Verbo divino, e lhe permitirá relegar o *Metatrón-saar-ha-Panim* dos cabalistas a segundo plano. Porque Saulo-Paulo não inventou nada neste terreno; quando prega o Verbo é Filón quem fala. Agora vamos poder julgá-lo.

Para Filón, o *Logos* emana de Deus, não é uma criatura como o *Metatron*. É a *primeira criatura de Deus (uios prologónos)*, é sua *imagem (eikon)*, sua *cópia (apeikoniosma)*, *outro deus*, sua *réplica (eteros Oeos, deuterios Oeos)*. É o *porta-voz* e o *mensageiro* do Altíssimo (*Logophoros, aggelos*).

Por outra parte, esse *Logos* é além disso o mediador entre os homens e Deus, é o supremo sacerdote, o *suplicante (iketés)* do Mundo, e é nesse papel como lhe representa diante de Deus. É também o arquétipo inicial sobre o que foi concebido o homem terrestre, o Homem em Si,

feito à imagem divina (o' *kat' eixona ánaropos, a arétupos toü aitiou*).

Além disso, para Filón o mal não vem de Deus, contrariamente à teologia rabínica. Procede da Matéria, dos poderes espirituais inferiores, dos *logoi* secundários, necessariamente imperfeitos, que o configuram por ordem de Deus. Nesta Matéria, informe e inerte, plasticidade coeterna a Deus, infundiram o *espírito de vida* (o *noús*), para organizá-lo.

Reconhecemos que tudo isto se encontra *integralmente* nos ensinamentos paulinos.

Por último, ao lado de Filón da Alexandria, Saulo-Paulo justaporá uma teoria da salvação que adotará do orfismo. Antes de passar a um breve estudo deste, convém precisar que nosso apóstolo ocasional causará escândalo, um escândalo enorme entre os judeus, que enuncia com a glorificação da cruz patibular em que morreu Jesus-bar-Juda.

Em nossa obra precedente já tínhamos demonstrado que jamais se fez alusão alguma, no Antigo Testamento, a um *salvador espiritual* diferente do próprio Deus, mas bem ao contrário, pois semelhante crença era já formalmente desmentida de antemão. E afirmar que esse *salvador, que plagiava a obra de Yavé*, tinha descendido aos mais baixos limites da última degradação, constituía para os judeus ortodoxos uma autêntica blasfêmia. Porque no Deuterônomo lemos o seguinte: «Quando em um homem há um pecado que o faça réu de morte, seja condenado a morte e pendura-o numa árvore; não deixará seu cadáver toda a noite na árvore, mas sim o sepultará o mesmo dia, porque um enforcado é uma maldição de Deus, e você não deve poluir a terra que Yavé, seu Deus, vai dar por herança». (Deuterônomo, 21, 22-23.)

Terá que recordar que o enforcado libera seu sêmen. E os bruxos e bruxas foram recolher essas mandrágoras preciosas que cresciam ao pé dos patíbulos, já que estavam impregnadas do esperma dos pendurados. E logo se serviam dele para seus malefícios. Por outra parte, os crucificados, tanto se estavam atados como se estavam cravados a sua cruz, manchavam o bosque, seus membros inferiores e o chão, com seus excrementos sólidos e líquidos. Por conseguinte, imaginar que um «liberador» terminasse assim sua vida era algo *impensável*.

E agora podemos voltar para orfismo.

Para Saulo-Paulo, Jesus, filho de David, morto na cruz por sentença romana como condenação a diversos atos considerados delitivos em grau supremo pelas leis romanas, ofereceu-se ele mesmo como sacrifício para acalmar a cólera de seu Pai Celestial Yavé. Isto devia assombrar grandemente aos meios apostólicos iniciais, e aos irmãos de Jesus em particular. Porque *jamais* no curso dos evangelhos, *jamais* tal Jesus declarou que sua morte (que ele sabia que era inevitável e dolorosa, e que devia ter lugar em Jerusalém) tivesse por objetivo liberar

à humanidade de uma dívida para seu Pai celestial e acalmar sua cólera.

E isto Saulo-Paulo o tira dos mistérios órficos. Já que se fosse realmente judeu, educado «aos pés de Gamaliel», não ignoraria esta condenação pronunciada de antemão contra os sacrifícios humanos pelos profetas e em nome do Eterno, mesmo que tais sacrifícios se realizassem em sua honra:

«Os filhos de Judá construíram a altura do Tofet, que se encontra no vale do Ben-Hinnón, para queimar no fogo a seus filhos e filhas, coisa que eu não mandei e que jamais me passou pela mente.» (Jeremias, 7, 31.)

«Apresentaram suas oferendas, que me irritaram... Ao apresentar suas oferendas e ao fazer passar através do fogo a seus filhos lhes poluem...» (Ezequiel, 20, 28-31.)

«... nem profanarão mais meu santo nome com seus dons e com seus ídolos...» (Ezequiel, 20, 39.)

«Não me são gratos seus holocaustos e não me agradam seus sacrifícios...» (Jeremias, 6, 20.)

«por que me oferecem tantos sacrifícios? Diz Yavé. Estou farto dos holocaustos de carneiros e do óleo dos bezerros; o sangue dos touros, cordeiros e bodes não me são gratos. Quando vêem meu rosto, quem solicita tais coisas de vós, que pisoteiem meus átrios?... Suas mãos jorram sangue! lhes lave e lhes purifiquem...» (Isaías, 1, 11-16.)

«Porque eu quero amor, não sacrifícios..., e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos...» (Oseas, 6, 6.)

O que pensar então de um sacrifício humano?

Objetar-se-á que, não obstante, segundo o ritual judaico se perpetravam no Templo sacrifícios sangrentos de animais. É certo. Mas esquecemos de recordar que essa foi uma das causas da fundação da seita essênica, que os condenava. Por outra parte, a casta sacerdotal estava em grande parte em mãos dos saduceus, fração rica da população, materialista como é natural (rechaçava a crença em um destino *post mortem* para a alma), e semelhantes sacrifícios representavam para os sacerdotes saídos dela uma bonita margem de proveitos.

Paralelamente, tais sacrifícios sangrentos não incomodavam absolutamente a Saulo-Paulo. Eram normais na maioria dos cultos pagãos. E na Arábia nabatea, vizinha imediata de sua pátria, Iduméia, a trindade divina adorada pelos árabes nabateus os incluía, especialmente seu *Dusares*, idêntico ao Dionisos, durante os *Actia Dusaria*, essas grandes festas no curso das quais cativos e escravos viam regularmente e em datas fixas impregnar com seu sangue os altares de tal trindade: *Dusares*, entre suas duas companheiras deusas, *Ouzza*, desdobramento

de *Ateneu e Afrodite*. Acima deles reinava *Beel-Samin*, o pai celestial, o *senhor dos céus*. Segundo testemunho de Epífano (cf. *Panarion*), *Dusares* nascia em 25 de dezembro de uma virgem mãe chamada *Kaabou*.

Tudo isto, quer dizer, o *fūonismo*, o *dusarismo* e o *orfismo* constituíram uma abundante corrente sincretista no espírito de Saulo-Paulo. E vamos agora estudar este último, já que nosso amigo *condottiere*, doutor em teologia por causa de uma pena amorosa, o que faltava a um encontrava em outro. O que lhe permitia poder apresentar sempre um aspecto válido de seu «evangelho» aos *gentis* de todas as nacionalidades. Exceto aos judeus de boa classe, claro está.

O orfismo nos apresenta em duas épocas que mostram uma indiscutível mutação progressiva. Já no século V antes de nossa era Herodes faz alusão a isso; logo é Platão, no século IV A. C., e Aristóteles, na mesma época, e por último o peripatético Eudemio. Mas a única certeza que nós possuímos é o testemunho de dois papiros do Egito, bastante mutilados por certo, que datam um do século III e outro do II *antes de nossa era*, e que nos contribuem o primeiro fragmento de um ritual órfico, e o segundo uma versão de um relato ritual relativo ao seqüestro de Perséfone.

Para a segunda época do orfismo estamos muito melhor dotados, já que os documentos são muito mais numerosos, e abrangem desde princípios do século II de nossa era a finais do IV, época em que as religiões pagãs ficam fora da lei, os templos são fechados, as escolas iniciáticas proibidas, sob pena de castigos muito graves. Vamos, pois, resumir em poucas linhas os ensinamentos órficos.

As afinidades do orfismo com o cristianismo paulino são, com efeito, bastante numerosas e bastante surpreendentes. É uma religião revelada, que tem seus profetas, seus livros sagrados. O deus a cujo redor gira o ensino esotérico sofre, morre e ressuscita, glorioso, junto ao Deus Supremo, seu pai. Garante à seus fiéis a redenção de uma mancha original, e uma união perfeita, em total comunhão neumatológica, com a divindade salvadora. Os não iniciados são ameaçados, em função de quão pecados não purgaram, com intermináveis suplícios no outro mundo.

O orfismo prega uma vida de pureza e de ascetismo, e considera a existência terrestre como uma prova dolorosa, que a alma deve atravessar purificando-se mediante a observação de uma moral rigorosa e de ritos ao mesmo tempo culturais e catárticos. Como sempre em tais campos, o orfismo possui uma esoteriologia. Vejamos aqui um resumo, que expõe muito mais longamente aos *mystes* órficos o tradicional *hieros logos*, ou discurso sagrado, de todas as religiões com mistérios do mundo antigo.

A filha de Deméter e de Zeus, Perséfone, foi raptada pelo Hades. Liberada em parte por seu pai Zeus, teve com ele, em uma união sagrada (hierogamia), um filho, um jovem deus chamado *Dionisos-Zagreus*.

A este filho divino Ihe prometeu o governo do Universo. Mas uns deuses inferiores, os Titãs, conseguiram apoderar-se do Zagreus menino, e repartiram sua carne a fim de divinizar-se ainda mais. Como castigo a semelhante crime, Zeus fulminou aos Titãs, mas de suas cinzas, nas quais subsistia um último germe divino, nasceram os primeiros homens. Esses homens participam, pois, da natureza divina, pela faísca que adormece neles, e da natureza demoníaca, por isso Ihes vinha dos Titãs fulminados. Esta natureza *titânica*, segundo o termo utilizado por Platão, é a que incita aos homens para o mal, enquanto a faísca divina os impulsiona ao bem. Esse crime dos Titãs, pois, mancha a todo o conjunto da humanidade.

Não obstante, no *Hieros logos* se diz que o *coração* do Zagreus tinha escapado aos assassinos do divino menino. Desse coração tirou Zeus o princípio de ressurreição do jovem deus assassinado, e logo, sempre segundo a doutrina órfica, confiou-Ihe o governo do mundo: «Zeus o colocou sobre o trono real, pôs-Ihe o cetro na mão, e o fez soberano de todos os deuses do universo». (Cf. Proclos, *Sobre o Cratilo de Platão*.)

Compare-se com o que diz Saulo-Paulo: «Deus, depois de ter ressuscitado a Cristo dentre os mortos, sentou-o à direita nos céus, por cima de todo principado, potestade, poder e dominação». (Cf. Epístola aos Efesios, 1, 20-21.)

Indubitavelmente o comentário sobre o *Cratilo de Platão*, por parte de Proclos, é um texto pitagórico, posterior à Epístola aos Efesios; mas o texto de Platão assim comentado é anterior em vários séculos à epístola paulina. E a lenda iniciática de Zagreus não é quão único sustenta tal mito esotérico. Que o leitor se remeta ao que dizemos do de Mitra em nossa obra precedente, e ficará bem informado.

Por último, Saulo-Paulo se deu um papel idêntico ao de Orfeu na nova religião que se esforça por divulgar pelo velho mundo. Orfeu recebeu esses ensinamentos, evidentemente, de Perséfone, a deusa iniciadora, durante sua descida aos Infernos, onde ela reina seis meses ao ano, ao lado de Hades, seu marido. Esta descida ele o faz por amor. Mas, ao ser fiel a Eurídice, as mulheres da Tracia o despedaçaram por despeito, ao Ihe ver rechaçar toda participação em sua orgia ritual. Pois bem, Saulo-Paulo não foi procurar sua própria revelação aos Infernos, mas sim pretende havê-la recebido, quando subiu ao terceiro céu, do próprio Jesus. (Cf. II Epístola aos Coríntios, 12, 2.) Isto, evidentemente, vai dar no mesmo. Um homem é eleito pela divindade para chegar até ela, receber um

ensino iniciático e difundiu-o entre os homens. Como consequência de sua missão, aqueles a quem contribui a mensagem lhe dão morte. O tema é sempre o mesmo, aparece sem cessar nas religiões de «mistérios». E a de Saulo-Paulo constitui uma mais.

Consulte o mapa das viagens de Saulo-Paulo e se constatará, como observa muito acertadamente nosso amigo Jean Desmoulins, que estes se desenvolveram sempre em regiões do Império romano em que floresciam os cultos a *mistérios com sacrifícios*, as religiões em que o deus *morre para renascer* gloriosamente. Paulo tinha ali um terreno favorável para seus temas favoritos.

O fato de que o orfismo e o filonismo impregnassem por sua vez a Saulo-Paulo (já que sua cultura metafísica e teológica era em princípio bastante frouxa) demonstra-se pelos rastros que se encontram deles em suas expressões favoritas.

No orfismo, o *cabrito* era o símbolo do iniciado nos mistérios. Nesta religião, o mistério se identificava ao Zagreus, e uma das apelações rituais era justamente *Erifos*, em grego «cabrito», que se aplicava ao deus. No ritual constituía uma palavra de passe, que se devia pronunciar ante as divindades do mundo subterrâneo (Campos Elíseos e Infernos) para poder ter *liberdade de passagem*. Este rito é comum à gnosis, à cabala, à franco-maçonaria *esotérica*. A frase chave é: «Cabrito, tenho caído dentro de leite...».

E o leite é o primeiro alimento do *recém-nascido*. Nas religiões de «mistérios» pode escrever-se «recém-nascido»... Porque a iniciação é um renascimento a um mundo novo, uma mudança de «plano», o acesso a outro nível de «consciência». E esta expressão utilizará Saulo-Paulo várias vezes:

«Dava-lhes a beber leite, não lhes dava comida porque ainda não a admitiam...» (Cf. I Epístola aos Coríntios, 3, 2.)

«Pois os que depois de tanto tempo deveriam ser professores necessitam que alguém lhes ensine de novo os primeiros rudimentos dos oráculos divinos, e lhes tornem tais, que têm necessidade de leite em vez de manjar sólido...» (Cf. Epístola aos Hebreus, 5, 12.)

Como se vê por tudo o que antecede, e como concluiu V. Macchiero em seu livro *Orfismo e Paolinismo*, o passado do cristianismo judaico ao cristianismo helênico, do fato *histórico* de Jesus ao fato *místico* do Cristo, de um personagem real que viveu na Judéia a um personagem mítico, espécie de arquétipo detectado ou imaginado, operou-se graças ao orfismo, não é a cristologia de Saulo-Paulo outra coisa que «uma transposição do orfismo» (*op. cit., P. 18*).

Aqui, de fato, o mito helênico não é mais que a representação imaginada de um estado real de consciência, quer dizer, uma

experiência. Por conseguinte, estabelecer que os elementos míticos de Cristo de Saulo-Paulo derivam do orfismo equivale a procurar até que ponto a ressurreição mística no cristianismo deriva da do orfismo. Segundo a linguagem contemporânea, trata-se da repetição adaptada de um psicodrama.

Além disso, as indagações interessadas de um Tertuliano contra a liturgia de Mitra, ou as de um apologista como Justino contra a do orfismo, limitam-se a repetir a infantil explicação dos doutrinários cristãos dessa época, ou seja, que é o diabo quem, de antemão, elaborou e inspirou aos homens esses preparos do cristianismo. O diabo é o grande recurso dos parvos, constatamo-lo inumeráveis vezes, inclusive à nossas costas! De maneira que deixaremos à nossos demonômanos, tanto os antigos como os modernos, com suas infantis elucubrações. E nos encontraremos com um estranho crucifixo, que eles não deixarão de qualificar de «blasfematório».

Antes de nada, existem dois aspectos da cruz. Está a *cruz cósmica*, que vamos estudar, e a *cruz patibular*, instrumento de suplício. Esta já foi descrita no volume precedente, e é melhor não perder mais tempo com ela.

Ao princípio, os primeiros cristãos, confusamente envergonhados pela ignomínia do suplício (já que o tinham com freqüência ante seus olhos como castigo a crimes maiores), negavam-se a apresentar ao Jesus crucificado. Até o século V não se decidiram a fazê-lo, e ainda de forma bastante discreta. Em troca a cruz grega, de braços iguais, era-lhes familiar, e utilizavam-na com fins puramente talismânicos. Vejamos o que diz a respeito o cardeal Daniélou: «Não só os cristãos riscam com seu polegar o sinal da cruz sobre sua frente, mas também possuímos testemunhos que testemunham a prática de *verdadeiras tatuagens*. *O uso de tais tatuagens é conhecida nos cultos pagãos ao Dionisos e a Mitra*». (Cf. Jean Daniélou, *Les Symboles chrétiens primitifs*, IX.)

Esse caráter talismânico da *crux*, ou do *sphragis* (selo), usava-se para a vida espiritual, mas também para a vida profana: «Um tesouro que não esteja marcado com o selo (*sphragis*) está a mercê dos ladrões, uma ovelha sem sinal está a mercê de todas as armadilhas». (Cf. Séverien de Gabala, *Sul o baptême; Patrologie grecque*, XXXI, C.432.)

E Marcos o Diácono, no século V, cita na *Vida de Porfirio da Gaza* a três meninos que caíram em um poço e aos quais a cruz grafite de vermelho no meio de sua testa preservou da morte. Também Agustín recorda que os pagãos reconhecem aos cristãos por suas vestimentas, seus penteados e a cruz grafite em sua frente. O que prova que o cristianismo não estava em modo algum açoitado e que seus seguidores não se viam na obrigação de ocultar-se. Às vezes inclusive a cruz estava

em grafite ou tatuada «sobre o rosto», o que implica que devia está-lo em meio das bochechas ou no queixo. Justino e as *Odes de Salomão* fazem alusão a isso em pleno século II. Este costume subsistiu longo tempo, já que um conto persa inserido nas *Mil e Uma Noites* nos diz o seguinte: «Mas Seharkan, aproveitando o momento em que o cristão tirava o chapéu, lançou-lhe uma segunda lança que o alcançou na frente, no lugar mesmo em que tinha *uma cruz tatuada.*». (Cf. *As Mil e Uma Noites*, «História do rei Omar-al-Neman», noite núm. 90.) Pois bem, esta recopilação de contos começou no século X.

E efetivamente, a cruz de braços iguais, o *sphragis* ou selo divino, era símbolo pagão antes de ser símbolo cristão. E sob o nome de *staurós*, o piedoso, marcava na gnosis pagã o *limite* entre o mundo divino de Pleromio e o mundo demoníaco de Kenomio. O mesmo termo de *staurós* era o que designava a uma entidade do panteão gnóstico, e o *eón* tinha como missão proibir aos daimons titânicos o acesso ao mundo divino (trocadilho entre *staurós*, o piedoso, o limite, e *hóros*, o mesmo sentido).

Em *Timeo*, Platão nos apresenta a *Alma Universal*, intermediária entre o *Deus Supremo* e o *Cosmos*, sob o aspecto de uma cruz inclinada, cuja cabeça estava no céu e a base na terra. Devido a sua inclinação se apresentava, pois, como um «X», uma *ji* grega. Muito mais tarde os neoplatônicos representarão esta *Alma Universal*, o *demiurgo*, com uma cruz grega rodeada de um círculo. (Cf. Proclus, *Sobre o Timeo*, 111, 216.)

Por conseguinte, muito antes do cristianismo se considera à cruz como símbolo iniciático nas religiões dos «mistérios». Às vezes se acompanha de um *deus cruciforme* —inclusive de um *deus crucificado*—. Para o primeiro caso, Porfírio nos transmitiu a descrição que Bardesana faz do deus criador da Índia: segundo ele, Brahma estendia os braços em cruz; sobre estes, figuravam inumeráveis deidades, a Natureza, o Mundo. Na mão direita tinha o Sol, na esquerda a Lua.

Charles Guignebert, em *Problème de Jesus*, diz-nos que, em um ritual à Osíris, os braços estendidos da cruz simbolizam a regeneração mística, e em alguns amuletos antigos figuram, na cruz de Osíris, numerosos braços humanos.

No orfismo, que existia já no século VI antes de nossa era, o mensageiro do deus salvador era, indubitavelmente, Orfeu, que trouxera de sua descida aos Infernos o *Hieros logos*, a elocução iniciática reservada aos místicos. E uma gema gnóstica do século II, propriedade do Museu de Berlim, reproduzida por A. Boulanger em seu *Orphée*, página 7, mostra-nos um Orfeu crucificado. Trata-se de um selo de anel de oligisto, pedra marrom avermelhada (óxido férrico natural), em que está gravada a imagem de um homem sobre uma cruz vertical, com os braços estendidos (não se vê o sinal dos pregos, mas se trata de um

crucificado real). A cruz está apoiada em sua base sobre duas grossas cavilhas em cunha, e rematada por uma espécie de bola (falismo?) coroada por um quarto crescente com as pontas para cima. Em cima da cruz há um arco de sete estrelas. Uma, inscrição, gravada de forma bastante tosca, mostra *orfeus bak-kikos*, por *orfeus bakkikos* ou *bakkioakos*. Este objeto é do último terço do século II, quer dizer dos anos 170 a 200 de nossa era. Trata-se pois, sem lugar a dúvidas, de Orfeu associado aos «mistérios» de Dionisos-Zagreus, aquele a quem despedaçaram as bacantes.

Por outro lado, o mito do Orfeu não era desconhecido entre os cristãos, já que Clemente de Roma, em suas *Homilias Clementinas*, oferece-nos um resumo dele. (*Op. cit.*, Homilia VI.)

De fato a cruz, tanto se for grega como se é a *ji* (cruz em «X»), designa os quatro elementos que constituem o mundo material:

Terra, Água, Ar e Fogo. Esses quatro elementos aparecem marcados em cima da cruz patibular de Jesus, nas iniciais do célebre I.N.R.I, que significa, evidentemente, *Jesus Nazarenas Rex Iudaeorum*. Esquece-se que esta frase latina não podia pertencer aos manuscritos originais dos evangelhos, já que estes foram redigidos em grego, além disso, só figura no de João (19, 20), e nos outros três, sinóticos, a frase é diferente, e nem em grego nem em latim podiam dar a sigla INRI. Para João, em grego, dá IONOBTI: *Jesus o Nazaraios o Basileus ton Ioudaion*. De maneira que se montou expressamente a frase latina a fim de obter INRI. E temos o significado esotérico dessa sigla através do hebreu, já que I é *Iebeschah* em hebreu: *Terra; Nour é o Fogo; Ruah é o Ar; e lammin são as Águas*.

Não pode confessar-se já mais abertamente que, no espírito dos mitólogos que «construíram» o cristianismo sobre bases mais antigas, assimilou-se Jesus, o homem histórico crucificado por Roma, ao Cristo Cósmico, ao Adão Kadmon da cabala, e a todos os deuses-salvadores «crucificados», quer dizer, *dispersados no seio dos quatro Elementos do Mundo que constituem a Matéria*.

Aqui é onde convém recordar aquela confissão de Clemente da Alexandria: «Os Mistérios se divulgam sob uma forma mística a fim de que seja possível a transmissão oral. Mas esta transmissão se efetuará menos por palavras que por seu sentido oculto. As notas que temos aqui são muito pouca coisa... *Mas ao menos servirão de imagem que recordará o Arquétipo ao homem tocado pelo tirso*». (Cf. Clemente de Alexandria, *Stromatos*, I, I, 13.)



Orfeu crucificado

Pois bem, o *tirso* era uma varinha terminada em seu extremo por um dente, e rodeada de hera. E era justamente o cetro de Dionisos-

Zagreus...

E na alquimia tradicional (e sua indiscutível capital, Alexandria do Egito, está muito perto), a cruz de braços iguais é o símbolo do *crisol*. Pôr *matéria prima da Obra* no crisol se diz que é *crucificar*.

Por conseguinte, na alquimia mística, o *deus-salvador*, seja qual for seu nome quando se encarna e se sacrifica, mescla-se aos quatro *Elementos do Mundo*; como em um crisol, *crucifica-se*, (cf. Fulcanelli, *O mistério das catedrais*), para converter-se a seguir no *Crisopeo* espiritual.

Por isso, ao tomar como eixo de seu sistema ao Jesus, filho de Judas da Gamala, crucificado pelos romanos, cujos ajudantes e irmãos afirmavam que tinha ressuscitado depois de sua morte, Saulo-Paulo tinha a partida já quase ganha, porque:

a) perpetuava um tema familiar entre os meios helenísticos cultos, tema que tinha chegado até os meios populares e que estes se apressaram, *ipsofacto*, a cristalizar de forma real, em um personagem que bastava só lhes oferecendo;

b) esse personagem existia, era Jesus-bar-Juda, chefe dos messianistas zelotes, e seus partidários fizeram já a Saulo-Paulo a metade do trabalho preparatório, ao montar a lenda da ressurreição.

A nosso homem não bastava já afirmando que, igual ao deus-salvador desmembrado na cruz celeste dos Elementos encarnou-se em homem de carne e osso, esta mesma cruz celeste tivera seu reflexo material, tangível, na cruz patibular em que morrera tal homem. Saulo-Paulo não se privará disso, mas além disso será o único em sua época e durante longo tempo que, frente à vergonha cristã geral ante a cruz, construirá a base de uma verdadeira mística do «escândalo da cruz»; julgue-se:

«Que não me enviou Cristo a batizar, a não ser anunciar o evangelho (*o seu*), e não com sábia dialética, a fim de que não se desvirtue a cruz de Cristo. Porque a doutrina da cruz é uma insensatez para os que perecem, mas para nós, que estamos salvos (*faz disso uma certeza*), é um poder de Deus.» (Cf. I Epístola aos Coríntios, 1, 17-18.)

«Logo se acabou o escândalo da cruz?...» (Cf. Epístola aos Gálatas, 5, 11.)

«Quanto a mim, jamais me glorificarei em outra coisa a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, *por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.*» (Cf. Epístola aos Gálatas, 6, 14.)

«Para fazer em si mesmo dos dois (*antigos*) um só homem novo, e estabelecendo a paz, e reconciliando-os a ambos em um só corpo com Deus, pela cruz, dando morte por ela à inimizade (*antiga*).» (Cf. Epístola aos Efesios, 2, 15-16.)

É certo que na Epístola aos Filipenses (2, 8, e 3, 18), na Epístola aos

Colossenses (1, 20, e 2, 14), e na Epístola aos Hebreus (12, 2) faz uma alusão direta ao instrumento material do suplício de Jesus. Mas não é seguro que não lhe emprestasse um sentido imensamente mais gnóstico. Recordemos a seu primeiro iniciador, Dositeo. Releiamos, com este fim, essas passagens de duplo sentido: «Apagou a ata cujas prescrições nos condenavam e que era contra nós, e a tirou do meio, cravando-a na cruz. Despojou aos *Principados* e às *Potestades*, exibiu-os à vista do mundo, triunfando deles pela cruz». (Cf. Epístola aos Colossenses, 2, 14-15.)

O que, no espírito de Saulo-Paulo, significa que se lembra dos ensinamentos de seu Mestre Dositeo: para os gnósticos cristãos, os *Arkontes* (*Potestades* e *Dominações* secundárias, segunda causa do Cosmos) reinavam antes inteiramente sobre o mundo material, sobre o Kenomio. Pelo sangrento sacrifício da cruz, diz-se que Jesus apaziguou a seu Pai celestial, e agora são os Arkontes quem, destronados, estão prisioneiros no seio dos quatro Elementos (a cruz cósmica).

Mas também aqui, na mente de Saulo-Paulo, o Jesus histórico cede o posto a um personagem imaginário, o *Cristo Celeste*, quem se sacrifica pelo Homem cansado, e, ao incorporar-se a sua essência, transmuta-o e o deifica. Coisas todas elas que o homem condenado por Pilatos jamais tinha projetado, e argumentos soteriológicos que se buscariam em vão no Antigo Testamento.

Compreende-se que ante tais ensinamentos heréticos o judaísmo ortodoxo reservasse a nosso novo apóstolo uma acolhida bastante má. E compreende-se que o mundo helênico, com o que comportava já de tradicional nos mitos pagãos anteriores, aceitasse discutir sobre o tema. O tempo tem feito o resto, e especialmente a chegada ao poder de imperadores cristãos.

E não é seguro que o simbolismo do *coração* de Zagreus, esquecido pela raiva cega dos Titãs e do que Zeus fez renascer ao deus sacrificado, não servisse de trama longínqua ao do *Sagrado Coração*, para o que se construiu toda uma teologia. Esse *Sagrado Coração* que, por sua misericórdia potencial, faz renascer (ou nascer) ao homem cansado. Permanência quase eterna dos grandes mitos sagrados! E os versos de nosso saudoso amigo Fernand Divoire nos vêm à memória: [Cf. FERDINAND DIVOIRE, *Orphée*, 36.]

Cendres du lourd passé où brille para parcelles La substance du dieu, de Dyonisos mourant, Ah! Dégage-toi, o Substance immortelle! O Coeur, échappe-toi, et renais, Dieu-enfant

(Cinzas do passado, onde a retalhos brilha A substância divina de Dionisos moribundo, Ai! Desprenda-se já, OH imortal substância! OH Coração! Escapa, e renasce, menino Deus!)

14 - As visões de Paulo e suas contradições

Quando a gente não tem uma vida de verdade, substitui-a por miragens.

A.-P. CHÉJOV, *A gaivota*

As visões de Paulo, como vimos anteriormente, constituem seu principal argumento quanto à legitimidade de seu apostolado *pessoal*, que contribui um evangelho *pessoal*. Em diversas ocasiões «viu» Jesus, e este lhe deu suas instruções. Mas o que não sabe é que estas freqüentemente estão em contradição com as que ele deu em vida a seus irmãos, os apóstolos. E isso é algo muito molesto.

Não obstante, quando ao final se deu conta, tentou afinar os violinos ficando em contato com aqueles que lhe conheceram: «Logo, ao cabo de quatorze anos, subi outra vez a Jerusalém acompanhado de Bernabé e levando comigo ao Tito. Subi em virtude de uma revelação, e lhes expus o evangelho que prego entre os gentis, e *em particular aos que figuravam, para que me dissessem se eu corria ou tinha deslocado em vão*». (Cf. Gálatas, 2, 1-2.)

Assim, tem medo de pregar um evangelho não de acordo, e tem interesse em fazer concordar «seu» evangelho (Romanos, 2, 16, e 16, 25) com o que possuem aqueles que viveram com Jesus e receberam *outro* em vida. O que significa isto?

Se o próprio Jesus lhe comunicou um evangelho pessoal. Paulo não teria que ter dúvidas. Acaso não nos diz o seguinte?: «Sei de um homem em Cristo que faz quatorze anos —se no corpo, não sei; se fosse do corpo, tampouco sei, só Deus sabe— foi arrebatado até o terceiro céu e ouviu palavras inefáveis *que um homem não deve repetir*». (Cf. Paulo, II Coríntios, 12, 2-4.)

Por outra parte, aqui temos uma segunda contradição, já que se o que foi comunicado *não deve repeti-lo*, não se trata de uma mensagem a difundir entre as nações. Em troca, em sua primeira Epístola aos Coríntios, declara isto: «Porque eu recebi do Senhor o que lhes transmiti». (Cf. Paulo, I Coríntios, 11, 23.)

Continuemos, pois, nossos controles, porque são gratificantes:

«Quando voltei para Jerusalém, orando no Templo tive um êxtase, e vi Jesus, que me dizia: “Tenha pressa e sai logo de Jerusalém, porque não receberão seu testemunho a respeito de mim”. Eu respondi: “Senhor, *eles sabem* que era eu o que encarcerava e açoitava nas sinagogas aos que acreditavam em ti, e quando foi derramado o sangue de sua testemunha Estêvão, eu estava presente, e me gozava e guardava os vestidos dos que lhe matavam...”. Mas ele me disse: “Vê, porque eu quero o enviar à nações longínquas”». (Cf. Atos dos Apóstolos, 22, 17-21.)

De maneira que Paulo, em presença de uma aparição de Jesus, na atmosfera angustiosa do Templo, permite-se lhe contradizer e discutir as ordens da aparição? Incrível!

Além disso, em sua argumentação, tende a explicar à Jesus (*que supõe que o ignora*), que dadas suas ações anteriores contra os discípulos não tem nada que temer dos judeus. Em troca, um pouco antes, no capítulo 21 dos mesmos Atos, mostra a estes tentando linchar ao Paulo, e que este agradeceu sua salvação exclusivamente à intervenção imediata do tribuno das coortes Claudio Lisias: «E enquanto tratavam de lhe matar chegou a notícia ao tribuno da coorte de que toda Jerusalém estava amotinada. E tomando imediatamente os soldados e os centuriões, *precipitou-se sobre os manifestantes*. Estes, à vista do tribuno e os soldados, cessaram de golpear ao Paulo». (Cf. Atos dos Apóstolos, 21, 31-32.)

Aqui temos, pois, outra contradição. E há ainda outra mais. Porque Jesus declarou numerosas vezes que seu papel de messias liberador pretendia reservá-lo unicamente em benefício de Israel:

«Não fui enviado a não ser às ovelhas perdidas da casa de Israel.» (Cf. Mateus, 15, 24.)

«Não vão aos gentis nem penetrem em cidade de samaritanos; vão melhor às ovelhas perdidas da casa de Israel.» (Cf. Mateus, 10, 5.)

E nesta passagem confia ao Paulo uma missão contrária. Pois se Jesus for Deus, como Deus pode mudar suas decisões, *eternas*? É inconcebível.

Além disso, Paulo faz o que lhe passa pela cabeça. Igual segue as instruções do Espírito Santo, como as passa por cima. Igual obedece ao primeiro sonho que tem, como recusa escutar a um profeta. Julgue-se: «Em todas as cidades o *Espírito Santo me adverte*, dizendo que me esperam cadeias e tribulações. Mas eu não faço nenhuma estima de minha vida, com tal de acabar minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus». (Cf. Atos dos Apóstolos, 20, 22-24.)

Terá que ver neste desprezo da existência uma espécie de renúncia ascética, *que não lhe pede, como se vê, a não ser ao contrário, ou um desespero secreto, uma ferida incurável: a lembrança da filha de Gamaliel*.

Esta fuga longe de Jerusalém, durante quatorze anos, tenderia a confirmar esta hipótese. E então Paulo iria deliberadamente e por uma espécie de suicídio secreto, para uma morte desejada desde fazia longo tempo. Vejamos algo que o confirma:

«E desembarcamos em Tiro, porque é ali onde tinha que deixar sua carga a nave. Como ali descobrimos discípulos, permanecemos sete dias. Eles, *movidos pelo Espírito Santo*, diziam ao Paulo que não subisse

à Jerusalém. Mas, passados aqueles dias, saímos.» (Cf. Atos dos Apóstolos, 21, 3-5.)

«Havendo ficado ali vários dias, desceu da Judéia um profeta chamado Agabo, o qual, chegando-se a nós, tomou o cinto do Paulo e, atando-os pés e as mãos com ele, disse: “Isto diz o Espírito Santo: assim atarão os judeus em Jerusalém ao varão de quem é este cinto, e lhe entregarão em poder dos gentis”.» (Cf. Atos dos Apóstolos, 21, 10-11.)

Mas Paulo não quer escutar: «depois disto, providos do necessário, subimos à Jerusalém». (Cf. Atos dos Apóstolos, 21, 15.)

Por certo que esta visão de Agabo não foi interpretada corretamente, já que se os judeus assaltaram ao Paulo, foram os judeus da Ásia os que, depois de havê-lo reconhecido no Templo, avisaram aos outros, e não só Paulo não foi entregue por eles aos romanos, mas também foram estes últimos os que lhe liberaram, lhe salvando assim a vida. (Cf. Atos dos Apóstolos, 21, 31-36.)

No referente à enigmas e contradições, aqui temos outras passagens sobre as visões de Paulo: «Uma noite, em uma visão, disse o Senhor ao Paulo: “Não tema, continua falando, não cale! Eu estou contigo e ninguém tentará te fazer mau, *porque tenho já nesta cidade um povo numeroso*”. Passou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus». (Cf. Atos dos Apóstolos, 18, 9-10.)

Esta cidade é Corinto, cidade voluptuosa, que possuía uma escola de cortesãs célebre, e famosa pelo relaxamento de seus costumes, de onde a expressão significativa de «viver a coríntia». Era, de fato, a Capua da Acaia. Pois bem, na II Epístola aos Coríntios (1, 19) diz-se que a Igreja de Corinto foi fundada pelo Paulo e seus dois colaboradores, Silas e Timóteo, e os Atos nos confirmam isso: «Mas logo que chegaram da Macedônia Silas e Timóteo, Paulo deu tudo a pregação da Palavra, atestando a quão judeus Jesus era o Messias. Como estes resistiam e blasfemavam, sacudindo suas vestimentas lhes disse...». (Cf. Atos dos Apóstolos, 18, 5-6.)

Para ver «um povo numeroso nessa cidade». Jesus tinha que ser muito otimista, quanto mais que sem a intervenção do pró-cônsul Galión, irmão de Séneca e «amigo de César», Paulo teria passado um quarto de hora muito mal (cf. Atos dos Apóstolos, 18, 12-18), e quando finalmente se embarca para Síria, a Igreja de Corinto não deve ser muito importante.

Recapitulemos. Paulo fracassou rotundamente entre os judeus. Obteve a conversão de um tal Justo, homem que adorava a Deus» (cf. Atos dos Apóstolos, 18, 7), quer dizer de um pagão, inicialmente partidário do judaísmo, logo a de Crispo, chefe da Sinagoga, com todos os seus (cf. Atos, 18, 8), quem, por outra parte, alguns versículos mais tarde se

chama Sustenes (cf. Atos, 18, 17).

E logo nos diz que: «E muitos Coríntios, ouvindo a Palavra, acreditavam *e se batizavam*». (Cf. Atos, 18, 8.) batizavam-se? vamos ver.

Aqui se trata unicamente de pagãos aos quais Paulo convertera à sua doutrina religiosa. Para qualquer que conheça o clima que reinava até então em Corinto, onde preponderava o elemento romano e latino, onde toda regra de vida derivava do *gozo de existir, e tendia ao amor*, onde *vários milhares de «servidoras de Afrodite»* gravitavam ao redor de seu templo, dominando a cidade, como tentações vivas, famosas por sua beleza e sua ciência das carícias, a hipótese de um êxito entre «muitos Coríntios» é uma pura bravata.

Por outro lado, Paulo a única coisa que fazia era ensinar, *ele não batizava*, e ele mesmo o quis sublinhar: «Eu não fui enviado para batizar, a não ser para pregar o evangelho...». (Cf. Paulo, I Coríntios, 1, 17.) Coisa que, recordemo-lo, é uma prova mais de que não recebera os famosos *poderes apostólicos* que Simão-Pedro negou ao Simão o Mago, *aliás Saulo*, aliás *Paulo* (veja-se mais acima).

E esse escrúpulo, essa vacilação, fazem que se abata uma dúvida sobre a realidade da missão que Jesus supostamente lhe confiou. Se não, por que este último, depois de ressuscitar *em carne e osso*, corpo glorioso, *em três dimensões*, que comia e bebia como vocês e como eu, ia ver-se na impossibilidade de infundir com as palavras e os gestos clássicos, esse Espírito Santo necessário para a fundação de toda Igreja? Porque esse Espírito Santo jamais o recebeu nas formas sacramentais acostumadas nos tempos apostólicos. Jamais obteve a não ser um simples acordo, concretizado por um simbólico *apertão de mãos*, que já estava em uso nas sociedades secretas dos «mistérios»: «Santiago, Cefas e João [..] deram-nos para mim e ao Bernabé a *mão em sinal de comunhão*». (Cf. Paulo, Gálatas, 2, 9.)

Assim —coisa que ninguém parece ter prestado atenção— nenhum bispo pode vangloriar-se de ter uma filiação apostólica que se remonta até São Paulo. O que, tendo em conta o fato de que Pedro jamais esteve em Roma converte em um mistério a identidade do verdadeiro fundador *apostólico* desse bispado, a menos que se enfoque o assunto segundo a explicação que será objeto do capítulo seguinte.

Ao começo do presente capítulo sublinhamos a ausência de todo princípio nas decisões do Paulo, que eram consequência de suas visões. Às vezes não faz caso das «mensagens» recebidas, e às vezes fica em marcha acreditando só em um simples sonho. Julgue-se:

«Havia ali [em Listra, na Liconia] um discípulo chamado Timóteo, filho de uma mulher judia crente e de pai grego [...] Paulo decidiu levá-lo consigo. Tomou, pois, *e o circuncidou, à causa dos judeus* que havia

naqueles lugares, pois todos sabiam que seu pai era grego [...] Percorreram a Frigia e o país da Galacia, pois o Espírito Santo lhes proibiu pregar na Ásia. Chegaram à Mísia e tentaram dirigir-se a Bitínia, mas tampouco o permitiu o *Espírito de Jesus*. Atravessaram, pois, Mísia e baixaram ao Tróade». (Cf. Atos dos Apóstolos, 16, 1-8.)

Aqui agarramos Saulo-Paulo com as mãos na massa! Porque não tinha absolutamente nenhum direito a efetuar essa operação ritual, que era realizada *sucessivamente por três mohelim* (operadores) em presença do *shamoch* (notário), e com menos *seis testemunhas maiores*. Esta circuncisão sacrílega é uma falsidade mais a acrescentar no ativo do Paulo. Mas continuemos: *Primeira observação*: umas vezes é o *Espírito Santo*, e outras o *Espírito de Jesus* o que se comunica com o Paulo.

Sustentar depois disto que se trata de um deus único nos parece muito audaz. Observar-se-á, além disso, que o *Pai*, por sua vez, continua ignorando ao Paulo. Está melhor na parte dos judeus. Vêem-se contradições assim dentro das famílias, cada qual tem suas preferências.

Segunda observação: apoiando-se em que critérios reconhecia Paulo se as via com um ou com outro? Sob que forma se manifestava o Espírito Santo?

Terceira observação: depois de sua «ressurreição» se diz que Jesus apareceu *em carne e osso, com três dimensões, comendo e bebendo, atravessando paredes*, e nos precisa que não se tratava de «um espírito, que não tem nem carne nem ossos». (Cf. Lucas, 24, 39.)

Pois bem, um quarto de século depois dessa ressurreição, parece que perdera aquele extraordinário privilégio, e contentava-se em não ser mais que um *espírito*, como os que tinham todos os mortos segundo as crenças daquele tempo. A menos que na época da redação dos Atos dos Apóstolos a ressurreição *em carne e osso* ainda não se inventou.

Mas continuemos lendo o que segue: «De noite. Paulo teve uma visão. Um varão macedônio se pôs diante, e lhe rogando dizia: “Passa a Macedônia e nos ajude”. Imediatamente depois desta visão, procuramos como passar a Macedônia, coligindo que Deus nos chamava a lhes evangelizar». (Cf. Atos dos Apóstolos, 16, 9-10.)

Seria difícil negar que Paulo era um neuropata, já que um homem que anda vagando assim através de todo o Império romano, emprestando ouvidos sonhos ou a visões, sem método e sem um plano bem maturado, não pode ser outra coisa que isso.

E aqui vamos parar à misteriosa enfermidade da qual já falamos anteriormente.

Porque agora os fenômenos oníricos seguirão manifestando-se e a perambulação irracional vai continuar: «No dia seguinte, de noite, lhe

apareceu o Senhor e lhe disse: “Tenha ânimo, porque como deste testemunho de mim em Jerusalém, assim também tem que dá-lo em Roma!”». (Cf. Atos dos Apóstolos, 23, 11.)

Sua confiança se vai exacerbando, até dar passo a uma autoridade em aumento. Na viagem por mar que conduzirá a Roma, o navio cai em uma tempestade. Mas Paulo tranqüiliza a todo mundo: «Esta noite me apareceu um anjo de Deus a quem pertenço e a quem sirvo, que me há dito: “Não tema, Paulo, tem que comparecer ante o César, e Deus concede a vida de todos os que navegam contigo”». (Cf. Atos dos Apóstolos, 27, 23.)

Os cétricos dirão que havia uma possibilidade entre dois de que este sonho coincidissem com a realidade. Nos contentaremos fazendo observar que os neuropatas são freqüentemente excelentes médiums. É bem sabido que uma tara psíquica freqüentemente está compensada por uma faculdade paranormal, e isto terá que reconhecê-lo. Paulo, quer dizer, o iniciado na magia nabatea que nos oculta sob o pseudônimo de Simão o Mago, possuía o duplo dom da clarividência e a clariaudiência. Daí mesclar nisso a Deus Pai, Deus Filho ou Deus Espírito Santo vai muito. Isso representaria lhes dar a paternidade iniciática de muitos sonâmbulos extralúcidos, dos que saem nas últimas páginas dos jornais, depois da imprensa do «coração».

Acabamos de pronunciar as palavras *tara psíquica*, e convém que nos expliquemos.

Voltemos para Flavio Josefo, ao episódio referente às fases sucessivas que precederam à morte de Herodes o Grande, no ano 6 antes de nossa era: «Sofria de uma febre lenta que não manifestava tanto seu ardor ao contato com a mão como no interior de quão tecidos destroçava. Experimentava deste modo uns violentos desejos de tomar mantimentos, e era impossível não condescender. Acrescente-a ulceração dos intestinos, e em especial do cólon, que lhe causava atrozes sofrimentos. Nos pés, uma inflamação úmida e transparente, e o mesmo ao redor do abdômen, logo a gangrena das partes genitais, que engendrava vermes. A respiração era fatigante quando estava incorporado, e era desagradável pela fetidez de seu fôlego e o precipitado do hálito. Por último, sofria convulsões espasmódicas, de uma violência insuportável». (Cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XVII, VI.)

É indiscutível que todos esses sintomas apontam para uma sífilis em estado terciário, em suas últimas manifestações. E nessa época, no Oriente Médio, tratava-se da *sífilis mutilante*, que se converteu na *sífilis nervosa* de nossa época na Europa. Mas nessas mesmas regiões continua sendo ainda mutilante às vezes, sobretudo no Extremo Oriente

(Índia, Paquistão, etc.).

Pois bem, Saulo-Paulo é o neto de Herodes o Grande por parte de sua avó Mariana e sua filha Cypros II, mãe de Saulo e de seu irmão Costobaro II. Portanto é através de sua mãe por onde lhe chegou a triste condição de sífilítico hereditário. Esta valeu ao Saulo um clima psíquico aberto de antemão a diversas formas alucinatórias, uma distrofia ocular (nos diz que entortava os olhos), e óssea, que geralmente afeta aos membros inferiores e produz mornas em forma de «folha de sabre» (tinha as pernas torcidas, como também nos diz).

Esta herança sífilítica não explica tudo. É certo que nessas regiões e naquela época um guerreiro, como era inicialmente Saulo, estava exposto a toda sorte de aventuras, e o desenfreamento e inclusive as violações, próprios dos soldados profissionais, levavam em si mesmos seu elevado e penoso preço. Na vida de nosso herói houve uma sífilis *adquirida*, e não só já uma hereditária. Isto não é contraditório. A herança sífilítica confere uma certa imunização, mas esta pode apagar-se com o tempo, e se citam casos de homens que, apesar de haver-se confirmado que eram sífilíticos hereditários, sofreram uma *grave* afecção sífilítica *nos limites da idade adulta*. Este foi provavelmente o caso de Saulo-Paulo.

E em seu estágio secundário provoca já uma *esplenomegalia* moderada por hipertrofia do baço. O doente sofre lesões cutâneas e mucosas, a mais corrente é a roseóla, e transtornos das faneras, como a queda dos cabelos (ficou calvo em idade precoce). No estado terciário a sífilis apresenta gomos, duros e indolores, ulcerações profundas da derme, acidentes mucosos, sobretudo na boca (gomos, manchas brancas). O doente é repelente. E o próprio Saulo-Paulo nos diz que foi vítima de uma enfermidade que causava asco: «Bem sabem que estava doente de doença corporal quando pela primeira vez lhes anunciei o evangelho, e postos a prova por minha enfermidade, não me desdenharam nem fizeram ascos de mim, antes me receberam como um anjo de Deus». (Cf. Epístola aos Gálatas, 4, 13-14.)

Agora bem, no mundo antigo, e no Oriente Médio (e na Índia ainda em nossos dias, em determinadas regiões), o doente afetado de sífilis era considerado como sujeito divino. Porque não se ignora que em suas fases últimas a enfermidade contribuía consigo um estranho fenômeno.

Em efeito, de dez a vinte anos depois da sífilis primária, às vezes inclusive trinta anos mais tarde, aparece o *tabes*, ou *ataxia locomotriz* (não foi este o caso de Saulo-Paulo), ou *transtornos psíquicos* ligados a uma forma que se conhece com o nome de *paralisia geral*. Esta pode traduzir-se simplesmente por uma afecção sífilítica difusa nas meninges e o encéfalo, com manifestações mentais e neurológicas. Estas últimas

se traduzem às vezes por um delírio de grandeza, o doente acredita ser Deus ou em relação com Deus; está sujeito a alucinações ou a crise de excitação (cf. professor A. Molinier). É o caso de Saulo-Paulo, em quem segue a *esplenomegalia* da sífilis secundária. Esta forma da terrível enfermidade permanece ignorada durante longo tempo. Além disso, o paludismo é um poderoso fator que atrasa esta última afecção.

Quanto às «audições» de vozes diversas, não esqueçamos que no caso de lesões sífilíticas que se produzem no aparelho auditivo (labirinto, caracol), o doente é objeto de alucinações auditivas que vêm a acrescentar-se às alucinações visuais. O delírio de grandezas se converte então em *teomania*, e o doente se toma por um novo profeta ou pela reencarnação de um apóstolo, ou inclusive do próprio Deus. Por pouco que estejam compensadas as lesões cerebrais pela aparição de faculdades paranormais, coisa que é freqüente, encontrará fiéis, e se formará uma seita a seu redor.

Nós pensamos, pois, que a grave enfermidade que intriga tanto aos exegetas como aos historiadores do paulinismo, não foi nem a malária nem a epilepsia. Foi simplesmente um pouco mais comum, tendo em conta a região e a época, assim como o modo de vida inicial de Saulo-Paulo: a sífilis, enfermidade muito extensa naquela época. Se foi também palúdico (coisa que tampouco é impossível naqueles lugares), esse detalhe explica e justifica as manifestações tardias da enfermidade em seu estágio terciário, associado com a herança que, como já assinalamos, atrasa igualmente ao paludismo os efeitos da sífilis adquirida.

Este foi, acreditamos nós, o «*agulhão na carne*» cuja presença reconhece ter nele Saulo-Paulo (II Epístola aos Coríntios, 12, 2-9). Mas ele utiliza o termo grego de *akóloph* para designar este agulhão, e *akóloph* não designa um agulhão, a não ser «*um conjunto de agulhões*», algo que se situaria entre os espinheiros e a pele arrepiada de pelos de animal chamado precisamente «*ouriço*», conforme nos diz monsenhor Ricciotti em seu *Saint Paúl, apotre*. Aí tratava-se de sífilis secundária, caracterizada por *sifírides* de um tipo eruptivo generalizado, e que afeta precisamente a este aspecto.

Pudemos descobrir que o maravilhoso «caminho de Damasco» não foi outra coisa que a marcha cadenciosa de um formoso judeu. Agora vemos que as «comunicações» recebidas por Saulo-Paulo não tiveram outra fonte que uma simples enfermidade venérea, muito intensa. Embora o reino do fantástico não ganhe nada com isto, a história ao menos recupera seu verdadeiro rosto.

NOTA: A sífilis foi identificada com quase total certeza nas descrições de autores antigos; agora se sabe que essa enfermidade, que foi durante

tanto tempo tão temida, não a trouxeram para a Europa os marinheiros de Cristóvão Colombo a sua volta das ilhas do Caribe, mas sim foi exportada por eles.

Os defensores de uma fonte americana não efetuaram controles cronológicos. Faremo-los, pois, nós em seu lugar:

1) Carlos VIII partiu para sua primeira campanha da Itália em 1493. Durou até 1496. Numerosos soldados de todos os graus retornaram dela poluídos, sobretudo de Nápoles, que foi tomada em 1495. O mesmo aconteceu com as tropas de Luis XII, no curso da segunda campanha, que durou de 1499 a 1504.

2) Em 3 de agosto de 1492, Cristóvão Colombo e suas três pequenas tripulações saíram de Palos de Moguer (Andaluzia), e retornaram a Europa, a Lisboa, em 4 de março de 1494. Voltaram a empreender a marcha, desta vez com quatorze tripulações mais, em 25 de setembro do mesmo ano de 1494, e não retornaram até 1496.

Como poderiam, em só seis meses que durou sua volta, poluir os marinheiros de *Santa Maria*, a *Pinta* e a *Nina*, primeiro desde Lisboa, logo de Madrid e por último de Barcelona, a tão grande quantidade de gente na Itália, onde jamais puseram os pés durante esse período de tempo, e simultaneamente à expedição francesa? Quanto mais que este terrível germem de sífilis, se os franceses o imputaram às belas italianas, violadas ou conquistadas, estas, por sua parte, pretendiam havê-la contraído dos mesmos franceses! Seja o que for, o «*mal de Nápoles*» segundo uns, ou o «*mal francês*» segundo outros, não deixam passo a um «*mal caribenho*», e se se destaca à Itália daquela época como um dos focos que irradiavam a sífilis, não se diz em troca nada da Espanha e de Portugal, que deveriam ser os primeiros Estados ameaçados. E como um número tão pequeno de marinheiros, o que implica um número ainda menor de sífilíticos, poderia difundir a sífilis de maneira tão virulenta, e em tão poucas semanas? As «canas ao ar» das escalas têm, apesar de tudo, seus limites, e a virilidade masculina também.

15 - Um apóstolo ignorado: Salomé, inspiração de Jesus

As mulheres são a alma de todas as intrigas.

Napoleão, citado por Roederer, *Obras*

Houve uma mulher na vida de Jesus.

Saulo-Paulo tinha uma concubina. Possivelmente inclusive teve várias ao longo de sua vida, e talvez também uma esposa.

Sobre a primeira possuímos sua própria confissão: «Não temos direito de levar conosco a uma irmã *em qualidade de mulher*, como os outros apóstolos e os irmãos do Senhor e Cefas? Ou somente Bernabé e eu não teremos direito a fazer uso disso?». (Cf. Paulo, I Epístola aos Coríntios, 9, 5-6.)

Em seu *Vulgata* latina, que é o texto oficial da Igreja Católica, São Jerônimo emprega o termo *mulier*, que designa à mulher carnal, à esposa.

Por outra parte, Clemente de Alexandria (*Stromates*, III, 6) declara que Paulo tinha uma esposa, fundando seu argumento em uma passagem da Epístola aos Filipenses: «Rogo à Evodia e ao Síntique que tenham os mesmos sentimentos no Senhor. E a ti também fiel Syzygo, rogo que ajude a essas, que lutaram muito pelo Evangelho comigo e com Clemente e com outros meus colaboradores, cujos nomes estão no livro da vida». (Cf. Paulo, Epístola aos Filipenses, 4, 2-3.)

A «fiel Syzygo» é a *syzygie*, termo grego que designa no vocabulário gnóstico da época a associada *feminina*, e para cada *eon* metafísico seu casal coeterno. E esta expressão é a prova de que Paulo teve antes por Mestre *um gnóstico*, e neste caso tratou-se de Dositeo.

Para Renán, que se adere à teoria de Clemente de Alexandria, essa mulher era Lídia, a vendedora de púrpura, originária da Tiatira, na Ásia Menor. O fato de comercializar com púrpura supunha naquela época uma verdadeira fortuna. Saulo-Paulo, neste caso, não teria feito mau negócio.

Por outra parte, o célebre exegeta protestante A. de Harnack sublinhou a plausibilidade da hipótese emitida por alguns de que a Epístola aos Hebreus teve por autor uma mulher. E se se tem em conta a tese sustentada faz longo tempo por numerosos historiadores austro-alemães, segundo a qual o personagem de Simão o Mago foi inventado para mascarar melhor a luta sem piedade que enfrentou ao Simão-Pedro e Saulo-Paulo, não pode esquecer a presença daquela mulher chamada Helena (em grego: radiante), a quem o pseudo-Simão, o Mago, levou consigo de Tiro, centro do negócio da púrpura no mundo antigo. A púrpura de Tiro era célebre, já que foi ali onde se extraiu inicialmente do *Murex trunculus* (um molusco) a célebre tintura que logo ficou reservado à aristocracia e aos soberanos. Pois bem, esta púrpura evoca irremediavelmente à Lídia, que comercializava com ela, e que necessariamente se achava em constante relação com a cidade de Tiro, a que ia com freqüência. E tudo isto reforça o que Renan deduziu a respeito.

Por último, sabe-se que a iconografia cristã utiliza elementos extraídos do «bestiário» sagrado para designar aos quatro evangelistas: o *leão*, que se atribui ao Marcos, a *águia*, ao João, o *anjo*, ao Mateus e o

***touro* ao Lucas. (Cf. Charbonneau-Lassay, *Le Bestiaire du Christ*, IV.)**

Mas com bastante frequência substituiu-se o *touro* por um *bezerro*, porque o bezerro é um touro jovem, ainda virgem, despojado de toda violência cega e destrutiva, *que se acha nele em potência*. E no portal da Calenda da catedral de Rouen figuram os quatro evangelistas, em representações bastante *esotéricas* por certo, que demonstram que os Mestres da obra e os pedreiros que as construíram tinham na Idade Média *inspiradores secretos* que estavam perfeitamente à corrente das verdades históricas que a Igreja acreditava ter escondido para sempre. Esses inspiradores foram os *templários*, ao menos aqueles que constituíam no interior da *Ordem do Templo* o misterioso cenáculo possuidor de uns ocultos que aos olhos de Roma eram muito perigosos.

E nesse mesmo portal da Calenda da catedral de Rouen, entre as quatro novas e estranhas representações dos evangelistas. Lucas aparece como *uma mulher com cabeça de vitela, ou como uma vitela com corpo de mulher*. Certo que parte dos Atos é obra de uma mulher, a misteriosa companheira de Saulo-Paulo. É evidente aqui a alusão à Helena, prostituta de um lupanar de Tiro, *cidade da púrpura*, e a que Simão, o Mago, converteu em sua companheira. Com efeito, *vitellus*, em latim, significa *um jovem bezerro*, e também *uma carícia, própria das cortesãs daquela época*.

Por outro lado, quando Saulo-Paulo dirige desde Corinto, onde recebeu espontâneo amparo por parte do pró-cônsul Galión (Atos dos Apóstolos, 18, 12-17), sua Epístola aos Romanos, conclui assim sua missiva: «Saúdem os da casa de Aristóbulo, saúdem Herodión, meu parente. Saúdem os da casa de Narciso, que estão no Senhor». (Cf. Paulo, Epístola aos Romanos, 16, 10-11.)

Mas quem são todos esses personagens misteriosos que não se esperava encontrar entre as relações romanas de Saulo-Paulo, e que são o suficientemente importantes para possuir uma «casa», termo sinônimo de «séquito», de pequena «corte» privada? E, acima de tudo, quem é esse tal Narciso?

Narciso é o *Narcissus Claudii Libertus* dos *Anais* de Tácito, liberto (como indica seu nome) pelo imperador Claudio, de quem foi secretário, sobre quem exerceu uma grande influência, enriqueceu-se escandalosamente, provocou a queda e a execução da Messalina, logo se opôs às intrigas de Agripina, segunda esposa de Claudio, em favor de seu filho Nero. Ao advento deste último, no ano 54 de nossa era, foi exilado por ordem deste, e, apesar da oposição de Nero, que lhe apreciava, como nos diz Tácito, recebeu a ordem de abrir-lhes as veias.

Mas quando Saulo-Paulo redige sua Epístola aos Romanos, em Corinto, e por conseguinte no ano 52, Narciso se acha ainda na cúpula de seu

poder, possui em Roma grandes propriedades e numerosos servidores e escravos.

Agora vem Aristóbulo e sua «casa». Trata-se, sem discussão possível, de Aristóbulo III, filho de Herodes do Calcis e de Berenice, e portanto neto de Herodias por esta última e bisneto de Herodes, o Grande, por parte de pai. É um personagem importante. Ao advento de Nero lhe nomeou rei da Pequena Armênia, logo, no ano 60, seis anos mais tarde, seu pequeno reino crescerá graças à anexação de uma parte da Grande Armênia. Por último, no ano 70, converter-se-á em rei do Calcis, como seu pai.

Aristóbulo III casou-se com Salomé II, filha de Herodes Filipo e de Herodias, já viúva sem filhos de seu tio Herodes Filipo II. Desta segunda união Salomé II terá três filhos: Herodión, o maior (aquele a quem Saulo-Paulo chama seu «parente»), Agripa, o segundo, e Aristóbulo, o menor. Aristóbulo III e Salomé II, protegidos e amigos de Nero, possuem em Roma uma suntuosa propriedade e numerosos servidores e escravos.

Assim, em Corinto, protegido pelo pró-cônsul Galión, irmão de Séneca (conselheiro e antigo preceptor de Nero César), Saulo-Paulo *sabe já que* em Roma há cristãos em certas mansões de grandes personagens. O mesmo acontecerá, por certo, mais adiante, no palácio imperial, sob Nero, como o próprio Saulo-Paulo afirmará em sua Epístola aos Filipenses: «Eles saúdam todos os Santos, e principalmente os da casa de César». (Cf. Paulo, Epístola aos Filipenses, 4, 22.)

Entre estes últimos encontra-se já Actea, a liberta fiel, que foi a concubina meigamente amada por Nero durante sua adolescência. (Cf. João Crisóstomo.)

Mas como pode Saulo-Paulo dizer-se «parente de Herodión», o filho de Aristóbulo III e de Salomé II? Pois simplesmente porque é *primo de um e de outro*, ao ser bisneto de Herodes o Grande por parte das mulheres, e seu sobrinho neto por parte dos homens. De maneira que o menino é seu segundo primo. A árvore genealógica está aí para prová-lo (veja-se acima).

Isso significa que ao chegar à Roma Saulo-Paulo não contava só com Afranio Burro, prefeito do pretório, ex-preceptor de Nero, ou com Séneca (irmão do pró-cônsul Galión), ex-preceptor do mesmo e seu conselheiro político, para lhe favorecer em Roma de um regime privilegiado. Contava, com efeito, com gente mais amealhada até, por serem familiares, com Aristóbulo III, rei de Armênia, e Salomé II, sua esposa, e isto não era qualquer coisa.

Mas como podia interessar-se esta última pelo cristianismo? Retrocedamos vários anos e consultemos os evangelhos.

Pouco antes do descobrimento dos célebres manuscritos de Qumrán

nas bordas do mar Morto, exumaram-se fortuitamente uns manuscritos igualmente valiosos; isto acontecia em Khenoboskion, no Alto o Egito, no ano 1947. Entre eles se encontrava um *Evangelho de Tomás*, que não se conhecia mas sim por entrevistas que dele tinham feito Clemente de Alexandria e Orígenes, em princípio do século III.

De todo modo, não possuíamos os originais destes autores, mas somente os conhecíamos através de traduções ulteriores, em manuscritos do século V.

O manuscrito achado em Khenoboskion estava redigido em copto, e era do século IV. Mas existiam fragmentos de um papiro que figurava entre os descobertos em 1897 em Oxyrhynchus, no *Médio Egito*, e que não se pôde atribuir a nenhum autor por estar muito incompleto. Esse texto, redigido em grego, era de finais do século III, e continha uns versículos típicos, que não se voltaram a encontrar até o *Evangelho de Tomás*, descoberto em Khenoboskion em 1947. Pode, pois, tirar a conclusão de que o chamado *Evangelho de Tomás* existia já no século III em sua redação completa.

Mas, dado que Clemente de Alexandria e Orígenes, que morreram no ano 220 o primeiro e no 254 o segundo, citam esse *Evangelho de Tomás* como um texto muito antigo já em sua época, podemos admitir que sua redação inicial deve situar-se, pelo menos, na segunda metade do século II, com uma data em média que poderia fixar-se aos arredores dos anos 175-180.

Portanto, achamo-nos em presença de um texto que pode classificar-se pouco depois daqueles outros citados também por Clemente da Alexandria e Orígenes, o *Evangelho dos Hebreus* e o *Evangelho dos Egípcios*, que esses dois autores consideravam como os mais antigos apócrifos conhecidos.

Vejamos agora o canônico Evangelho de Marcos. Jesus acaba de expirar na cruz: «Havia também umas mulheres que olhavam de longe. Entre elas estavam Maria de Magdala, Maria, mãe de Santiago, o Menor e de José, e Salomé, as quais, quando ele estava na Galiléia, seguiam-lhe e serviam-lhe, e outras muitas que subiram com ele à Jerusalém». (Marcos, 15, 40-41.)

Lucas precisa que essas mulheres: «... assistiam-lhe com seus bens» (Lucas, 8, 3), quer dizer, com seu dinheiro, posto que tinham abandonado suas casas da Galiléia. Não se tratava já, pois, de simples hospitalidade.

Mas eis aqui que, no *Evangelho de Tomás*, encontramos de novo essa Salomé, e no papel que Paulo dava a sua companheira na Epístola aos Coríntios: «Salomé disse: “E você quem é, homem? De quem saiu *para haver-se metido em minha cama e ter comido em minha mesa!...*”. E Jesus lhe disse: “Eu sou aquele que se produziu daquele que é seu igual.

Deram-me o que é de meu Pai”. E Salomé respondeu: “Sou sua discípula.». (Cf. *Evangelho de Tomás*, LXV.)

Dessas palavras, do tom adotado pela tal Salomé, desprende-se que gozava de uma situação social materialmente superior a de Jesus.

O termo grego que em Marcos, 15, 40, traduziram por *servir*, significa também *assistir*, como em Lucas, 8, 10.

De maneira que Jesus, se não estava casado, como obrigava a Lei judia a todo judeu de raça, e quando mais tarde aos vinte e dois anos, teve, em troca, uma *conselheira, que foi deste modo sua concubina*, já que lhe ofereceu sua cama e sua mesa.

Não sintamos saudades. Na História foram numerosas as mulheres que ajudaram economicamente ao homem que amavam ou que admiravam, e às vezes associaram suas ambições às próprias no âmbito político. O exemplo de Corisanda de Gramont, que ajudou ao Enrique de Navarra em sua conquista da coroa da França está na mente de todos.

Essa Salomé encontraremos também no *Evangelho dos Egípcios*, e os versículos sublinharão do que se trata no texto citado antes, e na alusão ao Jesus deitando na cama de Salomé, é, efetivamente, de sexualidade: «E Maria-Salomé perguntou ao Senhor: “Mestre, quando acabará o reino da Morte?”. E Jesus respondeu: “Quando vocês, mulheres, não concebiam mais filhos... Quando tiverem deposto o vestido de vergonha e de ignomínia, quando os dois se convertam em um, quando *o varão e a fêmea estejam unidos*, quando já não houver nem homem nem mulher, então terminará o reino da Morte...”. E Salomé prosseguiu: “Então tenho feito bem, Mestre, de não conceber?”. E Jesus respondeu: “Come de todos os frutos, mas “do da amargura (a maternidade) não coma”.».

 (Cf. *Evangelho dos Egípcios*.)

Este texto, que desmente categoricamente a encíclica *Humanae vitae* do Papa Paulo VI, cita-o integralmente Clemente de Alexandria em seus *Stromates* (III, IX, 66) e Clemente de Roma (morto no ano 97), em seu *II Epístola à Igreja de Corinto*. Portanto é evidente que se Clemente de Roma cita esse texto no século I, é que já forma parte do *corpus evangelicum* daquela época, e não faz mais de sessenta anos que morreu Jesus. Quer dizer, que aqui estamos nas mesmas fontes do cristianismo.

Mais adiante, no mesmo texto, Jesus responderá à Salomé: «vim destruir a obra da mulher».

Como já precisamos em nossa obra precedente, o mundo antigo conhecia perfeitamente os anticoncepcionais mecânicos, geralmente utilizados pelas mulheres de costumes livres: bailarinas, cortesãs, músicas, etcétera.

O mesmo acontecia com os procedimentos de aborto, e o uso das

planta abortivas, como a arruda, a artemísia, o absinto e, sobretudo, a temível sabina, não tinha nada em secreto para as parteiras daquela época.

Quer dizer, que a decisão de Salomé de não ter filhos não tinha em si nada de extraordinário.

Quem era exatamente essa Salomé? Uma mulher rica, isso é indiscutível, já que podia permitir-se ajudar economicamente à Jesus. Mas era messianista convencida, seguidora do movimento zelote, ou simplesmente admiradora de um Jesus que era um prestigioso mago? É difícil dizê-lo com certeza. Todavia, o fato de que se queria ocultar ulteriormente que era a concubina de Jesus, e que este tivesse tirado dela o máximo que um homem pode tirar de uma mulher, hospitalidade e dinheiro, sem omitir outros privilégios mais íntimos, temos como prova o silêncio absoluto de Eusébio da Cesaréia a respeito dela. Este corre um denso véu sobre todas as mulheres citadas por Lucas como seguidoras e criadas de Jesus (Lucas, 8, 3). Procuraríamos em vão em sua *História eclesiástica* qualquer menção de Maria de Magdala, de Juana, mulher de Chuza, intendente de Herodes, de Susana, etc. Adivinha-se que esse verdadeiro *harém* que acompanha Jesus escandaliza ao chamado Eusébio! Menciona simplesmente, sob o reinado de Herodes, o Grande (ou seja no ano 6 antes de nossa era): «Salomé, irmã de Herodes, esposa de Alexas». (Cf. Eugenio da Cesaréia, *História eclesiástica*. I, VIII, 13.) Esta, como se sabe, não lhe incomodava!

Porque todas as mulheres que escoltavam Jesus não estavam sozinhas com ele. Estavam seus irmãos e seus ajudantes, e, à exceção de Simão-Pedro, em nenhum caso tratava-se de suas esposas. Todo esse estado maior *misto* constituía uma curiosa «família», e o comunismo ao melhor não se limitava só aos bens. Algum dia o demonstraremos!

E provavelmente é por este motivo que os padres da Igreja citam sempre Herodias, mãe de Salomé, como a bailarina que exigiu a cabeça do Batista, e *jamais Salomé II*, quando, segundo os evangelhos canônicos, é Salomé II a que dança, e não sua mãe (Mateus, 14, 6 e 12; Marcos, 6, 22 e 29), e a seguir a jovem entrega a cabeça à Herodias. Como se vê, a partir do século IV tentaram fazer desaparecer Salomé II da História. Há silêncios muito reveladores.

Para concluir, é evidente que Salomé II, mulher rica conforme parece, não foi somente a discípula de Jesus, não só lhe seguiu e lhe serve, como reconhece Marcos, desde a Galiléia até a Judéia, mas sim também cedeu-lhe sua cama e sua mesa, e esse fato *tão humano* nos revela isso o *Evangelho de Tomás*. Agora compreendemos os motivos de seu desaparecimento.

É de supor que no século II isto não constituía escândalo algum, já que

estavam melhor documentados em *Jesus da História* que na atualidade, e esse era o episódio que os cristãos da grande Igreja consideravam como justificativa da existência de uma concubina junto a seus clérigos, dos séculos I ao V.

Por isso, como nos conta Lucas (23, 55), junto com «as mulheres que vieram da Galiléia com Jesus», Salomé, coração fiel, acompanhará Jesus até a cruz, justificando assim a palavra de Salomão:

«O amor cobre todas as faltas». (Provérbios, 10, 12.)

Permanece em pé um enigma, o da identidade da mulher que verte sobre os pés de Jesus um perfume de elevado preço que continha um jarro de alabastro, e que seca a seguir com seus cabelos, depois de havê-los «cobertos de beijos» (Lucas, 7, 38), coisa que evidencia, indiscutivelmente, um amor apaixonado, senão, nem as palavras nem os gestos têm sentido.

Não podia tratar-se, contrariamente à lenda que se alimentou de forma intencionada, de Maria de Magdala, porque já revelamos no volume precedente sua verdadeira personalidade.

Tampouco podia ser Salomé, porque o tom desta é o de uma mulher altiva, rica, acostumada a mandar e a ser obedecida. Isso é o que se desprende das frases que põe em sua boca o *Evangelho de Tomás*, versículo 65: «Quem é você, homem? De quem saiu, para haver subido a minha cama e ter comido em minha mesa?». Sobre esta outra mulher, os evangelhos canônicos nos dão algumas precisões:

Mateus diz dela: «uma mulher» (26, 6-7).

Marcos diz o mesmo: «uma mulher» (14, 3).

João declara que se chama «Maria» (11, 2, e 12, 3).

Lucas diz dela: «uma mulher de má vida» (7, 37). E a expressão inicial no manuscrito grego diz: «uma pecadora da cidade».

Evidentemente, o *Evangelho dos Egípcios* e a *Pistis Sophia* nomeiam Salomé: «Maria-Salomé». Mas não é ela a mulher do jarro de alabastro.

A Maria que, segundo João (12, 3), verte o precioso perfume é a irmã de Marta e de Lázaro. Ambas vivem em Betânia, modesto povo situado nos subúrbios de Jerusalém, e próximo demonstraremos que se trata de uma irmã de Jesus.

Nada disso evoca à rica Salomé. Porque, observemo-lo de passagem, a Lei judia e os costumes romanos da época permitiam que uma mulher dispusesse livremente de sua fortuna se era a única herdeira de seu pai. O mesmo acontecia com a renda que lhe deviam seus irmãos se, em caso de existir, herdaram de seu pai. O mesmo acontecia também se era viúva e sem filhos. E este último caso era o de Salomé II, viúva em primeiras núpcias de seu tio Herodes Filipo II.

Mas quem era a Salomé que assistiu ao Jesus?

Agora temos a certeza de que se tratava de uma mulher de elevada classe social. Por outra parte, a obra intitulada *Pistis Sophia* a chama Maria-Salomé. Mas jamais, no judaísmo antigo, deu-se dois nomes como no Ocidente (José Luis, Maria Teresa, etc.). E Maria se diz em hebreu *Myrhiam*, quer dizer, *princesa*, quão mesmo em siríaco. Assim, Maria-Salomé não é outra que a «*princesa Salomé*». Parece que tocamos «quente».

Além disso, conhecemos os nomes de algumas das mulheres que seguiam Jesus e aos doze «lhes assistindo com seus bens» (Lucas, 8, 3). Havia uma chamada Susana, logo uma tal Juana (em hebreu *lochan-nah*), e que é «esposa de Chuza, intendente de Herodes» (trata-se de Herodes Agripa).

E imediatamente nos ocorre uma pergunta: como pôde abandonar esta mulher a seu marido para seguir a esse autêntico «maquis» ambulante que Jesus arrasta detrás de si desde a Galiléia, sem que Chuza, intendente de Herodes, e portanto, alto funcionário do tetrarca, fizesse-a voltar para casa, de bom grado ou por força?

A resposta é singela: *sua esposa é a donzela Salomé*, filha de Herodias e de Herodes Filipo, nora e sobrinha de Herodes Antipas, viúva de Herodes Filipo II. E não se atreve a opor-se ao que constitui o serviço em si de sua esposa. E a *princesa Salomé II* é a *Myrhiam Salomé* da *Pistis Sophia*, a que cedeu sua cama e sua mesa ao Jesus. Enviuvou muito antes do ano 33 de nossa era, conforme nos diz Michaud em seu *Biographie Universelle* (tomo 37, página 537), e acrescenta pertinentemente: «Devia ser *muito jovem* ainda nessa época». Coisa indubitável.

E uma vez mais, neste problema histórico, podemos concluir que a realidade supera à ficção: a neta de Herodes o Grande, que fez crucificar ao Ezequias, avô de Jesus, convertida em amiga deste último. Coisa que não pôde a não ser agravar a má disposição de Herodes Antipas, novo tetrarca da Galiléia, para o tal Jesus, ao ser o ciúmes coisa bastante humana, quanto mais que tal Jesus acrescenta o fato de ser pretendente, ou apresentado como candidato ao trono de Israel.

O que parece corroborar certos laços, tanto de família como de interesses, entre os membros da dinastia herodiana e os da descendência davídica, cujos representantes autênticos no início de nossa era São Judas de Gamala, e logo seu filho maior Jesus, é o fato de que Flavio Josefo nos diga que, durante a estadia de Arquelau em Roma, pouco depois da morte de Herodes o Grande, seu pai, e de quem era herdeiro, os judeus entraram em insurreição, e que, *entre os rebeldes*: «Havia parentes de Arquelau, aos quais César (o imperador Augusto) fez castigar por ter combatido contra seu parente e rei». (Cf. Flavio Josefo,

***Antigüidades judaicas*, XVII, x, 297; *Guerra dos judeus*, II, I, manuscrito eslavo.)**

Entre esses rebeldes que pertenciam à família dos Herodes se contava, em especial, Achiab, primo de Herodes, o Grande, tio de Arquelau e tio avô de Salomé II.

Agora bem, Daniel-Rops, em *Jesus em seu tempo*, precisa-nos que a insurreição política montada contra Arquelau (além das de puro banditismo, e que eram causadas deste modo por bandas diversas), estava dirigida pelo Judas da Gamala, chamado também Judas da Galiléia (o pai de Jesus).

E se membros da família herodiana, familiares de Arquelau, como seu tio Achiab, montaram uma insurreição, não podia tratar-se mas sim da *política* de Judas da Galiléia, e nenhuma outra de puro direito comum, por bandidos anônimos.

É indubitavelmente nessa aliança com o partido dos *«filhos de David»* de elementos da família de Arquelau onde se encontra a Gênese das relações posteriores entre o Jesus, *«filho de David»*, como nos dizem os evangelhos, e Salomé II, sobrinha neta de Achiab, que entrou em insurreição contra Arquelau com outros vários tios desta, no ano 5 antes de nossa era, nas classes dos insurretos judeus dirigidos pelo Judas da Galiléia.

Se se pesarem exatamente os termos da terrível frase do *Evangelho de Tomás*, parece que Salomé se pergunta pelos motivos que puderam incitá-la a lhe oferecer sua cama e sua mesa ao Jesus. Não obstante, embora pareça referir-se ao passado, declara que continuará sendo sua discípula. E então podemos nos perguntar por que esta mulher rica, de alto berço, ociosa (sua mãe Herodias seguiu no exílio ao Vienne, nas Galias, a seu segundo marido, Herodes Antipas, padrasto de Salomé II, e ali achariam uma triste morte no ano 39), queria dar suporte a uma causa tão arriscada, que já havia ocorrido à vida de seu tio Achiab e à vários parentes próximos trinta anos antes.

O motivo nos parece muito singelo.

Salomé II, como todas as mulheres da dinastia dos Herodes, provavelmente foi uma ambiciosa, sedenta de poder e de honras. A história desta dinastia está aí para dar fé. E o fato de que constituíra a tentação vivente a que sucumbiu Jesus, tanto por sua beleza, sua riqueza, como por sua classe, dá-nos a prova o qualificativo que lhe aplica um evangelho muito antigo: «... e Salomé a sedutora...» (cf. *Evangelho do Bartolomé*, 2.º fragmento). Está bastante claro.

Depois de ter reinado modestamente sobre a tetraquia de seu tio Herodes Filipo, que compreendia a Gaulanítide, a Traconítide e a Batanea, e logo sobre a da Galiléia e Perea, seu tio Herodes Agripa I,

irmão de Herodias, sua mãe, converter-se-á rei de toda Judéia ao advento de Claudio César, no ano 41 de nossa era. Assim este terminou obtendo *a totalidade do antigo reino de Herodes, o Grande*.

E se olharmos alguns anos atrás, encontramos em Israel dois pretendentes à coroa.

Em primeiro lugar está Jesus. E esta pretensão à realeza a afirmou claramente durante toda a primeira parte de sua vida. Desenganada à alusão a um reino «que não é deste mundo» não a formulará até muito mais tarde, depois de ter sido apressado, e estas são as passagens dos evangelhos onde se podem encontrar os rastros dessa pretensão de reinar; não há nenhum equívoco nos seguintes versículos: Lucas, 1, 33; Mateus, 17, 24-26; Mateus, 2, 2; João, 18, 33-34; João, 18, 37; Mateus, 28, 11; Marcos, 15, 2; Lucas, 23, 3; Marcos, 15, 9-12; Mateus, 26, 17-29; Marcos, 15, 18; João, 19, 19; Mateus, 27, 37; Marcos, 15, 26; Marcos, 15, 32; João, 19, 21; João, 18, 36.

Houve, não obstante, uma época em que Jesus pôde haver-se convertido em rei, se não de Israel em sua totalidade, ao menos uma de suas tetrarquias. Porque em João descobrimos esta reveladora passagem: «E Jesus, conhecendo que vieram para lhe arrebatam e fazer-lhe rei, retirou-se outra vez ao monte, ele sozinho». (João, 6, 15.)

O porquê deste afastamento reside simplesmente no fato de que Jesus recusava ser rei de uma população tão mesclada, onde judeus e gregos estavam estreitamente misturados, gente sem ofício nem benefício, mais ou menos fora da lei. Além disso, queria ser rei de *todo o Israel*: «Jerusalém, Jerusalém, que matas aos profetas e apedreja aos que lhe são enviados! Quantas vezes quis reunir a seus filhos à maneira que a galinha reúne a seus frangos sob as asas, e não quis!». (Mateus, 23, 37.)

Daí suas relações, que causam escândalo na Judéia, com o território impuro de Samaria, reino rival da Judéia, com seus cultos particulares. Porque se conseguia essa reunificação do antigo reino de David e de Salomão, cindido em duas facções rivais desde que morreu este último, poderia pensar em devolver aos romanos ao mar.

Mas além de suas esperanças pessoais. Jesus tinha um aliado que ele ignorava, e esse aliado ignorado *era o imperador Tibério em pessoa*.

Com efeito, existe um apócrifo copto que o sábio Orígenes considerava como o mais antigo evangelho apócrifo com o *Evangelho dos Egípcios*, e é o *Evangelho dos Doze Apóstolos*, e ambos provavelmente foram anteriores ao de Lucas, quem possivelmente também foi seu autor.

E esse *Evangelho dos Doze Apóstolos* nos contribui uma curiosa revelação.

Conta-se que Tibério recebeu de Herodes Antipas uma denúncia como

deve ser contra seu irmão Herodes Filipo, marido de Herodias e pai de Salomé II. Nela acusava a seu irmão de ter montado uma conspiração contra a autoridade romana. Tibério ordenou ao Herodes Antipas que se apoderasse de todo o território governado pelo Herodes Filipo, e de todos seus bens, não lhe deixando a não ser a vida e a de sua esposa e sua filha. Não obstante, esta expropriação fez-se em proveito de Roma, que a seguir pensava dispor a seu desejo da tetrarquia de Herodes Filipo. Na mente de Tibério, pelo que se tratava não era de acrescentar o poder de Herodes Antipas, fazendo dele um verdadeiro rei da Judéia, como o fora Herodes, o Grande. E para equilibrar melhor as forças ideológicas presentes, e a fim de dividir para reinar melhor, o ardiloso Tibério tinha imaginado entregar a tetrarquia de Herodes Filipo ao Jesus, «filho de David».

Mas Herodes Antipas, ao ver frustradas suas esperanças e embargado pela raiva, comprou a preço de ouro a cumplicidade de Cario, que fora enviado pelo imperador, e este entregou ao Tibério um relatório extremamente desfavorável sobre Jesus. Deste episódio nasceu a hostilidade entre Pilatos e Herodes Antipas, já que Pilatos apoiara o projeto do imperador, hostilidade que não desapareceria até que enviou ao Jesus, prisioneiro, a que comparecesse ante Herodes Antipas, tal como contam os evangelhos: «Naquele dia se fizeram amigos um do outro, Herodes e Pilatos, pois antes eram inimigos». (Lucas, 23, 12.)

Assim esta hostilidade não tinha já razão de ser. O episódio aparece reforçado por outra passagem dos evangelhos: «Naquela hora lhe aproximaram alguns fariseus, lhe dizendo: “Sai e vai-se daqui, porque Herodes quer matá-lo”.» (Lucas, 13, 31.)

É evidente que se o tirano idumeu quis assassinar Jesus, não foi pelos discursos nos quais aconselhava este às pessoas que se amassem uns aos outros! Foi porque o tal Jesus punha suas ambições em perigo, e para isso era preciso que fosse pretendente ao trono de Israel, como ele. Coisa que acentuava o fato de que Herodes não ignorava que numerosos partidários de Jesus queriam proclamá-lo rei: «E Jesus, conhecendo que vieram para lhe arrebatá-lo e fazer-lhe rei, retirou-se de novo ao monte». (João, 6, 15.)

De todo modo, o texto acrescenta depois: «...ele sozinho». Este retiro não significava possivelmente um rechaço, mas sim Jesus, antes de aceitar, queria refletir, e não podia fazê-lo a não ser em completa solidão.

Seja o que for, ante o relatório desfavorável de Cario, comprado pelo Herodes Antipas, Tibério renunciou a seus projetos em favor de Jesus.

Assim, encontramos-nos em presença de dois pretendentes ao trono de Israel: Jesus, representante da filiação real chamada «*davídica*», e

Herodes Antipas, representante da filiação real chamada «Iduméia», por parte de seu pai Herodes, o Grande.

Ficava ainda a filiação *asmonea*, chamada dos *Macabeos*, que através da Mariana, esposa de Herodes, o Grande, desembocava nessa época no Herodes rei do Calcis e em seu filho Aristóbulo III, futuro marido de Salomé II. Mas Herodes do Calcis, rei de tal província, não pretendia ao trono de Israel. Não ficavam, pois, a não ser Jesus e Herodes Antipas.

E é aqui onde voltamos a encontrar Salomé II. Não é difícil compreender que seus sentimentos para Herodes Antipas, o fratricida que despojou a seu irmão Herodes Filipo de todos seus bens, que fez de sua mãe Herodias uma cativa adúltera e consentida, e a despojou ela mesma de uma herança quase real, não podiam ser mas sim de ódio. Além disso, casou-a muito jovem, e provavelmente sem seu consentimento, como era costume nessas regiões e nessas épocas, *com seu tio* Herodes Filipo II, filho de Herodes, o Grande, e meio-irmão de Herodes Antipas. E isso possivelmente não foi de seu gosto.

Por outra parte, Salomé II recordava a terrível morte de seu tio Achiab e de outros familiares deles, crucificados por unirem-se ao partido davídico cujo chefe era Judas da Gamala, pai de Jesus, e isso por horror aos crimes de Herodes, o Grande, horror trasladado a seu filho preferido, Arquelau.

E possivelmente tudo isso ditou a eleição de Salomé em favor de Jesus. Este sabia, além disso, que o povo judeu odiava violentamente à dinastia dos Herodes, que odiava do mesmo modo a lembrança dos reis-sacerdotes asmoneos, os macabeos, e que, em grande proporção, era partidário de Jesus, quem realçava ainda mais seu prestígio real com seus dotes de mago e taumaturgo.

Conhecia-o bem? É possível. Depois de ser seqüestrada por Herodes Antipas, ela teve que viver necessariamente na Galiléia, nas bordas do lago Genezaret, na cidade e no palácio de Tiberíades, construídos pelo Herodes Antipas em honra ao Tibério. Continuando, depois de seu matrimônio com seu tio Herodes Filipo II, viveu em um palácio pessoal, no vale de Genezaret, em hebreu: «*Ginethsaar*», o «jardim dos príncipes». Neste afortunado vale, que deve seu nome tanto a sua riqueza e a sua beleza como aos nobres de alta classe que fizeram construir ali suas luxuosas mansões, crescem a laranjeira, o limoeiro, a palmeira, o datilero, todas as árvores frutíferas, a vinha, e essa vegetação subtropical alberga animais reais, como a águia e o leopardo. É um verdadeiro paraíso.

Este marido, que é ao mesmo tempo um tio de muito mais idade, deixará viúva muito em breve, e sem filhos, quer dizer, *totalmente livre*. Seu tio e padrasto Herodes Antipas e sua mãe Herodias irão viver um

terrível exílio nas ribeiras geladas e nas brumas de Ródano, em Vienne. Ali morrerão muito em breve. E através da mãe de seu marido Herodes Filipo II, sua própria sogra, quer dizer, Cleópatra de Jerusalém, entra em relações familiares com a estirpe davídica, a que esta pertencia. E aqui temos o laço inicial entre Salomé II e Jesus.

Quem introduziu o cristianismo nos meios servis da alta aristocracia romana? Quem, a não ser Salomé?

A esta pergunta tão importante, responderemos que sim e que não.

É mais que provável que Salomé escolhesse entre os partidários do zelotismo e de Jesus àqueles de sua casa que se propunha levar consigo à Roma quando teve seu lugar segundo matrimônio. E isto afetava não só à servidão da Galiléia, mas também a da Judéia. Porque indubitavelmente possuía também uma casa em Jerusalém, a de seu primeiro marido Herodes Filipo II, igual a seu padrasto Herodes Antipas.

Assim, esses servidores com as mesmas idéias que sua ama seriam os que divulgariam em Roma as teorias da nova seita, melhor ou pior assimiladas, e cada dia mais mescladas com prodígios maravilhosos relacionados com Jesus. Isso é seguro.

Com efeito, quando Saulo-Paulo chega à Roma e entra imediatamente em relação com os ambientes judeus, estes lhe fazem saber sem rodeios que o ignoram tudo sobre a seita herética e cismática que em outras partes transtorna às sinagogas: «Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta a seu respeito, nem nenhum dos irmãos que chegaram aqui nos comunicou ou falou de si nada mal. Mas queríamos ouvir de sua boca o que você pensa, porque desta seita nos é conhecido que em todas partes a contradiz». (Cf. Atos dos Apóstolos, 28, 21.)

E não obstante, apesar desta ignorância da plebe judia, há cristãos em Roma, na casa de Narciso e na de Aristóbulo III. É fácil explicar esta aparente contradição.

Antigamente, na velha França, os servidores das grandes famílias, igual a seus amos, não freqüentavam a não ser a seus iguais. Bem calçados, rodeados em suas ricas libreas com as cores da «casa» dos citados amos, guarda-florestal, monteros, palafreneros, choferes, etc., desprezavam aos humildes camponeses vestidos com bastolino, calçados com tamancos de madeira embutidos de feno ou de palha, e mais ou menos cuidados. O intendente se casava com a senhorita de companhia, o primeiro montero com a costureira e o palafrenero com uma garçone. Quando tinham lugar as grandes caçadas de inverno, entre um castelo e outro se estabeleciam relações mais extensas com a servidão das outras famílias. Durante uns breves dias se ampliava o círculo de relações. Mas continuavam ignorando e desprezando aos servis camponeses, imitando nisto à seus amos.

O mesmo acontecia na Roma antiga, e os convites a passar períodos mais ou menos longos nas ricas «vilas» do *Latium* ou da *Companhia*, nas bordas dos *Mare Tyrrhenum* ou do *Mare Adriaticum* punham à servidão das grandes famílias em contato mútuo às vezes prolongado. Ali se produzia o que Celso descreveu tão bem: «O mesmo acontece no seio das famílias [...] Surpreendem especialmente aos meninos da casa e às mulheres, que não têm mais julgamento que eles mesmos, e começam a lhes relatar maravilhas». (Cf. Celso, *Discurso da Verdade*, 37.)

Pois bem, Salomé II é de herança puramente Iduméia, quer dizer, que é *uma árabe*. Este é um detalhe que o leitor profano esquece muito freqüentemente. E a mulher árabe está intimamente tomada de fáceis crenças no sobrenatural, no maravilhoso. Ainda é assim em nossos dias. Vejamos alguns testemunhos indiscutíveis a este respeito:

«O grande mal que causa estragos no povo marroquino é a ignorância. E esta ignorância a alimentam os *talebs*, quer dizer os bruxos. São os amos de toda a população; dominam-na. Discutem, pretendem conhecer todos os segredos da terra e do céu, e mantêm uma atitude altiva para aqueles que vão consultar-lhes. Quanto mais humildes são estes, mais altivos se mostram aqueles... O *taleb*, quer dizer, o bruxo, é *rei...*» (Cf. Henriette Willette, *Superstitions et diableries arabes*, Fasquelle édit., Paris, 1931.)

«As mulheres, para impor sua influência, recorrem à magia. Não sem temor. As práticas malditas podem ser denunciadas pelos gênios, os lares e os espíritos, que abundam nas casas [...] Com o fim de obter do céu uma aliança terrível, as mulheres recorrem à bruxa. Que não a obterá com a água da lua! Na noite de *Achura*, a festa dos mortos, a amante sombria coloca um prato de barro cheio de água sobre uma tumba recentemente aberta, e dirige a seguinte invocação...» (Cf. Maurice Privat, *Vénus au Maroc*, Paris, 1934.)

«Ela então desenterra um cadáver recentemente morto, senta-o entre suas pernas, e agarrando as mãos do morto entre as suas faz rodar cuscus umedecido com água de lua. Este filtro, comido por um amante frívolo, fará que habite nele todo amor, exceto para a mulher que o tenha incorporado em seu alimento. Um marido malvado e rabugento se tornará mudo como um morto. Um marido ciumento estará cego a todas as faltas...» (Cf. Dr. Yvonne Légey, *Essai de folklore marocain*.)

«A *Arábia preislâmica* está constituída quase na mesma forma que encontrará o Islã e que codificará o Corão. A religião admitia já a crença em um só deus, Alá, o único ao que se invocava em caso de perigo, mas tinha coadjudantes, se lhes pode dizer assim, toda uma tropa de deuses locais ou importados, cujos ídolos enchiam o templo de *Meca*... Os costumes eram dissolutos, a música, a dança e o consumo de licores

alcoólicos constituíam as principais ocupações do povo e seus dirigentes, e a magia reinava como uma temível senhora...» (Cf. Rene Pottier, *Initiation á la médecine et á la magie em Islã*, Paris, 1939.)

Quer dizer que, no século I de nossa era, os prestígios mágicos e as curas obtidas por um conhecimento secreto da medicina, tais como os operou Jesus no curso de sua vida, jamais tiveram nada de surpreendente para Salomé II. Esses eram espetáculos comuns naquelas regiões, e judeus e árabes tinham ante eles a mesma reação, despojada de toda surpresa.

Também deviam acreditar firmemente na veracidade de toda a montagem sobre a pseudo-ressurreição. Ela também esperava seu famoso «retorno». O mesmo tinha precisado: «Quando virem todas estas coisas, entendam que o Filho do Homem está perto, às portas. Na verdade lhes digo que não passará esta geração antes que tudo isto aconteça». (Mateus, 24, 33-34; Marcos, 13, 30; Lucas, 21, 32.)

Esta geração passou, e mais de vinte e quatro gerações mais passaram por sua vez, e não aconteceu nada, e menos ainda sua volta sobre as nuvens do céu. Mas continua havendo fiéis que esperam ainda essa «volta», assim por que atirar a pedra à Salomé? Esta foi uma mulher de sua época, ingênua, supersticiosa, que provavelmente amou durante um tempo ao prodigioso mago que assombrava às multidões. Suas esperanças e suas ambições coincidiam com tudo isto. E também seu rancor para Herodes, que tinham despojado ou permitido despojar de todos seus bens a seus familiares e a ela mesma.

Tudo isso justifica a atitude e o comportamento desta mulher. Suas servidores e servidoras fizeram o resto. Mas se for evidente que, como confiou em privado ao Papa Pio XI, Simão-Pedro «*não pôs jamais os pés em Roma...*», possivelmente fora Salomé II, sem saber, o primeiro apóstolo através do qual penetrou ali o cristianismo.

E é bastante divertido observar que a primeira mensagem da nova religião foi introduzida na cidade que deveria converter-se na capital da Cristandade, por uma dessas mulheres às quais Jesus se negou a confiar os famosos «poderes» apostólicos. Como disse Oscar Wilde, «o sábio se contradiz a si mesmo». Quanto à lenda que a faz morrer em um lago gelado, decapitada pelo gelo que se fecha bruscamente em torno de seu pescoço, foi elaborada por volta do ano 1325 por Nicéforo Callisto, historiador grego, para dar corpo à rubrica que lhe consagra, mas nenhum historiador católico moderno toma a sério, como é lógico.

Fica um ponto por elucidar, e é o de seu comportamento depois da detenção de Jesus.

Dada sua posição social, segura que ocupava em Jerusalém a rica mansão de seu defunto esposo Herodes Filipo (que por sua vez era seu

tio), e esta mansão, sem ser tão suntuosa como o palácio de Herodes (onde residia na semana pascal Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e Perea, tio dele), era evidentemente digna da fortuna do desaparecido Herodes Filipo.

Sabemos que assistiu à execução de Jesus com as outras mulheres do séquito deste (Marcos, 15, 40). Mas não tentou nada para salvar àquele que admirava e tinha assistido e acolhido, de todas as maneiras possíveis, desde fazia vários anos? Parece que sim.

Em primeiro lugar, é evidente que não podia projetar uma evasão apoiada em uma ação armada. Naquela época do ano religioso, em plena semana de Páscoa judia, a guarnição romana estava ainda mais dotada que de costume. A cidadela *Antonia* estava cheia de veteranos da coorte, e deveriam estabelecer-se também acampamentos secundários de centúrias legionários chegados como reforço. O grupo zelote de Jesus fora derrotado no combate do Monte das Oliveiras, ao redor dos domínios de Ierahmeel, por cinco centúrias da coorte, e não lhe podia fazer levantar de novo em armas para dar o golpe liberador. Além disso, se a princesa Salomé era objeto de considerações por parte dos ocupantes romanos, isto não chegaria até o extremo de lhe tolerar que desempenhasse um papel em uma conspiração a mão armada.

Quão único podia fazer era, pois, intervir. E é o que acreditam que fez. Este episódio foi mascarado voluntariamente, a fim de apagar uma vez mais a existência de Salomé e sua importância na vida de Jesus. E para isso chegaram inclusive a imaginar o sonho da esposa de Pilatos. E assim, em Mateus lemos: «Enquanto [Pilatos] estava sentado no tribunal, mandou-lhe um recado sua mulher, dizendo: “Não te coloques com esse justo, pois padeci muito hoje em sonhos por causa dele”.». (Mateus, 27, 19.)*

*[Observe-se que Marcos, Lucas e João ignoram esta intervenção da esposa do procurador. Seguramente procede da intenção dos orientais do século IV de santificar, por adulação, o procurador Pilatos. Coisa que, por certo, teve lugar.]

Visivelmente se montou esta frase perseguindo alguma finalidade concreta. É absolutamente impossível que a esposa de Pilatos empregasse um termo especificamente hebreu: «... esse justo», em hebreu «*conforme ao desejo e de ave*».

As *Acta Pilati*, apócrifo copto do século IV, sobre uma redação dos *Atos de Aneas* tirados de textos judaicos da época e que recebem também o nome de *Evangelho de Nicodemo*, contam-nos um episódio parecido: «Pilatos chamou, pois, a todos os judeus, e disse-lhes:

“Sabem que minha esposa é uma pessoa que acredita em Deus e que se inclina para o lado dos judeus com vós”. Eles disseram: “Sabemos”.

Pilatos disse: “Vejam que minha esposa me enviou recado, dizendo: 'Afastem-se desse homem justo. Sofri muito por causa dele esta noite, em sonhos'.” Os judeus responderam e disseram ao Pilatos: “Não lhe dissemos já acaso que é um mago? Enviou um sonho à sua mulher”.». (Cf. *Acta Pilati*, II.)

O termo com o qual a designam tenderia a situar à esposa do procurador entre os *partidários*, os «temerosos de Deus». Era um fato conhecido que as mulheres da alta aristocracia romana gostavam de freqüentar o judaísmo. A gente culta já não experimentava satisfação com o politeísmo romano, que de fato não era já a não ser uma angelologia deformada. Basta relendo ao Juvenal: «que haja em alguma parte uns espíritos, e um reino subterrâneo, e a vara de Caronte, e rãs negras na lacuna Estigia, e que uma só barco possa bastar para fazer passar pela água a tantos milhares de mortos é algo que já não se acreditam nem os meninos! Exceto os que ainda vão engatinhando». (Cf. Juvenal, *Sátiras*, II, 149.)

Por conseguinte, não há nenhum obstáculo para que a esposa de Pilatos fosse seguidora.

Não obstante, a gente pode expor algumas perguntas. Antes de mais nada, estava casada com Pilatos? Não sabemos nada. E em caso afirmativo, esta esposa se achava com ele na Judéia? É duvidoso. Porque a lei *Oppia*, muito antiga em Roma, proibia aos altos funcionários romanos levar consigo suas mulheres às províncias onde governavam. Um século antes de nossa era, um senado-consultor atenuara este ostracismo, mas a *lex Oppia*, que seguia em vigor, era-lhes muito difícil de derogar. Às vezes um governador de província, um legado imperial, obtinha esta permissão, embora comprometendo-se a «assumir toda a responsabilidade pelas faltas que ela pudesse cometer». Mas teria obtido esta autorização um simples procurador? É muito duvidoso. E em caso afirmativo, quem era sua esposa?

Daniel Rops nos diz em *Jesus em seu tempo* que o *Evangelho de Nicodemo*, aliás *Acta Pilan*, chama-a Claudia Procula. Nós não encontramos esse detalhe nos textos em questão. Alguns autores, como Rosadi, acreditam que podia tratar-se da filha menor da Julia, filha de César Augusto, a quem seu pai exilou na ilha da Pendataria para limitar seus transbordamentos sexuais. Aurelio Macrobe, autor latino do século V, diz-nos em seus *Saturnais* de Claudia Procula, sua mãe Julia a colocara junto ao Tibério, terceiro marido desta. O que dá a entender que o padrasto pôde muito bem ter corrompido à citada Claudia. E logo casariam-na com Poncio Pilatos, ambicioso e arrivista, provavelmente antigo liberto, quem utilizaria a sua esposa para conseguir relacionar-se com as altas esferas, e possivelmente inclusive para converter-se em

«amigo de César», título muito cobiçado, que João, em seu evangelho (19, 12), assegura que possuía.

Seja o que for, é duvidoso que Claudia Procula, esposa de Pilatos, tivesse um sonho premonitório referente ao Jesus, já que tal sonho não foi profetizado, posto que nada aconteceu ao Pilatos por condenar Jesus em função das leis romanas e por rebelião contra César. Quando, muito mais tarde, foi exilado à Vienne, nas Galias, ordenou uma matança entre uns samaritanos iluminados ao que um agitador zelote tinha amotinado, para levar a cabo uma nova sublevação. Não havia relação alguma com o processo de Jesus.

Por conseguinte, tendo em conta: a) que não estamos seguros de que Pilatos estivesse casado, nem de que pudesse fazer chegar à Judéia sua esposa, contra o que ditava a *lex Oppia*; e b) que esta mulher, em caso afirmativo, não pôde ter um *sonho premonitório*, como afirma *Mateus* —o único nos quatro evangelhos canônicos—, já que tal sonho, se foi real, não se realizou, nós sustentamos a hipótese, possivelmente mais sutil, mas imensamente mais plausível, de que se tratou de uma artimanha de Salomé, desejosa de influenciar o procurador, e de fazer soltar Jesus.

Dada sua classe de princesa da Casa de Herodes, viúva de Herodes Filipo, deste modo príncipe herodiano, enteada de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia e Perea, recebia ao Pilatos e era recebida por ele. Tanto se estava casado como se não, tanto se Claudia Procula estava em Jerusalém como se não, os membros da dinastia Iduméia tinham relações mundanas com os altos oficiais de Roma, e em particular com o procurador, Salomé pôde intervir influenciando sobre Claudia Procula, se ela estava ali, ou diretamente sobre Pilatos, se se encontrava sozinho em Jerusalém. Como? Mediante uma mentira piedosa.

Imaginaram esse pseudo-sonho, sabendo que os romanos eram supersticiosos, e conhecendo bem sua crença nos sonhos «enviados pelos deuses». Não se afasta tanto do terrível exemplo de Julio César, quem, prevenido por sua esposa Calpurnia de um sonho trágico referido a ele, e depois de suplicar-lhe que não saísse de casa no dia dos *Idus de março*, desprezou tal advertência e foi cair sob a adaga dos conjurados.

O que reforça esta hipótese é que Pilatos, ao longo de todos os interrogatórios que se fizeram à Jesus, considerou-o sem cessar como *rei dos judeus*, e não como um simples chefe de bando, em rebelião contra Roma. Foi preciso que lhe pusessem à corrente, e não puderam fazê-lo os judeus acusadores, já que, ao pertencer à seita saducea, a *classe rica de Israel*, e contrariamente aos fariseus, que protegeram em segredo Jesus durante tão longo tempo, não consideravam Jesus como um rei legítimo, e *além se entendiam perfeitamente com os ocupantes romanos*, Como se vê, é um eterno voltar a começar da História!

Porque Salomé e Claudia Procula (se se achava realmente em Jerusalém) tiveram que ser necessariamente seguidoras do judaísmo. Senão, a primeira jamais prestaria suporte ao Jesus, não o seguiria, e não se proclamaria discípula dele. Pois bem, elas, ainda sob o entusiasmo dos neófitos, a religião judia seguem ao pé da letra. E segundo esta, só os profetas, os sacerdotes e antigamente os juízes, podiam receber sonhos premonitórios. O vulgo ficava excluído, e não existe nenhum exemplo de que o Eterno falasse em sonhos *a alguma mulher* nas Escrituras. Psiquicamente a experiência demonstra o contrário, mas é assim. Por isso consideramos o sonho da esposa de Pilatos como uma artimanha urdida por Salomé em favor de Jesus.

Por último se expõe outro problema: o da identidade da pessoa que aconselhou Tibério que entregasse Jesus à tetrarquia confiscada ao Herodes Filipo. Não foi Pilatos. E menos Herodes Antipas, que não tinha montado toda essa conjura contra seu meio-irmão a não ser para apropriar-se dela, assim como de sua esposa Herodias. Da deposição de Herodes Filipo tinha passado já tempo. Quem, pois, a não ser Salomé II pôde fazer que Tibério conhecesse Jesus e lhe sugerir tal projeto? E mais quando fazendo tal coisa a ambiciosa Salomé trabalhava também para a realização de seu sonho secreto: voltar para aquilo ao que seu berço a destinava inicialmente...

Não em vão o *Evangelho de Bartolomeu* a chama «*Salomé a sedutora*». E neste caso faria que a presença de Claudia Procula, esposa de Pilatos, em Jerusalém fora plausível.

Deste capítulo o leitor tirará suas conclusões, que é o único de importância para o curso da aventura paulina. E estas conclusões podem repartir-se em diversas constatações:

a) quando Saulo-Paulo chega à Roma, o judaísmo corrente ignora que existem cristãos na capital do Império;

b) não obstante, na casa de Aristóbulo III, rei de Armênia, existem, e são os servidores de sua esposa Salomé II, os que propagaram o messianismo no seio da servidão geral;

c) propagaram-no na casa de Narciso, secretário do imperador morto Claudio César, e logo entre «os da casa de César», neste caso Nero. Mas esta discreta propaganda se limita aos palácios de Aristóbulo III, de Narciso e de Nero. No povo e no seio da colônia judia se ignora tudo que se refere à nova religião;

d) se for certo que Simão-Pedro jamais esteve em Roma, e o mesmo pode dizer-se de João, terá que tirar a conclusão de que o *apóstolo involuntário* dessas primeiras células cristãs na capital do Império, foi inicialmente Salomé II, rainha de Armênia e de Calcis, antiga conselheira de Jesus. E isto não é menos assombroso de toda a história.

16 - O império paulino

Ser rei é uma estupidez! O que conta é construir um...

André Malraux, *La Voie royale*

Como dissemos, do estudo da existência de Saulo-Paulo desprende-se a certeza quase total de que teve a intenção de construir-se, mediante o artefato de criar uma religião nova cujo fundador seria ele, um império espiritual que abrangeria a concha mediterrânea oriental e central. Esta ambição germinou nele quando freqüentava Gamaliel, o doutor supremo de Israel, e sobretudo a sua filha. Pôde constatar que a autoridade de *cohén-ha-gado I*, o supremo sacerdote, estendia-se por todo o Império romano, no seio de todas as comunidades judias da Diáspora, tanto no campo fiscal como no da legalidade penal. E a própria Roma não se atreveu a restringi-la, excetuando o *jus gladii* logo que chegaram os procuradores, no que concernia aos atos de rebelião política e de banditismo por parte de grupos armados. Mas no que concernia ao âmbito religioso, segundo um estudo minucioso levado a cabo por Jean Juster em seu livro *Les Juifs dans L'Empire romain* tanto sobre obras talmúdicas como sobre os textos neotestamentários, parece que se pode afirmar com certeza que o Sanedrim utilizava livremente o direito ao castigo supremo contra os judeus em matéria de crimes religiosos. Sem dúvida, depois do ano 70, com a destruição de Jerusalém, e a dispersão do conselho sanedrita e seu chefe, este poder deixou ao supremo sacerdote por tolerância dos romanos. Logo desapareceu, depois da grande revolução final do ano 135.

Estes detalhes têm sua importância. Demonstram (como já afirmamos em nosso precedente volume) que, se Jesus foi crucificado, foi como consequência de um processo puramente romano, para *reprimir uma rebelião política*. Mas se tivesse sido simplesmente acusado pelos judeus de ter efetuado declarações blasfemas, como a de pretender-se deus ou filho de Deus, seu crime dependeria de julgamento do grande Sanedrim, e fosse lapidado, e logo pendurado pelas mãos a um patíbulo, com a cara voltada para o Templo (cf. *Talmud*, IV, Nezikin; 4, Sanedrim, VII, 4), sem que os romanos metessem-se em nada. E também, quando vemos o rei Agripa e ao procurador Albino sancionando ao pontífice Anano pela lapidação de Santiago, irmão de Jesus, é porque os delitos maiores reprovados ao tal Santiago (Jacobo) dependiam de um julgamento romano (direito comum), e não de um julgamento judaico (delito religioso). Tampouco se exclui que, ao fazer lapidar rapidamente a um «filho de David», Anano quisesse simplesmente evitar-lhe o horror da crucificação e as torturas que precediam a esta.

Seja o que for, tal poder (que será o dos Papas quando tiverem desaparecido os imperadores romanos), entusiasmo de antemão à Saulo-

Paulo. E trabalhará para obtê-lo.

Além disso do supremo sacerdote que representava o poder espiritual, em Israel existia ainda o que se conhecia como o «Príncipe do Exílio», quer dizer o *Exilarca* (em grego: *exilarkés*; em aramaico: *resh galutha*), chefe político dos judeus deportados à Babilônia no ano 598 antes de nossa era. O primeiro foi Ioiakim, rei de Judá, deportado à Babilônia pelo Nabukadnetsaar na data citada: «O terceiro ano do reinado de Ioiakim, rei de Judá, Nabukadnetsaar, rei de Babilônia, partiu contra Jerusalém e a assediou. O Senhor entregou em suas mãos o Ioiakim, rei de Judá, e uma parte dos utensílios da casa de Deus. Nabukadnetsaar levou esses utensílios ao país de Esquinear, à casa de seu deus, e os colocou na mansão do tesouro de seu deus». (Daniel, 1, 1-2.)

Os hebreus, instalados naquela época no país, cresceram sem cessar e, pouco a pouco, por seu número, conseguiram uma organização administrativa que já se desenhava sob a dominação dos persas da dinastia aquemênida (séculos VII ao VI antes de nossa era), abaixo a dos gregos seleúcidas (anos 321 a 250 antes de nossa era), e que se firmou sobretudo abaixo a dos partos arsácidas (anos 250 a 226 antes de nossa era). Por último voltou quase independente sob os persas sasánidas (ano 226 antes de nossa era até o 650 desta) e declinou sob a dominação árabe, do século VII ao XI. O «último dos *príncipes do Exílio*» se diz que foi um tal Ezequias, no ano 1040.

Ao representar o poder temporário, o possuidor deste título e dos poderes correspondentes, gozava dos privilégios reais e de todos os benefícios que estes implicavam: doações em espécies, dízimos de todos tipos, ganhos pecuniários, honras populares, bênçãos clericais. Nós possuímos informações concretas de tudo isto através de Natan de Babilônia, judeu babilônio do século X de nossa era, autor de uma *História do Exilariado*, alguns de cujos fragmentos foram publicados em 1545 por Samuel Schilam em sua edição do *Yuchasin*, de Moisés Zacuto.

Quando os sucessores de Ornar e do califa Ali exumaram as leis de perseguição ditadas por Ornar contra os judeus, leis das quais ele mesmo não fez uso, começaram aplicá-las contra esta população. Sob o reinado de Almutavakille, neto de Almamún, no ano 856, foi dissolvido o grande Sanedrim, o *resh galutha* perdeu pouco a pouco seus privilégios, assim como o papel que representava, e já para finais do século IX foram suprimidos os parlamentos da Soura e da Pombadita. (Cf. Kalixt de Wolski, *La Russie juíve*, A. Savine édit. Paris, 1887.)

Não obstante, no século XVIII circulavam nos meios ocultistas e maçônicos —aqui falamos da maçonaria *iniciática*, como a do *Rito Primitivo* do marquês de Chefdebien, e não da maçonaria bem pensante de J. B. Willermoz— o rumor de que existia um «rei dos judeus», o

homem que então estava mais versado na cabala, e que esse homem era Hain Samuel Iacob, nascido na Polônia, e mais conhecido pelo nome de Falk-Schek (1710-1782). Foi o Mestre dos maçons ilustres, altos iniciados, como Toux de Salverte, Gleichen, Waldenfeis, e quando Savalette de Langes redigiu suas fichas de filiação destinadas ao marquês de Chefdebien com vistas ao acesso a célebre junta geral de Wilhelmsbad (1782), a indicação «*conhece o Falk, trabalhou com o Falk, aluno do Falk*» mostrava ao Chefdebien que se encontrava frente a um maçom altamente iniciado. Pois bem, o grande rabino Hain Samuel Iacob, aliás Falk-Schek a quem a linguagem profana designava «rei dos judeus», era em realidade o «príncipe do Exílio», naquela época. E a maçonaria oculta lhe deve muito, se não *tudo*. Porque ao *resh galutha* Falk-Schek lhe deve a franco-maçonaria modernos detalhes de seu ritual, o esoterismo de suas *palavras sagradas*, de suas *ordens*, cuja utilização *prática* são incapazes de suspeitar os maçons racionalistas e os maçons bem-pensantes, unidos pelo mesmo antolhos dogmático.

E faz vinte séculos Saulo-Paulo sonhou ser por sua vez um equivalente ao «Príncipe do Exílio», com tudo o que isto comportava de vantagens materiais, como é óbvio. E, ao mesmo tempo, o «Supremo Pontífice». Por que não? Duas fontes de benefícios valem mais que uma sozinha.

Quanto mais fique o poder real se duplica, com a certeza de um bem-estar futuro no campo material. Porque o *cohen-ha-gadol* recebe os impostos de toda a Diáspora, determina sua quantidade e fixa a data de percepção destes. Aqui temos um exemplo: «Rabban Gamaliel e os Anciões estavam sentados em um degrau da montanha do Templo, e diante lochanan-ha-cohen, o secretário. Ordenaram-lhe transcrever o que segue: “A nossos irmãos, os habitantes da Galiléia Superior e da Galiléia Inferior, que tenham saúde! Fazemo-lhes saber que chegou a data do imposto. Retirarão, pois, o dizimado as tintas de azeite. A nossos irmãos os habitantes de Daroma inferior, que tenham saúde! Fazemo-lhes saber que chegou a data do imposto. Retirarão, pois, o dízimo dos feixes de trigo. A nossos irmãos os exilados de Media, de Babilônia, aos exilados da Héllade, e os exilados de Israel nos outros países, que tenham saúde! Faço-lhes saber que as ovelhas estão ainda débeis, que os pintinhos são jovens, que a época da maturidade ainda não chegou. Tive, pois, a bem, assim como meus colegas, acrescentar a este ano um mês de trinta dias». (Cf. *Talmud*, Sanedrim, 1, 2.)

E o *fiscus judaicos* representava apesar de tudo uma soma muito importante, já que este imposto anual, deduzido não só em Israel, mas também em toda a Diáspora, subia a dois dracmas por pessoa. Se se avaliar a população judia no começo de nossa era em uns quatro milhões de almas, em total, isto representa uma tesouraria anual de oito

milhões de dracmas, quer dizer quase *um milhão e meio do dinheiro circulante no ano 1926...*

Vemos, pois, que o sonho de Saulo-Paulo vai perfilando-se pouco a pouco. Como já dissemos, cortou com a dinastia herodiana, foi rechaçado pelos judeus por causa de seu passado, tanto em sua qualidade de aristocrata bandido como por ser membro de uma família odiada e desprezada; desde sua circuncisão e suas relações, possivelmente interessadas, mas mesmo assim reais, com os rebeldes zelotes, tornou-se suspeito aos olhos dos romanos. Só fica um campo, o de uma religião nova, que não seja suspeita do ponto de vista da legalidade romana, que seja fácil de difundir entre os *gentis*, por ser sincretista, e que lhe abra um império espiritual análogo ao do pontífice de Israel.

Rapidamente soube adquirir uma autoridade indubitável no seio de uma seita judeu-cristã, a dos *nazarenos*, ramo místico das mais antigas (se não a mais antiga) no cristianismo nascente. Os membros da seita se recrutavam unicamente entre os judeus de raça, queriam que se observasse a lei de Moisés, honravam Jesus como um homem justo e santo, nascido de pai desconhecido segundo uns, de onde a lenda de que o que o engendrou foi o Espírito Santo, e de um pai e uma mãe perfeitamente carnis segundo outros. Sobre o fato de que Saulo-Paulo foi durante um tempo o chefe da seita temos como prova que o evangelho desta, chamado *Evangelho dos Doze Apóstolos, ou Evangelho dos Hebreus*, considera-se também que foi o que Saulo-Paulo denomina «meu evangelho».

Por outra parte, os Atos dos Apóstolos confirmam que foi durante um tempo o chefe de tal seita: «achamos que este homem é uma peste, que excita a rebelião a todos os judeus do mundo, que é além disso o chefe da seita dos nazarenos, e que tentou inclusive profanar o Templo». (Cf. Atos dos Apóstolos, 24, 5.)

Esta é a acusação de Tértulo, advogado do Sanedrim, quando compareceu ante o procurador Félix, em Cesaréia, uma delegação de sanedritas que tinha ido a ele para denunciar a Saulo-Paulo.

De todo modo, aqui abriremos um parêntese, já que o historiador sério não é simplesmente um narrador ou um recopilador de dados, a não ser, acima de tudo, um investigador. E a esse título tem que ser curioso e desconfiado. E então a primeira pergunta que se expõe é a seguinte: por que João, também chamado Marcos, deixou Saulo e Bernabé? Primeiro por prudência, o que é muito provável, mas seguro que também por divergência doutrinal grave. Já que João, aliás Marcos, *era um zelote*, e terminaria por descobrir que os objetivos de Saulo eram muito diferentes, ou inclusive opostos aos dos verdadeiros fiéis de Jesus da

história. O fato de que mais tarde Bernabé, que é seu primo, não o esqueçamos (cf. Epístola aos Colossenses, 4, 10), separe-se também de Saulo, igual João, aliás Marcos, parece prová-lo.

Com efeito, João-Marcos, primo de Bernabé, era filho de uma tal Maria, e a casa desta última em Jerusalém era um centro de reunião dos zelotes, já que foi ali onde se refugiou Simão-Pedro depois de sua evasão da prisão de Herodes Agripa I (cf. Atos dos Apóstolos, 12, 12). Por outra parte, a opinião geral dos exegetas católicos e protestantes é que esse Marcos é o mesmo personagem que foge, vestido só com um tecido, quando se produz a captura de Jesus depois do combate das Oliveiras. Em seu livro *Saint Paúl, apotre*, monsenhor Ricciotti nos diz que: «... possivelmente a casa onde teve lugar *A Última Ceia*, ou *o jardim do Getsemani*, fossem propriedades de sua família». (Op. cit., P. 255.)

Neste caso, veja que descobrimos sobre tal jardim e saberemos como se chamava esse João-Marcos segundo seu nome de circuncisão: lochanan-bar-lerahmeel. Tudo isto demonstra que, efetivamente, nos vemos com um zelote, igual a seu pai Ierahmeel, que albergou e abasteceu aos companheiros de luta de Jesus. Então não é ilógico prever que não será durante muito tempo vítima das palinodias paulinas e de seu messianismo de água de rosas, que tratava com olhares e adulava aos romanos opressores.

Muito antes Saulo-Paulo fez o necessário para ser introduzido no seio da generalidade messianista, e para isso, para estar bem documentado sobre o Jesus histórico, e a fim de não correr o risco de dizer tolices, tomou a precaução de entrar em contato com seus ajudantes mais diretos: «Logo, passados três anos, subi à Jerusalém para conhecer Cefas, a cujo lado permaneci quinze dias. A nenhum outro dos apóstolos vi, se não foi Santiago, o irmão do Senhor». (Cf. Epístola aos Gálatas, 1, 18-20.)

Este período de três anos separa aquela estadia em Jerusalém do período em que nosso homem, depois de sua fuga de Damasco, passou uma breve temporada na Arábia, nabatea ou Iduméia, seguida de uma nova permanência em Damasco, mais concretamente em Kokba, sem dúvida ao lado de Dositeo, seu iniciador.

A estadia em casa de Simão-Pedro demonstra em todo caso algo importante, ou seja, que em Jerusalém, Simão e Santiago estavam perfeitamente tranquilos, em segurança, e que os judeus não os perseguiram nem os entregavam aos romanos.

Não obstante, para pôr a prova a este personagem, apesar de tudo suspeito por causa de seu passado como perseguidor dos zelotes, e que pudesse demonstrar sua sinceridade, Simão-Pedro e Jacobo-Santiago lhe confiarão uma missão de prova. Terá que ir ao Chipre, ao país dos

Kittim, esses famosos Kittim aos que odiavam tanto os seguidores de Qumrán, se dermos crédito aos célebres manuscritos do mar Morto. Uma vez cumprida sua missão, já veriam. E para vigiá-lo melhor, e também para guiá-lo, puseram-lhe em mãos de dois «anjos guardiães». O primeiro era um dos doutrinários da comunidade da Antioquia, seu nome de guerra era Bernabé, porque seu verdadeiro sobrenome era José: «José, ao que os apóstolos chamavam Bernabé...». (Cf. Atos, 4, 36.)

O segundo tinha umas posses na ilha de Chipre, e portanto conhecia perfeitamente o itinerário a seguir uma vez ali. Chamava-se João (*lochanan* em hebreu), mas também tinha um nome de guerra:

«Bernabé queria levar consigo ao João, chamado Marcos». (Cf. Atos, 15, 37.)

Essas mudanças de estado civil são clássicos no seio das sociedades secretas e dos meios políticos clandestinos. Assim, muito em breve Shaul se converterá em Saúl, depois em Saulo e por último Paulo.

Os três se conheciam muito bem, pois entre a estadia de quinze dias em Jerusalém, em casa de Simão-Pedro e Jacobo-Santiago, e a viagem para o Chipre, Saulo passou três anos na Antioquia, efetuando ali coleta em proveito da comunidade zelote de Jerusalém, e sobretudo, encontrando-se com seu irmão de leite Menahem, neto de Judas da Gamala, «que tinha sido criado com Herodes, o tetrarca e Saulo». (Cf. Atos dos Apóstolos, 13, 1.) Saulo, bem doutrinado (ou ao menos fazendo acreditar), estava preparado, portanto, para a missão que Simão-Pedro e Santiago foram confiar-lhe. Logo já veriam...

Saulo-Paulo também pensava o mesmo. Logo já veria...

Porque logo se separaria desse meio perigoso no que alguém corria a cada instante o risco de acabar crucificado por rebelião contra o César. Aos zelotes os conhecia bem, não tinha sido o chefe (junto com seu irmão Costobaro) de uma polícia paralela às ordens de Roma sem conhecer aqueles aos que perseguia. E as coisas não mudaram. A Lenda de Jesus ressuscitado não lhe enganava. Se não, a que vinham tantas precauções? Por que tão secreto em suas ações? Por que essas identidades diversas? A difusão de uma doutrina espiritual de renúncia e de purificação moral não exige identidades falsas.

Bernabé é um personagem dos mais curiosos. Porque de fato se chamava José, e o apelido do Bernabé significava em Hebreu «*Filho de Consolação*». Vive na Antioquia, junto ao Menahem, cujo nome significa «Consolador». Era Bernabé filho de Menahem? Não é impossível; então seria ele também «filho de David». E esta qualidade é muito perigosa, já o vimos. A este apelido de Bernabé, que lhe aplicaram outros zelotes (cf. Atos, 4, 36), lhe acrescentará um terceiro, desta vez latino, Justus: «apresentaram-se dois: José, chamado Bernabé, por apelido Justo, e

Matias». (Cf. Atos dos Apóstolos, 1, 23.)

Assim, nosso José, aliás Bernabé, aliás Justo, tinha sido um dos dois candidatos à sucessão de Judas Iscariote, com Matias. A sorte designou a este último. Para que tivessem em conta seu nome, tinha que ser necessariamente «filho de David» ou membro da família. Que por conseguinte foi um personagem importante, é seguro. Se o duvidássemos, bastar-nos-ia recordar que podia resultar molesto à alguns, *já que foi objeto de uma tentativa de envenenamento*. Voltemos a ler Eusébio de Cesaréia, citando Papias: «Ele [Papias] conta [...] outro fato extraordinário que concerne à Justo, chamado Bernabé, quem bebeu um veneno mortal e não experimentou mal-estar algum pela graça do Senhor». (Cf. Eusébio da Cesaréia, *História eclesiástica*, III, XXXIX, 9.)

É evidente que os venenos mortais não vêm sozinhos, e que aquele ou aqueles que nos fazem chegar têm nisso um indiscutível interesse. Para adivinhar o nome do envenenador, o velho adágio judicial continua válido: «Procura a quem lhe beneficia o crime». Pois bem, entre os membros da comunidade da Antioquia havia um ao que, sem lugar a dúvidas, sua importância lhe incomodava. E não descartamos a Saulo-Paulo por outros motivos...

Porque não foram os romanos os que tentaram envenenar Bernabé, nem os judeus; tanto uns como outros dispunham de todo um arsenal legal para terminar com um agitador. Observemos, não obstante, que as múltiplos e cambiantes identidades dos personagens analisados demonstram bem que nossos dois apóstolos não eram senão agitadores políticos, e nada mais. Porque em Israel o nome era uma realidade mística. Alguém não o trocava a não ser em circunstâncias extremamente graves, quando a vida corria perigo, ou para protegê-la. E para adotar um nome novo havia um ritual religioso muito concreto. Assim, e sem discussão possível, a existência dessas diversas identidades era, nos apóstolos e os discípulos, a prova de uma imperiosa necessidade. Agora bem, naquela época ainda não tinha lugar nenhuma perseguição religiosa, pela excelente e definitiva razão de que os romanos ignoravam a existência do cristianismo ainda por vir, e o único que conheciam era a rebelião zelote.

Recordemos a exclamação do imperador Juliano: «Como! O nome de “evangelho” foi ignorado pelos romanos durante mais de dois séculos?». (Cf. Juliano, *Contra os Galileus, suplemento*.) Voltemos agora para nossa equipe em missão especial. Saulo-Paulo, Bernabé e Marcos foram, pois, à Seleúcia, que era o porto da Antioquia de Síria. Embarcaram-se e chegaram à Salamina. depois de terem «atravessado a ilha inteira» (Atos, 13, 6), chegaram à Pafos, ao outro extremo de Chipre. Excetuando

contatos *discretos* com os judeus da sinagoga de Salamina, quando desembarcaram na ilha, não se detiveram pelo caminho, ao menos *não em localidades*, a meta real era Pafos, e sem dúvida não desejavam que se soubesse sua chegada antes de estar ali. Aqui tomaremos o texto dos Atos dos Apóstolos, embora depois tenhamos que fazer precisões: «Logo atravessaram toda a ilha, até Pafos, e ali encontraram um mago, falso profeta, judeu, de nome Bar-Jesus*, que se achava ao serviço do pró-cônsul Sergio Paulo, varão prudente. Este fez chamar Bernabé e Saulo, e manifestou o desejo de ouvir a palavra de Deus. Mas Elimas, o mago — que isso significa este nome— lhes opunha e procurava se separar da fé ao pró-cônsul. Mas Saulo, *chamado também Paulo*, cheio do Espírito Santo, *cravando nele os olhos*, disse-lhe: “Homem cheio de todo engano e de toda maldade, filho do diabo, inimigo de toda justiça, não cessará de torcer os retos caminhos do Senhor? Agora mesmo a mão do Senhor cairá sobre ti e *ficará cego*, sem ver a luz do sol por certo tempo”. No momento apoderaram-se dele as trevas, e procurava provas quem lhe desse a mão». (Cf. Atos dos Apóstolos, 13, 6-11.)

*[Esse nome significa «*filho de Jesus*», em hebreu: *bar-leshuah*.]

Admiremos antes que nada a mansidão perfeitamente «*cristã*» do chamado Saulo-Paulo. Ao lhe faltar a eloquência e a dialética (embora o Espírito Santo se expressasse por sua boca), teve que replicar cegando àquele homem fiel à religião de sua infância. E também aqui, como no assassinato de Sefira e de Ananias por parte de Simão-Pedro e seu jovem guarda, continua o Espírito Santo quem se erige em verdugo.

Mas a continuação é ainda mais surpreendente: «Então o pró-cônsul, ao vê-lo, acreditou, maravilhado na doutrina do Senhor». (Cf. Atos dos Apóstolos, 13, 12.)

Admirável doutrina, já que prefigura o mar de bem os procedimentos da Inquisição! Assim será como mais tarde o jesuíta Anchieta poderá dizer: «A espada e a vara de ferro são os melhores instrumentos da propagação da fé». Para converter a um romano culto, amigo das ciências e das artes, embebido de toda a filosofia antiga, e sobretudo de sua tolerância, comum a todo mundo antigo!

Poderia acreditar-se que nosso pró-cônsul Sergio Paulo, sendo magistrado romano, ignora as leis do Império e a terrível repressão que levam a cabo para a bruxaria e a magia criminais, sortilégios, malefícios, etc. Pois, evidentemente não! Mas o escriba anônimo que compilará e adornará, censurando-os ao mesmo tempo, no século IV, os documentos primitivos, sim que as ignora, ou as esqueceu voluntariamente no curso de sua redação. Porque, recordemo-lo: a *Lei das Doze Pranchas* condenava a morte a todo cidadão, *inclusive romano*, culpado de ter prejudicado, com feitiços ou com palavras encantadoras, maldições ou

sortilégios materiais, etc., às pessoas, aos animais domésticos ou às colheitas. E Augusto, Tibério e logo Nero confirmaram com novos decretos o vigor das antigas leis romanas contra a magia negra.

E, apesar de tudo, diante do pró-cônsul Sergio Paulo, Saulo-Paulo pode infligir impunemente a cegueira a seu oponente, mediante palavras de maldição indiscutíveis, sem que o chamado pró-cônsul tome a defesa de seu amigo, o judeu Elimas-bar-Jesus, e aplique imediatamente com todo rigor as leis romanas habituais, *essas leis que justamente ele tem como missão fazer respeitar e aplicar*. Pior ainda: «Então o pró-cônsul, ao vê-lo, *acreditou, maravilhado da doutrina do Senhor*». (Cf. Atos dos Apóstolos, 13, 12.)

Notem-se, pois! Esse milagre é ainda maior!

A verdade é mais singela, e também mais sórdida, como sempre. A Saulo-Paulo, personagem muito equívoco aos olhos dos zelotes, tendo em conta seu passado, lhe confiou uma missão para provar sua sinceridade e seu valor: suprimir a um adversário, bem situado na corte de um pró-cônsul romano. Continuando, ao estar suficientemente comprometido, Saulo estaria em mãos de nossos sicários, e não poderia voltar-se atrás. E essa missão consistiria em assassinar ao Elimas-bar-Jesus. Mas o atentado fracassou em parte e, a consequência provavelmente de uns golpes insuficientes ou mal dados, Elimas-bar-Jesus ficaria simplesmente cego. Há numerosos casos em que isto se produziu, especialmente nos campos nazistas de deportação, onde alguns traumatismos cerebrais conduziram uma paralisia ocular.

O assunto fracassou, portanto, em parte, e por isso, por prudência, João chamado Marcos se separará logo de Saulo e de Bernabé. Os três se embarcarão imediatamente de Pafos; não é questão de retornar para visitar a comunidade judia da Salamina, têm que atuar depressa. Quanto ao Sergio Paulo, pró-cônsul com classe pretoriana, Plínio não menciona absolutamente, e com razão, sua pretendida conversão ao cristianismo, quando fala dele em sua *História Natural*, nos livros I e XVIII. Sem dúvida mobilizou à todos os soldados romanos sob suas ordens detrás de nosso «comando» zelote. Por outra parte, Saulo, que depois de sua proeza parece que assumiu o mando do trio, trocou também de identidade. A partir da expedição ao Pafos, tomará o nome de Paulo (em grego *Paulos*), em lugar de Saulo. Coisa fácil. O que devia ser então um salvo-conduto proporcionado pelas autoridades romanas, para passar de uma província do Império a outra? Provavelmente um título de formato reduzido, sobre papiro ou pergaminho. Resultou fácil transformar o nome primitivamente inscrito: SAVL, no PAVLVS. E assim, quem poderia identificar a esse homem de nome latino, que falava grego, *a partir de agora originário de Tarso, em Cilícia*, com um judeu (que sua

desafortunada circuncisão lhe obrigou a ser) ao que busca a polícia romana no Chipre?

Melhor ainda, mais tarde, sua volta à Jerusalém, e para escapar a toda identificação, apara os cabelos, sob o falacioso pretexto de um voto, e se mesclará com outros quatro peregrinos que se acham no mesmo caso. E para maior segurança, carregará em seu nome e por eles com gastos da cerimônia (cf. Atos dos Apóstolos, 21, 24). Coisa que, de fato, representa o pagamento de sua cumplicidade, como resulta dessa mesma passagem dos Atos: «Mas ouviram que ensina aos judeus da dispersão a renunciar ao Moisés, e lhes diz que não circuncidem a seus filhos nem sigam os costumes judaicos. O que fazer, pois? Seguramente saberão que chegou! Faz o que vamos dizer [...]» Há entre nós, quatro homens, que fizeram voto; toma-os contigo, purifica-se com eles e lhes pague os gastos para que lhe raspem a cabeça. E assim todos conhecerão que não há nada de quanto ouviram sobre si, mas você também segue na observância da Lei.» (Cf. Atos dos Apóstolos, 21, 21-24.)

É evidente que as acusações imputadas à Saulo-Paulo são verídicas, combate a circuncisão e os costumes judaicos. E também é evidente que essas precauções que lhe aconselham tomar seus discípulos locais não são outra coisa que uma estratégia de guerra. Todo esse parágrafo destila duplicidade. Para Saulo-Paulo trata-se de poder rapar a cabeça, quer dizer, de trocar de fisionomia, fazendo uso de um motivo altamente válido aos olhos dos judeus de Jerusalém. Depois, longe da cidade, nas outras províncias, isto lhe permitirá trocar mais completamente ainda de fisionomia, barbeando-se a seguir a barba e o bigode.

Por outro lado, os sacrifícios rituais impostos pela culminação de um voto de nazireato eram muito custosos; encontram-se com detalhe no Livro dos Números (6, 13-21). *Mas desde quando é Paulo um nazir?* Jamais se falou isso, e seria desconcertante imaginar que este homem, que em todas partes prega contra os costumes da lei mosaica fizesse semelhante voto, que lhe impunha especialmente não beber vinho, nem vinagre, nem suco de uva, nem comer uva, nem morango nem uva-passa, não aproximar-se de um morto, etcétera.

Na realidade, nosso homem usava os cabelos longos, como era habitual naquela época e naquelas regiões (Nabatea, Iduméia, Judéia, etc.), mas enquanto um *nazir* não os cortava jamais durante o tempo de seu nazireato, é seguro que Saulo-Paulo os cortava «à grega», conforme era costume na Iduméia. Em lugar de ser «hirsuto» como um verdadeiro *nazir*, levava simplesmente os cabelos «longos», cortados à altura dos ombros. As placas de barro vidrado decoradas de Medinet-Abou mostram beduínos e sírios penteados igual. Pelo contrário, os romanos levavam o

cabelo curto. Esta será uma coisa mais que se reprovará ao Nero: ter renunciado ao severo corte romano para pentear-se «à grega» e «ao judeu». Mas Saulo-Paulo, por prudência, agora prefere ter aspecto de romano, ao alegar sem cessar seu título de *civis romanus*. E além disso, o homem de Pafos ao que procurava a polícia da ilha tinha os cabelos longos... Porque temos que voltar para nossos três cúmplices.

Aqui temos, pois, a nossa equipe de homens apressando-se a abandonar a ilha de Chipre. Logo compreenderemos por que vão dirigir-se para a Panfilia: «De Pafos navegaram Paulo e os seus, chegando ao Perge da Panfilia, mas João, chamado Marcos, separou-se deles e voltou para Jerusalém». (Cf. Atos dos Apóstolos, 13, 13.)

Esta separação pode ser uma simples medida de prudência. Em efeito, estavam procurando três homens seguindo um mesmo itinerário. E já não ficavam mais que dois em um, e um só em outro. Uns se vão por terra, o outro por mar. Isto também pode significar o medo de João, chamado Marcos, a ser miserável a outra aventura. Esta última hipótese é a mais provável, já que Paulo (demos seu novo nome) guardará sempre rancor ao Marcos por este abandono, e inclusive mais tarde se zangará com Bernabé, por rancor contra Marcos: «Algum tempo depois, Paulo disse ao Bernabé: “Voltemos a visitar os irmãos por todas as cidades em que anunciamos a Palavra do Senhor, e vejamos como estão”. Mas Bernabé queria levar consigo também João, chamado Marcos. Mas Paulo julgava que não deviam levá-lo, por quanto *os tinha deixado* desde a Panfilia, e não fora com eles à obra. *Produziu-se tal exacerbação de ânimos, que se separaram um de outro*, e Bernabé, tomando consigo ao Marcos, embarcou-se para Chipre, enquanto que Paulo, levando consigo ao Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor». (Cf. Atos dos Apóstolos, 15, 36-40.)

Não obstante, expor uma questão embaraçosa: no versículo 23 do mesmo capítulo nos precisaram que tal Silas, «*que é também Silvano*» (I Timóteo, 1, 1; II Timóteo, 1, 1; II Colossenses, 1, 19; I Pedro, 6, 12) — outro agente secreto com múltiplas identidades — *voltou para Jerusalém*. Como pode estar ainda na Antioquia, onde se desenvolve esta briga entre Paulo e Bernabé?... Que o entenda quem pode.

Seja o que for, uma vez desembarcados em Perge de Panfilia, procedentes de Pafos, e depois de que João, chamado Marcos, abandonou-os assim. Paulo e Bernabé saíram desta cidade e tomaram rumo para o norte do país, e por conseguinte para o centro da Ásia Menor.

Remontando o curso do Cestro de águas tumultuosas, chegaram primeiro a Adada, logo a Antioquia de Pisidia (que não terá que confundir com a Antioquia de Síria). Tiveram que necessitar pelo menos duas boas

semanas para percorrer os cento e oitenta quilômetros que representa o trajeto de Perge à Antioquia de Pisidia, carregados de mantimentos e de objetos de acampamento, e às vezes inclusive de água.

Este caminho, pista de cavalaria, afundava-se primeiro nos desfiladeiros selvagens de Cestro, de águas ruidosas, logo, remontando progressivamente para a alta meseta de Pisidia, elevava-se a mais de mil metros de altitude, rodeando altos topos coroados de neve, atravessando vastas extensões desertas, cobertas de espesso bosque, sem pontos de referência, e correntes selvagens, cujos vaus eram desconhecidos, ou inclusive inexistentes.

Esta região, infestada de bandidos e de escravos fugitivos que se reuniram com seus bandos, todos eles sem nada a perder e desejosos de evitar a qualquer preço a crucificação final, era tão pouco hospitalar como um deserto, tanto durante o dia como durante a noite, por causa das hienas e os lobos. Quer dizer, que o viajante ali arriscava todo dia sua vida, e em consequência tinha que manter-se em contínuo estado de alerta. E o que foram fazer lá, ao menos oficialmente, e se dermos crédito ao piedoso embusteiro dos Atos dos Apóstolos, Paulo e Bernabé? Pois simplesmente levar a boa palavra do Senhor. E sem dúvida aos bandidos, aos escravos fora da lei, sem esquecer às hienas e aos lobos, adiantando-se assim em doze séculos ao doce Francisco de Assis.

Confessaremos que se esta saída de Pafos, esta separação dos cúmplices, e esse retorno por regiões tão pouco hospitalares não se parecem com uma fuga (justificada pelo atentado cometido sobre o amigo e conselheiro do pró-cônsul Sergio Paulo) é que Paulo e Bernabé careciam então de julgamento.

Da Antioquia de Pisidia foram até Iconio, por um caminho que atravessava ainda altiplanos desérticos, estepes pantanosos, ao longo de quase cento e cinqüenta quilômetros, e sempre com o inevitável carregamento de mantimentos, de objetos de acampamento e uma reserva de água. Depois de uma breve estadia em Iconio, e em vista da acolhida judaica, viram-se uma vez mais obrigados a fugir, e chegaram às cidades de Lycaonia, Listra e Derbe. Em Listra foi onde supostamente lapidaram Paulo fora da cidade, mas a seguir Bernabé o reanimou. Como esta lapidação sancionava uma acusação de blasfêmia, tinha em seguida que pendurar o cadáver pelas mãos, uma vez bem constatada sua morte (cf. *Talmud: Sanedrim*, VII, 4). Quer dizer, que a lapidação de Paulo em Iconio é muito duvidosa, quanto mais que o privilégio do supremo sacerdote nesta matéria não podia estender-se a uma comunidade judia puramente local da Diáspora.

Paulo e Bernabé voltaram então sobre seus passos, e passaram de novo (muito discretamente desta vez, seguros) por Listra, Iconio,

Antioquia de Pisidia e chegaram à Perge, desceram ao porto de Attalia, e de ali embarcaram para Seleúcia, que era o porto de Antioquia de Síria. Observar-se-á que não voltaram a passar pela ilha de Chipre, onde supostamente tinham constituído uma comunidade em Salamina e convertido ao excelente pró-cônsul Sergio Paulo, que jamais voltou a ver esse Paulo que lhe fizera ganhar a vida eterna ao lhe converter. Esta prudência de nossos dois aventureiros é, com efeito, muito significativa.

Parece ser, por certo, que o mais comprometido era Paulo, já que Bernabé retornaria mais tarde discretamente ao Chipre para vender ali a propriedade que possuía, mas o fará com João, chamado Marcos, e *Paulo se negará a segui-los*; nunca é bastante prudente. E chegará à Cilícia através de Síria, viagem longa, cansativa e perigosa. (Cf. Atos dos Apóstolos, 4, 36, e 15, 37.)

Uma vez aqui, vejamos como estamos. Este assunto de Pafos, o atentado contra o amigo e protegido do pró-cônsul, o judeu chamado Elimas-bar-Jesus, é o primeiro expediente aberto pela polícia romana contra um judeu chamado Saulo, ou ao menos um idumeu com tal nome. Este expediente é muito grave, implica a pena de morte, inclusive para um cidadão romano.

Logo se abrirá um segundo expediente, em resposta às queixas do Sanedrim e dos judeus de Jerusalém, mas contra um tal Paulus. Compreenderá acusações de blasfêmia e sacrilégio, o que implica um julgamento de ordem judaica, e uma acusação política: agitação mantida um pouco por toda parte, em favor de um movimento messianista dirigido por um tal Jesus-bar-Juda, crucificado pelo procurador de Roma Poncio Pilatos por rebelião contra César, e que o chamado Paulo afirma que ressuscitou e que continua vivo. Esta acusação está confirmada pelo decreto de Claudio César no qual expulsa aos judeus de Roma, porque se revoltam sem cessar em nome desse Jesus, chamado também «*Chrestos*».

Esse segundo expediente, graças às altas relações de Paulo com o tribuno Claudio Lisias e com o procurador Antonio Félix, transformar-se-á em um *elogium* muito favorável. Desgraçadamente, a peça desaparecerá no naufrágio do navio que conduzia Paulo à Roma. E seguirá um terceiro expediente, imensamente mais grave, e que implicava ao Paulo em uma conspiração contra César, neste caso Nero, seguido de um quarto, referente à suas responsabilidades no incêndio de Roma. E estes dois últimos expedientes serão os que anunciarão o final de nosso extraordinário aventureiro. Vamos agora estudá-los com detalhe.

17 - As provas de Saulo-Paulo

O infortúnio, igual à piedade, pode converter-se em um costume.

Graham Greene, *O poder e a glória*

Fica um problema por examinar: o das provas supostamente sofridas por Saulo-Paulo no curso de suas campanhas de propaganda. O menos que pode dizer-se é que se adjudica um bonito papel, e que, na realidade, asseguro que foi muito diferente. O que nos diz? «Combati contra as feras, em Efeso...» (Cf. I Epístola aos Coríntios, 15, 32.)

Se tomarmos os Atos dos Apóstolos nas passagens que relatam a permanência de Saulo-Paulo nesta cidade, constataremos que não há nada disso. Basta relendo os Atos (19, 1-40), e lá se vai nosso homem acusado de umas tentativas de arruinar o tráfico local (a fabricação e a venda de efígies de *Diana* de Éfeso), e livrar-se disso graças à discreto amparo (um a mais) dos *asiarcas* da cidade. Também aqui seu título de cidadão romano o protegeu oficialmente; os *asiarcas*, com efeito, eram escolhidos cada ano pelas cidades da província da Ásia. Estavam encarregados de presidir o culto de Roma e do imperador, assim como os jogos celebrados em tal ocasião; quando expirava seu cargo, conservavam o título. Como a função conduzia grandes gastos de representação, exigia dos candidatos uma situação social muito elevada. Os magistrados e sacerdotes de Roma não podiam lançar às feras, com os condenados a morte de origem mais baixa, a um cidadão do Império. Isso teria constituído um escândalo que lhes sairia muito caro, se se tinham em conta as leis romanas.

Por outra parte, a frase antes mencionada parece insinuar que Saulo-Paulo combateu *vitoriosamente* contra as feras. Agora bem, tais combates não eram já os dos condenados a morte, que eram lançados diante das feras desarmados; então se tratava de especialistas chamados *venatores* que, embora menos considerados que os gladiadores clássicos, exerciam um *ofício* com toda regra, que requeria uma *técnica de combate*, segundo a fera a qual enfrentavam, e esses *venatores* levavam então uns *nomes de guerra*, justificados por sua *reputação* aos olhos do público. Emprestar a Saulo-Paulo esta possibilidade é absolutamente desatinado.

O mesmo acontece, pois, com a afirmação em que nos diz com apurmo: «Fui sacado da boca do leão». (Cf. II Epístola ao Timóteo, 4, 17.) Quando escreve esta carta a seu lugar-tenente, que então estava em Efeso, acha-se pela segunda vez em Roma, trasladado de Troas no ano 66. Está encerrado na *custódia pública*, esperando o final de seu processo. Compareceu já ante os magistrados romanos por todos os fatos que lhe reprovam. Mas não correu o perigo de que jogassem aos

leões, dado que ainda ignora a sentença que será pronunciada contra ele. Por outra parte, não corria tampouco tal risco de execução durante seu primeiro processo ante o tribunal de César a consequência de sua «apelação», já que era cidadão romano, e o suplício das feras não se aplicava jamais a essa aristocracia do Império.

Vamos agora aos maus entendimentos dos quais se queixa aqui e lá. Declara-nos: «Cinco vezes recebi dos judeus quarenta açoites menos um, três vezes fui açoitado com varas, e uma vez fui apedrejado». (Cf. II Epístola aos Coríntios, 11, 24-25.)

A flagelação, entre os judeus, efetuava-se com a ajuda de um simples látigo de couro, e não cheio de bolas como os látigos romanos, e com o fim de não correr o risco de passar-se jamais dos quarenta golpes, o máximo da pena, o verdugo não devia golpear as costas do condenado mais que trinta e nove vezes. (Cf. *Talmud'*. IV, Nezikim-Makkoth.) Pois bem, teríamos muitas dificuldades em encontrar essas cinco flagelações no relato de sua vida, como nos contam isso os Atos dos Apóstolos e suas Epístolas. Não estão!

Além disso, em uma passagem dos Atos Saulo-Paulo sublinha que, como cidadão romano, não pode ser submetido ao açoite ou às varas: «Está-lhes permitido açoitar com varas a um cidadão romano que nem sequer foi condenado?». (Cf. Atos dos Apóstolos, 22, 25.) E, efetivamente, um cidadão do Império não podia nem ser flagelado nem passado pelas varas, já que a lei romana o proibia. Então, como imaginar que o que lhe estava proibido a um procurador romano, a um tribuno das coortes, ou a um magistrado urbano, fora admitido por um *sinagogarca* judeu, inferior, por conseguinte, na hierarquia social? Em que sanções não tivesse incorrido de ter humilhado assim a um *civis romanus!*

Quanto mais que a qualidade deste vinha testemunhada por um pergaminho assinado pela alta autoridade que a tinha atribuído, uma vez que reconhecia que os direitos de acesso a tal privilégio tinham sido pagos pelo beneficiário. Não bastava afirmando que alguém era cidadão romano para que os magistrados de Roma o reconhecessem inocentemente, sem provas. Ao reverso, os sinais de *infâmia social*, seguidas de condenações graves ou de servidão, estavam marcadas na carne mesma do desgraçado que era objeto dela: incisão ao vermelho vivo para o escravo, que ia do ombro esquerdo ao direito, passando pela nuca, onde era mais profunda, como um jugo; um olho esvaziado e curva rachada com um ferro candente para o condenado a minas; marca de ferro candente sobre a frente para o escravo fugitivo apressado de novo; dedo ou mão atalho para o ladrão reincidente; sinais das varas ou dos látigos, nas costas, para todos os antigos condenados, civis ou militares.

O liberto, que era indevidamente um antigo escravo, levava pois a *incisão* sobre a nuca. Para provar sua qualidade de homem livre devia possuir a ata de alforria que lhe entregava seu antigo dono, peça deste modo de pergaminho. Esta peça anulava então a marca, que ele conservava apesar de tudo em sua carne até a morte.

Quer dizer que Saulo-Paulo, por seu berço principesco, não corria absolutamente nenhum risco de sanção corporal, quanto mais que em tudo seus ensinamentos se mostrava um ciumento defensor da legalidade romana e um ardente sustento da hierarquia social tal como estava estabelecida pelos azares do berço ou pela fortuna.

Quanto a sua pretendida lapidação pelos judeus vindos da Antioquia de Pisidia e de Iconio a Listra, na província de Lycaonia (Atos dos Apóstolos, 14, 19-20), seguiria indevidamente pendurado o cadáver até o pôr-do-sol, e logo depois de sua inumação, segundo os termos da legislação judia. E não houve nada disto.

Além disso, o *jus gladii* não podia ser concedido aos judeus da Diáspora em uma cidade da importância de Listra, que era uma simples colônia romana estabelecida sobre os pendentes de Kara Dag, um imponente vulcão apagado, e cujas ruínas se acham hoje em dia nas cercanias de Katyn Serai. Em Listra não havia nem sequer sinagoga, e a cidade estava sob a vigilância de um tribuno das cortes, magistrado militar que não tolerasse que um partido de judeus obscuros, estranhos à cidade e procedentes de Antioquia de Pisidia e de Iconio, não só criassem a desordem e a rebelião em sua guarnição, mas sim pretendessem dar morte a um cidadão de Roma. Toda esta história é uma invenção dos escribas anônimos do século IV. Uma mais.

Terceira parte

As chamas de Roma

E quando lhes contemplarmos, afundados nas chamas eternas, ah, como riremos! Quanta será nossa alegria!

Tertuliano, *De paenitentia*

18- A prostituta do Apocalipse

Quem quer que se atrevesse a pôr a mão sobre Roma seria culpado de parricídio aos olhos do mundo civilizado e nos julgamentos eternos de Deus.

**PIO XII, ao Colégio Cardenalício, 1944
Será consumida pelo fogo [...] E sua fumaça subirá por tosse séculos dos séculos.**

Apocalipse, 18, 8, e 19, 3

Desde 1919 a 1932 os Estados Unidos da América viveram sob a lei chamada da «Proibição», que proibia a venda e consumo do álcool. Essa foi, então, a grande época do gangsterismo. Antes de estar em condições de fazer uso das diversas armas automáticas que fizeram dos bandos norte-americanos terríveis associações de malfeitores, os assassinos destas e os guarda-costas de seus chefes usaram uma arma terrível: a *lupa ou lupara*. Dito de outro modo, «a loba».

Tratava-se de um fuzil de caça, de dois tiros ou de repetição, que lançava cartuchos com postas, e ao que se serrou o canhão até a metade de sua longitude e cortado a culatra recortando-a à altura do punho de uma pistola. A simples posse de uma arma deste tipo implicava a detenção imediata e a isso seguia uma investigação.

Terá que dizer que este tipo de arma fora adotada pelos assassinos da *Cosa Nostra*, sociedade secreta siciliana, em lembrança de uma arma análoga utilizada pelos pastores de Sicília. O fuzil de canhões recortados, derivado da antiga escopeta (em italiano: *Schio-petto*) dos séculos XV e XVI, assim como o trabuco (em italiano: *Trom-bone*), podia dissimular-se facilmente sob um impermeável, dirigia-se com as duas mãos, mas permitia obter a muito curta distância uma dispersão de projéteis suficiente como para não ter que apontar, o que permitia disparar imediatamente. Este era o motivo pelo quais os pastores de Sicília o conservaram durante séculos, já que servia tanto contra os lobos como contra todo ataque de um membro de um clã inimigo.

Mas um se perguntará por que dariam a esta arma o nome de «loba» (*lupa ou lupara* em italiano, igual em latim). Pois bem, como consequência de um trocadilho erótico. Esta arma a identificavam com a «companheira fiel» do pastor. E o latim *lupa* designa não só à loba, mas também a toda mulher de má vida, já que a ambas as conhece por sua enorme sensualidade. Desse nome derivam os *lupercales*.

Estas festas celebravam em Roma o 15 das calendas de março, quer dizer, em 15 de fevereiro, em honra ao deus Lupercus, nome romano de Pan. Nelas se sacrificava duas cabras e um cão, e com as peles das vítimas faziam-se látegos, e os encarregados da celebração da festa, os *lupercos (luperci)*, percorriam as ruas de Roma armados com esses látegos e açoitando com eles a todos aqueles e aquelas aos quais encontravam. O deus Lupercus, protetor dos rebanhos frente aos lobos, era ao mesmo tempo um deus de fecundidade. As mulheres se ofereciam, pois, seminuas a esta flagelação, que tinha a virtude de fazer fecundas às esposas estéreis e de procurar às mulheres grávidas um feliz parto. Como esta flagelação podia muito bem não resultar eficaz geneticamente falando, mas em troca podia excitar os sentidos das mulheres, estas últimas fizeram degenerar pouco a pouco a festa de

Lupercus em uma imensa orgia, o que, naturalmente, facilitava as fecundidades ulteriores. Até finais do século IV não se obteve a supressão dos *Lupercales*, coisa que conseguiu o Papa Gelasio I.

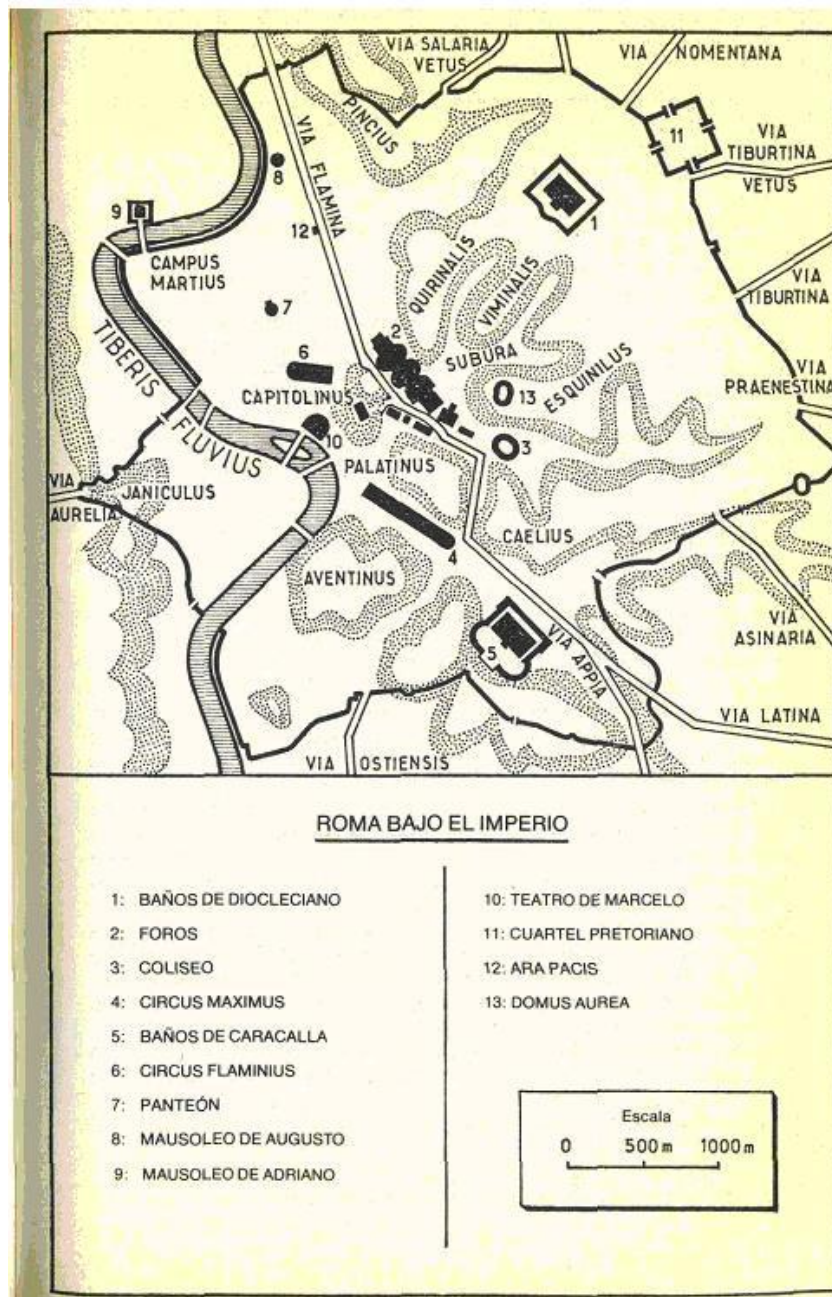
Pois bem, voltando para a «loba», companheira de pastores, constataremos que aplicaram este nome à sua arma em lembrança de uma antiqüíssima tradição latina. Na Roma antiga, o pastor era ou o filho menor da casa, ou o escravo. Vivia isolado durante meses, com seu rebanho e seus cães, alimentando-se de olivas, de frutos, mel, leite, queijo e água clara. Para satisfazer as exigências sexuais desses pastores houve durante muito tempo prostitutas itinerantes. Como o pastor não tinha dinheiro, tanto se era filho da casa como se era escravo, tinha que compor-lhe para lhe pagar à mulher que lhe concedia esses favores que valiam dinheiro. Tanto se pagava em espécie o que lhe era dado, como se liquidava com dinheiro, era indevidamente o rebanho do amo quem carregava com o gasto. E então tinha que procurar o dinheiro vendendo subrepticamente um cordeiro ou uma ovelha, ou dava uma ou outra ao escravo que fazia de servente da prostituta, assim como de guarda-costas «privilegiado».

Assim, essas mulheres não eram ainda «devoradoras de diamantes», a não ser lisa e sinceramente «devoradoras de rebanhos». De onde seu apelido de «lobas», tanto por seus costumes e temperamento como por sua modalidade de pagamento habitual.

Pois bem, Roma deve a uma dessas «lobas» a vida de seu fundador...

Recordemos aqui, para simplificar o que seguirá, a lenda da fundação de Roma.

Segundo Varrón (que viveu em tempos de Julio César), Roma foi fundada no ano 753 antes de nossa era por Rômulo, descendente do troiano Eneas, quem depois da queda de Tróia viria a estabelecer-se às bordas do Tiber. Rômulo tinha um irmão gêmeo, chamado Remo. Ambos eram filhos da vestal Rhea Silvia, filha de Numitor, rei de Alba Longa, e Rhea Silvia os tinha concebido como fruto de seus amores com o deus Marte.



Roma sob o Império

O trono de Numitor foi usurpado por Amúlio, quem abandonou aos dois meninos nas águas crescidas do Tíber, mas foram recolhidos ao pé do monte Palatino por uma loba, que os amamentou sob uma figueira. Logo cresceram sob o amparo de um pastor chamado Faustulo e, ao chegar a adultos, mataram ao usurpador Amúlio e restituíram o trono de Alba Longa a seu avô Numitor.

A seguir decidiram fundar uma cidade, e escolheram para isso o monte Palatino, onde tinham sido criados pela loba. Rômulo, designado rei à sortes, riscou com o arado um sulco que devia marcar o futuro recinto da cidade. Rômulo decidiu então chamá-la Roma, palavra derivada de seu próprio nome. Remo, furioso pelo fato de que a sorte não lhe tivesse

designado rei, atravessou burlando o fosso esboçado pelo arado de Rômulo. Este, ofendido pelo que naquela época era um sacrilégio nos ritos de fundação, matou seu irmão gêmeo.

O primeiro rei de Roma fez desta nova cidade um asilo para vagabundos e os fora da lei. Para procurar esposas e povoar definitivamente a nova cidade, raptaram às mulheres e as filhas de um povo vizinho, os sabinos. A isso seguiu uma guerra entre as duas comunidades rivais. Mas, graças à mediação das sabinas raptadas, que sem dúvida encontraram gosto em sua nova vida, as duas cidades se fundiram. Quanto ao Rômulo, diz a lenda que desapareceu misteriosamente durante uma tormenta no curso de uma celebração religiosa. E então lhe elevou à categoria de deus, com o nome de Quirino. Esse nome provavelmente se deriva do termo *quirites*, nome que inicialmente levavam os sabinos, adotado logo pelos romanos quando os primeiros tiveram a hegemonia sobre a Liga Latina, no século VIII antes de nossa era. Derivava de Cure, capital dos antigos sabinos. Os romanos levavam esse nome na cidade, mas jamais quando se achavam em armas, já que era um termo utilizado nos licenciamentos militares.

O leitor já teria suspeitado a verdade detrás da lenda.

A loba que amamentou Rômulo e Remo não foi outra coisa que uma dessas prostitutas itinerantes, ou porque foi sua mãe natural que não pôde, ou porque se limitou a recolher e adotar aos filhos gêmeos de uma de suas colegas falecida. A hipótese de que os criasse às pressas de um de seus clientes habituais, o pastor Faustulo, quem teria cuidado deles e os teria alimentado durante as ausências profissionais de sua mãe adotiva, não tem nada de inverossímil. E o que este às pressas estivesse situado à sombra de uma grande figueira, também é possível.

Mas que fora uma loba real que recolhesse e amamentasse aos dois gêmeos é pouco plausível. É indubitável que se encontraram meninos que foram criados por um casal de lobos, em meio dos lobinhos, seus irmãos em adoção. Mas então o menino permanece em um estado de total animalidade. Perambula a quatro patas, bebe água lambendo-a, como um cão, devora a carne crua, e uiva de forma animal. É muito difícil reeducá-lo e, em caso de consegui-lo, morre logo que chega a adulto. E é que, em efeito, há traumatismos psicofisiológicos que não perdoam. Imaginar que dois meninos amamentados e criados assim por uma loba real, pudessem a seguir acessar à vida humana normal com as simples técnicas de um pastor tão primitivo como iletrado, e converter-se em personagens tão importantes como os gêmeos da lenda, é do mais inverossímil. Nós aderimos, pois, à tese da «loba» humana, prostituta itinerante, que foi também provavelmente uma mulher de bom coração.

Então a *figueira* converteu-se por sua vez em um dos símbolos de Roma. Em Tácito lemos o seguinte: «Esse mesmo ano [o 58 de nossa era], a árvore do Comício, a figueira Ruminal, que mais de oitocentos anos atrás tinha abrigado a infância de Remo e Rômulo, perdeu seus ramos e seu tronco se secou, coisa que foi vista como um presságio sinistro». (Cf. Tácito, *Anais*, XIII, 58.) Segundo Varrón, essa figueira tinha recebido o apelido de Ruminal (do latim *rumis*: mama), porque foi sob sua sombra onde a loba tinha amamentado aos dois gêmeos. A tradição legendária contava que essa figueira, situada primitivamente no *Lupercal* (quer dizer, na prolongação do monte Palatino, ao noroeste, lugar chamado Cerníalo), tinha sido milagrosamente transportada, sob os auspícios do *Attus Navius*, augur de Tarquinio, o Antigo, ao Comício, ao leste do Foro, não longe do Capitólio. (Cf. J. Carcopino, *Bulletin de L'Association Guillaume Budé*, núm. 5, P. 22.)

Não é impossível que o episódio da *figueira estéril*, a que Jesus amaldiçoa e faz perecer porque não dá frutos fora de temporada, utilizasse-se como um encargo contra Jesus durante seu processo. Ao considerar-se como chefe zelote, submetido a vigilância romana como todo *filho de David*, os romanos puderam muito bem ver nessa maldição contra uma árvore que era *o símbolo do nascimento de Roma*, um ato mágico para causar dano, dirigido em realidade contra a própria Roma. Leiamos de novo ao Marcos:

«Ao dia seguinte, ao sair de Betânia, sentiu fome e vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se encontrava frutos. Mas não encontrou nada a não ser folhas, *porque não era tempo de figos*. Tomando então a palavra, disse à figueira: “Que jamais coma já ninguém fruto de ti [...]”. E seus discípulos lhe ouviram [...]» Passando de madrugada, quando retornavam à cidade, viram que a figueira *se secou da raiz*. Lembrando-se Pedro, disse-lhe: “Olhe, Mestre!” A figueira *que amaldiçoaste se secou*”.» (Cf. Marcos, 11, 12-13 e 20-21.)

De maneira que essa desgraçada figueira deveria adivinhar, como uma criatura razoável, que Jesus teria fome, e arrumar-lhe para produzir *instantaneamente* frutos, embora estivessem fora de temporada.

Deste episódio se pode deduzir o caráter rancoroso de Jesus, com esse fundo daninho que punham de relevo já os *Evangelhos da Infância*, assim como *a limitação de seus poderes ocultos*, pois para o «filho de Deus» seria muito fácil dar à um humilde vegetal o poder de produzir frutos fora de temporada, já que era absolutamente desatinado imaginar que este pudesse dá-los por suas próprias forças. E este episódio confirma que se tratava, por parte de Jesus, de poderes mágicos, como lhe reprovaram freqüentemente os judeus, e não dos dons todopoderosos divinos de um deus encarnado.

De todos os modos, se este fato chegou aos ouvidos dos funcionários de Roma, estes puderam ver na desafortunada figueira um ato daninho dirigido contra o Império romano, e tanto a *Lei das Doze Pranchas* como a *Lei Julia* castigavam com a pena capital todo sortilégio dirigido contra os homens, os animais ou as colheitas, recordemo-lo uma vez mais.

Voltemos para a *loba*, à *figueira* e ao pastor *Faustulo*, no monte Palatino.

«*Tinha abrigado a infância...*» diz-nos Tácito. É difícil imaginar uma loba permanecendo durante anos sob uma mesma figueira, sem que pastores e caçadores não fossem desalojá-la a golpes de flecha. Por todas essas inverossimilhanças, nós não veremos nessa caridosa «loba» a não ser uma prostituta de grande coração. *E esta conclusão concorda com a tradição judia contemporânea às palavras de Varrón. Constitui uma áspera réplica deste.*

Varrón, poeta e polígrafo latino, legou-nos um *De re rustica*, um tratado de agricultura. Isso é mais ou menos tudo o que fica de um conjunto hoje desaparecido. Viveu dos anos 116 aos 27 antes de nossa era. Morreu deixando atrás de si a reputação de uma brilhante inteligência, verdadeira enciclopédia da época.

Em nosso primeiro volume demonstramos que o Apocalipse não foi redigido por João, o evangelista, por volta do ano 94, mas sim pelo próprio Jesus, antes de retornar de seu exílio no Egito, quer dizer pouco antes dos anos 27 a 29 de nossa era, *só meio século depois da morte de Varrón e da difusão da lenda relativa ao nascimento de Roma.*

E pela primeira vez nos textos antigos vêem ali o termo «*prostituta*» utilizado para designar à capital do Império romano:

«Veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo e me disse: Vêem, mostrarei o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre as grandes águas. Com ela fornicaram os reis da terra, e os moradores da terra se embriagaram com o vinho de sua fornicação.» (Cf. Apocalipse, 17, 1-2.)

«Os dez chifres que vê são dez reis, os quais não receberam ainda a realeza, mas com a Besta receberão a autoridade de reis por uma hora [...] Os dez chifres que vê, igual à Besta, aborrecerão à *prostituta*, e a deixarão desolada e nua, e comerão suas carnes e a *queimarão ao fogo* [...] A *mulher* que viu é *aquela cidade grande* que tem a soberania sobre todos os reis da terra.» (Cf. Apocalipse, 17, 12-18.)

«As águas que vê, sobre as quais está sentada a *rameira*, são os povos, as multidões, as nações e as línguas...» (Cf. Apocalipse, 17, 15.)

«Saúde, glória, honra e poder são de nosso Deus, porque verdadeiros e justos são seus julgamentos, pois julgou a *grande prostituta* que corrompia a terra com sua fornicação, e vingou o sangue de seus servos

por sua mão [...] *E sua fumaça subirá pelos séculos dos séculos...*» (Cf. Apocalipse, 19, 1-3.)

Esse termo de «prostituta» incluía, além disso, uma *degradação* metafísica, e aos olhos dos judeus letrados e místicos, mais ou menos iniciados nos ocultos da cabala, este fato subentendido sublinhava ainda mais seu horror para tudo o que materializava Roma.

Em hebreu, a palavra *prostituta* se traduz por *quiiphah*. Designa um *mundo*, um *plano*, uma «*biosfera maléfica*», uma *dimensão* em que tudo o que *na vida* tem de corrompido, de contrário aos absolutos intuitos do Absoluto, e de eternamente rechaçado por ele, deve ser expulso, e concentrado nessa espécie de *excrementos metafísicos*. De fato, é o mundo demoníaco.

A *quiiphah* é pois, em certo modo, o cubo de lixo do mundo invisível. Subdivide-se em dez planos ou esferas secundárias, que então, em plural, levam o nome de *quiiphthoh*, cada uma delas oposta a seu *sephirah* correspondente (plural: *sephiroth*). Daí e desse conjunto se desprende todo um universo metafísico complicado, mas profundamente apaixonante pelo que se refere a seu estudo. Remetemos ao leitor às obras especializadas na difusão da cabala.

Por esses rápidos paralelismos analógicos se compreende então até que ponto os judeus integristas, especialmente os zelotes, odiavam tudo aquilo que simbolizava o Império romano, e particularmente sua capital: Roma.

Se a isso se acrescentam as dezenas de milhares de combatentes procedentes da resistência judia que, transportados da Palestina à Itália, terminaram sua vida em meio dos horrores dos jogos circenses; se se acrescentar a isso milhares de mulheres e de jovens, de meninos e meninas que foram vendidos ali, tanto a particulares como a proprietários de lupanares, e tudo isso muito antes de que os cristãos descendessem por sua vez às arenas, compreenderá-se até que ponto foi vivo o ódio para Roma, dos tempos em que Jesus redigiu seu Apocalipse e o enviou mediante um mensageiro a seu primo João.

Nós citaremos simplesmente a forma como Tito, filho do Vespasiano, celebrou o aniversário de seu irmão menor, Domiciano: «Esse grande príncipe solenizou naquele mesmo lugar da Cesaréia o aniversário do nascimento de seu irmão Domiciano com grandes magnificências, e a costa da vida de mais de dois mil e quinhentos dos judeus prisioneiros aos que se julgou a morte. Parte deles foram queimados vivos, o resto foi obrigado a combater contra as feras ou uns contra os outros, como gladiadores e por mais grandiosa que parecesse a desumanidade que fazia perecer a esse povo de tão diversas maneiras, os romanos estavam persuadidos de que seu crime merecia um castigo ainda mais rude. Tito

foi a seguir de Cesaréia à Berite, que é uma cidade de Fenícia e uma colônia romana. Como permaneceu ali longo tempo, celebrou, com ainda mais magnificência, o dia do nascimento de seu pai, o imperador Vespasiano. Entre tantas diversões e espetáculos que deu ao povo, viu-se perecer a numerosos judeus da mesma maneira que acabo de contar». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, VII, VIII.)

Na obra de Roland Auguet *Cruauté et Civilisation: les jeux romains* se encontrará todo o referente aos combates de gladiadores, de feras entre si, de homens contra feras, de vítimas (de ambos os sexos) sofrendo atrozes suplícios no curso de reconstruções mitológicas, como algumas mulheres condenadas a morte, que, encerradas e «apresentadas» em uma vaca de madeira a um touro em zelo ficavam rasgadas vaginalmente a fim de representar de forma *real* o mito de Pasífae.

19 - O incêndio de Roma no ano 64

**A verdade não tem hora, é de todos os tempos,
precisamente quando nos parece inoportuna.**

dr. A. Schweitzer, *A l'oree*

de laforêt vierge

No livro XV, capítulo XXXVIII, dos *Anais* de Tácito lemos o seguinte: «A seguir sobreveio um desastre (não se sabe se devido ao azar ou a malignidade do príncipe, já que as duas versões têm seus partidários). Mas foi o mais grave e o mais espantoso de todos os que a violência de um incêndio fez experimentar a Roma.» E o fogo prendeu primeiro na parte do Circo contígua aos Montes Palatino e Celio. Ali, por causa das tendas repletas de mercadorias onde se alimenta a chama, o incêndio, já violento desde seu nascimento e ativado pelo vento, propagou-se a todo o longo do Circo. Porque não havia nem casas protegidas por fortes cercados, nem templos rodeados de muros, nem nada que pudesse opor-se ao progresso das chamas. De modo que se estendeu impetuosamente, primeiro sobre as partes planas, logo se equilibrou para as alturas, e descia de novo para assolar as partes baixas, com a mesma rapidez com que a enfermidade adianta a todos os medicamentos, pois a cidade lhe oferecia uma presa fácil, com suas ruelas estreitas e tortuosas, suas ruas riscadas sem ordem, como a Roma de antigamente. Além disso, as lamentações das mulheres aterrorizadas, a debilidade da idade ou a inexperiência da infância, aqueles que pensavam em sua própria segurança ou na de outros, os que arrastavam ou esperavam aos mais débeis, uns atrasando-se e outros precipitando-se, obstaculizavam todos os socorros.» Frequentemente, ao olhar para trás, a gente era atropelado pelos lados ou por diante. Se a gente conseguia escapar para a vizinhança, via que

este também estava envolto em chamas, e inclusive os bairros aos que por sua lonjura se acreditava abrigado das chamas, os encontrava no mesmo estado.» Por último, ao não saber já o que teriam que evitar ou procurar, entorpeciam-se as ruas, a gente se tombava a campo atravessado. Alguns, ao ter perdido toda sua fortuna, e ao não ter já nem sequer com o que auxiliar às necessidades cotidianas, e outros por amor para, aqueles aos que não tinham podido arrancar à morte, pereceram, embora pudessem salvar-se. E *ninguém se atrevia a combater o incêndio ante as ameaças repetidas daqueles que, em grande número, impediam de apagá-lo. Outros lançavam abertamente tochas, e gritavam que estavam autorizados a fazê-lo*, bem porque queriam exercer suas rapinas com mais facilidade, ou porque efetivamente receberam ordens.

»Durante esse tempo Nero estava no Antium, e não chegou a Roma a não ser no momento em que o fogo se aproximava da casa que ele tinha construído para unir o Palatium com os jardins de Mecenas. Mas não se pôde deter o incêndio antes de que tivesse devorado o Palatium, suas habitações e tudo em torno.

»Para aliviar ao povo errante e sem asilo. Nero lhes abriu as portas do campo de Marte, os monumentos de Agripa e inclusive seus próprios jardins. Mandou construir a toda pressa barracos para acolher às multidões de indigentes. Fizeram-se chegar mantimentos de Ostia e dos principais municípios, e se reduziu o preço do trigo até três sestercios.

»Mas todas essas medidas não passou em branco sua meta: a popularidade; porque se tinha estendido o rumor de que no mesmo momento em que a cidade tinha aceso em chamas, o príncipe tinha subido a seu teatro doméstico e tinha cantado as ruínas de Tróia, procurando no passado comparações com o desastre presente.»

Por que Tróia? Quando a gente recorda que Paulo foi detido (depois de sua fuga de Roma, durante o incêndio desta), em Troas, capital da antiga Tróade um pode perguntar-se se não foram os cristãos os que, inconscientemente, imaginaram, por simples associação de idéias, esse pseudo-poema sobre as ruínas de Tróia, relacionadas com o incêndio de Roma. E esses cristãos que lançam semelhante acusação, não são acaso os «da casa de César» dos quais fala Paulo em sua Epístola aos Filipenses (4, 22)? Uma vez mais, Nero, em sua debilidade, ao tolerar a messianistas entre seus servidores, tinha alimentado em seu seio a víboras!

Mas sigamos lendo a Tácito (*Anais*, libero XV, 38-44):

«Até o sexto dia não se conseguiu deter o incêndio na parte baixa das Esquilias, demolindo os edifícios em um espaço muito grande, para opor àquela contínua violência uma planície nua e, por assim dizê-lo, o vazio

do céu. Mas ainda não se desterrou o temor e o povo não tinha recuperado a esperança, quando o fogo se reavivou, embora em um bairro mais aberto; portanto também houve menos vítimas humanas. Mas os templos dos deuses e os pórticos dedicados ao recreio deixaram ruínas mais extensas.

»Este segundo incêndio deu lugar a piores rumores, porque começou em uma propriedade de Tigelino, no bairro Emiliano, e se acreditava que Nero procurava a glória de fundar uma cidade nova e de lhe dar seu nome. Roma está dividida em quatorze regiões; quatro permaneceram ilesas, três ficaram destruídas até o chão, as outras sete apresentavam apenas alguns vestígios de moradias em ruínas ou meio queimadas.

»Seria difícil dar o número de casas, mansões e templos destruídos. Mas os mais antigos monumentos da religião, que Sérvio Tulio tinha consagrado à Lua, o Grande Altar, e o templo dedicado ao Hércules Redentor pelo arcadio Evandro, o templo do Júpiter Estator, levantado pelo Rômulo, o palácio de Numa, o santuário de Vesta, com os Penates do povo romano, foram inteiramente destruídos pelo fogo, sem contar as riquezas, prêmios de tantas vitórias, as maravilhas da arte grega, por último os monumentos antigos e ainda intactos do gênio literário. Inclusive em meio dos embelezamentos da cidade renascente, os anciões recordavam numerosos tesouros cuja perda era irreparável. Alguns observaram que o incêndio acendeu o dia quatorze antes das calendas do mês *sextilis*, o mesmo dia em que os Senones, depois de ter tomado Roma, tinham-na entregue às chamas. Outros se tomaram inclusive a moléstia de levar os cálculos até encontrar um número, o mesmo, para contar os anos, os meses e os dias que transcorreram entre os dois incêndios.

»Seja o que for. Nero aproveitou as ruínas de sua pátria, e construiu uma mansão em que as pedrarias e o ouro não eram o mais maravilhoso do que havia, já que esse luxo há tempo que era normal e corrente. Mas se viam campos cultivados, estanque, e, como nas solidões, aqui bosques, lá espaços descobertos, e formosas perspectivas. Esses trabalhos tinham sido dirigidos e dispostos por Severo e Celer, cuja audaz imaginação exigia à arte realizar o que a natureza se negou a fazer e se convertia em um jogo abusar dos recursos de um príncipe. Tinham-lhe prometido abrir um canal navegável do lago Inferno, perto do Cumes, até as bocas do Tíber, ao longo de um litoral árido ou através das montanhas. Para alimentar o canal não há mais água que as dos pântanos Pontinos, o resto do terreno é seco ou escarpado, e inclusive se se tivesse conseguido vencer todos os obstáculos, a empresa era excessiva e não se justificava suficientemente. Mas Nero desejava o incrível, e tentou abrir as altitudes vizinhas à Averno. Subsistem ainda

restos de sua vã esperança.

»Agora bem, os terrenos de Roma que não foram invadidos pela mansão de Nero, não foram reconstruídos ao azar e sem ordem como depois do incêndio dos francos. As casas ficaram em alinhamento, as ruas foram alargadas, a altura das casas se reduziu, abriram-se pátios e se elevaram pórticos para proteger a fachada das mansões de edifícios. Esses pórticos Nero prometeu construí-los com seus denários, também se comprometeu a devolver a seus proprietários os terrenos por construir, depois de fazê-los escombros. Instituiu, além disso, terrenos proporcionais à classe e à fortuna de cada qual, e determinou o prazo no que, uma vez terminadas as habitações ou os pisos, poderiam entrar neles. Destinava os pântanos de Ostia a receber os escombros, e queria que os navios que remontavam o curso do Tíber com um carregamento de trigo, descessem carregados de escombros. Quanto às construções, quis que em algumas de suas partes não entrasse a madeira, mas sim, para assegurar sua solidez, empregasse a pedra de Gabias ou a de Alba, que são a prova de fogo. A água era desviada abusivamente por alguns particulares para seu uso; para que fluísse com mais abundância e se achasse em mais lugares à disposição do público, estabeleceu vigilância; tiveram que ficar à disposição de todos, em lugares de fácil acesso, setores preparados contra incêndios; por último, as moradias não deviam ter paredes medianeiras, ao ter cada casa seu recinto particular. Essas medidas, que foram bem acolhidas porque eram úteis, contribuíram também ao embelezamento da nova cidade. Alguns acreditavam, não obstante, que o antigo plano de Roma era melhor para a salubridade, já que o estreitamento das ruelas e a altura dos edifícios não permitia que passassem os ardentes raios do sol, enquanto que agora, esses amplos espaços, aos que não protege nenhuma sombra, são abrasados por um calor insuportável.

»Estas foram tão medidas aconselhava a prudência humana.

Logo se recorreu às expiações aos deuses e se consultaram os livros da sibila, apoiando-se nos quais se dirigiram orações públicas ao Vulcano, à Ceres e à Proserpina; ofereceu-se deste modo um sacrifício expiatório ao Juno por meio das matronas, primeiro no Capitólio, logo à borda do mar mais próximo, do que se tirou água para orvalhar com ela o templo e a estátua da deusa; por último se celebraram assentos para vigílias por meio das mulheres casadouras. Mas nenhum meio humano, nem larguezas principescas nem cerimônias expiatórias fizeram calar o infamante rumor segundo o qual o incêndio fora ordenado por Nero.

»De maneira que, para sossegá-lo, procurou uns supostos culpados, e infligiu refinadas torturas àqueles cujas abominações faziam detestáveis e aos que a gente chamava *crístãos*. Esse nome lhes vem de Cristo, que,

sob o principado de Tibério, fora entregue ao suplício pelo procurador Poncio Pilatos. Esta detestável superstição, embora reprimida no momento, ressurgia de novo, e não só na Judéia, onde tinha nascido este mal, mas também inclusive em Roma, onde conflui e acha numerosa clientela tudo que de horroroso e vergonhoso há no mundo.

»Começou-se, pois, por capturar àqueles que eram abertamente partidários, e logo, segundo suas indicações, a outros muitos, que, se não eram culpados do crime do incêndio, sim o eram de ódio para o gênero humano.

»Não se contentaram fazendo-os perecer; converteram em um jogo revesti-los com peles de animais para que fossem rasgados pelos dentes dos cães; ou os atavam à cruces melados com matérias inflamáveis, e quando tinha expirado o dia, iluminavam as trevas como tochas. Nero tinha devotado seus jardins para este espetáculo, e proporcionava jogos ao Circo, onde às vezes participava da carreira de pé sobre seu carro, ou às vezes, disfarçado de chofer, mesclava-se entre o povo.

»Mas embora estas pessoas fossem culpadas e dignas dos últimos rigores, alguém tinha piedade delas, posto que a gente se dizia que não era só com vistas ao interesse público, mas sim pela crueldade de um sozinho, por isso as fazia desaparecer.»

E aqui, particularizemos.

Não deixa de ser curioso que este incêndio se produza precisamente no momento em que Menahem, neto de Judas da Gamala, em hebreu «o Consolador», está pondo de novo Judéia à sangue e fogo.

Também é curioso que Nero, desejoso de contemplar um grande incêndio para compor melhor um poema que celebrasse o de Tróia, partisse ao Antium em lugar de ficar, senão em Roma, ao menos bem perto, em Ostia por exemplo, para contemplar o espetáculo.

É, na verdade, estranho que uns romanos, e o próprio Nero, tão supersticiosos, aceitassem cometer sacrilégios tais como a destruição dos templos dos deuses, e sobretudo os dos mais sagrados, ligados à vida oculta de Roma.

De fato, quais eram esses que «em grande número, impediam de apagá-lo»? Quais eram esses que «lançavam abertamente tochas, e gritavam que estavam autorizados a fazê-lo, bem porque queriam exercer suas rapinas com mais facilidade, ou porque efetivamente tinham recebido ordens»? São «os da casa de César», é evidente.

Porque as medidas de assistência adotadas por Nero não são as de um louco delirante.

Quanto à acusação extremamente grave que levanta Tácito contra aqueles aos quais chama «cristãos», consiste no fato de «odiar ao gênero humano», «de ser dignos dos últimos rigores», e que, apesar de

tudo, «*o interesse público exigia fazê-los desaparecer*», e demonstra simplesmente que, no curso das pesquisas, *tinham descoberto exemplares do Apocalipse*, e vamos demonstrar.

Pretende-se que esse livro foi redigido pelo apóstolo João no ano 98 ou 94. Pois bem, quando se produz o incêndio de Roma nos achamos no ano de 64.

E no Apocalipse encontramos o relato desse incêndio de Roma, que aconteceu no ano 64, e o da queda de Jerusalém e de seu santo Templo, acontecida em 70.

Por conseguinte, ou o tal João se burla do mundo ao apresentar como profeta de um livro que anuncia fatos produzidos *trinta anos antes*, ou o Apocalipse não é obra dele; se for realmente profeta (ou simplesmente um esquema de combate, semelhante aos *manuals de combate ritual* dos manuscritos do mar Morto), é muito anterior.

O leitor encontrará no precedente volume os motivos pelos quais estimamos que o autor desse livro é o próprio Jesus.

O Apocalipse oferece no capítulo 11, versículos 1 aos 13, o relato da revolução do ano 44, e a crucificação de Simão-Pedro e de Jacobo-Santiago no ano 47, em Jerusalém.

O capítulo 18 nos descreve o incêndio de Roma. Porque é evidente que a Babilônia do Apocalipse não é a antiga cidade desse nome, destruída desde fazia séculos; todos os exegetas declaram que se trata de Roma, e têm razão. Fala-se de uns marinheiros que, desde o mar, contemplam o incêndio. Agora bem. Babilônia estava muito longe, terra adentro. Mas Roma em chamas era visível desde Ostia, seu porto, que estava muito perto, e os navios, na desembocadura do Tíber, podiam contemplar o incêndio com todo seu horror. Além disso, Roma está construída sobre colinas, e do litoral o incêndio era perfeitamente visível. O texto do Apocalipse de conteúdo mais significativo corresponde aos versículos 1 a 8 e 11 a 17 do capítulo 18. E o que dizer disto: «Pilotos e navegantes, marinheiros e quantos brigam no mar se detiveram ao longe e gritaram, ao contemplar a fumaça de seu incêndio; dizendo: Que outra é semelhante a grande cidade? [...] Ai, ai, Oh cidade grande, na qual se enriqueceram com seu luxo quantos tinham naves no mar, que em uma só hora foi aniquilada!», (*Op. cit.*, 18, 18-19.)

Vêm depois os versículos 20 a 24. E segue: «depois disto ouvi no céu uma voz forte de numerosa multidão, que dizia: Aleluia! Saúde, glória e poder *a nosso Deus!*, Porque verdadeiros e justos são seus julgamentos, pois julgou a grande prostituta que corrompeu a terra com sua fornicção, e vingou o sangue de seus servos por sua mão. E de novo disseram: Aleluia! *Pois sua fumaça subirá pelos séculos dos séculos*». (*Op. cit.*, 19, 1-4.)

É evidente que os romanos, ante os cadáveres calcinados de milhares de mulheres e de meninos, ao inteirar-se de quão cristãos *residiam em Roma lhes desejavam e esperavam febrilmente desde fazia tanto tempo*, puderam adivinhar, com bastante acerto, que esses fanáticos que foram perdendo a paciência tivessem acelerado a realização dessa delirante profecia, e organizado sabiamente toda essa montagem. Porque os acontecimentos da Judéia eram conhecidos em Roma. E a destruição de todo o patrimônio, *religioso e civil*, suscitou uma verdadeira corrente de ódio para eles. E desgraçadamente o Apocalipse, tanto se era profético como se não, estava ali para justificar a reação romana.

Porque, afinal de contas, como duvidar que fossem os cristãos que incendiassem Roma, quando se lêem essas frases vingativas nesse mesmo capítulo 18, onde está tão bem descrito o incêndio?:

«Ihe dêem a ela como ela deu! Mais ainda, dupliquem Ihe dando em dobro segundo suas obras: na taça em que ela mesclou, Ihe mesclem o dobro [...]

»Por isso virão em um mesmo dia suas pragas: a mortandade, o duelo e a fome, *e será consumida pelo fogo...»* (Apocalipse, 18, 6-8.)

Assim, ao chegar a Roma a notícia da revolução levada a cabo em Jerusalém por Menahem, neto de Judas da Gamala, era inevitável que os elementos extremistas do messianismo, ébrios de vingança, excitados por tais leituras, pensassem em executar as ordens desumanas do Apocalipse, ordens lançadas já no ano 27, quer dizer, trinta e sete anos antes, pelo próprio Jesus, seu verdadeiro autor, antes de sua chegada às bordas do Jordão.

Enfim, com o Apocalipse, suas maldições, suas ameaças, seu ódio delirante contra as nações e sobretudo contra Roma, achamo-nos muito longe da cantinela habitual: perdão das ofensas, amor aos inimigos, depois de que a bochecha direita seja esbofetada, oferecer a esquerda; quem golpeia pela espada, perecerá pela espada, etcétera.

Se o Apocalipse não fosse conhecido muito antes do ano 94, data em que a Igreja pretende que João, o Evangelista, efetuou a redação deste livro (absoluta contradição, por certo, com o espírito evangélico de então), como podia acusar Tácito aos cristãos de *«odiar ao gênero humano»*? Porque *«Ihe Dêem a ela como ela deu...»*, isso é o Taitón, e não o evangelho. (Apocalipse, 18, 6.)

Tácito viveu do ano 55 aos 120. Como morreu quando contava 65 anos de idade, devia redigir suas *Histórias* e seus *Anais* nos vizinhos de 95, por conseguinte, quando contava mais de quarenta anos.

Se o Apocalipse fosse de João, o Evangelista, e datasse do ano 94, como ia conhecer o Tácito, dado que estes textos cristãos foram guardados em segredo durante longo tempo, e por diversos motivos?

Pelo contrário, se era do mesmo Jesus, se o redigiu por volta do ano 27 de nossa era, antes de sua chegada ao Jordão, fazia já perto de sessenta anos que se pôde conhecer esse livro decisivo, e as perseguições que seguiram ao incêndio de Roma deveriam pô-lo de manifesto. Por isso, ante esse pavoroso texto, Tácito pôde falar de uma seita «*que odiava ao gênero humano*».

Mas, em contrapartida a esta constatação, é evidente que Tácito ignora nossos evangelhos atuais, todo inocência, mansidão e perdão. E com razão, já que não serão redigidos até que os cristãos se achem no poder, com Constantino, no século IV, em sua forma atual.

Uma das provas complementares de que João jamais «viu» o Apocalipse reside no testemunho de Prócoro, seu discípulo, chamado nos Atos dos Apóstolos (6, 5), como um dos sete diáconos escolhidos por estes para assisti-los. Prócoro compôs um livro titulado *As viagens de João* (a quem chama *lochanan*, como em hebreu). Tillemont atribui o manuscrito que chegou até nós ao século XI e V. Guerin o descobriu em um convento de Pathmos no século XIX. Pois bem, esse Prócoro, que diz que viveu dez anos com o apóstolo João (de 86 aos 96), primeiro em Pathmos e logo em Éfeso, quem afirma que escreveu com sua própria mão o evangelho que lhe ditava o apóstolo, que assistiu a seus últimos instantes, e que lhe viu subir aos céus, como Jesus, esse Prócoro *ignora que João, em Pathmos, tinha composto o Apocalipse*, João não lhe dissera nada dessa visão alucinante. Mais ainda. Prócoro ignora que João foi arrojado a uma caldeira de azeite fervendo em Roma! Incrível!

Por que? Pois simplesmente porque o Apocalipse fazia já sessenta e oito anos que fora escrito e difundido por um tal Jesus, quem declara de um bom princípio que é o autor e que ele é o «vidente» a quem Deus manifestou. E Prócoro não ignora nada de tudo isto. Quanto à aventura de João em Roma, para que nosso escriba a conhecesse seria necessário que o tal João pudesse ir a Roma, e naquela época, desde Tibério e Claudio, aos judeus livres lhes proibiu permanecer na capital do Império. E isto tampouco o ignora Prócoro.

Outro argumento em favor da antigüidade do Apocalipse, primeiro escrito cristão, como tão bem adivinhou Daniel Massé, encontramos-lo na comparação entre algumas de suas passagens e outros extraídos dos Atos.

Estes últimos, no capítulo 15, versículo 28, dizem o seguinte:

«Porque nos pareceu ao Espírito Santo e a nós não nos impor nenhuma outra carga mais que estas necessárias: que lhes abstenham das carnes imoladas aos ídolos, de sangue e dos animais afogados, e da fornicação».

Esse decreto se adota durante o famoso concílio de Jerusalém, quer

dizer no ano 47. Pois bem, o que lemos no Apocalipse? Isto: «Mensagem à igreja de Pérgamo: [...] Mas tenho algo contra ti: tem aí alguns que professam a doutrina de Balam, o qual ensinava ao Balac a arrojarem escândalo ante os filhos de Israel, induzindo-os a comer carnes sacrificadas aos ídolos e a fornicar...» (Cf. Apocalipse, 2, 11 e 14.)

«Mensagem à igreja da Tiatira [...] Mas tenho contra ti que deixes fazer à mulher, Jezabel, que se chama profetisa, ensinar e seduzir a meus servos para fazê-los fornicar e comer dos sacrifícios dos ídolos...»(Op. cit., 2, 20.)

É evidente que resultaria assombroso que o Apocalipse, supostamente ditado por Jesus Cristo ao João no curso de sua visão, no ano 94, em Pathmos, limitasse-se a apresentar como uma «revelação» divina umas decisões adotadas pelo concílio de Jerusalém no ano 47. Evidentemente, o que aconteceu foi o contrário: os chefes do movimento cristão, reunidos em Jerusalém em um decisivo conselho de guerra, tomaram essa decisão porque vinha diretamente de Jesus, autor do Apocalipse por volta do ano 27 de nossa era.

Que mais adiante acrescentassem interpolações a este livro, para fazer acreditar melhor que estava destinado aos cristãos de finais do século I, não muda em nada o problema. Os elementos de base, quer dizer a fração mais importante do Apocalipse, são do próprio Jesus, como declara no prólogo do livro.

Mas permanece uma confissão involuntária sobre a responsabilidade dos cristãos no incêndio de Roma no ano 64. Existe um apócrifo intitulado *Atos de Pedro*. Entre as *Acta apostolorum apocrypha* ocupam, efetivamente, um lugar especial. O abade Vouaux, em seu prefácio à tradução das diversas versões (*imprimatur*, Nancy, 1921), observa que são «os de caráter mais controvertido. Se em princípio viu neles uma obra de espírito gnóstico, logo em troca os restituiu, não sem certas reservas, a seu verdadeiro lugar, aos *círculos populares ortodoxos* dos quais saíram. Essas mesmas vacilações provam o interesse que pode ter o estudo de suas doutrinas, por pobres que sejam».

Acrescentaremos esta opinião de Daniel-Rops: «De um ponto de vista mais estrito, os apócrifos contribuem alguns detalhes históricos que podem resultar nada desprezíveis». (Cf. Daniel-Rops, *Les Evangiles apocryphes*.)

E, efetivamente, os *Atos de Pedro* nos contribuem a confirmação do que sempre suspeitamos sobre os verdadeiros incendiários de Roma no ano 64. Claro que o Apocalipse nos predizia isso com bastante clareza: a capital do Império romano tinha que ser destruída por um incêndio gigantesco, em castigo pela morte de tantos combatentes messianistas judeus nos cruéis jogos circenses. Não podia tratar-se ainda de cristãos,

já que as perseguições contra a nova religião não começaram *até depois de tal incêndio*, pois a primeira data, com efeito, do ano 64, segundo os historiadores eclesiásticos, e porque se imputava a estes sectários tal incêndio. Em troca, e sempre, cada vez que Judas e Galiléia se levantaram em armas contra a ocupação romana, aos prisioneiros zelotes esperavam a terrível morte reservada por Roma aos rebeldes: crucificação, fogueira, combate a morte nas arenas, bem contra as feras, bem contra eles mesmos, sob o aguilhão de ferro candente dirigido pelos servos do circo.

Mas os mesmos historiadores eclesiásticos rechaçaram sempre com indignação a acusação lançada contra os cristãos no referente a sua responsabilidade nesse incêndio. Agora bem, os *Atos de Pedro* possuem diversas versões. No original grego, além de um fragmento muito curto, não fica já a não ser o final da obra, em dois manuscritos tardios, um do século IX, e o segundo do X ou do XI. Os manuscritos da versão latina são do século VII, as versões coptas são do V, mas *a siríaca derivaria diretamente do original grego*, segundo uns, ou da versão copta utilizada pelos monofisitas do Egito e de Síria. Existem, do mesmo modo, versões armênia, árabe e etíope.

E a versão siríaca nos contribui uma estranha ameaça, e, uma vez mais, vemos ali a um possuidor do *poder apostólico* subjugando às mulheres em proveito de sua ação. Neste apócrifo Simão-Pedro pelo visto foi à Roma, e ali ganhara para sua causa às quatro concubinas do prefeito do pretório, chamado Agripa. Este último, furioso, faria prender Simão-Pedro e ordenando lhe crucificar por ateísmo, acusação legal e habitual contra os cristãos. Agora vem o protesto destes em favor de Pedro: «Então todos os cristãos foram em turba, ricos e pobres, órfãos e viúvas, humildes e poderosos. Queriam ver e apoderar-se de Pedro, e o povo gritava sem interrupção e com voz unânime: Do que é culpado Pedro, Agripa? Que dano tem feito? Diga-lhe aos romanos! Comete uma injustiça contra Pedro, Oh Agripa! Nós, que somos romanos, não vimos que Pedro fizesse nenhuma só ação merecedora da morte. *Se não o liberar, incendiaremos a imensa Roma com fogo e sairemos dela.*» (Cf. *Atos de Pedro*, versão siríaca, XXXVI.)

Está muito claro.

E o incêndio de Roma no ano 64, que foi obra de cristãos fanáticos, teve como êmulo o de Bizancio, no ano 404. Estourou na mesma noite em que João Crisóstomo teve que abandonar a cidade, exilado por ordem do imperador Arcadio, e a pedido da imperatriz Eudoxia, um traje de gala que não aceitava as ordens autoritárias e a intolerância de Crisóstomo. Arderam, em especial, a basílica de Santa Sofia, o Senado, a magnífica biblioteca, etc.; e a imperatriz Eudoxia morreu um ano mais

tarde, durante um parto.

No intervalo se produziu outro incêndio, o do palácio imperial do Nicomedes, no ano 303, que também foi atribuído aos cristãos e que suscitou contra eles uma nova perseguição.

E o que dizer do cinismo agressivo de Tertuliano, quem não vacila em declarar, no ano 197: «Estamos em todas partes, porque somos numerosos... Se não fôssemos a não ser um pequeno grupo, *uma só noite e algumas tochas bastariam*». (Cf. Tertuliano, *Apologeticen*, XXXVI, 3.)

Depois disto, já poderão os cristãos afirmar que sua religião lhes impõe ser cidadãos pacíficos.

Por outra parte, Tácito nos diz que o incêndio de Roma estourou «dia quatorze antes das calendas do mês *sextilis*» (cf. Tácito, *Anais*, XV, XXXVIII), quer dizer em 20 de julho. Não obstante, tendo em conta os censurados, mutilados e interpolados que estiveram por parte dos monges copistas da Alta e Baixa Idade Média, e constatando que os únicos manuscritos antigos de Tácito que chegaram até nós são dos séculos IX e XI, seremos desconfiados. Porque há outros textos, *mais antigos que estes, que nos dão outra data, que provavelmente é a verdadeira*.

No capítulo que trata sobre a correspondência apócrifa entre Paulo e Séneca há uma carta, a que décima segunda, que nos revela a verdade. Claro que é apócrifa, mas foi redigida por um cristão de boa vontade, que não suspeitava que, fazendo-o, falava pelos cotovelos e destruiria a maquiagem de seus sucessores da Idade Média. Vejamos esta carta: «Séneca ao Paulo, saúde! Saúdo-o, meu muito querido Paulo. Acredite que não sinto tristeza de que sua inocência se veja condenada a tão freqüentes suplícios? De que o povo, lhes julgando tão pouco sensíveis e tão criminosos lhes atribua todas as desgraças da cidade? Mas nos resignemos, e vivamos da sorte que a Fortuna nos proporciona, até que uma felicidade inalterável ponha fim a nossos males. As idades antigas também tiveram que sofrer ao macedônio filho de Filipo, e ao Darío, e ao Dionisio, o nosso, e ao C. César, que não tiveram mais regra que seu capricho. Sobre a origem dos freqüentes incêndios que sofre Roma, não há dúvida possível. Mas se uns homens obscuros pudessem dizer qual é a causa, se estivesse permitido nestas trevas falar impunemente, todos os olhos veriam então toda a verdade. Os cristãos e os judeus são enviados sem cessar ao suplício como incendiários. Mas o bandido, seja quem for, cuja voluptuosidade está em seu sangue, e que se cobre de mentiras, a esse por força lhe chegará seu dia! Do mesmo modo que os melhores deram sua cabeça como vítimas expiatórias, do mesmo modo esse homem será condenado, por todos, ao fogo que lhe consumirá.

Cento e trinta e duas casas, quatro mansões, arderam durante seis dias; o sétimo cedeu o desastre. Desejo, irmão, que esteja bem de saúde. 28 de março, sob o consulado de Frugi e de Basso».

Ao indicar os dois cênus anuais, temos a prova de que a carta data do ano 64, mas não de 20 de julho, a não ser de 28 de março. E aí está a confissão.

Porque esses textos são do século IV. Esta correspondência entre Paulo e Sêneca a entrevista São Jerônimo no ano 362, e São Agustín em 414. Não há nada anterior.

Assim, em uma época em que não se teme a crítica livre, onde ninguém se atreveria, bem por medo, ou por ignorância, a evocar a possibilidade de que os cristãos tivessem incendiado Roma no ano 64, não vacilam em dar a data exata do início do incêndio: *março do ano 64, já que a carta que fala dele é do 28 do mesmo mês!*

Sabemos, por outra parte, pelos historiadores antigos, dos que se ecoou Daniel-Rops em *Jesus em seu tempo*, que os procuradores romanos desconfiavam da avalanche de peregrinos judeus que acudiam a Jerusalém com ocasião da grande festa pascal. A cidadela *Antonia*, onde geralmente se alojava uma coorte veterana e o tribuno que a mandava, quer dizer, seis centúrias de legionários, via-se ocupada por consideráveis reforços, que acampavam um pouco por toda parte, e que subiram da Cesaréia Marítima com o procurador em pessoa.

Se é que a polícia romana não ignorava que todas as rebeliões judias tinham seu início na Páscoa, quer dizer, na lua cheia do mês de Nisán, e temos textos autênticos que expressam a certeza de que a liberação de Israel teria como ponto de partida esse solene aniversário da saída do Egito:

«Do mesmo modo que Israel, antigamente, fora liberada do Egito no mês de Nisán, voltará a sê-lo de novo no mês de Nisán...» (Cf. *Talmud: Rosch Haschana*, XIV, 2.)

«Possuímos uma tradição precisa que nos ensina que a liberação de Israel se produzirá a véspera de Páscoa, à entrada do Sábat...» (Cf. Rabbi Neftalí, - *Emeck Hammeleck*, XXXII, 2.) Isto nos dá uma definição muito clara do dia «J» e a hora «H» de toda insurreição judia organizada de antemão. Trata-se da sexta-feira da semana pascal, no momento em que a lua cheia se eleva por cima do vale de Cedrón, e o sol se oculta atrás dos vales de G-Hinnom e Refaím. Claro que na prática terei que ter em conta certas contingências. Mas se mantém em pé o fato de que a lua cheia da *teqoupha* da primavera servia de sinal celeste e de esperança para toda a Palestina. De modo que foi em março-abril quando Menahem levantou sua vez o estandarte da revolução de 64, época do incêndio de Roma. Mas qual dos dois precedeu ao outro? É difícil

precisá-lo na atualidade, *mas continua seguro, historicamente, que esses dois acontecimentos estão interrelacionados e que os separaram poucos dias*. Sua sincronização era muito importante como para que se passasse por cima, e não terei que desmentir às profecias.

Muito mais tarde, ao censurar Flavio Josefo, pensar-se-ia em dar outra data nos *Anais* de Tácito. Porque terei que evitar que pudesse estabelecer uma relação entre o motivo desse atentado e a nova rebelião que acabava de estalar na Judéia. Era preciso evitar que pudesse adivinhar-se que o incêndio tinha sido provocado para estimular aos combatentes zelotes, lhes fazendo acreditar que a profecia do Apocalipse começava a realizar-se e que o final do Império romano estava à volta da esquina! Era muito importante que os *zelotes* que tinham seguido ao Menahem (em hebreu: *consolador*, em grego: *paraklétos*), neto de Judas da Gamala, sobrinho de Jesus, não se desalentassem ante o contra-ataque romano.

Porque Flavio Josefo contribui seu testemunho em favor de Nero: «São muito numerosos aqueles que contaram a história de Nero. Todavia, uns não foram fiéis à verdade por gostá-lo, porque foram bem tratados por ele, e outros, por ódio e por inimizade contra ele, maltrataram-no tão impunemente com suas mentiras, que eles são os que merecem ser vituperados». (Cf. Flavio Josefo, *Antigüidades judaicas*, XX, VIII, 3.)

E a revolta de Menahem e o incêndio de Roma estiveram extranhamente sincronizados. Julgue-se:

1) tudo isso estourou no ano 64, trinta e três anos depois da captura de João, o Batista. E o trinta e três é, no Antigo Testamento, o número de toda purificação, (cf. Levítico, 12, 4);

2) foi apreendido em 28 de maio do ano 31 de nossa era, e executado na cidadela de Maqueronte em 29 de março do ano 32. Agora bem, o escriba anônimo que compôs a pseudo-carta de Séneca ao Paulo, no século IV, dá a data de 28 de março do ano 64. Portanto, não ignorava a relação entre o aniversário da morte de João, o Batista, e a data do incêndio de Roma. E inconscientemente se traiu.

Esse Menahem apoderou-se a seguir da fortaleza de Massada (que cairia, nas circunstâncias que se fariam célebres, no ano 73), logo se fez reconhecer como chefe da nova revolução, fez matar ao supremo sacerdote, assim como ao irmão deste, chamado Ezequias, e ante todos esses êxitos se converteu em um tirano insuportável. Então o povo se rebelou, e lhe deram morte depois de haver submetido a numerosas sevícias. Podem-se encontrar todos os detalhes na *Guerra dos judeus* de Flavio Josefo (livro II, capítulos XXX-XXXII).

Mas, dirá o leitor, tem-se a segurança de que a revolução de 66 começou em realidade em 64, com a de Menahem e o incêndio de Roma?

Nós responderemos que sim, e aqui estão os argumentos:

1) Foi em março do ano 64 quando Menahem içou o estandarte da nova revolução judia. *Mas não nos diz o motivo.*

2) Naquela época, na Cesaréia Marítima, a antiga Torre de Estraton, judeus e sírios disputam a administração da cidade. «Os judeus a querem governar, argüindo que Herodes, seu rei, tinha-a construído», conta-nos Flavio Josefo. Os sírios, aos quais ele também chama os gregos, alegam que é uma cidade pagã, por seus templos, eretos pelo mesmo Herodes para o culto de seus deuses, etc. E também é certo. E então estalam motins sangrentos. Por último, Antonio Félix, procurador de Roma, as sufoca, e ao fim se pode recorrer à arbitragem imperial. Uma delegação se embarca em direção à Roma. Quantas semanas, ou inclusive meses, investirá para chegar? Paulo necessita um ano para chegar de Cesaréia à Roma... Quanto tempo transcorreria entre esta solicitude de arbitragem, entre sua decisão, o embarque da delegação em Ostia e sua volta a Antioquia de Síria ou à Cesaréia Marítima? Quanto tempo entre essa volta e a difusão da notícia de que a cidade está definitivamente confiada aos gregos e aos sírios? Porque aqui temos o texto de Flavio Josefo: «E os gregos da Cesaréia chegaram com cartas de Nero: Que a cidade seja grega [...] *E então se iniciou a guerra*, no ano XII do reinado de Nero, XVII do reinado de Herodes Agripa II». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, manuscrito eslavo, II, 6.)

E Pierre Pascal, ao traduzir o texto eslavo de Flavio Josefo, observa, com muita lógica: «Isso era no ano 66, mas a decisão de Nero de dar Cesaréia aos gregos *deveria ser anterior*». (Op. cit., Editions du Rocher, Mônaco, P. 155.) E é algo evidente, se se tiverem em conta todos esses espaços de tempo e essas esperas que evocávamos antes. Se contarmos um ano para ir da Cesaréia à Roma, e um ano para voltar, incluindo a estadia na capital e a espera da decisão imperial, quer dizer, dois anos no total, encontramos-nos em 64 de nossa era. Mais ainda quanto que o incêndio de Roma em 64 não reduziria os prazos de espera... Então se expõe uma pergunta inevitável: *esperou realmente Menahem a decisão de Nero para entrar em guerra? Ou simplesmente iniciou a ofensiva apenas os sírios e os gregos partiram para a Itália? Conhecendo o estado de espírito dos zelotes, a resposta vem dada por si mesmo.*

Façamos, pois, agora o inventário dos personagens que podiam ter um interesse qualquer no *incêndio* de Roma, e que fossem o suficientemente influentes para poder *pôr em ação aos servidores do palácio imperial*. (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 38.)

Não revelaremos mais que sete nomes:

1) *Nero*: demonstramos que não era possível; não estava em Roma, não

se inteirou do incêndio até quatro dias mais tarde, e não tinha nenhum interesse na destruição dos templos onde residia a vida espiritual e oculta de todo o império, sendo ele, além disso, tão supersticioso como era.

2) **Popea:** Só fazia dois anos que era a esposa de Nero. Que interesse podia ter em semelhante atentado? Nenhum, evidentemente. Além disso, estava também no Antium, com Nero.

3) **Burro:** O prefeito do pretorio tinha morrido no ano 62. E que interesse podia ter em tal atentado?

4) **Tigelina:** Substituía a Burro em suas funções, e podia ter organizado esse incêndio a fim de desacreditar ao Nero, de quem tinha motivos para querer vingar-se, é certo, mas a quem temia terrivelmente. Por outra parte, jamais foi favorável aos judeus messianistas. E então, como justificar que esse atentado sobreviesse exatamente para respaldar a insurreição de Menahem na Judéia? Como justificar a eleição da data que coincidia com o aniversário da captura de João, o Batista, por parte desses romanos sem escrúpulos e sem espiritualidade?

5) **Sêneca:** Se já era hostil ao progressismo de Nero, por conservador, imbuído dos princípios de superioridade de Roma, justamente por essas mesmas razões não podia ser favorável a essa nova revolução judia, e as objeções feitas no caso de Tigelino podem aplicar-se igualmente à Sêneca. E este estóico reacionário não podia carregar com a responsabilidade de destruir os templos romanos mais sagrados.

6) **Saulo-Paulo:** Amigo de infância de Menahem; forma parte com ele do *kahal* messianista da Antioquia (Atos, 13, 1); é amigo de Sêneca, quem é amigo dos conspiradores antineronianos, é membro do complô de Pisón e é, *secretamente*, o sucessor deste último. Saulo-Paulo conta com filiados a sua doutrina e a sua seita entre os servidores do palácio imperial, em Roma: «os da casa de César lhes saúdam...» (cf. Epístola aos Filipenses, 4, 22). E no próximo capítulo “encontraremos outros motivos de suspeita, já que pôde muito bem executar com todo detalhe o que Sêneca e Tigelino desejavam secretamente, embora sem atrever-se a decidi-lo e a fazê-lo executar. Além disso, as estranhas coincidências entre a data precisa desse incêndio e a vida de Batista, sem omitir o conhecimento da revolução de seu ex-suntróphos Menahem, são outras tantas observações acusadoras.

7) **Um chefe zelote desconhecido:** Tudo o que se disse no caso de Saulo-Paulo pode aplicar-se, evidentemente, contra esse extremista anônimo, tudo, *exceto a possibilidade de fazer atuar aos servidores do imperador, «os da casa de César»...* Para que estes assumissem a responsabilidade de declarar publicamente que estavam cobertos por ordens (cf. Tácito, *Anais*, XV, XXXVIII), era preciso que fosse certo. Esse secreto amparo

lhes vinha de Sêneca, através de seu amigo e cúmplice Saulo-Paulo, *seu chefe indiscutível*.

Mas ficam outras provas, mais sutis, embora igualmente explícitas, sobre a responsabilidade direta de Paulo no incêndio de Roma. Vejamos agora algo mais de perto.

Primeiro, ante as evidentes contradições que existem sobre o referente ao *mês* em que se produziu o sinistro, convém determinar quem tem razão, nos apoiando no texto atribuído à Sêneca no século IV por São Jerônimo e São Agustín, ou no texto atribuído à Tácito, nos manuscritos mais antigos que possuímos de sua obra, e que são dos séculos IX e XI.

Sêneca nos diz *março do ano 64*, Tácito nos *diz julho do ano 64*, mas nos precisa, imprudentemente, que Nero estava no Antium, sua cidade natal, a que amava meigamente, e que avisado ao quarto dia do incêndio, adotou todas as medidas necessárias para melhorar a sorte da população romana, mas que, não obstante, lhe imputou a responsabilidade daquele.

Primeira conclusão: para Tácito, transcrito pelos monges copistas, Nero se encontra no Antium, e *portanto na Itália, em julho do ano 64, data do incêndio*. Mas isso é falso...

Sabemos, com efeito, por Suetônio (cf. *Vida dos doze Césares: Nero, XXII*) que Nero participou dos jogos Olímpicos, nas carreiras de carros, e isso antes de que se lançasse às exibições teatrais, as primeiras das quais tiveram lugar em Nápoles.

Observemos, antes que nada, que os célebres jogos se celebravam em Olímpia, na Grécia, e *invariavelmente no mês de julho*. Tinham lugar cada quatro anos, e seu intervalo constituía uma *olimpíada*. Tomemos o calendário das olimpíadas do período considerado, e assinalemos os anos em que tiveram lugar os jogos durante o curto reinado de Nero. Veremos que foi em julho do ano 60, em julho de 64 e em julho de 68 de nossa era.

Podemos descartar já julho de 68, dado que o imperador morreu em Roma em 9 de junho de 68 do calendário Juliano, o que dá em 20 de junho do gregoriano.

Ficam então julho de 60 e julho de 64.

Descartaremos também julho de 60, já que Nero foi pela primeira vez à Grécia *antes das exibições de Nápoles*, segundo Suetônio, *que tiveram lugar à começos do ano 64*; não fica, pois, *a não ser julho de 64*, para vê-lo participar das carreiras de carros em Olímpia. E essa é, infelizmente, a data que se pretende endossar à Tácito! E é evidente que Nero não podia encontrar-se no Antium e na Olímpia ao mesmo tempo.

Porque para ir de Roma à Grécia, por terra e por mar, naquela época,

necessitavam-se umas doze semanas, percorrido que verificaram certos historiadores. Os beliches e os carros da caravana imperial não efetuavam um percurso diário superior aos 25 Km.; quanto aos trirremes, que foram de uma vez a remo e a vela (galeras de escravos), esse tipo de navegação não podia representar mais de cem quilômetros ao dia para esses pesados e torpes navios. A velocidade de *ponta* alegada por Tito Livio para as *galeras de combate* não ultrapassava, por exemplo, os trinta e cinco quilômetros por hora.

Tudo isto exclui que Nero pudesse ir aos jogos olímpicos e retornar a tempo para estar em Roma em 20 de julho do ano 64, dia em que se declarou o incêndio, segundo Tácito, revisado e corrigido na Idade Média pelos monges copistas. Portanto, o texto e a data que nos dá Séneca são os verídicos, e foi em *março* quando Roma ardeu, quando Nero estava ainda no Antium.

Impõe-se, pois, uma primeira conclusão.

Se se esforçarem por substituir julho por março, é porque esta última data, por sua concordância com a da insurreição de Menahem, *irmão de leite de Paulo* (Atos, 13, 1), podia atrair as suspeitas para este último.

E vai em seguida à mente uma segunda conclusão.

E é que os monges copistas que alteraram visivelmente o texto inicial de Tácito, fizeram-no a fim de eliminar as provas desta cumplicidade. Porque se Tácito afirmasse a responsabilidade da colônia judia de Roma, em seus elementos zelotes, livres ou escravos, nossos monges copistas medievais, indevidamente anti-semitas tendo em conta a época, sentissem-se extremamente felizes de sublinhá-la. Mas como, pelo contrário, desta maneira ficava de manifesto à Paulo, chefe reconhecido dos cristãos de Roma, substituíram março do ano 64 por julho. Infelizmente para eles, não lhes ocorreu expurgar do mesmo modo ao Suetonio e fazer desaparecer essa participação de Nero nos Jogos de Olímpia.

20 - Psicologia dos incendiários

A morte nas chamas é a menos solitária das mortes. É, verdadeiramente, uma morte cósmica, onde todo um universo se aniquila com o pensador. A fogueira é um companheiro de evolução.

G. BACHELARD, *Psicanálise do fogo*

Acidentes ou crimes? Os incêndios florestais foram muito numerosos durante o verão e o outono de 1970, e houve muitas coincidências para

que não possa ver-se nisso alguma intenção de causar dano. Por isso o sociólogo Roger Caillois pôde recordar, em um artigo do *Express* de 31 de agosto de 1970, que em outros tempos houve em Roma outro incêndio e outros incendiários: aquele do qual se acusou aos cristãos, os quais esperavam, conforme suas escrituras secretas, um fogo purificador do homem, ao menos tal como eles imaginavam. Assim é como nos diz isso Roger Callois: «Dos incêndios que devastaram este verão o Var e os Alpes Marítimos, alguns eram criminais. Foram detidos alguns suspeitos. Houve alguns que confessaram, *pior ainda, que se vangloriaram* de serem os autores dos sinistros. Eram iluminados, que pretendiam obedecer as ordens de Deus. Com uma enorme fogueira purificaram Provença das indecências que a manchavam, das ignomínias que, cada dia mais numerosas e mais escandalosas, ofendiam gravemente à decência, a virtude e ao Céu».

E Roger Callois evoca a este respeito a mesma reação fanática dos cristãos de Roma: «Essas chamas que traduzem a vontade divina, e que consomem a aniquilação da Grande Prostituta, sem dúvida constitui um sacrilégio a combater [...] Além disso, não é inútil observar que os bairros consumidos foram os do Circo e do Palatino, onde se encontravam os templos mais antigos de Roma, o santuário que Sêrvio Tulio consagrara à Lua, o de Hércules Redentor, dedicado pelo legendário Evandro, o aliado de Eneas, o de Júpiter Estator, consagrado por Rômulo, o de Vesta, que albergava os Penates do povo romano. Possivelmente não fora mais que uma coincidência, mas proclamava que se golpeava a Roma em seus deuses protetores, cuja impotência ao fim se demonstrou. Tácito proporciona um catálogo de todos os santuários destruídos...».

«Imaginam-se as reações que suscitaram os *hippies* ou os esquerdistas, durante os ofícios em Madeleine, ou em Notre-Dame, tiveram a ocorrência de romper ou pisotear os objetos de culto?...»

E isto, não obstante, era algo bastante freqüente durante os primeiros séculos. Eusébio da Cesaréia narra umas intervenções de «candidatos à mártires» penetrando em um templo quando um dignatário de Roma se dispunha a oferecer um sacrifício ou uma libação, opondo-se a isso retendo-lhe o braço, ou inclusive derrubando o altar com as brasas já acesas...

Renán, que para fazer-se perdoar seu *Jesus*, por ser muito heterodoxo para a época, toma a defesa dos cristãos, em seu *Antéchrist* rechaça com indignação a hipótese de que estes incendiassem a capital do Império romano. Mas os textos que enumera para tentar demonstrar como pôde a opinião pública da época orientar-se tão facilmente contra eles, a seu pesar irão além do que ele tentava estabelecer:

«Possivelmente os discursos dos cristãos sobre a grande conflagração final, suas sinistras profecias, sua afeição por repetir que o mundo acabaria logo, e *acabaria com fogo*, contribuíram a fazer que tomasse por incendiários. Nem sequer é inadmissível que vários fiéis cometessem imprudências, e que se dispôs de pretextos para acusá-los de quererem, ao preludiar as chamas celestiais, justificar a todo custo seus oráculos». E afirma, teimoso, que eles não prenderam o fogo, «mas certamente se alegraram», dado que anunciavam sem cessar, e *desejavam, a destruição da sociedade*.

Eram, com efeito, como veremos logo, *incendiários em potência*, fanatizados incessantemente pelos mesmos temas da combustão final, purificadora e de uma vez probatória. Renán os qualifica de «*incendiários do desejo*». De desejo? Nós diríamos melhor: *obcecados pelo incêndio*. E aqui temos a prova. Tomemos o Novo Testamento:

«Toda árvore que não dê bom fruto será talhada e arrojada ao fogo...» (Mateus, 3, 10.)

«Queimará a palha em fogo inextinguível...» (Mateus, 3, 12.)

«Quem disser louco a seu próximo será réu do fogo da gehenna.¡;» (Mateus, 5, 22.)

«Afastem-se de mim, malditos! Ao fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos...» (Mateus, 25, 41.)

«Quero lhes recordar [...] como Sodoma e Gomorra e as cidades vizinhas, que, de igual modo que elas, entregaram-se à impudicícia e aos vícios contra natureza, foram postas para castigo, sofrendo a pena do fogo eterno...» (Epístola de São Judas, 7.)

«Porque todos têm que ser salgados ao fogo!...» (Marcos, 9, 49.)

«Eu vim jogar fogo na terra, e o que posso desejar a não ser que acenda?...» (Lucas, 12, 49.)

«Sua obra ficará de manifesto, pois em seu dia o fogo o revelará...» (Paulo, I Epístola aos Coríntios, 3, 13.)

«Se uma terra produzir espinhos e abrolhos, é reprovada e está próxima a ser maldita, e seu fim será o fogo...» (Paulo, Epístola aos Hebreus, 6, 8.)

«Enquanto que os céus e a terra atuais estão reservados pela mesma palavra para o fogo, para o dia do julgamento e para a perdição dos homens ímpios...» (Pedro, II Epístola, 3, 7.)

«Tomou o anjo o incensário, encheu-o do fogo do altar e o jogou sobre a terra. E houve trovões, clamores, relâmpagos e tremores...» (Apocalipse, 8, 5.)

«E houve granizo e fogo misturado com sangue, que foi arrojado sobre a terra; e ficou abrasada a terceira parte da terra, e ficou abrasada a terceira parte das árvores, e toda a erva verde ficou abrasada...»

(Apocalipse, 8, 7.)

«E os que montavam a cavalo tinham couraças de cor de fogo, e de jacinto e de enxofre [...] E da cabeça dos cavalos saía fogo, fumaça e enxofre...» (Apocalipse, 9, 17.)

«Com as três pragas pereceram a terceira parte dos homens, é ou seja, pelo fogo, e pela fumaça, e pelo enxofre que saía de sua boca...» (Apocalipse, 9, 18.)

«Vivos foram arrojados ambos ao lago de fogo, que arde com enxofre.» (Apocalipse, 19, 20.)

«A morte e o inferno foram jogados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E tudo o que não foi achado inscrito no livro da vida, foi arrojado no lago de fogo...» (Apocalipse, 20, 14-15.)

«Os covardes, os infiéis, os abomináveis, os homicidas, os fornicadores, os feiticeiros, os idólatras e todos os embusteiros terão sua parte no lago, que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte...» (Apocalipse, 21, 8.)

«E será atormentado com o fogo e o enxofre diante dos Santos anjos e diante do Cordeiro...» (Apocalipse, 14, 10.)

Encantador! E nós acrescentaremos: «Doce Jesus...».

Esse fogo e esse enxofre, que faz ainda mais dolorosa a queimadura do primeiro, através de todo esse conjunto tirado das escrituras se observa que constitui simplesmente uma *obsessão* no psiquismo dos cristãos. Falam deles, sonham neles, desejam-nos, são verdadeiros exutórios de seu ódio, que deriva inconscientemente de seu isolamento, inevitável na sociedade de sua época.

São, de fato, autênticos *pirômanos*, mas *pirômanos raciocinados e conscientes*.

Aqui cederemos a palavra ao Gastón Bachelard, em sua penetrante *Psicanálise do fogo*:

«A psiquiatria moderna elucidou a psicologia do incendiário. Demonstrou o caráter sexual de suas tendências. Reciprocamente, tirou à luz o grave traumatismo que pode receber um psiquismo ante a visão de um moinho ou um teto incendiados, de uma grande labareda sobre o céu noturno, na infinidade da planície lavrada.

»Quase sempre, o incêndio nos campos é a enfermidade de um pastor. Como portadores de sinistras tochas, os homens da miséria transmitem de geração em geração o contágio de seus sonhos de isolados. Um incêndio determina um incendiário quase tão fatalmente como um incendiário provoca um incêndio. O fogo se incuba em uma alma com mais segurança que sob as cinzas.

»O incendiário é o mais dissimulado dos criminosos. No asilo de Saint-Ylie, o incendiário mais característico é muito serviçal. Só há uma coisa

que pretende não saber fazer: acender uma estufa! Além da psiquiatria, a psicanálise clássica estudou profundamente os sonhos de fogo. Encontram-se entre os mais claros, mais nítidos, cuja interpretação sexual é mais segura. Não insistiremos, pois, sobre este tema.

»De fato, voltando para problema do fogo, a psiquiatria reconheceu a frequência dos sonhos de fogo nos delírios alcoólicos. Demonstrou que as alucinações liliputienses se achavam sob a dependência da excitação pelo álcool.»

Resumamos, pois, as causas profundas que criam ao *pirômano*:

a) *rechaço sexual*, suscitado por um puritanismo ardente, a vergonha da sexualidade, da nudez, e que conduz a uma intoxicação físico-psíquica pela não eliminação espermática. Esse seria o caso dos solitários (pastores, ascetas, etc.), ou dos puritanos; é o caso dos cristãos dos primeiros séculos; observar-se-á, além disso, que a piromania é uma tara essencialmente masculina. Isto explica o seguinte: a mulher, designada esotericamente como *Água*, tem medo do *Fogo*. O homem, designado por este elemento, converte-se em possesso senão o eliminar. Bachelard aproximou-se deste mistério;

b) *traumatismo psíquico*, provocado pela contemplação de um incêndio. Este é o caso do bombeiro pirômano, quão mesmo o do rebelde zelote que viu arder sua casa, seu povo. Também é o caso do pastor solitário, perdido na contemplação de seu fogo de lenha, ao longo das estações. E também o daquele que permaneceu em um certo infantilismo, e que admira as chamas. A este respeito, o cristão dos primeiros séculos, impregnado pela leitura ou a audição de suas Escrituras «incendiárias», é um pirômano em potência, condicionado por essas entrevistas;

c) *Impregnação alcoólica*, como era o caso de certos cristãos no curso dos *ágapes* rituais. Escutemos ao Paulo: «E quando lhes reúnem, não é para comer o jantar do Senhor, porque cada um se adianta a tomar seu próprio jantar, e enquanto a gente passa fome, outro está ébrio». (Paulo, I Epístola aos Coríntios, 11, 20-21.) E Judas, em sua única carta, dirá o mesmo: «Estes são os que mancham seus ágapes, quando com vós banqueteam sem recato, homens que se apascentam a si mesmos». (Epístola de São Judas, 12.)

Como alguns se mostrarão remissos a admitir que a embriaguez esteve à ordem do dia nos piedosos «ágapes» dos primeiros séculos, limitaremos a lhes assinalar este comunicado da *Cidade do Vaticano*, com data da segunda-feira 26 de outubro de 1970, e reproduzido ao dia seguinte no periódico *France-Soir*: «Umas pinturas murais inconvenientes foram descobertas este ano nas catacumbas de Roma. Mostram aos primeiros cristãos bebendo e festejando durante uns funerais. Ao revelar no sábado este descobrimento, o *Osservatore*

Romano, órgão do Vaticano, sublinha que essas pinturas não têm nada em comum com outros afrescos cujo tema é a celebração da missa por cristãos reunidos ao redor de uma mesa. O “inconveniente” para o *Osservatore Romano* é em especial “a abundância de garrafas em pé ou tombadas” representadas nessas cenas de banquete».

Evidentemente, nós gostaríamos de saber o que evoca o termo «*em especial*».

Convém observar, por certo, que tampouco Jesus escapou jamais a essa reputação. Lemos, por exemplo, o seguinte nos evangelhos canônicos: «Porque veio João, que não comia nem bebia, e diziam: Está possuído pelo demônio [...] E veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizem: É comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e de pecadores». (Mateus, 11, 18, e Lucas, 7, 33.)

São Jerônimo, em seu *Vulgata* latina, versão oficial da Igreja católica, emprega o termo *potator*, que significa «saco de vinho». Mas é evidente que uma reputação, embora ampliada ou exagerada, necessariamente tem um fundo de verdade. Que Jerônimo utilizasse os termos de *comedor e bêbado* posto em boca dos adversários de Jesus implica, no melhor dos casos, que comia exageradamente e bebia na mesma proporção. Coisa que não é própria da vida ascética para a que propõe a ele sempre como modelo.

Esta obsessão do fogo impregnará durante séculos às pessoas da Igreja pelos mesmos motivos. E assim o monge Bernard Gui, inquisidor, que viveu do ano 1261 aos 1331, e autor da célebre *Pratica officii Inquisitionis herético pravitatis*, declara em tal tratado, verdadeiro manual do inquisidor: «A finalidade da Inquisição é a destruição da heresia. A heresia não pode ser destruída sem que os hereges o sejam também, e isso não pode fazer-se mas sim de duas maneiras: mediante sua conversão ou mediante a *incineração carnal* atrás de seu abandono ao braço secular».

Mas foi sobretudo no século XV, na Espanha, onde o *fogo purificador e corretivo* recebeu uma aplicação quase litúrgica.

As incinerações dos hereges, dos judeus, dos ocultistas, foram qualificadas de *autos de fé*. Houve holocaustos destes cada ano, a data fixa. A essas execuções entre as chamas, e de periodicidade anual, as chamou *autos de fé particulares*. Por exemplo, na sexta-feira de Quaresma que precedia à Sexta-feira Santa celebrava-se com uma execução deste tipo. Aqui não se tratava já, portanto, de uma execução judicial, mas sim de um *sacrifício humano*, de um *holocausto de propiciação*.

Houve deste modo *autos de fé gerais*, com ocasião do advento dos soberanos, de seu matrimônio, do nascimento de cada um de seus filhos.

Algumas dessas cerimônias em várias cidades da Espanha ao mesmo tempo podiam permitir a incineração de uma centena de condenados. Em Sevilha estabeleceu-se ao efeito, fora da cidade, um patíbulo permanente, de pedra, sobre o que se erguiam quatro estátuas, em honra aos quatro evangelistas. Essas estátuas estavam ocas, e tinham um nicho em seu interior. Dentro delas se encerrava, devidamente encadeadas, às vítimas, às quais assim se queimavam a fogo lento, amontoando lenha ao redor da estátua oca.

Só na Espanha, a Inquisição fez queimar de 1480 a 1808 a 34.638 pessoas. O número das que morreram antes em sua masmorra, a consequência da tortura, ou que conseguiram felizmente evadir-se, e que foram incineradas *em effigie*, eleva-se a 18.049 pessoas. (Cf. J. Francais, *L'Église et la Sorcellerie*.)

Para o resto da Europa é difícil dar uma cifra. Sabemos, não obstante, por Barthélémy de Spins (cf. *Quoestio de Strygibus*, 1523, e *In Ponz inibi*, in *de Lamis Apologia*, S. d.), que só na província de Lombardia se queimou aproximadamente um milhar de mulheres das que se suspeitava que eram bruxas, cada ano, durante vinte e cinco anos. Isto supõe vinte e cinco mil mulheres em um quarto de século.

Ao enxofre por associa-lo ao fogo, conforme às Sagradas Escrituras, já que se revestia aos condenados com uma camisa lubrificada de enxofre, colocava-lhes uma mitra de pergaminho, também melada de enxofre, e o corpo também era lubrificado previamente com uma pomada de enxofre, sobre a base de banha de porco.

Assim, ao aliar o *enxofre* com o *fogo*, os juizes eclesiásticos obedeciam às prescrições do santo livro do Apocalipse, do que se proclamou autor Jesus: «Revelação de Jesus Cristo, *que Deus lhe confiou* para manifestar a seus servos o que tem que sobrevir breve [...] Bem-aventurado o que lê e os que ouvem as palavras da profecia, e *os que observam as coisas nela escritas*, porque o tempo está próximo». (Apocalipse, 1, 1 e 3.)

Estas coisas nossos inquisidores as conservavam piedosamente em seu coração. Por isso, quando as chamas das fogueiras alcançavam por fim o corpo do condenado, faziam-no sobre queimaduras já profundas, causadas pela repentina combustão da mitra e da camisa de enxofre, avivando assim as primeiras queimaduras.

Fazendo-o assim, não podia dizer-se que os versículos já citados do Apocalipse não afetassem àqueles aos que foram dirigidos. A profecia era verídica, ao menos no plano terrestre.

De tudo o que precede podemos tirar agora uma conclusão, ou seja, que essa obsessão pelo *enxofre* e o *fogo*, esses quadros grandiosos e trágicos, nos quais, como um afresco dantesco, pintava-se a destruição

do velho mundo mediante um gigantesco incêndio, tudo isso condicionou criminalmente à fração fanática do cristianismo, e foram, efetivamente, cristãos os que, cheios de ódio, incendiaram Roma.

Há alusões bastante claras para aquele que possua a suficiente intuição e perspicácia para penetrar, como um juiz de instrução, nas intenções que moviam a um escriba.

A confissão inconsciente de Simão-Pedro, supostamente morto em Roma no ano 64, ou mas bem daquele que, sob seu nome, redigiria mais sua tarde a primeira epístola, temo-la no quarto capítulo desta: «Não sintam saudades desse *incêndio que arde em meio de vós*, ordenado a sua prova». (I Epístola de são Pedro, 4, 12.)

As versões de *Segond, Osterwaid, Synodale*, falam de uma *fogueira*, mas é o mesmo. Mas essa alusão a um *perigo pelo fogo*, para os cristãos, demonstra que Simão-Pedro não foi o autor dessa Epístola. Porque se morreu em Roma no ano 64, imediatamente depois do incêndio e da primeira perseguição que se abateu sobre a comunidade cristã da cidade, não teve tempo de redigir essa carta, destinada a ser copiada em múltiplos exemplares, já que ia dirigida aos escolhidos estrangeiros da dispersão no Ponto, Galacia, Capadocia, Ásia e Bitínia». (*Op. cit.*, 1, 1.) A polícia romana não teria permitido que saísse.

E não podia falar antes de um *perigo pelo fogo*, já que ignorava que depois do incêndio Roma castigaria *pelo fogo* aos cristãos de tal cidade, segundo a lei que castigava aos incendiários.

Em realidade, a epístola foi redigida muito depois da segunda metade do século II, quer dizer depois do ano 150. Esta é também a opinião de Charles Guignebert, que observa que não se trata a não ser de uma simples repetição das teorias de Paulo, o que prova que é posterior à estas.

Mas esta epístola, atribuída falsamente ao Simão-Pedro, não só alude ao perigo de morte por fogo que ameaça aos cristãos, mas também implica para estes uma reputação de incendiários: «Porque nenhum de vós tem que *padecer como homicida ou ladrão, ou malfeitor, ou como intrometido no alheio* mas se *padecer como cristão, não se envergonhe*, antes glorifique a Deus *neste nome*». (I Epístola de são Pedro, 4, 15-16.)

É fácil constatar que, uma vez eliminados os diversos modos de cometer maldades correntes, não fica aos cristãos mais que um só campo onde possam machucar aos pagãos, *o de incendiários*.

E este epíteto permanecerá tão bem ligado à qualificação de *christiani*, que muito tempo depois do incêndio do ano 64, continuará qualificando-se à estes de *sarmentara, sarmentici*, quer dizer, «*que cheiram a heresia*», e de *semaxii*: «pilares de fogueiras» (cf. Tertuliano, *Apologeticen*, 50). Porque se todas as atividades que possam causar

dano evocadas na epístola estão proibidas aos cristãos, em troca não os proíbem o incêndio, já que este último está previsto pelas profecias, e fazendo-se incendiário atuará «pela glória de Deus».

Releiamos uma vez mais ao sombrio Tertuliano: «Estamos em todas partes, somos numerosos [...] Se não fôssemos a não ser tão somente um pequeno grupo, uma só noite e algumas tochas nos bastariam!». (Cf. Tertuliano, *Apologeticen*, XXXVII, 3.)

Por nossa parte, está entendido.

21 - Nero

Alimentada por trinta gerações de dramaturgos e de poetas, a visão de Nero tangendo a cítara sobre as ruínas de sua própria cidade (cujo incêndio fora ordenado por ele), moveu-me a investigar.

J.-C. Pichon, *Saint-Néron*

Os historiadores oficiais apresentam um Nero que foi uma mina para os romanos, os cineastas que sabiam aliar o erotismo popular e a imaginação cristã, e os dramaturgos desejosos de produzir seqüências inflamadas. Ernest Renán, em seu afã de fazer-se perdoar um *Jesus* pouco conformista, preocupado possivelmente por não cortar de todos os pontos com um universo católico, ainda muito poderoso em sua época, oferece-nos um *Antéchrist* que é a antítese perfeita de seu *Jesus* ingênuo e doce, algo assim como o contraste do vaso da esquerda com o da direita sobre o suporte de uma chaminé. Mas a realidade é imensamente mais complexa. Por que caminhos misteriosos *Lucius Domitius Ahenobarbus*, imperador sob o nome de Nero César, passou a ser, do homem doce e pacífico que era, ao personagem escandaloso dos últimos anos? Vamos dar já a resposta, pois assim o leitor compreenderá melhor o desenvolvimento deste trágico destino.

«Nero nasceu em Antium, nove meses depois da morte de Tibério, dezoito dias antes das calendas de janeiro, precisamente ao sair o sol, de tal sorte que seus raios o tocaram quase antes que à terra.» (Cf. Suetônio, *Vida dos doze Césares: Nero*, VI.)

Antium é uma cidade situada um pouco ao sul de Roma, a uns cinquenta quilômetros. Dezoito dias antes das calendas de janeiro significam em 14 de dezembro, mas do calendário Juliano. Acrescentemos onze dias para encontrar a data gregoriana exata, e temos em 25 de dezembro, dia da grande festa anual de Mitra, o deus protetor das legiões romanas, o «*Sol invictus*», que avança diante de suas bandeiras.

A hora natal de Nero, na latitude de Antium, é, pois, às 7.30 da manhã, e o Sol se encontra no quarto grau de Capricórnio. Damos a pé de página o tema astrológico do indivíduo, para aqueles leitores a quem interesse

este aspecto do estudo. Observemos, de passagem, que o tema *dado por Julevno no Tratado de Astrologia* (tomo I) é falso.*

*[Para o público, cada vez mais numeroso, que se interessa pela astrologia, damos a continuação das posições planetárias e a domiciliação do céu natal de Nero, segundo os dados de Suetonio: AS: 3°46 de Capricórnio — II: 14° Aquário — III: 26° Peixes — FC: 29° Áries — V: 23° Touro — VI: 14° Gêmeos — VII: 3°46 Câncer — VIII: 14° Leão — IX: 26° Virgem — MC: 29° Libra — XI: 23° Escorpião — XII: 14° Sagitário — Sol: 3°55 Capricórnio — Saturno: 10° Capricórnio — Marte: 22° Aquário — Netuno: 9° Peixes — Lua: 9° Leão — Vênus: 5° Libra — Urano: 21° Libra — Júpiter: 17° Escorpião — Mercúrio: 19° Sagitário — ARMC: 13 h 46, T. S.: 18 h 16 — Latitud: 41°54. Observem cuidadosamente neste tema os *antiscios e contraantiscios*; são importantes. Assim, o *antiscio* de Vênus na cúspide da casa III do céu mostra que o indivíduo *amará à seus irmãos*, o que confirma que não foi Nero que mandou envenenar à Britannicus, seu irmão.]

Na casa IX do céu encontramos a estrela Zosma, *delta* de Leão. Segundo a tradição clássica, faz prever: «Egoísmo, impudor, imoralidade, *perigo de envenenamento, perturbações cerebrais*».

E agora voltemos a ler Suetonio em seu quarto livro, consagrado à Calígula: «Não obstante, algumas vezes, presa de um súbito desfalecimento, logo que podia andar, manter-se em pé, voltar em si, sustentar-se. Quanto a sua desordem mental, ele mesmo se deu conta, e mais de uma vez projetou se retirar para limpar o cérebro. *Acredita-se que sua esposa Caesonia lhe fez tomar um filtro, e que este lhe fez enlouquecer*. Sofria especialmente de insônia, já que não dormia mais de três horas por noite, e nem sequer esse repouso era completo, a não ser turbado por estranhas visões. Uma vez, entre tantas, sonhou que conversava com o Espectro do Mar. Pelo comum, farto de estar deitado e em vigília, passava grande parte da noite sentado na cama, ou vagava através dos imensos pórticos, esperando e invocando incessantemente ao dia». (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Calígula*, livro IV, 50.)

Naquela época havia em Roma uma célebre envenenadora, Locusta. A esta a condenariam a morte no ano 68, sob o reinado de Galba. Antes de morrer confessaria, sob tortura, que fizera perecer ao Britannicus. Como não lhe pediram detalhes sobre suas relações com Caesonia, não existe a não ser uma presunção de que também ela proporcionasse o veneno que ficou louco Calígula.

Observemos, de todo modo, que as solanáceas ocupavam uma parte importante da composição dos filtros mortais, já que provocavam uns transtornos prévios que podiam fazer acreditar em uma enfermidade cerebral. Mas se o filtro era insuficiente, se o indivíduo, tratado a tempo,

podia escapar à morte, ficavam não obstante seqüelas graves, das quais sempre resultavam perturbações mentais. O mesmo acontecia com a ingestão de venenos a base de mercúrio, que danificavam lenta mas irreversivelmente o cérebro.

Pois bem, fazendo caso omissis do que diz o tema astrológico de Nero, a ameaça de *morte por parte de sua mãe*, representada pela Lua na casa VIII do céu, opondo-se a Marte, senhor por «exaltação» do Ascendente, não deixa de ser certo que esta mãe, sedenta de dominação e de poder, não vacilou para chegar à seus fins em tentar seduzir a seu próprio filho, oferecendo-se em pleno dia engalanada e com adorno próprio para o incesto (cf. Tácito, *Anais*, XIV, 2), essa mulher que, já em sua infância, prostituiu-se ao Lépido por ambição de reinar, e logo, pela mesma razão, ao liberto Palante, que organizara o assassinato de Claudio, e logo o de Britannicus; esta mulher começará a odiar a seu filho a partir do momento em que o proíbe misturar-se nos assuntos do Estado. Todos sabem-na capaz de qualquer crime, e Séneca e Burro, que foram os preceptores de Nero e logo seus conselheiros, advertem-lhe sem cessar do perigo que corre. Burro, prefeito do pretório, raciocina como um guerreiro, e Séneca como um filósofo: da rainha mãe ou dele, alguém deve desaparecer.

Mas antes de que esse demônio em forma de mulher pudesse reduzir-se a um estado em que não pudesse causar mais dano, este já parecia. Claro que Agripina possivelmente não queria a morte de seu filho. Sabia que um novo imperador não lhe deixaria nenhuma possibilidade de reinar. Mas se Nero, demente por causa de um veneno bem composto, perdia todo o controle e se afastava do povo, bastaria deixando-se inundar cada vez mais no desenfreamento e na embriaguez para poder governar o império em seu lugar. Mas esse plano não obteve seu fim nem pela metade; quando Nero se resignou a fazer desaparecer ao monstro que tinha por mãe (e a quem, não obstante, tanto amara), já era muito tarde, e o golpe tinha sido já atirado.

O que é certo é que a execução de Agripina em uma época em que tais medidas eram coisas normais e comuns, jamais lhe seria reprovada por Nero. A sua volta à Roma, o povo aclama ao imperador, e o Senado o glorifica por sua decisão, já que Agripina era objeto de um ódio geral.

Assim, podemos dissociar já a vida de Nero em duas partes: alguém cobrirá seus anos de bom julgamento, a outra os de sua loucura.

Na primeira parte situa-se a misteriosa morte de Britannicus. Esta fração da vida de Nero se estende até o ano 64, data do incêndio de Roma. Deste comportamento dirá Séneca: «Tem-te proposto, César, uma meta que nenhum príncipe alcançou jamais: a inocência de todo crime». Então? Nero respondeu um dia, aprazível, aos rumores que pretendiam

que ele envenenara ao Britannicus: «Se eu temesse meu irmão, por que não teria que havê-lo condenado abertamente? Por que teria que temer eu à lei?».

De fato, esse crime terá que imputá-lo à Agripina. Tácito e Suetonio precisam que o veneno fora preparado por Locusta. Mas para que esta mulher continuasse em Roma, apesar de sua terrível reputação, era preciso que estivesse protegida por poderosas influências, muito acima das leis. Por outro lado, foi Locusta quem, por ordem de Agripina, procedeu ao envenenamento de Claudio. Locusta era da rainha mãe, não de Nero.

Acabamos de demonstrar, em nossa opinião, que Nero não interveio em nada na morte de Britannicus; demonstramos que a execução de Agripina, desejada pelo Senado e o povo romano, fora aconselhada por duas consciências íntegras, as de Séneca e de Burro; demonstramos que o incêndio de Roma foi obra de cristãos fanáticos, e que Nero, ausente de Roma durante os quatro primeiros dias (estava em Antium), em princípio ignorava o fato. A morte de Popea, a consequência de uma patada no ventre, foi acidental, e Nero já estava às vezes meio demente.

Agora vamos partir em busca do jovem imperador que, senão tivesse uma mãe demoníaca, possivelmente tivesse eclipsado à Marco Aurelio, senão por seus escritos, sim por seus atos.

Porque a esta mãe ele a tinha amado enormemente. A mesma noite do assassinato de Claudio (organizado por Agripina), depois de seu próprio «triumfo», deu ao guarda pretoriana como contra-senha: «*A melhor das mães*», em latim «*Optimae matris*». (Cf. Tácito, *Anais*, XIII, II.)

O período fasto do reinado do Nero se estende, pois, do ano 54 aos 63 inclusive. Tal como observa com bastante justiça Jean-Charles Pichón em seu *Saint-Néron*: «Na primavera do ano 64, Nero ainda não era esse sádico e esse criminoso que se pretende ver nele. Ao inteirar do suicídio de Torcuato, o imperador disse: “Embora culpado, viveria se esperasse a clemência de seu juiz”. Mas já era, indubitavelmente, esse incrível histrião cujo único prazer parecia ser o de surpreender à seus amigos, escandalizar ao povo e irritar ao Senado».

Terá que dizer, com efeito, que em todo esse período que vai do ano 54 aos 63 não se encontra nenhum rastro das orgias tão bem utilizadas pelo cinema. Nem Suetonio nem Tácito nos falam delas. Quando Nero se aborrece, retorna ao Antium, a cidade de sua infância, a cidade mimada a que embeleza sem cessar, onde pinta, esculpe, redige e compõe poemas e cantos, na paz e a doçura de viver. Porque Nero foi realmente um artista, o que explica sua doçura inata, seu horror ante a violência, o sangue. Às vezes inclusive sonha abdicando, o que lhe permitiria viver de seus dons, como um homem livre, como um esteta. E por pouco não

aconteceu assim um dia, depois de uma cena violenta que lhe fez Agripina, porque acabava de expulsar do palácio ao liberto Palante, seu amante. Seu sonho era retirar-se à Grécia, pátria das artes e da sabedoria, à seus olhos.

Mas, alegar-se-á o que tem que os suplícios infligidos aos cristãos depois do incêndio de Roma no ano 64? Há dois modos de resolver este enigma.

Ou a investigação foi levada a cabo *ipso facto* pelas autoridades romanas, sem ter tido que referir-lhe ao imperador, conforme correspondia à suas funções e suas responsabilidades, assim como ao crime cometido. Detenções, interrogatórios, novas detenções de pessoas denunciadas, condenações automáticas dos incendiários, às quais seguiam execuções legais. E o que a legislação romana previa no caso de pirômanos era a morte na fogueira. Não foram inovadores com os cristãos.

Ou não conhecemos a verdade sobre este assunto. Porque, repitamo-lo, os manuscritos originais de Suetonio e Tácito se perderam, só possuímos cópias medievais, obras de monges copistas, e indubitavelmente censuradas e interpoladas.

Porque, apesar de tudo, há uma coisa muito curiosa: nem Tertuliano nem Orígenes nos falam desses cristãos costurados em peles de animais recém esfoladas, contra as quais se lançam matilhas de cães ferozes, nem desses outros, embutidos em roupas meladas de matérias inflamáveis e ardendo como tochas nos jardins imperiais. E Eusébio da Cesaréia, em sua *História eclesiástica*, menciona Nero como o primeiro imperador que perseguiu os cristãos, mas não cita esses detalhes, mas sim o faz vagamente, mencionando só a morte de Paulo e de Pedro. E mais, *permanece mudo no que diz respeito ao incêndio de Roma*. E Flavio Josefo, ao falar de Nero, ao criticá-lo, faz o mesmo: *também ignora o incêndio*.

Sobre esta perseguição que seguiu ao incêndio de Roma, observemos que só se aplicou aos cristãos *da cidade*, e não se estendeu aos da província. Quanto a sua importância, Tertuliano nos diz simplesmente que «sob o Nero se fez perecer *pela espada* a um *pequeno número* de cristãos». (Cf. Tertuliano, *Apologeticen*, V, 3.) Achamo-nos muito longe dos habituais filmes de propaganda...

O silêncio de Tertuliano (quem redigiu seu *Apologeticen* por volta do ano 197 de nossa era, quer dizer 133 anos depois do incêndio), o de Orígenes (morto no ano 254) e o de Eusébio da Cesaréia (morto no ano 340) sobre um acontecimento tão grave como o incêndio da capital do Império romano, *imputado aos cristãos*, fonte e causa da primeira perseguição, não podem explicar-se a não ser de uma só maneira. *Todos*

falaram disso, e Tertuliano mais que os outros, pois já tinha feito alusão a isso em seu *Apologeticen*, com sua ameaça: «...Uma só noite e algumas tochas bastariam!» (Op. cit., XXXVII, 3), mas todos falaram de uma maneira pouco ortodoxa aos olhos dos monges copistas que os transcreveram mais adiante. E se limitaram a suprimir as passagens que consideraram «escandalosos», por citar São Jerônimo censurando Orígenes.

Assim, censuraram Tertuliano, Orígenes e Eusébio, e interpolaram Suetônio e Tácito. Desde onde essa contradição nos testemunhos destes autores. Porque na época em que puseram ao gosto do dia aos autores antigos, tão pagãos como cristãos, pelo que se tratava era de pôr de manifesto que o cristão barbudo, cabeludo e cordeiro, triunfava simplesmente com sua doçura e resignação sobre o paganismo persecutor, o que demonstrava, sem discussão possível, a intervenção divina em favor da nova religião.

Quanto ao fanático da realidade histórica, tanto se se tratava do zelote judaico como do cristão exaltado pela promessa da «volta» de Jesus sobre as nuvens, muito próximo, segundo as sagradas escrituras, não terá que falar mais dele. Esse tipo particular deve desaparecer discretamente da história, só deve permanecer o mártir, que passa meigamente a mão sobre a crina do leão que lhe arranca o braço.

Voltemos para Nero. Suetônio nos conta que Tibério tinha pronunciado estas terríveis palavras: «Que depois de mim, arda Roma!». (Cf. Suetônio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 38.) E Roma tinha ardido, devastada por um terrível incêndio que tinha consumido o Circo e todo o Aventino. E Tácito nos diz que «esse desastre tornou-se glória para o Nero, quem indenizou todas as casas incendiadas». (Cf. Tácito, *Anais*, VI, 45.)

Nada parecido acontece com o Nero. Não só não é o autor do incêndio, não só não está em Roma e o ignora durante os quatro primeiros dias, mas sim logo adota todas as medidas em favor das vítimas. Mas a classe dirigente de Roma, servirá-se do incêndio para afundar ao homem ao qual odeia, e para tentar aniquilar uma seita que lhe parece extremamente perigosa para seus interesses e suas tradições.

E aqui temos ao verdadeiro Nero, leitor. Não se parece em nada à caricatura que lhe foi apresentada até agora nas telas...

Um dia, no princípio de seu reinado, Agripina obteve dele uma condenação de morte. Ante todos os assistentes, estupefatos, e que logo dariam testemunho disso, Nero depositou o «estilo» com o que se dispunha a assinar, e murmurou, abatido: «Ai! Por que me ensinaram a escrever!». (Cf. Suetônio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 10.) E isso porque aquele homem era verdadeiramente um criminoso.

Sua mãe era odiada tanto pelo Senado como pelo povo. Para protegê-la melhor, deu-lhe um guarda germânico, mais seguro que o guarda pessoal de Agripina, composta por romanos, conforme nos continua dizendo Tácito.

Sila, cunhado de Octavia, primeira esposa de Nero, fomentou uma conjuração, sem dúvida de acordo com esta, e projetou assassinar ao imperador para ficar com o poder. Uns homens armados atacaram a escolta de Nero, no caminho que tomava habitualmente para retornar ao entardecer ao palácio. Mas o imperador, naquela noite, visitava os jardins de Salustio, em Príncius. Não se inteirou do atentado frustrado até sua volta, de boca dos sobreviventes da matança. Contra todas as regras mais elementares da justiça, contra a opinião de Séneca e de Burro, seus sábios conselheiros, *contra seu dever de imperador*, negou-se a mandar julgar à Sila, e se contentou afastando-o de Roma e colocando-o em Massilia (Marsella) em residência forçosa, onde este, com toda tranqüilidade, pôde prosseguir com suas conspirações, que, claro está, um dia tiveram êxito.

Quando se viu obrigado a permitir que suprimissem a sua mãe, por causa dos perpétuos complôs desta contra sua própria vida, retirou-se à Baules para chorá-la, e logo a veria, em seus sonhos, lhe perseguindo com um látigo.

Não retornou à Roma até outono do ano 59, com o fim, conforme disse, de lutar contra os jogos cruéis e selvagens de Circo, e ali instituiu uns *Jogos* que levariam seu nome. Neles se celebraria a poesia, a música e os esportes harmoniosos, como na Grécia. Para isso mandou construir um recinto especial no Campo de Marte. Esta inovação causou escândalo. Sob o pretexto de que os combates sangrentos do Circo e a desumana crueldade dos espectadores formavam virilmente à juventude, a aristocracia romana e os elementos conservadores lhe reprovaram que os abrandasse. Chegaram até lhe fazer responsável pelo que acontecia, ao cair a noite, depois desses *Jogos Florais* antecipados, entre jovens moços e moças.

Plauto, neto de Druso e bisneto de Tibério, e por conseguinte com direito a aspirar ao império, homem muito reacionário, organizava conjurações sem ocultá-lo o mínimo. Nero, avisado e posto em presença das provas de tal conjuração, negou-se a entregá-lo à justiça. Contentou-se dizendo-lhe que se afastasse de seus maus conselheiros e que se retirasse à seus domínios da Ásia Menor. Plauto continuou ali com suas conspirações durante três anos, nos quais manteve correspondência com seus cúmplices, e levantou tropas mercenárias clandestinas, até tal extremo que Nero, no ano 62, teve que abandoná-lo à justiça, que condenou a morte. E Tácito observa: «Quando não pode impedir uma

condenação, dá tantas aberturas que o acusado tem tempo de morrer de velho!». (Cf. Tácito, *Anais*, XIII, 33.)

Esse mesmo ano 62, Sila, livre na Marsella de continuar com suas conjurações (também ele, como Plauto, aspirava ao império, já o dissemos), conspira com os tribunos das legiões aquarteladas em Galia. Gasta uma verdadeira fortuna para formar um exército. A justiça romana nem sequer pode capturá-lo, já que é virtualmente inacessível e está muito bem protegido. Para desfazer-se dele, Nero terá que permitir que seja assassinado por assassinos a salário, contratados pelo prefeito do pretório.

Ante as conspirações de seu cunhado. Nero resigna-se por fim a afastar a sua esposa, Octavia, a repudiá-la e a casar-se com Popea, sua amante. Exílio dourado: Octavia está plena de riquezas e posses, e possui um palacete em pleno centro de Roma. Tudo em vão, porque três semanas depois, a tarde em que teve lugar o matrimônio de Nero e Popea, Octavia arengou às multidões do terraço desta mansão, amaldiçoando Nero e condenando-o às Fúrias. E este último ponto teria permitido então que lhe aplicasse a *Lei das Doze Pranchas*, o que implicava a condenação a morte.

Popea inteira-se de que Octavia planeja assassiná-la ou envenená-la. Queixa-se disso ao Nero. Este, uma vez mais, recusa cortar pela raiz e entregar Octavia à justiça, sabendo que esta aplicará a mesma *Lei das Doze Pranchas* com todo seu rigor. Limita-se a colocar a sua ex-esposa em residência obrigatória na ilha de Pendataria, ao leste de Baules, e lhe dá a suntuosa mansão em que tinha habitado Julia, a filha de Augusto. O encarregado de conduzi-la ali será Aniceto, almirante da frota imperial. A sua volta, este, horrorizado, irá confessar ao Nero que, durante a travessia, Octavia lhe adulou, embriagou-lhe e se entregou a ele, antes de lhe pedir que fomentasse uma rebelião na frota romana e assassinasse ao imperador.

Desta vez Nero não pôde escapar à suas responsabilidades. Em 9 de junho, uns mensageiros levaram Octavia à ordem e pôr fim a seus dias. Como esta se negou, uns médicos tiveram que sujeitá-la estendida, atada, e abrir-lhe as veias. Segundo o costume legal da época, levariam sua cabeça ao imperador, que se negou a vê-la. Só Popea a contemplaria, longamente, em silêncio.

Em matéria de política interior a ação de Nero foi excelente. No ano 63, um ano antes do incêndio de Roma, e das pretendidas atrocidades contra os cristãos da cidade. Nero fez admitir à cidadania romana aos habitantes dos Alpes Marítimos. Mandou lançar ao mar o trigo quebrado que vendiam os traficantes sem escrúpulos, e paralelamente proibiu aumentar o preço dos cereais. Censurou aos príncipes vassalos do

Império romano cujos dispêndios ultrapassavam os ganhos. Decidiu pagar cada ano ao Estado uma soma de sessenta milhões de sestércios, tirados de sua própria fortuna.

Nero, apaixonado pela justiça, sensível às desgraças da infância, proibiu as adoções fictícias, simuladas ou provisórias, mediante as quais os solteiros tinham direito a compartilhar as questões e os cargos governamentais reservados aos pais de família. «Porque as promessas da lei não são a não ser uma pura zombaria, desde que se atribui as vantagens de uma paternidade real com a ajuda desses meninos, que não custam nada, e aos quais logo se perde sem nenhum pesar», declarava.

Illium, Apamea e Bolonha foram destruídas por incêndios (cf. Tácito, *Anais*, XII, 58). A pedido de Nero, Bolonha recebeu uma ajuda de dez milhões de sestércios, Apamea foi descarregada de todo tributo durante cinco anos. A ilha de Roda obteve sua independência municipal (cf. Suetônio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 7.)

O imperador se granjeou um pouco mais a inimizade da classe rica e dominante ao decretar que o prefeito de Roma, a partir de então, deveria dar curso às questões que lhe apresentassem os escravos, por causa da injustiça ou os maus entendimentos de seus amos. A este respeito mostraremos como paralelismo as decisões do Concílio de Reims, que, no ano 625, decretou em um de seus cânones que «os escravos não seriam recebidos como acusadores» (cf. Migne, *Dictionnaire des Incite*, tomo II.)

Que não nos digam que esse concílio foi de pouca importância, já que agrupou 41 bispos, cinco dos quais foram logo santificados pela Igreja. Recordemos o nome desses que se consagraram ao dever de ser menos humanos que Nero: São Sindulfo, bispo de Viena; São Sulpício, bispo de Bourges; São Modoato, bispo de Tréveris; São Cuniberto, bispo de Colônia, São Donato, bispo de Besancon.

***[Recordemos deste modo que o Papa Leão X, o da «fábula» de Jesus, tinha declarado legítima a escravidão para os negros, já que, como não eram cristãos, não estavam «qualificados para ser livres». Além disso, a revelação do Evangelho «lhes compensaria a perda de sua liberdade». É por isso que, até o ano 1813, em Córdoba, Argentina, os *Missionários da Fé* se dedicaram à criação de formosas mestiças que, educadas e adestradas, eram logo vendidas por eles aos ricos proprietários de fazendas.]**

Nero queria suprimir todas as taxas sobre as mercadorias, mas o Senado se opôs. Ordenou então que os recolhimentos esquecidos não fossem exigidos transcorrido o prazo de um ano. Ordenou, do mesmo modo, um descida importante das taxas percebidas em ultramar pelo

transporte de trigo. (Cf. Tácito, *Anais*, XIII, 50.)

Nero, como se sabe, tinha horror ao sangue. Proibiu aos governadores de província que dessem combates de gladiadores, e Suetonio reconhece que, em toda sua vida, Nero não deu a não ser um único combate, no qual proibiu matar a ninguém, nem sequer a condenados. (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 12.) Tudo isto fez que a plebe, entusiasta dos selvagens jogos circenses, voltasse-se contra ele.

Apaixonou-se também pelas teogonias estrangeiras, documentou-se sobre a religião e as doutrinas dos druidas, conversava com um filósofo alexandrino, um poeta grego. Apesar da severidade das leis romanas, tolerou a extensão de uma religião estranha em seu próprio palácio, fechando os olhos à ação dos propagandistas cristãos entre sua servidão. Quando Séneca desejou abandonar a corte imperial, assustado pelo ódio que Nero acumulava em torno de si por causa dessas medidas que, embora lhe fizessem honra, chocavam-se contra os interesses egoístas de tantos privilegiados e privavam à plebe de suas selvagens diversões no Circo, Nero não lhe deixou partir. E para mantê-lo perto, teve umas palavras de estranha elevação para seus vinte e seis anos: «Tudo o que minha situação reclamava de si, tem-no feito. Sua razão, seus conselhos, seus preceitos, rodearam com solicitude minha infância, logo minha juventude. E os serviços que me tem feito permanecerão presentes em meu coração enquanto viva. Dá-me vergonha recordar os nomes de libertos cuja fortuna se eleva visivelmente por cima da sua. Sinto-me inclusive avermelhar ao pensar que você, o primeiro em minha ternura, não supera ainda em fortuna a toda essa gente [...] Mas o vigor de sua idade alcança ainda para os assuntos e as vantagens que dão, enquanto que eu, eu dou meus primeiros passos na carreira imperial [...] Porque, se for certo que às vezes posso escorregar por quão pendente arrasta à juventude, não está você aí para me deter? Por que não sustentar com seus conselhos à força que eu devo à idade? Por que não dirigi-la com mais zelo que alguma vez? [...] Mesmo que se elogie um dia seu desinteresse, jamais estaria bem a um sábio perder um amigo de reputação para assegurar a glória». (Cf. Tácito, *Anais*, XIV, xVI, 56.)

Quando se queimou Roma, no ano 64, seus atos foram os de um verdadeiro imperador: «Para tranquilizar ao povo, que errava sem asilo. Nero lhe abriu o Campo de Marte, os monumentos e seus próprios jardins. Ordenou que se construíssem casas provisórias para os mais indigentes, fez chegar mobiliário de Ostia e das cidades vizinhas, e mandou reduzir o preço do trigo à três sestércios». (Cf. Tácito, *Anais*, XV, xxx, 39.)

Rechaçou as estátuas de ouro que o Senado romano queria lhe erigir

em testemunho de gratidão pela grandeza de seu reinado.

Mas o ódio que os aristocratas e os plebeus enriquecidos sentiam para Nero, por essas medidas que machucavam seu orgulho e alteravam seus costumes, não cedeu. E vemos como Suetonio, em seu sexto livro, reprova-lhe essas mesmas medidas em favor do povo miserável e da higiene (porque Nero foi um excelente urbanista): «E para não perder nem sequer esta ocasião de recolher tanto troféu e despojos como pudesse, prometeu que faria retirar gratuitamente os cadáveres e os despojos, e não permitiu que ninguém se aproximasse dos restos de seus bens. Logo, não contente aceitando contribuições particulares, exigiu-as, com o que reduziu quase à ruína à províncias e à particulares». (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 38.)

A avareza da alta sociedade romana era legendária; salvo para alguns libertinos como Petronio, o ouro capturava às almas. E daí seu julgamento sarcástico: «O universo está em mãos dos romanos vitoriosos; possuem a terra e o duplo campo dos astros, mas jamais estão saciados. Cada novo império, cada tesouro, suscita uma nova guerra! Os gozos, uma vez postos ao alcance de todos, já não têm encanto, os prazeres se desgastaram em gozos plebeus, e o mármore que você acaricia, um simples centurião o acariciou antes que você [...] Do que servem essas pérolas que lhe são tão queridas? Do que serve sua gema da Índia? É para que uma mãe de família, ornada de pendentos marinhos, levante suas coxas sem pudor sobre um rico cobertor do Oriente? Para que a verde esmeralda? Para que desejas os fogos que arroja a pedra de Cartago? Indubitavelmente, não para que sua virtude resplandeça à luz dos diamantes! [...] É justo revestir a uma mulher casada com umas roupas que não são a não ser um sopro, e que se mostre nua sob uma nuvem de linho?». (Cf. Petronio, *O Satirizem*, 55.)

De modo que todas essas medidas em favor da cidade em ruínas, e sobretudo em favor desses seres humildes aos quais os romanos não concediam sequer um olhar, todos esses gastos que eles consideravam inúteis, não os perdoarão ao Nero.

Mas a debilidade do imperador para aqueles que, sem cessar, conspiraram contra sua vida, terminará por dar a razão à vigilância de que era objeto por parte de seus amigos mais abnegados. Em um só ano, de outono do ano 65 a outono do 66, encontraremos a conspiração de Cayo Longino, ex-governador de Síria, e de Lucio Silano, descendente de Augusto; a de Antistio Veto e de todos os seus; a de Escápula, prefeito das cortes pretorianas, e de Publio Anteio, antigo familiar de Agripina; a dos superviventes da conspiração de Pisón, em que participará Petronio. Este, ao ser denunciado por um de seus escravos, e ao receber uma ordem de Nero de não acompanhá-lo à Nápoles, aonde deviam ir juntos,

teve medo e se abriu as veias.

Tal debilidade está ligada ao temperamento artístico e sensível de Nero. «Não mandava procurar os autores dos epigramas injuriosos, e inclusive, quando alguns deles eram denunciados ante o Senado, proibia que lhes castigasse severamente.» (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 39.)

Logo, para o final de sua vida, humilha-se; poderia acreditar-se que tinha lido a Epístola aos Romanos desse Saulo-Paulo a quem a clemência imperial tinha absolvido uma primeira vez: «lhes deixe atrair pelo que é humilde e não aspirem ao que é elevado». (*Op. cit.*, 12, 16.) Leva os cabelos longos, como os judeus, ele, que antigamente se fazia cortar e modelar os cabelos diariamente, ao uso romano. Mostra-se em público sem cinturão, descalço, com um simples lenço atado ao pescoço. Trabalha com os pedreiros, dirigindo a enxada e enchendo de terra e de pedras o cesto de vime que logo transportará também ele mesmo. (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 23-24, 51, 19.)

Isto não fará a não ser conseguir que a aristocracia romana lhe odeie um pouco mais. E, sobretudo, não lhe perdoará quão medidas adota em favor dos escravos. Com efeito, Nero tinha retirado aos amos o direito de vida e de morte sobre esses desgraçados, e proibiu deste modo o abandono ou o repúdio longe da cidade do escravo muito velho ou doente, e que, por esse motivo, não quer continuar alimentando-se mais.

Essa humildade, essa doçura, essa renuncia à glória imperial, esse horror ante o sofrimento e o derramamento de sangue, tudo isso desembocará, através de uma espécie de masoquismo mórbido, em um afeminado que causará escândalo. Nero terá aventuras homossexuais. Mas nisso não faz a não ser seguir os costumes de sua época, costumes das quais os imperadores que lhe precederam não se privaram jamais. Não poderia, pois, reprova-lo tal coisa.

De todo modo, cansado da incompreensão de uma plebe a que quer aliviar de seus maus e liberar de sua crueldade, farto do ódio de que é objeto por parte da alta sociedade romana e os arrivistas enriquecidos. Nero se abandonará. Incomprendido por todos, refugia-se na bebida. Se se tiver em conta essa desordem psíquica que se vai agravando de mês em mês, vemos que o beber não arruma nada. O veneno surte efeito, o baço também, e só o desenfreio e as orgias permitem ao imperador esquecer um momento essa túnica de Nero em que se converteu para ele a púrpura imperial. E é essa decadência, sabiamente alimentada por seus desconhecidos adversários, a que conduzirá ao imperador a seu fim.

Três efígies de Nero fazem compreender essa progressiva degradação. Aos vinte anos, um rosto sereno, com a barba como colar, oferece-nos

ao discípulo dócil e cheio de admiração, da Sêneca. Leva a bondade e a indulgência em seu sorriso tímido. Logo lhe vemos alguns anos mais tarde: barbeou-se, o rosto está rejuvenescido, não aparenta apenas sua idade e o sorriso é ainda mais aberto, é o sorriso de um homem bom, que ama profundamente aos homens. Por último, a última imagem do imperador mostra a um Nero impreciso e pesado, com o olhar vago, volta para o céu, como se pressentisse que, para ele, estava a ponto de terminar seu papel aqui.

Porque Sêneca tinha morrido no ano 66, comprometido no complô de Pisón. Burro também tinha morrido, em 62, quatro anos antes que seu amigo Sêneca. Diz-se que envenenado. Mandava o guarda pretoriano, como prefeito do pretório. Era o juiz imperial de todos aqueles que tinham feito a «apelação ao César». Foi ele quem absolveu a Saulo-Paulo durante seu primeiro processo.

Agora era Ofônio Tigelino, um antigo traficante siciliano, quem se achava ao mando dos pretorianos, e também era responsável pela segurança do imperador. Foi o amante de Agripina em tempos de Calígula, e por isso conheceu o exílio. Quando esta se converteu em esposa de Claudio César, apressou-se a fazer voltar para Roma a seu antigo amante, convertido agora em seu cúmplice. E este destruiu pouco a pouco, na alma de Nero, os ensinamentos de Sêneca. Era seu conselheiro em matéria de prazeres e de vícios. Não obstante, como temia ao imperador, e como se lembrava de seu exílio, deixava-lhe acreditar na felicidade das pessoas, jamais lhe revelou os progressos do ódio que, cada dia mais, espreitava ao palácio imperial, inclusive depois das fronteiras. Possivelmente inclusive lhe animou por este caminho que adivinhava que a um César resultaria fatal, já que um dia, em suas loucas esperanças, Nero diria: «Não se sabe quanto lhe é possível a um príncipe». Ignora que os únicos amigos sinceros que ficam são esses escravos e esses libertos aos que ele tirou do sofrimento e da miséria.

Essa benevolência que manifestou para com todos os romanos, Nero a fez extensiva a todo um povo estrangeiro. O *discurso de Nero em Corinto*, gravado em uma lápide comemorativa, foi descoberto em Karditza em 1888. E nesse discurso. Nero acrescenta ainda mais glória à Roma, igualmente à majestade imperial: «Vós todos, helenos, que habitam em Acaia, ou na terra chamada até agora de Peloponeso, recebam, com a isenção dos tributos, a liberdade que nos dias mais afortunados de sua história não possuíram jamais todos juntos, vós que foram escravos, uns ou outros. Ai! Se eu tivesse podido, nos tempos prósperos de Hélade, dar este curso a minhas bondades para poder ver gozar delas a um número maior de homens! Estou molesto com esse Tempo que, ao adiantar-se me mingou a grandeza de semelhante boa

ação [...] Mas dou graças a Deus, cujo amparo sinto sempre, tanto em terra como no mar, por me haver dado apesar de tudo a ocasião de realizá-la. Houve cidades que receberam de outros príncipes sua liberdade [...] Nero a concede a toda uma província». (Cf. Maurice Holleaux, *O Discurso de Nero à Conrinthe.*)

O imperador volta para a Grécia em fevereiro do ano 68. Tem em sua mente um grande projeto. Obtém dos proprietários os melhores de seus escravos, aos quais escolhe entre os mais cultos. Procedeu a fixar um imposto sobre o capital, e deduz dos proprietários o valor de um ano inteiro de aluguel. Obtém deste modo uma soma enorme, que sobe a dois mil e duzentos milhões de sestércios. (Cf. Tácito, *Histórias*, I, 10.) *E a distribuí entre os humildes, quer dizer, entre os libertos e os escravos*, enquanto ele mesmo se vê na obrigação de diferir o pagamento dos legionários e as pensões aos veteranos. (Cf. Suetônio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 32.) Aos escravos que tirou das casas dos ricos proprietários *os manumite*, e forma com eles coortes de tropas que têm por objeto reprimir e castigar aos maus amos que tiranizam, ou inclusive martirizam, a seus escravos, aos avaros que regateiam seus óbolos aos templos religiosos, etcétera.

É todo um mundo, corrompido e desumano, o que Nero pretende reformar. A resposta não se fará esperar. Igual a toda empresa deste gênero, os elementos reacionários confiarão ao exército a tarefa de varrer aos «repartidores». E terá lugar a insurreição de Cayo Julio Vindex, governador de *Gallia Lugdunensis*, a Galia lionesa. O Senado decreta que Nero será executado segundo o antigo costume romano: com o pescoço agarrado em uma forca, e as costas curvada em dois, nu, será flagelado até que se produza a morte, com látigos de chumbo.

Nero fugirá de Roma em 9 de junho do ano 68, e se refugiará nos subúrbios. Decide dar-se morte para evitar esse terrível suplício, mas vacila. Então Epafrodito, seu relator do Conselho de Estado, que provavelmente foi o auxiliar de Saulo-Paulo chamado na Epístola aos Filipenses (2, 25, e 4, 18), precipita-se sobre ele e lhe afunda uma adaga na garganta.

No mesmo instante, forçam a porta da moradia e entram os legionários na estância. O centurião que as manda se precipita para Nero e, com seu manto de regulamento, tenta deter o sangue e obturar a ferida: «Muito tarde, murmura Nero, essa é sua fidelidade?». (Cf. Suetônio, *Vida dos doze Césares: Nero*, 49.)

O imperador teve funerais dignos da púrpura imperial, como segue relatando Suetônio: «envolveu-se seu cadáver nos cobertores brancos recamados de ouro que lhe tinham servido o dia das calendas de janeiro. Seus restos foram encerrados por suas amas de cria, Eglogé e

Alexandria, ajudadas pela concubina de sua adolescência, Acté, na tumba da família dos *Domitii*, que se vê do Campo de Marte, na colina dos Jardins».

Houve nessa tumba um sarcófago de pórfido, coroado por um altar de mármore de Lua, e rodeado de uma balaustrada de pedra de Thasos.

Muito mais tarde, uma vez mortos seus inimigos e extintos os ódios, com seus sopros maléficos, fizeram-lhe justiça.

Um liberto de Patrobius o Neroniano comprou a cabeça da Galba aos palafreneros do exército que a passeavam ao extremo de uma lança, pela soma de cem peças de ouro, e foi arrojar ao lugar onde seu «patrão» tinha sido executado por ordem de Galba, *porque era amigo de Nero*. (Cf. Suetonio, *op. cit.*, *Galba*, 20.)

Otón tirou de Nero sua amante, Popea, que este lhe tinha crédulo, e se tinha negado a devolver Nero se contentou enviando-o à província da Lusitania (Portugal), em qualidade de governador. (Cf. Suetonio, *op. cit.*, *Otón*, 3.)

Proclamado imperador, Otón acrescentou a seu nome o de Nero. Mandou restabelecer as estátuas e as imagens deste imperador, e devolveu a seus agentes e libertos seus antigos cargos. (Cf. Suetonio, *op. cit.*, *Otón*, 7.)

Vitelio Germânico ofereceu no Campo de Marte, em Roma, com numerosos sacerdotes dos cultos oficiais, um sacrifício ao Nero. Em um festim solene fez cantar vários poemas extraídos do *Dominicum*, e quando o citaredo entoou os cantos de Nero, ele foi o primeiro a aplaudir. (Cf. Suetonio, *op. cit.*, *Vitelio*, II.) Mais ainda, Dion Cassius, em seu *Histoire Romaine*, diz-nos que «punha como exemplo para todos a vida e os costumes de Nero».

Por último, Domiciano condenou ao suplício capital Epafrodito, seu relator do Conselho de Estado, que também o tinha sido de Nero, porque se dizia que tinha «ajudado» com sua própria mão ao Nero a dar-se morte quando se viu abandonado por todos. (Cf. Suetonio: *op. cit.*, *Domiciano*, 14.)

Todas essas medidas não mudarão nada o curso da história. Os escribas cristãos passariam por aí, e, para fazer esquecer melhor esse crime inexprável que foi o incêndio de Roma, trocariam sabiamente os manuscritos dos autores antigos, para fazer de Nero o autor de tal incêndio. E terá que esperar ao século XX para ver o fim aparecer obras imparciais, frutos de uma investigação profunda, como as de Arthur Weigall e Jean-Charles Pichón, que devolverão ao Lucius Domitius Ahenobarbus, imperador sob o nome de Nero César, seu verdadeiro rosto, o de um ser desgraçado, odiado por incompreendido, e a quem a perversidade de uma mãe indigna orientou, mediante o veneno, para a

demência progressiva e uma morte prematura, *aos trinta e um anos de idade...*

E apesar de tudo isso, diz-nos Suetonio, durante longos anos Nero teve fiéis que adornaram com flores sua tumba, na primavera e no verão. Expôs-se sua imagem na tribuna das arengas, revestidas com a *toga pretexta*. E mais, às vezes pegaram decretos, aparecidos misteriosamente, nos quais anunciava, como se ainda estivesse com vida, sua próxima volta. E para sublinhar melhor ainda o prestígio que conservou até depois de morto, os partos veneraram sua memória. E por último —o que prova que não se envergonhavam absolutamente de havê-lo tido por imperador— apareceram três falsos Neros, nos anos 70, 80 e 88. (Cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Nero, 57.*)*

E Trajano, o grande imperador, declarou quarenta anos mais tarde que a primeira época do reinado de Nero se conta entre as mais grandiosas da história de Roma. Que mais pode dizer-se?

*[É provável que fossem também os cristãos os que, periodicamente, publicassem em Roma o anúncio da *volta de Nero*. A fim de fazer acreditar nos ingênuos militantes de suas comunidades que *o de Jesus* estava igualmente próximo, e com ele, *o fim do Mundo pelo fogo*, evidentemente. Basta para convencer-se relendo os célebres *Oráculos sibilinos*:

«E Belias (o demônio) descenderá de seu firmamento em forma de um rei de iniquidade, assassino de sua mãe». (*Oráculos sibilinos, IV, 121.*) A *Ascensão de Isaías*, composta ao que parece em finais do século I de nossa era, mas cujos originais se perderam, insinua o mesmo em seu capítulo IV, versículo 2. Os dois textos pertencem ao judeu-cristão.

Os primeiros, com grande astúcia, põem em cena às *Sibilas* pagãs, em lugar dos personagens bíblicos habituais, como Enoc, Noé, etcétera.]

22 - O fim do sonho

Sou como o gamo à espreita sobre o penhasco, que geme de medo, palpita e se afunda na erva, porque sente vir a flecha do arqueiro.

Leconte De Lisle, *Poemas bárbaros*.

Geralmente se dividem as numerosas expedições de Saulo-Paulo através de todo o Império romano em três grandes «viagens missionárias», que são:

— *Primeira viagem*: Chipre, Antioquia da Pisidia, Iconio, Listra, Derbe, Attalia, Antioquia de Síria.

— *Segunda viagem*: Galacia, Tróade, Macedônia, Tessalônica, Atenas, Corinto, Éfeso, Cesaréia da Palestina, Jerusalém.

— **Terceira viagem:** Antioquia de Síria, Galacia, Tiana, Sásima, Cesaréia da Capadocia, Frigia, Lídia, Éfeso, Troas, Macedônia, Corinto, Éfeso, Tróade, Filipos, Corinto, Illiria, Jerusalém.

Aqui temos pois, transcrito *de forma aproximada*, o que sabemos oficialmente das viagens missionárias de Paulo, que seriam três, segundo a versão oficial.

Entretanto houve muitas outras, que se mantêm cuidadosamente na sombra, e que desapareceram porque proporcionavam uma chave muito perigosa das atividades de Saulo-Paulo. Monsenhor Ricciotti faz uma alusão muito discreta a eles em seu *Saint Paúl, apotre*. Porque, apesar de tudo, é difícil fazer desaparecer os próprios textos do interessado, nos quais revela ingenuamente a realidade dessas outras viagens.

Àquelas se acrescentam, pois, duas «viagens de atividade» e o da Espanha:

— **Quarta viagem:** Jerusalém, Cesaréia, Sidón, Mira, Malta, Siracusa, Regium, Puteoli, Roma.

— **Quinta viagem:** de Roma (desde seu porto de Ostia) junto à Galba, na Espanha, e volta.

— **Sexta viagem:** a fuga de Roma depois do incêndio do ano 64, até Troas, em Tróade, seguida pela captura nesta cidade, de retorno a Roma.

— **Sétima viagem:** de Tróade à Roma. Itinerário desconhecido. Portanto, vamos estudá-los.

Não se terá deixado de observar que os Atos dos Apóstolos, atribuídos oficialmente ao Lucas, acabam-se bruscamente no momento da instalação de Paulo em Roma, muito cômoda em sua *custódia militar*, em uma moradia escolhida por ele, entrando e saindo quando quer, dado que: «Dois anos inteiros permaneceu Paulo em uma casa alugada, onde recebia a todos os que vinham a ele, pregando o reino de Deus e ensinando com toda liberdade e sem obstáculo tudo referente ao Senhor Jesus Cristo». (Cf. Atos dos Apóstolos, 28, 30-31.)

Assim terminam os citados Atos dos Apóstolos.

Agora bem, tomemos a segunda epístola dirigida pelo Paulo ao Timóteo. No último capítulo lemos o seguinte:

«Quanto a mim, a ponto estou de me derramar em libação, e é já iminente o momento de minha partida. Combati o bom combate, terminei a carreira, mantive a fé. Pelo resto, já me está preparada a coroa da justiça, que me outorgará aquele dia o Senhor, justo juiz, e não só a mim, mas também a todos os que terão aguardado com amor seu advento.

»Tenha pressa em vir para mim, porque Demas me abandonou por amor a este século e partiu a Tessalonica; Crescente a Galacia e Tito a Dalmacia. Só Lucas fica comigo. Ao Marcos tome e lhe traga contigo,

que me é muito útil para o ministério. Ao Tíquico mandei ao Efeso. *O capote que deixei em Tróade, em casa de Carpo, traz-o para o vir, e também os livros, sobretudo os pergaminhos.*

»Alexandre, o ferreiro, tem-me feito muito mal. O Senhor Ihe dará o pagamento segundo suas obras. Guarde você também dele, pois mostrou grande resistência a nossas palavras.

»Em minha primeira defesa ninguém me assistiu, antes me desampararam todos. Não lhes seja levado em conta. Foi o Senhor quem me assistiu e me confortou, para que por mim seja cumprida e anunciada a predicação e ouçam-na todos os gentis. E fui sacado da boca do leão. O Senhor me liberará de todo mal e me salvará, para me fazer entrar em seu reino celestial. Ou seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

»Saúda a Prisca e Aquila e à família de Onesíforo.

»Erasto ficou em Corinto. Ao Trófimo deixei em Mileto doente.

»*Procura vir antes do inverno.* Saúdam-lhe Eubulo, Pudente, Lino, Claudia e todos os irmãos.

»O Senhor seja com seu espírito. A graça seja com vós.» (Cf. II Epístola ao Timóteo, 4, 6-22.)

Desta carta se desprende a certeza de que Saulo-Paulo foi detido em Troas, capital da Tróade, situada à entrada dos Dardanelos, frente à ilha de Tenedos, e a que se chamava deste modo Alexandria de Troas, ou Alexandria de Tróade. Era a antiga Ileo, a Tróia da *Odisséia* e da *lítica*. Fora local de privilégios por parte dos membros da *gens Julia*, porque Julio César afirmava que sua genealogia se remontava a Eneas. Por isso, durante um tempo tinha pensado em transferir a essa cidade a capital do Império romano. E, com efeito, uma profecia misteriosa afirmava que Tróia, que tinha sido destruída por um gigantesco incêndio quando foi tomada pelos gregos, seria restaurada *por um homem procedente de Roma*. Muito mais tarde, Constantino —em parte devido a isso mesmo— criaria Constantinopla (Bizancio) nessa mesma região, e a converteria na capital.

Pois bem, Saulo-Paulo tinha pensado em um império religioso que fosse ao mesmo tempo pontífice e rei. E, para seu espírito de beduíno supersticioso, bastava indo *de Roma ao Troas* para realizar a profecia, ou ao menos para pôr em marcha o misterioso *dinamismo* que rege os destinos dos homens. Infelizmente para ele, as circunstâncias de sua partida, que analisaremos logo, não permitiriam que se realizasse o sonho paulino.

Voltemos para sua estadia em Roma. Ao cabo de dois anos, nos quais viveu comodamente, compareceu ante o tribuno imperial, quer dizer, ante Burro, prefeito do pretório, se não foi ante o próprio Nero, tendo em

conta sua qualidade de príncipe de uma dinastia vassala leal. E foi absolvido. Imediatamente partiu para a Espanha, e isso é quase seguro, os historiadores católicos o reconhecem. Clemente de Roma afirma que Paulo: «... depois de ter ensinado a justiça ao mundo inteiro, e ter vindo *aos limites do Ocidente*, deu testemunho...»

Por outra parte, o *Fragmento de Muratori*, redigido por volta do ano 180 aproximadamente, fala em termos explícitos dessa viagem de Paulo à Espanha. Do mesmo modo, os *Atos de Pedro* e os *de Paulo*, e diversos Padres da Igreja: Atanasio, Epífano, João Crisóstomo, Jerônimo, etc., confirmam toda essa viagem.

Em seu *Saint Paúl, apotre*, monsenhor Ricciotti reconhece que essa viagem, «levado a cabo possivelmente por via marítima, não exigiu muito tempo; ao cabo de alguns meses. Paulo devia estar já de retorno em Roma». (*Op. cit.*, P. 469.)

Tendo em conta a lentidão da navegação naquela época, os atrasos causados pelos ventos, as tempestades, a relativa escassez de navios que efetuavam as viagens, «alguns meses» implicam uma estância muito breve na Iberia. Portanto não se tratou de uma campanha de propaganda doutrinal religiosa, que teria requerido muito mais tempo. E assim monsenhor Ricciotti pode dizer que: «foi à Espanha pouco depois de sua liberação no curso do ano 63, e retornou à Roma na primeira metade do ano 64». Isso não dá poucos meses, a não ser um ano! Nosso autor quer descartar toda possível alusão ao que vamos encontrar agora. Porque alguns meses são quatro ou cinco, todo o mais. Paulo estava de novo em Roma no inverno 63-64. E se encontrava ali em março, quando incendiou Roma, já que a carta, extremamente precisa, que lhe dirige Sêneca a este respeito, *está datada de 28 de março do ano 64*.

Mas o que foi fazer na Espanha? A romanização dessa província era muito superficial, e se limitava aproximadamente à costa mediterrânea. E ali, para representar a Roma, estava Sêrvio Sulpício Galba, antigo pró-cônsul da África, então governador da Espanha Tarraconense. Não ocorrerá a ninguém supor que Paulo pudesse introduzir-se no interior, entre os povos primitivos e selvagens, e constituir ali comunidades cristãs que não encontraremos, com alguma realidade, até o século II, por volta dos anos 175-190, quer dizer, mais de cem anos depois da viagem de Saulo-Paulo.

De fato nosso homem foi ficar em contato com Galba, de parte de seu amigo Sêneca, quem, como estóico conservador, e inclusive reacionário, agora era o adversário de Nero, e sobretudo de suas medidas revolucionárias. Um dia o disse por escrito: «Não te aprovo já, César».

Estava tramando também uma conspiração desde fazia muito tempo: a

de Pisón. A Galba advertiram uns oráculos que podia esperar acessar ao Império. Para isso chegou inclusive a tentar que se assassinasse ao Vespasiano, por então na Judéia, em plena campanha contra a rebelião zelote, no ano 66 (cf. Suetonio, *Vida dos doze Césares: Galba*, 33). No momento, nos anos 63-64, Galba espera sua hora. Sabe que se aproxima.

Agora bem, se Séneca era estóico, era-o sobretudo de palavra. Era avaro, rígido e ambicioso. Aspirava inclusive a chegar muito alto. Julgue-se: «Tinha deslocado o rumor de que Subrio Flavo (tribuno de uma coorte pretoriana), secretamente de acordo com os centuriões, tinha decidido (e Séneca não o ignorava), que uma vez fora assassinado Nero pela mão de Calpurnio Pisón, Pisón seria por sua vez assassinado, e o império lhe seria entregue a Séneca, como um homem designado para a classe superior pelo esplendor de suas virtudes, o que lhes faria irreprocháveis. Inclusive se repetiam aqui e lá umas palavras de Subrio Flavo: “... que para vergonha do Estado, dava o mesmo substituir a um citaredo por um trágico”. E, em efeito, se Nero cantava acompanhando-se da cítara. Pisón o fazia vestido de comediante». (Cf. Tácito, *Anais*, XV, I, xv.) É lógico admitir que, se os conjurados do complô de Pisón tinham acreditado conveniente assegurar ajuda de Cayo Julio Vindex, magistrado de Galia Sequana sob o Nero, é mais lógico ainda supor que tentassem assegurar-se de Galba, *já que Vindex se revoltou justamente em favor de Galba no ano 68, durante a derrocada de Nero por parte deste...* Só que reconhecer que Galba esteve envolto no complô de Pisón, quando se encontrava na Espanha, é estabelecer uma relação entre a viagem de Paulo lá e a participação deste último no chamado complô; é mostrar o verdadeiro rosto desse mesmo Paulo.

Então tem lugar a repressão da conjuração de Pisón. A investigação deveria começar, em segredo, no ano 64, e se fez pública em 65. Em abril desse mesmo ano. Pisón e Séneca se abriam as veias, igual à outros senadores comprometidos neste mesmo assunto. Portanto é seguro que os laços de amizade entre Paulo e Séneca, sua viagem à Espanha, deslocamento não justificado aos olhos de Roma, e a uma região governada por Galba, provavelmente também suspeito já, permitiram à polícia de Nero abrir um expediente à Saulo-Paulo. Já existia outro, o de sua participação provável no incêndio de Roma, em março do ano 64. Provavelmente havia também os do caso de Pafos, com o atentado contra Elimas-bar-Jesus, o amigo do pró-cônsul Sergio Paulo; o expediente (por instruir ainda nesse momento) da questão do Sanedrim de Jerusalém contra esse agitador, «chefe da seita dos nazarenos». E isso de quatro expedientes. Seu estudo revelou aos magistrados investigadores que, nos quatro casos, tratava-se sempre do mesmo personagem, só que com nomes diferentes: *Shaul, Saúl, Saulo*,

Paulos, Paulus, príncipe herodiano autêntico, idumeu judaizado por uma circuncisão que o Sanedrim não reconheceu como válida, titular da cidadania romana, e beneficiário de numerosas vantagens e indulgências ou de amparos localizados. A esse homem tinha protegido, inexplicavelmente, o pró-cônsul Gallón, irmão do conjurado Séneca. Foi absolvido por Burro, prefeito do pretório, amigo de Séneca (morto em finais do ano 62).

Mas, imediatamente depois do incêndio de Roma, esse homem se esfumou!

Essa fuga, acrescentada à esses expedientes, mobilizaria à polícia romana em procura de Saulo-Paulo. ***Demorariam dois anos em encontrá-lo***, e o conduziriam à ***Roma mesmo*** para que fora julgado. E a perseguição que se desencadeou no ano 64 sobre a comunidade cristã de Roma (muito pequena então) não se estendeu fora da capital do império, e menos ainda por suas províncias. Duraria muito pouco. Mas se ao Paulo capturaram muito longe (em seguida veremos onde), e se foi levado de novo à Roma para ser objeto de um processo, isso significa que não foi no curso de uma perseguição local, porque nesse caso teria sido executado ali mesmo. Em troca foi conduzido à Roma porque era na própria Roma onde tinha que prestar contas. Com bastante embaraço, monsenhor Ricciotti diz: «De improviso. Paulo reaparece prisioneiro em Roma, de onde enviará seu último escrito: a Segunda Epístola ao Timóteo (1, 17). As circunstâncias que rodeiam sua segunda captura são muito obscuras; pelo resto, é quase seguro que não teve lugar em Roma, a não ser ***em algum lugar longínquo, onde Paulo deu alcance a polícia imperial, que o buscava desde seu desaparecimento em Roma***». (Cf. Giuseppe Ricciotti, ***Saint Paúl, apotre***, P. 470.)

E monsenhor Ricciotti sugere Troas..., o qual é também nossa opinião.

Embarcou-se clandestinamente em um porto da Itália, depois de uma estância secreta ali, possivelmente sem sair para nada, em casa de discípulos de confiança, ***e se dirigiu ao Troas procedente de Roma, assolada pelo fogo***. A seus olhos, a realização da profecia começa já. Mas a polícia romana é paciente, e dispõe de médios para fazer falar às pessoas, a habitual «tortura» judicial, que subsistirá oficialmente até a Revolução francesa como forma legal de interrogatório. E provavelmente será na rua onde lhe deterão de improviso os ***auxilarii***, os policiais romanos, pois na Segunda Epístola ao Timóteo, ao final, queixa-se de ter deixado no Troas, em casa de Carpo, onde ele se alojava, sua capa, seus livros e seus pergaminhos (cf. II Epístola ao Timóteo, 4, 13). E em Roma dispõem da acusação de Alexandre, o ferreiro, a quem ele tinha «encomendado a Satanás» com o Himeneu (cf. I Epístola ao Timóteo, 1, 20). E isso constitui um elemento de acusação mais, a cargo da ***Lei das***

***Doze Pranchas*, por isso se refere à magia maléfica.**

Nem sequer os próprios termos de sua carta se livram de despertar as suspeitas dos magistrados romanos.

Com efeito, Saulo-Paulo reclama com insistência que antes do inverno Timóteo vá à Troas, a casa de Carpo, e traga para Roma o manto de Paulo, seus livros e seus pergaminhos. O que pretende dizer? Se tiver necessidade de um manto, em Roma há tudo o que alguém possa necessitar, novo ou em oferta, e seus discípulos poderiam lhe proporcionar um. Não há nenhuma necessidade de impor ao Timóteo a viagem de Éfeso, onde se encontra, até Troas, e logo depois de Troas à Roma. Porque Paulo não se acha abandonado de todos em sua prisão, e todos os cristãos de Roma não pereceram na batida consecutiva ao incêndio do 64: «Só Lucas fica comigo [...] Saúdam-lhe Eubulo, Pudente, Lino, Claudia, e todos os irmãos». (Cf. II Epístola ao Timóteo, 4, 10-21.) Estes últimos estão, pois, livres.

Então é evidente que esse manto não é como outros. É um manto revestido, por uma sacralização particular, de um caráter oculto indiscutível, será um «amparo» em sua defesa frente aos magistrados de Roma. Esse tipo de manto «mágico» o encontramos em todas partes: no xale de oração do judaísmo, no manto ritual do martinismo, nos mantos «de ordem» das grandes irmandades cavaleirescas, e nos rituais ocultistas, onde multiplica a proteção das roupas rituais do mago. A dalmática sacerdotal do rito latino ou da ortodoxia constitui um último exemplo.

Mas, especialmente, é um rito de magia cabalística. O *Sepher Hamalbusch*, manuscrito do Museu Britânico, ou «*Livro sobre a atração e a prática do Manto da justiça*», oferece o ritual da fabricação de uma espécie de casulo de pele de cervo, que tem escritos, com a tinta especial da Torá, os *nomes secretos* de Deus. Esse manto dá ao adepto «um poder oculto irresistível». Saulo-Paulo, prisioneiro de honra, livre, pôde servir-se dele durante seu primeiro processo, que acabou em uma absolvição. No segundo, ao ser um prisioneiro ordinário, não pôde utilizá-lo, já que os acusados, conforme dispunha a lei romana, deviam comparecer *vestidos de sórdidos farrapos* proporcionados pela prisão, com o fim de rebaixar a arrogância de alguns e ao mesmo tempo para incitar à piedade dos juízes.

E os irmãos de Roma que estão livres, já que unicamente Lucas se acha na prisão com o Paulo, não tinham a possibilidade de lhe proporcionar um, novo ou usado? Isso significa, implicitamente, confessar que Saulo-Paulo fazia uso da magia, que os livros e pergaminhos não eram evangelhos comuns (porque os discípulos da comunidade de Roma também os possuíam, é evidente), mas sim tratam de matérias que

Saulo-Paulo é o único que conhece. Aí encontramos ao personagem «iniciado» que se tentou fazer desaparecer sob o véu de Simão o Mago... E esses manuscritos e esses pergaminhos misteriosos pôde procurar-lhe antigamente no curso daqueles atos de pilhagem aos que eram aficionados seu irmão Costobaro e ele.

Apostamos a que esse imprudente final da carta pôde ser discretamente lido pelos magistrados, que o teriam tido em conta em suas acusações. Porque é pouco provável que Paulo mantivesse livremente correspondência desde sua prisão com um de seus lugares-tenentes imediatos, que então se achava em Éfeso, e que também tinha sido encarcerado em Roma quando teve lugar o primeiro processo de Paulo.

Sobre o cativo deste último durante seu segundo processo, dispomos de dados concretos sobre sua natureza. Já não se tratava da *custódia militaris* honorífica, em que o prisioneiro se acha quase livre na cidade, alojando-se e vivendo a seu gosto, com a única vigilância de um legionário pego a seus passos. Agora do que se tratava era da *custódia pública*. Saulo-Paulo, como conspirador, agitador, chefe de incendiários, mago, assassino, desta vez é encarcerado na prisão Mamertina.

A *Carcer Mamertinus* estava perto do Foro e do templo da Concórdia, e se compunha de três plantas. Na planta baixa se achava a prisão pública comum. No primeiro porão estava a *Carcer Mamertinus propriamente dita*, uma ampla sala no centro da qual se achava um buraco circular que dava a um segundo porão. Ali se situava a *Carcer Tullianum*, outra sala abovedada, de onde a gente não podia escapar a não ser pelo teto. Era uma masmorra especial, destinada exclusivamente aos malfeitores mais temíveis e aos inimigos de Roma antes de sua execução. Yugurta, o cruel e ardiloso chefe nômada, depois de capturado por Mario, foi introduzido ali, onde lhe deixou morrer de fome. Vercingetórix passou nesse lugar seis anos, antes de ser estrangulado, depois de ter figurado entre os «triumfos» de Julio César em seu desfile, com outros prisioneiros ilustres: Arsinoé de Alexandria, e Juba de Mauritania. Catilina também morreu no sinistro *Tullianum*, assim como Simão-bar-Ghiora, depois da tira de Jerusalém por Tito. Este, depois de ter sido tirado dali e de ter figurado no desfile triunfal de Vespasiano e de seu filho Tito, açoitado ao longo de todo o percurso com varas, foi estrangulado perto do mercado principal.

Conheceu Saulo-Paulo esse calabouço, esse esgoto que era o *Tullianum*? Seguro que não. Sua classe evitou, assim como a perpétua misericórdia de Nero. Além disso, em sua II Epístola ao Timóteo, Paulo nos mostra como um detento com direito a manter correspondência, a receber visitas, e que esperava ajuda, livros e pergaminhos. Essa é outra

prova de que gozava de medidas privilegiadas. Que não nos objete o de sua cidadania romana, já que Vercingetórix também era *civis romanus*, e também o era Catilina, patricio de velha estirpe.

Evidentemente, só faltava Simão-Pedro, crucificado em Jerusalém no ano 47, figurasse também entre os hóspedes ilustres da prisão Mamertina! A lenda, como é óbvio, não deixou de inscrevê-lo. E o que é mais, encontrou o meio de fazer que, no fundo do *Tullianum*, convertesse a seus carcereiros, chamados Processo e Martiniano (sabem-se inclusive seus nomes!), e, como faltava água, Simão-Pedro fez brotar ali uma fonte, a fim de poder proceder a seu batismo. Um milagre mais.

Mas o leitor se perguntará como pôde encontrar-se Paulo na obrigação de respaldar a revolução messianista de Menahem, ele, que recomendava com insistência a submissão às autoridades, quando deu a ordem de incendiar Roma, em março do ano 64. Há uma resposta para isto.

Recordaremos antes que nada que fora criado com o chamado Menahem (Atos dos Apóstolos, 12, 1), e que entre eles existiam laços afetivos e ideológicos. Por outra parte, os zelotes conheciam perfeitamente a aventura de Pafos e a execução de Elimas-bar-Jesus, já que eram eles quem tinham imposto esta missão à Saulo-Paulo, para provar sua sinceridade. E além disso, com esta aventura e suas conseqüências, tinham-no em suas mãos. Ele pôde bem ter cedido a uma chantagem: ou obedecia uma vez mais e mandava incendiar Roma a seus fiéis («os da casa de César lhes saúdam», Filipenses, 4, 22), esses fiéis que eram reconhecidos às vezes como servidores de Nero, no curso das jornadas do incêndio, ou se faria chegar sua «biografia» aos magistrados de Roma.

Por outra parte, como amigo de Sêneca, e provavelmente misturado na conspiração deste e do Pisón, via neste incêndio —que se organizou sabiamente, a fim de fazer recair as culpas sobre o Nero (que não estava em Roma), *para destruir melhor e de forma mais definitiva o conceito que tinham dele as pessoas, e em especial o povo, onde contava com os amigos mais seguros*— um meio de ter acesso à confiança daquele que aconteceria ao Nero, neste caso Galba, e a quem ele tinha ido sondar na Espanha, apenas fazia um mês. E o conservadorismo absoluto de Paulo não podia a não ser reprovar o progressismo de Nero, de acordo com seu amigo Sêneca.

Além disso, pôde ter passado por um período de desalento. Ia envelhecendo pouco a pouco, afastado de sua família e de sua pátria. A propaganda divulgada por todo o Império não tinha dado os resultados esperados, e estava ainda muito longe de deter o poder espiritual e temporal do pontífice de Israel.

A tradição apocalíptica, por outro lado, rezava que a *Parousia*, quer dizer a «volta» de Jesus sobre as nuvens, a instalação na terra do «reino de Deus», em uma palavra, o Julgamento Final, tinha que ir precedida do final do Império romano, e este desmoronamento veio anunciado pelo incêndio da capital.

Esta curiosa crença duraria muito tempo, já que Tertuliano poderia dizer mais tarde: «Sabemos que o fim do mundo, com todas as calamidades com as quais castigará aos homens, suspendeu-se com o curso do Império romano. Ao pedir a Deus que atrase esta horrível catástrofe, solicitamos que se prolongue a duração do Império romano». (Cf. Tertuliano, *Apologeticon*.)

Por conseguinte, ao provocar o incêndio de Roma se desencadeava o dinamismo do destino, ao que seguia o desmoronamento do Império, que, *fatalmente*, ia seguido da «volta» de Jesus e do reino de Deus. Aí Paulo acreditava estar seguro de achar-se bem situado. Se isto não acontecesse, significaria que a profecia era falsa, o qual era impensável para ele. Era um iluminado, no sentido pejorativo do termo, não o esqueçamos, e seu caráter de heterosifilítico não arrumava as coisas.

É óbvio que todas estas razões não atuaram juntas. Mas é seguro que algumas delas incitaram ao Paulo a dar a fatal ordem. Sua fuga de Roma, seu embarçamento clandestino em Troas, os dois anos nos quais esteve oculto em casa de Carpo e que era procurado pela polícia romana, sua inesperada detenção em Troas, sua volta à Roma para ser julgado *ali* (o que implica que não delinqüiu em Troas e sim em Roma), tudo contribui a fazer de Saulo-Paulo o verdadeiro responsável pelo incêndio da cidade, obra de cristãos fanáticos como já demonstramos nos capítulos precedentes.

E o leitor se perguntará agora: que fazia Costobaro II durante esses anos de agitação? Pois bem, o irmão Costobaro, mais sábio e mais prudente que seu irmão maior Shaul, contentou-se seguindo com sua existência de pequeno latifundiário turbulento e rapace. Foi enviado sucessivamente, no ano 68, à província da Acaia, ao lado de Nero, com Filipo, ex-general do rei Agripa. Logo formou parte da delegação enviada ao procurador Gessio Floro. Isso é o que nos diz Flavio Josefo. E precisamente para dissimular a rota divergente tomada por seu irmão maior, nosso Shaul, os monges copistas de Medievo acrescentaram o nome daquele ao deste, na obra de Flavio Josefo, que foi censurada, mutilada e interpolada. Mas nesses anos 63-66, nos quais cita ao Costobaro, *ia fazer logo já vinte anos que o destino de ambos os irmãos os tinha separado*. Voltemos, pois, a Saulo-Paulo.

O que segue é bem conhecido: foi condenado a morte, mas não obstante se beneficiou de sua condição de *civis romanus* no que se

referia ao modo de execução. Legalmente, Paulo deveria ser queimado vivo, como incendiário e mago, autor de diversos malefícios sobre homens. Ao converter-se em judeu podia também ser crucificado, em sua condição de vassalo de César que tinha participado de uma rebelião, e com a cabeça abaixo, segundo o costume romano. Também ser condenado às feras, como criminoso de direito comum. Seus origens principescas, seu caráter de membro de uma família que sempre tinha servido lealmente à Roma, a provável intervenção de sua prima Salomé II, possivelmente também a do segundo marido desta, Aristóbulo III, rei de Armênia, favorito de Nero, de Epafrodito, discípulo de Paulo, relator do Conselho de Estado de Nero, a repugnância deste pelos suplícios, tudo isso concorreu para lhe proporcionar uma execução sem dor, e Paulo foi simplesmente decapitado.

Agora bem, a pena de morte repudiava da comunidade romana ao condenado. E isso significava para ele, igual para todo condenado, à pena capital, a obrigação de passar previamente pelos *flagella*, látigos de fibras com chumbo. Também neste caso Paulo pôde muito bem, como incendiário, submeter-se aos terríveis *flagra*, látigos metálicos, feitos de correntes de bolas de bronze, previamente esquentadas até o vermelho vivo em um braseiro. E disso não houve nada.

Foi tirado da prisão, conduzido pelo caminho de Árdea, à esquerda e não longe do caminho da Ostia, a umas três milhas romanas, o que dá uns quatro quilômetros e meio, já que a milha romana vale mil passos (1.472 m).

O lugar, cuja autenticidade foi testemunhada já a partir do século II, recebe o nome do Aquas Salvias, pois quando a espada justiceira teve talhado, rápida como um raio, a cabeça de Saulo-Paulo, esta, ao cair, ricocheteou três vezes, e em cada uma delas se produziu, evidentemente, um milagre. Mas ainda se discutem alguns pontos de detalhe: uns dizem que em cada um dos pontos em que a cabeça tocou acostumou-se a brotarem três fontes novas, outros asseguram que do pescoço, talhado em seco pelo aço, brotou leite em lugar de sangue. Milagre! A esse lugar lhe conhece como *Três Fontes*. Saulo-Paulo tinha começado sua carreira itálica em *Três Tavernas*. A coincidência não deixa de ser curiosa. Poderia incitar aos cabareteros modernos a adotá-lo como patrão.

A execução teve lugar provavelmente entre o mês de abril do ano 67 e junho do 68. Eusébio da Cesaréia, em seu *Chronicon*, livro II, *Olympiad*, 211 (Migne, *Patrologie grecque*, XIX, 544), diz-nos que Paulo morreu no curso do ano quatorze do reinado de Nero, entre junho de 67 e junho de 68. Jerônimo, em seu *De viris illustribus* (V), indica deste modo este ano 14. O mesmo Jerônimo, na mesma obra, precisa além, que Paulo morreu

dois anos depois que Sêneca (*ibid.*, XII). Como Sêneca morreu em abril do ano 65, podemos considerar confirmada a data de 67 para a execução de Paulo, e a primavera.

Nos aderimos pessoalmente a essa data, embora sem ignorar que alguns historiadores pertencentes à crítica liberal se inclinam pelo ano 64, imediatamente depois do incêndio de Roma. Mas se trata daqueles que, precisamente, consideram que a II Epístola ao Timóteo não é de Paulo, mas sim foi redigida com fins apologéticos muito depois dele. O que, evidentemente, suprime o episódio da detenção em Troas relatada por ele mesmo.

Acreditam que se Paulo tivesse sido apressado no ano 64, *imediatamente depois do incêndio da capital do Império*, o número de vítimas e a destruição dos edifícios mais sagrados da religião e da história romana não lhe tivessem evitado o castigo reservado aos incendiários, quer dizer, a fogueira. O ódio contra os cristãos era então muito grande, nesse ambiente de catástrofe inaudita, para que um simples idumeu, e para cúmulo circunciso, beneficiasse-se do privilégio reservado a um *civis romanus*.

Não obstante, essa execução, por sua severidade, implica a certeza por parte dos magistrados no que se refere a grave culpabilidade do Paulo. Uma simples «supressão» como medida de prudência não implicava a terrível flagelação prévia. Em efeito, em Tácito lemos o relato sobre a execução de Calpurnio Galeriano, filho de Pisón: «Por ordem de Muciano, Calpurnio Galeriano foi rodeado de soldados, e por medo de que sua morte, se se produzia em Roma, causasse sensação, o guarda o conduziu a quarenta milhas de Roma, pela via Apia, onde perdeu a vida com o sangue de suas veias». (Cf. Tácito, *Histórias*, IV, xl, 7.)

Por conseguinte, esse jovem não foi nem flagelado «*em número ilimitado de golpes*», nem decapitado. Simplesmente lhe abriram as veias uns médicos legais. O caso de Paulo foi muito distinto.

E este foi o fim daquele extraordinário aventureiro da mística, que a consequência de um amor desafortunado se converteu em um dos «pilares» do cristianismo. Voltou Paulo a ver, ao morrer, a imagem daquela por quem tinha deixado tudo? Sopesou o papel exato desse amor que tinha transtornado toda sua vida? Perdoou ao Gamaliel ou aos sanedritas que lhe tinham vetado a jovem? Recordou, se conhecia os versos de Safo, a poetisa de Mitilene, em sua *Ode a Anactoria*?

Você me arrebataste à virgem das duas ânforas, mais querida por meu coração e mais bela a meus olhos que a alvorada nascente e todas as estrelas que giram no céu...

O pesado manto dos séculos se abateu sobre esta história. A Igreja se

esforçou por apagar todo rastro de um amor humano na vida de seu apóstolo. E no silêncio crepuscular dos fúnebres «vales» de Scheol é onde umas sombras evanescentes e vagas, Shaul-bar-Antípater e Bath-Gamalia vêm ainda cruzar-se às vezes seus caminhos. E assim, como dizia Propércio: «Com as lágrimas da morte purificamos os amores da vida». (Cf. Propércio, *Elegiae*, Cintia.)

Porque se os irmãos daqueles que foram privados da justa e decente sepultura assim como dos ritos fúnebres liberadores vão errando pelos labirintos dos limbos e porta do tempo, esse devia ser seu caso. A filha de Gamaliel conheceria, sem dúvida alguma, os horrores da «guerra judia» dos anos 66-70, e os do local de Jerusalém. *E Paulo não teve direito à paz do sepulcro.*

Porque aqui se expõe um problema, cuidadosamente evitado pelos historiadores oficiais, e é o da autenticidade das «relíquias» de Saulo-Paulo, e, sobretudo, o da tradição relativa ao lugar de sua execução.

Em Tácito lemos, por exemplo, o seguinte: «Como os condenados a morte, além do confisco de seus bens, *eram privados de sepultura*, enquanto que os que se executavam a si mesmos recebiam as honras fúnebres e sabiam que seus testamentos seriam respeitados, valia a pena precipitar a morte». (Cf. Tácito, *Anais*, VI, xxxv.)

Nosso autor dá esta precisão referindo-se ao suicídio de Pomponio Labeón, antigo governador da Mesia, e de sua esposa Paxea. Assim, se ambos não abrissem as veias, seriam executados, e, por esse mesmo fato, privados de sepultura, quer dizer, jogados na *fossa infâmia*, que em Roma consistia nos *puticulae* do cemitério do monte Esquilmo, ao leste da cidade (veja-se plano de Roma, P. 000).

Em troca, monsenhor Ricciotti, em seu *Saint Paúl, apotre*, interpretando livremente os textos de Eusébio da Cesaréia e de outros padres, em suporte da *tradição* paulina, declara audazmente o que segue:

«Imediatamente depois do martírio, o corpo foi transportado a um lugar mais próximo a Roma, a algo mais de uma milha de distância da cidade, ao longo do *Via Ostiensis*, e ali foi enterrado em um cemitério ao ar livre, recentemente descoberto, que oferecia uns *columbario* bem conservados. Esta tumba se converteu em seguida, para os cristãos romanos e estrangeiros, em um objeto de particular veneração. O mesmo acontecia com o apóstolo Pedro.

»Até o século IV nenhuma construção particular recobriu às duas tumbas. Os cristãos as reconheciam por outros meios; não sabemos quais, mas é evidente que se tratava de signos visíveis, e não isentos de uma certa solenidade.» (Cf. Giuseppe Ricciotti, *Saint Paúl, apotre*, § 672.)

Formularemos a este autor umas quantas perguntas embaraçosas:

1) Como se sabe que Paulo foi inumado nesse cemitério, próximo à *Via Ostiensis*, se este último, *a céu aberto*, «*não foi descoberto até recentemente*»

2) Como imaginar que até o século IV, quer dizer, *durante perto de trezentos anos, quando nenhuma construção particular abrigava seus restos*, em uma fossa comum sem meios de identificação (cf. G. Ricciotti, *op. cit.*), os cristãos pudessem conservar um meio de identificação do quadrado anônimo de terra?

3) Como tiveram a possibilidade os cristãos, em meio de quão batidas seguiram ao incêndio de Roma, de conservar o cadáver de Simão-Pedro *durante três anos*, para logo, e depois da execução de Paulo, transferi-lo e inumá-lo ao lado deste?

4) Por que inabitual violação dos costumes legais teria sido decapitado Paulo na estrada de Ostia, a quatro quilômetros e meio de Roma, se as execuções tinham lugar ou no Circo, ou no cemitério do monte Esquilino? O fato de que Calpurnio Galerano fora conduzido fora de Roma para *lhe abrir as veias*. Tácito o relata precisamente devido a seu caráter inabitual, e dá os motivos: evitar alvoroços populares. Em troca, não se temia nada disso no caso de Paulo.

De todas essas contradições e anomalias, e que um historiador sério jamais admitiria sem provas válidas, fica uma tripla hipótese:

a) Se Saulo-Paulo foi executado *judicialmente na estrada de Ostia*, e se teve direito a uma tumba honorável, é que abriu livremente as veias, ou, de algum outro modo, tinha dado fim *ele mesmo* a seus dias, segundo o costume judicial romano recordado por Tácito em *Anais*, VI, xxxv.

b) Se, pelo contrário, nosso personagem foi *decapitado por um verdugo*, a cabeça e o cadáver foram então jogados na *fossa infâmia* do monte Esquilino, e não houve, pois, a possibilidade de transferi-lo a uma tumba honorável, pois isso teria constituído uma violação da lei romana. *E foi no cemitério Esquilino onde devia morrer.*

c) Se Paulo foi executado no Circo (coisa muito improvável, dada sua qualidade de cidadão romano) os restos foram então jogados às feras, como se fazia com os condenados a morte destinados a perecer em tal Circo.

Nós aderimos, portanto, à segunda hipótese, porque há poucas possibilidades de que este homem, que era um beduíno, recordemo-lo uma vez mais, se suicidara à maneira romana.

Curiosamente, trinta anos separam a morte de Jesus e a de Paulo. Duas das cidades mais prestigiosas do mundo antigo lhes serviram de marco fúnebre: Jerusalém e Roma, ambas as signos antípodas de um mundo a ponto de extinguir-se. E o mais misterioso dos intersignos

escapou à intuição dos aurúspices! Como um sinal lançado pelos deuses cujo reino se acabava, e na curva do *litus* augural, as chamas de Roma se elevaram no céu os primeiros dias da primavera. E seis anos mais tarde, Jerusalém ardia em chamas por sua vez, mas desta vez foi durante os primeiros dias de outono. Entretanto, os homens não compreenderam a mensagem dos deuses.

Anexo

Ulteriormente à composição deste livro encontramos os rastros de um primeiro matrimônio de Saulo-Paulo na *Guerra dos judeus* de Flavio Josefo. Na versão grega pode ler-se:

Para a época em que Menahem, neto de Judas da Gamala se apoderou da cidade de Jerusalém e da realeza davídica, a seguir das diversas e recíprocas matanças entre judeus, romanos, sírios e gregos, os primeiros foram assediar Escitópolis, ex-Beth-Shean, cidade situada ao leste do Jordão, em Decápolis helenística, e portanto povoada por gregos, mas com uma colônia judia de umas doze a treze mil almas.

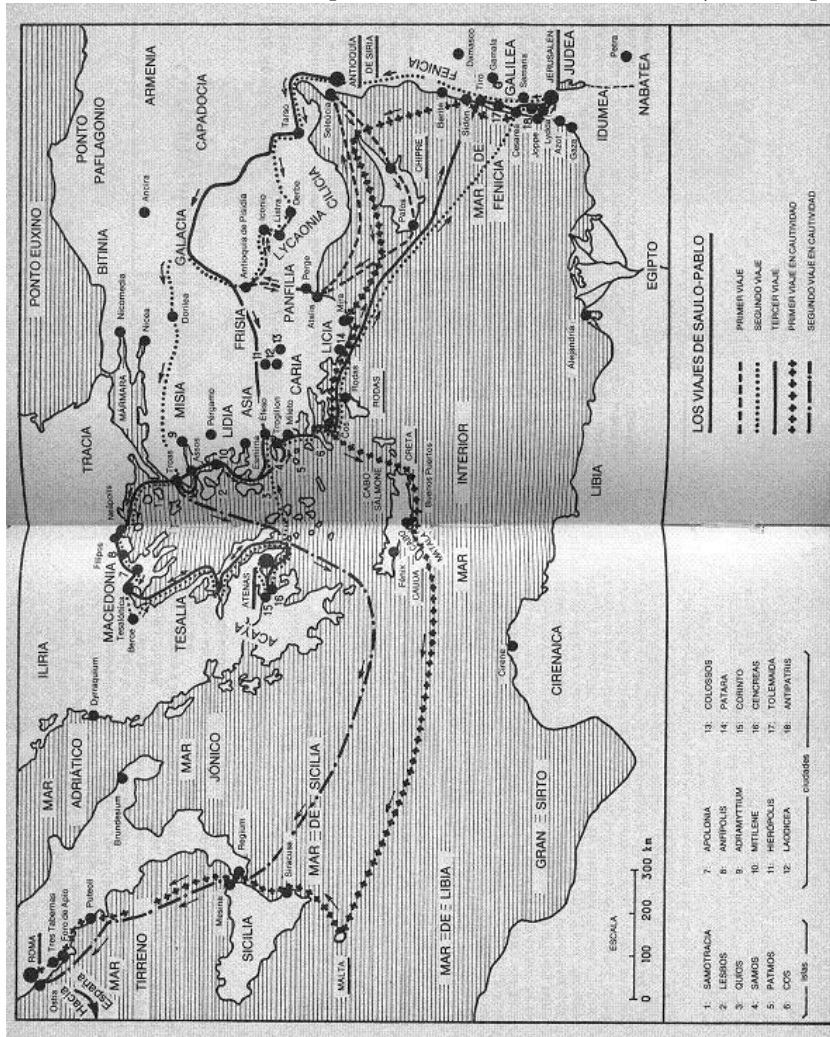
Os judeus da cidade se uniram aos gregos para sua defesa, e aos judeus os idumeus que estavam mesclados entre eles. Flavio Josefo nos diz que entre estes se encontrava um curioso personagem ao que os gregos, depois de ter terminado com os judeus, dispuseram-se a «liquidar» também, junto com os outros idumeus: «Entre aqueles que pereceram nesta jornada por uma tão horrível traição, acredito que devo contar qual foi o final de Simão, filho de Saúl, cuja raça era tão nobre. Tinha uma força tão extraordinária e um valor tão grande, que ao ter empregado um e outro em favor dos escitopolitanos contra os de sua nação, ninguém lhes resultava tão perigoso como ele. Não passava nenhum dia sem que matasse a vários perto de Escitópolis, às vezes punha em fuga a uma grande tropa, e parecia como se seu valor constituísse toda a força de seu partido. Mas ao fim foi castigado como o merecia seu crime de ter derramado tanto sangue, e sangue que tinha que ser tão querido». (Cf. Flavio Josefo, *Guerra dos judeus*, II, XXXIV.)

E em lugar de ser assassinado pelos gregos, Simão-bar-Saulo tomou sua espada e atravessou com ela sucessivamente a seu sogro, sua sogra, sua esposa e seus filhos, antes de fazer-se justiça a si mesmo.

É evidente que esse Simão, «filho de Saúl, cuja raça era tão nobre», é o filho de nosso personagem, que era irmão de Costobaro, «príncipe de sangue real», como já dissemos, neto de Herodes o Grande. E é impensável supor nem por um instante que um judeu se aliasse com os assassinos de seus compatriotas. Precisamente porque era idumeu é pelo que o fez. Mas os monges copistas que na Idade Média «arrumaram» o texto de Flavio Josefo, fizeram dele um judeu, do mesmo modo que fizeram dos pais de sua esposa seu pai e sua mãe,

esquecendo que o hebreu antigo utiliza o mesmo termo para designar a pai e sogro, mãe e sogra, genro e filho. E, gostassem ou não, Iduméia e Judéia não constituíam, com efeito, a não ser um só reino, uma só nação.

Esses acontecimentos se produziam no ano 66 de nossa era, e um ano mais tarde, Saulo-Paulo morria por sua vez em Roma, decapitado.





<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>
http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros